

Pepetela

Predadores

romance



DOM QUIXOTE

dLivros

{ Baixe Livros de forma Rápida e Gratuita }

Converted by [convertEPub](#)

Ficha Técnica

PREDADORES

Autor: Pepetela

Publicações Dom Quixote
[Uma editora do Grupo LeYa]
Rua Cidade de Córdoba, n.º 2
2610-038 Alfragide • Portugal

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor
© 2005, Pepetela e Publicações Dom Quixote

Capa: Atelier Henrique Cayatte
ISBN: 9789722041867

www.dquixote.pt

Setembro de 1992

O homem de impecável fato azul, que passaremos a chamar Vladimiro Caposso, rodou cuidadosamente a chave na fechadura do apartamento, de modo a não fazer barulho. Mal abriu a porta, ouviu os gemidos de Maria Madalena, a grande cabra, e os urros de gozo do dito Toninho. Não precisava de mais para confirmar o que José Matias tinha declarado. Silenciosamente, avançou no apartamento até à porta do quarto que tão bem conhecia. Nem precisou entrar para assistir ao espectáculo dos corpos nus se movimentando freneticamente.

Na rua acontecia uma passeata política, com muitos carros cheios de gente agitando bandeiras rubronegras, cartazes, jovens de camisolas vermelhas e punhos erguidos, gritando slogans e canções políticas. Faltava uma semana para as eleições. A essas passeatas de pessoas empoleiradas em carros, dezenas de carros embandeirados a buzinar e centenas de cidadãos a gritar, o povo no seu aprendizado da recém-chegada democracia chamava carreatas, pois as passeatas deviam ser nomeadas apenas no caso de manifestações a passo. Esta era talvez a maior concentração de veículos de sempre, na maior parte carros pertencentes ao património do Estado, buzinando estridulamente.

Caposso apontou com frieza do lado de fora do quarto, retendo a respiração, como aprendera da arte de bem disparar. Esvaziou o carregador da pistola. Os tiros foram bastante abafados pelo barulho atroador da carreata. Entrou no quarto, empurrou com o cano da pistola o corpo do homem morto. Verificou que ela também estava

morta, três buracos perto do coração. Nem souberam porquê morreram, foi pena, a cabra devia sofrer com o medo da morte, para perceber o que lhe acontecia, e perceber também os riscos incorridos ao gozar com ele. Mas seria perigoso chamar a atenção do par amoroso, olhar para eles olhos nos olhos, ver o medo crescer nos dela, as cenas habituais de ameaças, os gritos, as preces, as mentiras, as implorações, as últimas simulações do desespero, perda de tempo permitindo alguma coisa entretanto acontecer e estragar tudo, não, assim era melhor, uns tiros misturados ao barulho da rua e os pombinhos morreram na ignorância. Dava no mesmo. Não era por eles que fazia esta matança, era por si próprio. Saiu do quarto, guardou a arma, foi à mesa da sala onde sabia haver sempre marcadores e canetas. Com uma caneta de feltro vermelha, escreveu numa folha de papel em maiúsculas e com a mão esquerda «Ninguém trai a UNITA sem deixar a vida». Atirou a folha de papel para cima dos corpos, bateu a porta sem a fechar à chave e foi embora. Nenhum vizinho se apercebeu, pelo menos o corredor estava vazio. À porta do prédio, na rua, as pessoas formavam um grupinho ainda a comentar política por causa da passeata, ninguém reparou no senhor de fato azul e óculos escuros que dobrou a esquina e entrou no Volvo cinzento, reluzente de novo.

Só então Vladimiro Caposso suou e suspirou. Não suou demasiado, não era caso para tanto. Descalçou as luvas, guardou-as no bolso do casaco, desabotoou o colarinho e desapertou um pouco a gravata. Ligou o motor e o ar condicionado, mas mantendo-se estacionado. Agora, com calma, vamos recapitular as coisas para não ficarem erros para trás. A primeira lembrança foi de logo fazer encolher o estômago ao mais corajoso, viera de luvas desde a casa até ao carro, numa cidade em que ninguém usava luvas excepto a Guarda Presidencial em parada.

Asneira, esperava que ninguém tivesse reparado, todos distraídos com a carreata. Já a ideia de atribuir o crime à UNITA tinha sido golpe de mestre. De facto foi de pensamento absolutamente frio, estranhamente frio dadas as circunstâncias, que resolveu passar à acção. Foi logo a seguir a José Matias, seu homem de mão mandado vigiar Maria Madalena, lhe confirmar as suspeitas, a cabra andava mesmo a pôr-lhe os cornos com um Toninho qualquer, pouco interessava o nome e posição social.

Nesses tempos conturbados de mudanças políticas, fim do regime de partido único e suspensão da guerra civil, seguidos de uma campanha eleitoral problemática, tinha resolvido voltar a olear a pistola que possuía há muito e fez algumas sessões de treino ao alvo no terreno que possuía fora de Luanda. Podia precisar da arma e da sua pontaria apurada para se defender e à família, ninguém podia prever um futuro tranquilo. Portanto, arma tinha. Bastava coragem para resolver o assunto e dispor as coisas de modo a não ser incomodado pela polícia. Se atirasse as culpas para a UNITA, o partido que afrontara o governo na guerra civil e cuja violência era reconhecida até pelos próprios aderentes mais imparciais, ninguém ia investigar nada. A polícia governamental acusaria a UNITA, esta se defenderia, dizia ser manobra política para a desmoralizar antes das eleições, o partido no poder, o MPLA, aproveitava imediatamente para relembrar outros crimes cometidos pelos rivais, a polémica se instalava e ninguém ia investigar coisa nenhuma. Porque se o fizessem, não seria difícil chegar até ele, pelo menos apontando-o como possível suspeito. Por ciúmes. Ele montara casa para Maria Madalena, algumas pessoas sabiam que andavam juntos, não muitas porque ele era discreto, tinha aprendido não adiantava fazer ondas só por vaidade, as ondas só perturbam os negócios e complicam a vida, trabalho

escondido era mais eficiente, lema de Vladimiro Caposso. Mas havia um número suficiente de pessoas que sabiam da relação para isso chegar aos ouvidos policiais.

Havia José Matias que ligaria imediatamente as pontas e saberia, mas não constituía verdadeiro problema, José Matias era homem seu, fora buscá-lo à rua e ao desespero, ainda muito jovem, com medo de ir para a guerra, protegeu-o, livrou-o da tropa e lhe deu emprego, envolveu-o em negócios escuros, em perseguições e espionagens a rivais e concorrentes, em contratar gente para partir o braço a um devedor mais obstinado, não, José Matias nunca o trairia, sabia tinha tudo a perder se Vladimiro Caposso fosse incriminado judicialmente e o apontasse como cúmplice de tantos desmandos. Havia outra coisa: conhecia a família de José Matias e a fidelidade era tradição assumida, ponto de honra. José Matias pertencia mais a Caposso que a Firmino Matias, seu pai. Morreria e mataria por Vladimiro, uma palavra bastaria. E com isto estamos entendidos, não vamos mais nos preocupar com delações vindas desse lado.

A polícia ia investigar? Procuraria saber as identidades dos jovens supostamente assassinados pelo partido rival e pouco mais. Todos os dias havia agentes abatidos a tiro nas ruas da cidade, por razões políticas ou não, e nem esses casos eram esclarecidos. Havia mesmo algum polícia com tempo para tentar descobrir qual a traição tremeluzindo por trás daquele ajuste de contas e denunciada no papel? Mesmo se porventura um fanático da ordem se excedesse em zelos, ia descobrir Maria Madalena era amante de um conhecido e poderoso empresário, ligado ao partido no poder, portanto acima de qualquer suspeita. Que ia fazer? Lançar as suspeitas ao ouvido do chefe dele? O chefe imediatamente diria, estás maluco ou quê, que vontade é essa de desviares as suspeitas do que é obviamente um crime político ainda por cima assinado, será que tu tens inclinação por esse

partido de criminosos que ameaçou limpar os nossos lindos pescoços de polícias? E o pobre investigador batia em retirada a tremer, se uma amante é assassinada na cama com outro homem, isso não prova que o criminoso é o amante enganado, sobretudo se estamos numa campanha política que mais parece o recomeço de uma guerra acabada há pouco. Se resolvessem entrar nas picuinhas, até podiam comparar a letra do papel com a sua própria caligrafia. Escrevera em maiúsculas e com a mão esquerda, o que dificilmente o implicaria. E não havia impressões digitais na caneta, usara luvas. Suas impressões digitais na casa haveria, também não negaria a relação com a cabra e a sua frequência do apartamento, se interrogado. A maior burrice seria negar o evidente, criaria suspeitas. Apenas pediria para não levantarem muita poeira, a publicidade era chata para a família, embora o caso de um homem ter uma amante não fosse de todo desprestigiante na nossa sociedade de Luanda, parece o contrário é que não abona muito para a reputação de um macho. Vladimiro Caposso pela primeira vez sorriu, a audácia triunfava sempre, ele sabia jogar com a psicologia do momento, por isso chegara ao ponto de vida onde estava.

[Qualquer leitor habituado a ler mais que um livro por década pensou neste momento, pronto, lá vamos ter um flash-back para nos explicar de onde vem este Vladimiro Caposso e como chegou até o que é hoje. Desenganem-se, haverá explicações, que remédio, mas não agora, ainda tenho fôlego para mais umas páginas sem voltas atrás na estória, a tentar a História. E desde já previno, este não é um livro policial, embora trate de uns tantos filhos de puta. Mais previno que haverá muitas misturas de tempos, não nos ficaremos por este ano de 1992 em que houve as primeiras eleições, iremos atrás e iremos à frente, mas só quando me apetecer e não quando os leitores supuserem, pois democracias dessas de dar a

palavra ao leitor já fizeram muita gente ir parar ao inferno e muito livro para o cesto do lixo.]

Vladimiro pôs o carro em movimento e só então se deteve sobre um pormenor que nos momentos anteriores não o perturbou, pois estava apenas concentrado no que tinha de fazer, avançar pelo apartamento no máximo de silêncio e sem nervos nem sentimentos para não falhar a pontaria nem deixar demasiadas pistas. A cabra, a qual não teria outro nome para ele a partir daqui, gemia que nem uma puta a extorquir mais dinheiro a um senil impotente. Nunca com ele tinha mostrado tanto prazer. Como não precisava de enganar o parceiro, Toninho era um pelintra e ela não era puta nem precisava de o ser, a única ilação a tirar seria que aquilo era mesmo a sério, gozava para burro, mais que com ele, Vladimiro Caposso. Ficou tremendamente humilhado. Perto dos 40 anos, ainda era bom na cama, julgava, dava gozo a muita mulher e elas reconheciam. Porquê então a cabra urrava enrolada àquele maldito enquanto com ele só lançava uns suspiros no momento do orgasmo? Será que tinha mesmo orgasmo ou andara a enganá-lo o tempo todo? Afinal, teria tido outros tipos durante os dois anos que durou a sua ligação? Corneando-o a bel-prazer, desde o princípio? Pode ser, teve de admitir. Só há pouco tempo desconfiou, descobrindo uns silêncios, umas pequenas contradições. Hesitou durante dias se deveria soltar o José Matias atrás dela. Não queria acreditar, no fundo considerava-se uma pessoa de bem e com bons princípios, por isso acreditava na boa-fé dos outros. Ou fazia de conta. Mais uma mentira dela mal contada, a desconfiança sempre a subir, e resolveu mesmo mandar o José Matias investigar. Nem dois dias depois, já tinha os detalhes. O tal fulano ia sempre à mesma hora no apartamento dela, três da tarde, quando Vladimiro Caposso estava mais enfronhado nos seus afazeres ou no digestivo depois dos almoços de negócios. Nem quis

saber como o José Matias descobriu tão rápido, se usava um binóculo a partir de algum prédio da frente a espionar, se andou a fazer perguntas pela vizinhança, se alugou algum satélite americano desses que descobrem tudo menos o mais importante, não quis saber, mas admite agora, o caxico deve ter usado as habituais tácticas de sedução para com as vizinhas. Há sempre gente que gosta de partilhar segredos apenas por bondade de espalhar conhecimentos importantes para o progresso da humanidade. O certo é que o seu homem de mão lhe trouxe todos os pormenores num abrir e fechar de olhos, o que também prova o pouco cuidado usado pela cabra em esconder infidelidades. Um aperto no peito. Ela estava-se mesmo nas tintas para ele, devia considerá-lo um merdas, um corno manso, um incapaz de suspeitar traições, um crente nas eternas virtudes femininas, puta que a pariu. Deu um murro no volante. Andaste a rir de mim, é evidente, mas agora não ris mais, sua cabra. Nem no inferno vais rir, que aí é quente demais.

Dirigiu o carro para o escritório principal, a muito recente sede da sua empresa mais importante, onde já devia estar o Nunes para uma reunião de serviço. O Nunes que esperasse, não lhe devia favores nem esperava dele favores, apenas trabalho. Tinha era de guardar a cabeça fria, entrar como sempre entrava no escritório, cumprimentar a Fátima Magricela com todo o carinho, guardar a arma na gaveta habitual e depois levá-la para limpar em casa, tratar dos assuntos pendentes sem uma falha, melhor maneira para esquecer a perda. Sim, e agora confessava pela primeira vez, tinha perdido a Maria Madalena, a sua juventude alegre, aquelas pernas bem torneadas que ele adorava morder, os bicos das mamas sempre tesos, as piadas grosseiras que o faziam rir, se sentir em casa, no fundo. O apartamento era mais casa dele que a sua vivenda do

Alvalade, casa da família, pois era no apartamento onde se sentia melhor. Com exceção de Mireille, a filha preferida, a que ia perder por uns tempos também. Outro aperto no coração. A família toda ia embora, ficava só ele. Pouco lhe interessava a falta de Bebiana, a mulher, há muito lhe não notava falta ou presença, ou os dois imprestáveis machos que tinha como filhos ou mesmo a filha mais velha, Djamila. Mireille, sim, Mireille ia fazer falta. Total. Como Maria Madalena a partir de agora, pelo menos nos primeiros tempos. Tinha de a substituir rapidamente, antes que caísse no sentimento de komba, porque bem no fundo se tratava de viuvez. Provocada por ele, mas viuvez na mesma. Automutilação, até certo ponto. E uma coisa jurava a si próprio, porra, juro mesmo, nunca mais vou interessar-me a sério por uma gaja, fodo-as umas vezes mesmo à bruta e largo logo, acabou, não merecem mais, todas umas putas, umas cabronas ordinárias. Menos Mireille, é óbvio, mas Mireille ainda só tinha treze anos, não entrava nessas estatísticas, além de ser sua filha.

Entrou no escritório e lá estava Fátima Magricela a olhar para ele com aquela ternura canina. A secretária era mulata e mais magra que capim seco. Usava óculos e provavelmente não tinha idade. Pelo menos ninguém acertaria na idade dela sem lhe espionar o BI, entre os trinta e os cinquenta anos tudo podia servir. Não escondia a paixão absoluta, irrestrita, sentida pelo patrão. Paixão conhecida por toda a empresa e por toda a família de Caposso, coitada da mulher, fixou-se no meu marido, parece fanática, mas a pobre também não passa disso, um amor sem esperança. Bebiana não tinha cultura para tanto, senão usaria a palavra certa, platonismo. Fátima se babava à frente de Vladimiro, mas nada existira entre eles, nada mesmo, senão aquele amor à primeira vista, quando ele a empregou no começo dos seus negócios. Ele percebeu a vantagem de

ter alguém absolutamente fiel a seu lado, era outro José Matias, mas para diferentes usos. Mil vezes Caposso se perguntara, e até a amigos, a Esparguete era mesmo feia? Nem ele nem os amigos sabiam dizer, feia, feia, também não era, embora não se pudesse dizer que fosse bonita. Era algo indefinível que andava ali pelo meio, torcendo-se como macarrão cozido, babando para ele, fazendo todo o trabalho sem nenhuma reclamação, adorando horas extraordinárias, pronta para resolver problemas de casa dele nos fins-de-semana, tudo, pronta para tudo. Até para se pôr de quatro patas, prontinha para o receber, bastava ele querer. Nunca quis, tinha muito melhor, e respeitava a máxima que corria pelas ruas de Luanda e provavelmente do Mundo inteiro, trabalho é trabalho, conhaque é conhaque. Um dia aconteceu o que era previsível, o marido abandonou-a. Não por ciúmes. Parece ser ela incompetente demais para provocar ciúmes, mesmo sendo conhecida a sua paixão por outro. Mas o marido sentiu demasiado desleixo, a casa a cheirar mal, a comida a não ser feita, porque o importante era a empresa, a empresa, só a empresa. Claro, por causa do patrão, o marido não era burro. Talvez outro mais casmurro pedisse explicações a Caposso, embora incorrendo em perigos certos. Nem esteve para se chatear, largou-a, talvez até com alívio. E ela nem notou a falta. Se pudesse trazia a cama para o escritório e nunca mais saía de lá. O motorista, Balombo de seu nome, por ter nascido na terra homónima, o qual tinha andado uns anos no seminário menor do Huambo e depois sido expulso por gostar demasiado de mulheres, dizia que Fátima tinha transformado a empresa no seu convento, tinha indubitavelmente espírito de monja. Por onde se vê que há motoristas com cultura muito acima do que se poderia esperar. Com a crise de desemprego que então grassava (e se agravou entretanto) até havia engenheiros formados a serem motoristas das Nações

Unidas, embaixadas ou empresas petrolíferas, por isso não existe razão para espantos. O bom do Balombo tanto não ousava dizer, mas talvez pensasse que Fátima via em Vladimiro o seu Papa. Não estaria nada errado.

— D. Fátima, há novidades? Não lhe pergunto pelo serviço, pois sei que está em dia.

A Esparguete enrubesceu, agradada. Endireitando a saia com duas carícias, sorriu para o chão.

— O Sr. Nunes está à espera do chefe na sala de reuniões.

Outra coisa que ela adorava fazer, tratá-lo por chefe. Tratamento que acabou por se espalhar por toda a empresa, se D. Fátima dizia assim, assim devia ser dito. O que tinha facilitado a vida a muita gente, pois antes chamavam a Vladimiro camarada director, não havia outro tratamento possível nos tempos do partido único, todo constituído por camaradas, e de repente, com a mudança de regime, o termo camarada, tão prático nas relações humanas, foi abruptamente banido. Ele não era apenas director mas sim patrão, termo que no entanto trazia conotações negativas do tempo colonial, ninguém ousava utilizar. Chefe resolvia perfeitamente o problema dos empregados do escritório e a contento do próprio Caposso, pois que o tratamento mostrava o reconhecimento dos subordinados pela sua capacidade de comando. E foi assim, aquilo que Fátima Magricela e só ela usava desde sempre, passou a ser alegremente generalizado.

— Diga-lhe que já lá vou, por favor.

E foi para o seu gabinete, não custava nada fazer um carinho à Magricela, tratando-a com mais deferência que a todos os outros. A ela pedia por favor, aos outros dava ordens e muitas vezes berradas. Os seus desejos eram cumpridos na mesma. Vladimiro apostava consigo próprio, avançando pelo corredor, a secretária tinha depois deitado um vitorioso olhar circular pela sala, para

as colegas suas subordinadas, vêem, vêem como ele me trata bem? A vocês, bando de vacas prontinhas para serem montadas, nem cumprimentou. E elas, batidíssimas da vida e dos machos, a rirem descaradamente de tanta candura.

Deixou o casaco na cadeira e por isso nem se desembaraçou da arma, ficava melhor no bolso interior do casaco. Ao seu gabinete só a Magricela tinha acesso e essa até podia cheirar a arma, perceber que tinha sido usada, não teria nenhuma suspeita nem comentaria com ninguém. Até podia supor que o cheiro a queimado era de algum anjo que antes de passar para o cano da pistola tinha andado por uma chaminé. Respirou fundo. Antes de tratar com o Nunes os assuntos, tinha de confirmar uma coisa importante. Falou pelo telefone:

— D. Fátima, tem os bilhetes da minha família?

— Sim, está tudo aqui comigo. Os passaportes com os vistos, os dólares para a viagem, os bilhetes. Podem embarcar amanhã com toda a segurança.

— Obrigado.

A família ia embora amanhã, para Portugal. Depois de haver as eleições e conforme as coisas corressem, então podiam voltar. Ele tinha de ficar, para salvar as últimas coisas se necessário. Há meses que os responsáveis e gente com algum dinheiro tinham posto as famílias a bom recato, não era difícil imaginar o processo a descambar e os da oposição a ganharem as eleições e a reprimirem tudo o que estivesse ligado ao antigo regime, ou no pior dos casos uma nova guerra a estoirar, mesmo em Luanda, onde antes nunca tinha havido nada para além de umas escassas bombas terroristas. Os aviões para o estrangeiro iam cheios. Mireille recusara viajar, no atrevimento dos seus treze anos, eu fico com o papá. Os outros filhos nem se fizeram rogados, umas férias na Europa eram sempre bem-vindas. Bebiana encolheu os ombros, tanto se lhe dava, mas não era verdade. Morria

de medo pelo que podia acontecer, todos os dias rezava um terço inteiro para não haver turbulências depois das eleições e que ganhassem os únicos considerados por ela «os bons». E negociara protecções com as mais-velhas do mercado de S. Paulo e kimbandas afamados por blindarem corpos e destinos. Pagou com rezas, galinhas, dinheiro e muitos chás para abrigarem a família inteira de todos os perigos. Só achava mal que ele, Caposso, não fosse também para as estranhas, o que tens aqui afinal de tão importante? A empresa, porra, as empresas, dissera ele, no entanto pouco convencido. De facto, o sumptuoso lucro ganho com as empresas já estava fora e era isso que ia comprovar agora com o Nunes. O Nunes era empregado de alto escalão de um banco estatal, na época não havia outros, e ajudava-o a transferir para o exterior, particularmente para umas certas ilhas onde reinava o absoluto sigilo bancário, grandes somas de dinheiro bom, quer dizer, dólares. Maquia suficiente para viver dos rendimentos até ao fim dos dias. As empresas podiam ficar fechadas, férias forçadas e com vencimento dos trabalhadores, por algumas semanas.

A verdadeira razão por que não se decidira a sair do país fora de facto Maria Madalena. Antes de mandar o José Matias atrás dela. Abordou o assunto no mês passado, ela também podia ir para a Europa, ele abria-lhe uma contazinha gordita num banco suíço e arranjava-lhe um apartamento fixe, com vista para o rio Tejo, mas ela pôs os pés à parede, abandonar a minha terra num momento destes? Nem morta. Grande discurso patriótico, o país a mudar de cara, pela primeira vez eleições, o fim da economia planificada e do regime de partido único, origem de todos os males na sua entendida cabeça, uma mobilização nacional e internacional formidável para as eleições e ele falava em sair, em não participar? A maldita deu-lhe uma lição de amor nacionalista. E ele encantado com tanto fervor,

mas pasmado por nunca antes ela ter falado mal do regime vigente, com o qual parecia até então bem afinada. Afinal o patriotismo era pretexto rasteiro, não queria ir embora por causa do Toninho. Seria? Talvez fosse mesmo patriotismo, já tinha tido outras posições semelhantes contra os tipos que vivendo apaparicados no estrangeiro davam bocas com lições de democracia, quando afinal se preparavam para ser os maiores autocratas. E nem sempre o nacionalismo é pretexto, deixemos de cinismos. Olha, agora eu até que podia ir, a Bebiana tem razão, que tenho aqui de tão importante? Já não tenho mesmo. Varreu a ideia com um gesto mal-humorado e avançou para a porta do gabinete. Disparate, fico e vou ver a festa, mesmo se houver fogo-de-artifício. A Mireille ia ficar desiludida comigo, sou o seu herói, o que arrisca a vida para defender os bens da família. Com este ânimo combativo mas péssimo humor, entrou na sala de reuniões, espaçosa e com uma mesa para doze pessoas.

O Nunes tinha cara de rato, embora seja realmente um lugar-comum e de gosto duvidoso, havendo mais gente com cara de rato do que se pensa. Com cara de gato é bem mais raro. Mas o bancário realmente tinha cara de rato, afilada no queixo, ape sar de as maçãs do rosto serem já finíssimas. E não lhe faltavam os fios de bigode ralo mas espetados para fora. Casposo, ainda por cima. A caspa fazia desenhos pontilistas nas abas do casaco preto. Vinha explicar a situação e se despedir, pois metera férias no banco, viajando daí a dois dias, o malandro, enriquecido com as comissões que Vladimiro e muitos outros lhe deram para verem as suas reservas viajarem rápida e silenciosamente rumo ao exterior, o que ainda era considerado atentado criminoso à economia nacional passível de muita cadeia. À conta disso o Nunes arranhou também a sua contita nas tais ilhas sem nome e agora ia viver no mínimo um mês

numas praias agradáveis, enquanto ligava a televisão para ser informado de como as coisas corriam aqui. Se desse para o torto...

— Nunca lhe disseram que tem cara de rato? — perguntou grosseiramente Caposso, sem mesmo cumprimentar. Tinha vontade de implicar com alguém, para descarregar os nervos.

O outro encolheu-se. Abriu silenciosamente a pasta e mostrou alguns papéis. A voz era desagradável, palavras de gente misturadas com notas de rato chiando.

— Estão aqui as últimas notificações das transferências que processei e a documentação necessária para identificar as contas. Sempre fica em Luanda?

— Fico.

— Bem, então talvez seja melhor a sua mulher levar esses documentos. Ficam mais seguros lá fora. Imagine que acontece alguma coisa...

— E o que pode acontecer? Não vai acontecer nada.

— Se fosse a si não estaria tão seguro — o rato tinha ganho mais segurança na fala, quase tratando o empresário de igual para igual. — Acabo de me despedir do ministro Gonçalves que arranjou uma providencial consulta médica urgentíssima em Londres, teme-se uma doença grave, claro... E o general Arlindo já partiu para Paris, também tratar umas enxaquecas horríveis que não o deixam pensar a sério na reorganização das novas Forças Armadas. E o Andrade, e o Fontes... uma boa parte do governo já está fora. Enfim... se acontecer alguma coisa e estes papéis se perderem ou mudarem de mãos, talvez a sua família não consiga reaver nada. Aconselho-o...

— Está bem, está bem, já aconselhou.

— Pronto, não tenho mais nada a tratar.

O bancário se pôs imediatamente a andar para a porta, pisando a alcatifa grossa que tinha custado uma fortuna mas era indispensável num gabinete que se prezava.

Nunes não escondia a ofensa mortal causada pelos modos do outro. Talvez por serem desnecessários. Se virou para trás, de viés, sem olhar para Caposso.

— Fique bem. Eu cá vou para Palma de Maiorca. Se precisar de alguma coisa...

— Tem graça, julgava que ia para as Antilhas.

— Não, detesto mau tempo. E agora é época de furacões no Caribe. Tenho já a minha conta de furacões.

O rato saiu, de cabeça muito direita, procurando mostrar dignidade ferida. Filho da puta, oportunista da merda, agora armado em fino. Furacões no Caribe, é? Se calhar o cabrão estudou em Cuba e por isso agora ostenta conhecimentos de geografia ou lá do quê. Que o pariu, não deixa de ser um grande corrupto. E é capaz de estar mais rico do que nós todos, ficava-nos com 20% de cada operação... Filho da puta! O mal é que precisamos sempre destes ratos da merda.

Ficou sentado, a suar, embora fosse fim do cacimbo e o ar condicionado estivesse como sempre ligado. Precisamos sempre destes ratos da merda. Nós? Porquê usara o nós? Nós quem? Disparate! Nós sim, ou pensava ser o único para quem o Nunes trabalhava? Ele aproveitou referir o Gonçalves, o general Arlindo, pelo menos esses seriam seus clientes. Atirou com os nomes para mostrar importância, estava no segredo dos deuses. Um conhecido era o Karim, o paquistanês que ele apresentara ao Nunes. E teria muitos outros clientes, parte dos que bazaram ou puseram o dinheiro lá fora, protegido. Por isso estava com pressa de sair, deve ir assistir diversos necessitados de terem dinheiro lá fora. Caposso até sabia quando tinha começado a coisa. Bem, saber exactamente não sabia, podia imaginar, pelo menos uma vez ouviu comentar que o Nunes foi chefiar uma missão financeira a um desses paraísos fiscais para aí esconder parte do tesouro do Estado. Havia guerra civil, necessidade muitas vezes de ter dinheiro vivo para

financiar compra de armas ou operações secretas, convinha haver nichos absolutamente sigilosos. Depois dessa viagem, o cara de rato apareceu com grande conversa, que o comunismo estava internacionalmente no fim, a nossa economia planificada mais dia menos dia terminava também por falta dos tradicionais apoios políticos dos países socialistas, os haveres acumulados e sem renderem ficavam muito melhor lá fora, ele até tinha uns contactos interessantes numas ilhas de nome estranho e clima tropical, etc., contas dessas facilitavam o pagamento das comissões quando havia importações grandes para o Estado, o qual não tinha nada que saber dessas comissões perfeitamente legítimas... enfim, se o amigo quisesse mandar dinheiro dos lucros das suas empresas para o estrangeiro, sem deixar rastros financeiros ou contabilísticos, podia contar com ele, dava-se um jeito. Mais tarde Caposso descobriu, o jeito eram os tais 20%. Grande jeito, filho da puta. Portanto, tinha sido apenas um na engrenagem do cara de rato. Podia mesmo falar em nós, embora só soubesse dois ou três nomes certos para o estranho grupo dos clientes secretos do Nunes. Sacana, casoso e mal vestido, servil e andando num carro velho abatido do património do banco, mas podre de rico, mais que todos os seus clientes. Os ratos sempre foram espertos, aprenderam a se esquivar na vida, havia demasiados gatos para os abocanharem, com a sua arrogância fátua e flácida de gatos obesos. Os ratos, magrinhos para se esquivarem melhor, acumulavam ouro nos subterrâneos, era isso.

Conferiu os papéis, embora soubesse estarem todos certos, como o Nunes dissera. Podia confiar no cara de rato, apesar de animal não era burro nenhum e sabia onde estavam os seus interesses. Um tipo como o Nunes vivia da credibilidade e poder que os seus clientes lhe conferiam. Se alguma coisa corresse mal, os clientes

defendiam-no com unhas e dentes. Para isso tinha de ser absolutamente correcto para eles. Papel de caxico é ser útil e confiável, senão deixa de ser um bom caxico e procura-se outro, teoria de Caposso. O rato também sabia, os seus clientes gozavam de enorme impunidade, portanto algo de mal podia lhe acontecer se os tentasse enganar. E como ganhava muito bem assim, apenas desejava que as situações se prolongassem e sem ondas. É isso, nada de ondas, péssimas para os negócios. E agora, sem que o tivessem desejado, vinha aí uma vaga daquelas que se vão pacientemente formando no meio do oceano e quando rebentam arrastam tudo pela praia e territórios adjacentes. Caposso já tinha ouvido o nome desse tipo de onda, raríssimo mas tremendamente letal, parecia nome japonês, matsumani ou coisa parecida, o nome pouco importava, o certo é que estava aí a formar-se ao largo de S. Helena, avançando rapidamente para Angola, parecia escrita nos evangelhos e todos os livros proféticos e cabalísticos que ele evidentemente não lera, nunca teve tempo para literaturas. Quanto a esse assunto, Vladimiro era perfeitamente claro: as leituras tiram o apetite e perde-se muito do tempo necessário para ganhar dinheiro. Você lê, eu trabalho, por isso enriqueço, costumava dizer aos intelectuais que o chateavam por qualquer razão, o seu amigo Olímpio d'Alva Ferreira, por exemplo, o qual se dava ares de poeta e ensaísta.

Foi buscar o casaco ao gabinete, se despediu carinhosamente de D. Fátima, ignorou o resto do pessoal, desandou sem gravata posta. O guarda abriu a porta do carro. Última das novidades, contratara uma firma de segurança acabada de criar para guardar as empresas e a vivenda do Alvalade. Com o destroçamento do exército governamental, resultado a seu ver precipitado dos acordos de paz, alguns oficiais das forças armadas e da polícia tinham criado empresas de segurança,

empregando os seus antigos auxiliares e usando as armas do governo. Para quê preocupar-se em contratar guardas e depois controlá-los para fazerem bem o seu trabalho? Contratava-se apenas a empresa de segurança, de preferência aquela que pertencia a seus kambas do passado, e ela se encarregava de tudo. Ficava caro, é verdade, mas o dinheiro também aparecia facilmente, o governo era generoso, oferecia-o aos amigos de um círculo muito restrito. E há duas coisas com que se não deve brincar, saúde e segurança, dizia Caposso aos kambas com quem concedia partilhar animadas noites de copos e troca de experiências.

— Quer levar alguém consigo, chefe? — perguntou o guarda da porta.

— Sim, manda vir o Domingos. Ele está aí, não?

— Afirmativo, chefe.

Antes tinha andado sem guarda, o que vos parece agora óbvio, dada a actividade clandestina que se dispusera a realizar. Mas normalmente levava um guarda-costas fardado e armado no carro, Luanda era uma cidade perigosa, sobretudo desde que os unitas tinham saído do mato e pareciam praga na cidade. Também era útil para afastar os polícias demasiado zelosos que mandavam parar os carros para verificar os documentos, muitas vezes no fito de extorquirem a respectiva gasosa. Aí entrava o guarda na conversa, como é, colega, vai fazer o chefe perder tempo, ele tem uma reunião importante, o que era remédio santo, o polícia subnutrido e ávido fazia continência e mandava passar, quem duvida dos documentos de um muata com guarda-costas fardado?

O Domingos postou-se ao lado dele, a arma a descansar entre os joelhos, e Caposso arrancou para casa. Ia cedo hoje, era véspera da partida da família, tinha muita coisa a acertar. Ligou o rádio do carro e havia uma discussão política. Era a nova moda no país, os

debates na rádio e na televisão. Tudo feliz com a liberdade de opinião de repente conquistada, muito disparate se dizia mas não importava, era a democracia. Caposso ouvia meio distraído o debate, tinha as opiniões previamente formadas, sabia em quem votar, tinham-no deixado ser rico, ou pelo menos com uma importante maquia de muitos zeros lá fora e algumas empresas a funcionarem a meio gás, e ainda por cima prometiam deixá-lo ser mais depois das eleições, porquê mudar de equipa? Aliás, o resto era uma cambada de boçais que debitavam asneiras sobre asneiras nos órgãos de comunicação, mas que fazer?, agora era preciso aguentar essa onda de liberdade, depois se veria. Se ganhassem as eleições, claro, porque senão... Mas Domingos era um fanático e seguia atentamente a discussão, tomando partido por interjeições. Caposso nunca precisou de perguntar de que lado estava Domingos, aliás como todos os membros da empresa de segurança contratada por ele. Tinham de ser de confiança e portanto antigos membros do exército governamental. E todos rezavam pela mesma cartilha, pois claro. Se a UNITA ganhasse o poder, teriam as cabeças em risco e todos eram conscientes disso. Aliás, Luanda quase inteira tinha a mesma opinião. Bastava ver o olhar tenso que os populares deitavam aos soldados da UNITA, descaradamente fardados de verde e armados ostensivamente com bazukas em qualquer esquina da cidade ou então de Kalashnikov mas com o peito medalhado com metálicos dilagramas, como qualquer terrorista suicida. Viam-se por todo o lado, parecendo armada invasora pronta a tomar o poder, enquanto se vendiam os carros do exército governamental a preço da chuva, até mesmo os blindados, numa debandada total. Caposso estava mais assustado com isso do que com tudo o resto. Se um dia precisassem do exército para pôr as coisas em ordem, só tinham generais de bonitas

fardas novas e ideias talvez inova dora, mas sem tropa e sem armas. E os outros pavoneavam as artilharias pela cidade.

Quando estacionou o carro à frente do portão, esperando que o segurança da casa o abrisse, viu passar o puto Nacib, o qual não levantou os olhos para ele mas o saudou com uma vénia intimidada. Mireille estava no jardim junto ao muro. Esse Nacib anda a rondar muito a casa ou a rua, aposto que aquela amizade com a Mireille ainda vai acabar mal. São miúdos, não vale a pena armar escândalo. Mas tenho de avisar a Bebianá para começar a abrir os olhos, aqui a malta é muito precoce.

O dito Nacib, rapaz alto e magro, nos seus quinze anos sofrivelmente alimentados, dobrou a esquina de cabeça baixa e desapareceu da vista de Vladimiro Caposso. Mas não da nossa quase divina onipotência, por isso o vamos seguir no próximo capítulo.

Setembro de 1992

Nacib Germano de Castro desceu a rua principal do Alvalade, a caminho do seu bairro miserável, o Catambor. Tinha nascido na altura em que a televisão angolana transmitia pela primeira vez uma telenovela, «Gabriela», baseada num livro famoso do não menos eminente escritor brasileiro Jorge Amado. «Gabriela» conquistou o público de Luanda e corria o mujimbo de que reuniões importantíssimas como as do Bureau Político do Partido oficial ou Conselhos de Ministros eram interrompidas para os ilustres membros poderem se deleitar com os saborosos episódios. Por causa do carinho dispensado à obra, estava combinado há muito na família: se nascesse menina se chamaria Gabriela. Nasceu rapaz e ficou Nacib, podia ser de outra maneira? Complicado foi registar o nome do menino, a conservadora não queria aceitar, vigoravam os regulamentos do tempo colonial com uma pequena alteração, tinha de ser ou nome de origem nacional ou da Bíblia. Apesar de a conservadora ser à moda antiga, intransigente como o nome do jornal que sobreviveu na mais notável das urbes angolanas, existia muita confusão e mal-entendidos nas conservatórias, discussões acaloradas por causa dos registos. Era época revolucionária e de fácil utilização de palavras de ordem, quem garantia à conservadora que Nacib não era nome de um herói angolano? O padrinho era um mestiço cabo-verdiano, pequeno comerciante no Catambor, que tinha mantido a sua loja porque desde

sempre travara boas relações com a população carente do musseque.

— Senhora conservadora, Nacib é um nome nacional — perorou ele, com uma atitude de máximo respeito, postura que influenciava muito as autoridades da época, sedentas de reconhecimento público. — Como sabe, foram muitos angolanos para o Brasil, com a escravatura. A maior parte dos escravos eram angolanos. E o nome foi com eles para lá. Voltou agora com a telenovela. Por acaso, tem uma lista de depois da Independência com os nomes nacionais?

— Não há lista nenhuma, nunca se dignaram mandar. Podemos usar os nomes nacionais ou os já conhecidos, foi essa a lei. Mas...

— Eu conheço esse nome como nacional — insistiu o futuro padrinho. — Conheci dois Nacib no Moxico, onde vivi muito tempo, como é de conhecimento público. Um deles foi guerrilheiro na luta contra os tucas e hoje é pessoa importante, embora não use esse nome, sabe como é, todos preferem utilizar as alcunhas da guerra.

O pai da criança estava estarrecido, tudo aquilo era mentira. Mas esse cabo-verdiano mentia com uma autoridade tal que até ele, farto de lhe ouvir as estórias de como tinha vindo directamente da ilha de São Vicente para Luanda, na terceira classe de um navio de passageiros, começava a acreditar talvez o barco tivesse parado antes no Moxico. O padrinho usava um sorriso aberto e tão bons modos que a conservadora acedeu, encolhendo os ombros.

— Se o senhor garante...

E ficou mesmo Nacib, nome árabe, como o leitor mais inteligente percebeu logo, mesmo sem ter lido Jorge Amado. Nacib Germano de Castro. Herdou o Germano do padrinho, único comerciante que manteve loja no miserável Catambor no período precedendo e seguindo a

Independência, altura em que todos os estrangeiros (e muitos nacionais) bazaram e deixaram as lojas e negócios com os serviçais. Sô Germano era bem considerado porque fiava e deixava passar muito tempo sem cobrar, todos temos as nossas necessidades, é preciso compreender as dos outros, como bons cristãos. Depois mudou o discurso, passou a dizer «como bons socialistas», mas se queixava ao pai de Nacib e a outros numerosos compadres, pois tinha bastantes afilhados no musseque, ora balelas, pá, esse socialismo está a dar cabo dos meus negócios, agora tenho de comprar os produtos no Ministério do Comércio Interno e se têm leite não têm fuba, e se têm fuba não têm mais nada, e vinho é vê-lo mais o azeite que nunca ninguém lhe voltou a pôr um olho em cima, o vinho e o azeite, talvez as duas únicas coisas dos portugueses que nos criaram tanta saudade. De facto aqueles primeiros anos depois da Independência, quando Nacib nasceu, foram difíceis para todos. Ele não lembra, era pequeno demais, recorda apenas de subir os barrancos do Catambor por entre casas de chapa e adobe. Por ruas estreitinhas e sinuosas, constituídas conforme se iam erguendo os casebres. Se descia por ali até ao Prenda, com vista do mar da Samba lá em baixo. Do outro lado e muito perto ficava a avenida António Barroso, hoje Marien Ngouabi, para além da qual começava o Alvalade, bairro dos ricos, onde morava Mireille, mas nessa altura das primeiras lembranças ainda não conhecia Mireille, mais nova em dois anos e habitando ainda o Marçal.

Nacib ia fazendo o caminho ao contrário do movimento usado pela câmara na sequência anterior. Do Alvalade para o Catambor, passando pela Marien Ngouabi, avenida importante e trepidante de vida, de vendedores ambulantes, de negócios e águas pútridas que provocavam buracos eternos no asfalto. Também a Ngouabi das brincadeiras, das lutas de gangues pertem

centes a um lado e a outro da avenida, musseque contra cidade. Não era muito exacta esta descrição, pois o musseque não chegava ao asfalto da avenida, havia um quarteirão moderno de permeio, mas que era um quarteirão para tanta frustração acumulada? Tinha estado no bairro rico, passado na rua dela, de livros na mão. Sabia, ela ia embora amanhã, por isso passou lá, como passava todos os dias, apenas para a ver, para cheirar o perfume dela pairando no ar, talvez não fosse dela mas daquela trepadeira de que ambos gostavam que tinha florzinhas lilases e cheiro da mesma cor. Ela disse um dia, cheira tão bem, veio com o vento, ninguém a plantou, nasceu para mim e ele rematou, sim, cheira bem, tem o cheiro da cor dela, lilás. E a cor condizia com o nome dela, nome estrangeiro também, mania do pai por causa da cantora francesa. E era uma grande confusão de sentimentos e impressões, tinha a certeza de estar a derivar, mas fora a primeira vez que ela lhe dirigira a palavra, do muro para o passeio, sem lhe perguntar porquê ele passava ali todos os dias, como se adivinhasse tudo o que ele tinha a confessar, mas as grandes coisas não são para ser ditas e por isso ela não perguntou. Ele lembrava sempre um livro de fotografias encontrado nalguma estante perdida. Tinha fotos de Paris, de ciganos a tocar acordeão pelas ruas, de avenidas cheias de flores e gente bem vestida, se adivinhavam os cheiros e encontrou aquelas palavras mágicas, *Porte des Lilas*, que mais tarde veio a saber ser Porta dos Lilases. Se tinha a cor da trepadeira não parecia, mas o que existe na verdadeira consistência das palavras?

As suas viagens por aquelas ruas de vivendas imponentes para os seus olhos de menino do musseque tinham começado por acaso, três anos atrás. Estudava no chamado largo das escolas, na Ngola Kiluanje. O seu caminho habitual passava pela dita zona verde, cortando

a direito. [*Talvez não seja extemporâneo referir uma constatação, quase queixume: zona verde coisa nenhuma, não passava de uma estreita nesga de terra com algumas árvores, cada vez menos, e condenadas a desaparecer com a especulação imobiliária.*] Um dia Nacib decidiu entrar mais no bairro, observar as casas, muitas em estado de certa degradação, outras mantendo a ostentação do tempo colonial, e os carros parados à porta. Era o bairro habitado por angolanos importantes, ligados ao governo, gente que de alguma forma enriqueceu, embaixadas e estrangeiros cooperantes. Também alguns funcionários menos afortunados e algumas segundas mulheres de responsáveis, é preciso acrescentar para se ser justo e completo, nem tudo eram vivendas sumptuosas, tinha mesmo um minúsculo musseque chamado das bananeiras e em vias de demolição. Foi quando passou perto da casa dela, do outro lado do passeio, e viu a menina de tranças curtas, brincando com uma boneca. Ela mirou-o por qualquer razão e então ela bateu nos dele e eram só veludo negro, como aquele pano que tinham posto na sala da Nzinga Fonseca, quando morreu a avó dela, e ele nunca tinha visto coisa mais macia do que aquele veludo, nome que veio a conhecer depois e associou desde aí aos olhos dela, nome que servia também para a voz dela, para o cetim negro da pele dela, para tudo que dela vinha, veludo e lilás. Passou a ir para a escola por aquele caminho e a voltar por ali também, fingindo não olhar para a casa, apenas na esperança tímida de a rever. O que acontecia cada vez mais frequentemente. Ao fim de um ano, descontando as férias atrapalhantes pelo meio, as quais desconjuntavam os horários, provocavam coincidências insuspeitáveis, mas também a ausência dela por um mês, ele percebeu que era cada vez mais raro ela estar perto do muro à ida, mas estava sempre à volta. E olhava

atrevidamente para ele, o qual baixava imediatamente os olhos. E depois ela sorria com os dentes todos a brilhar, fingindo ele não ver senão também tinha de sorrir, o que acabou por acontecer uma vez, ele não pôde evitar, ela sorriu e ele também, e a partir daí sorriam sempre um para o outro, até no ano seguinte ela lhe gritar, porquê passas sempre nesse pas seio e não neste daqui, ao que ele encolheu os ombros, mas um dia depois ele ganhou coragem onde ela nem sequer existe, ou na Lua ou no canto dos rabos-de-junco do Catambor, mudou de passeio, passou perto dela, se sorriram, e ele sentiu o perfume, era dela, era das florzinhas lilás, não sabia nem se interrogou, só que tinha quase roçado o muro a que ela displicentemente se encostava, e já não tinha trancinhas mas o cabelo apanhado atrás e tinha os mesmos olhos de veludo e os lábios grossos soltando sorrisos e o sol dançava com as nuvens e ele descobriu enfim o amor. Triste e impossível amor.

Atravessou a Marien Ngouabi, meteu por uma rua que depois se transformaria em ruela e logo num trilho subindo para o alto do cabeça onde os pais tinham construído a casa, vinte anos atrás. Na ruela e no trilho encontrou amigos e pessoas conhecidas, mas apenas cumprimentava e seguia em frente, ansioso por chegar a casa. Estava tão habituado que nem notava o cheiro nauseabundo que se evolava do bairro, vindo das fossas a céu aberto que se transformavam em regatos acompanhando os caminhos e do lixo acumulado aos montes à espera de uma hipotética camioneta. As casas de blocos de cimento ou de tijolo, minúsculas, estavam unidas a autênticos tugúrios de chapas e papelão, misturados a todos os materiais possíveis existentes na construção civil para tapar buracos, criar paredes ou inventar tectos. Em todas chovia, evidentemente. Felizmente a chuva era rara em Luanda. Mas Nacib ia preocupado com suas matutagens, porque Mireille lhe

dissera, já vou embora amanhã de manhã. Ele sabia, já várias vezes ao passar ela lhe informara da decisão familiar e da sua vontade de ficar com o pai, mas tinham muito medo do que podia acontecer depois das eleições e não a deixavam permanecer. Podia não haver problemas nenhuns, dizia ele, as pessoas acham que vai correr tudo bem, vai haver paz para sempre com as eleições e todos tratados decentemente, mas o pai dela não achava, e o senhor Caposso conhecia um monte de gente importante, informada, devia estar por dentro das coisas, pelo menos muito mais que ele, desgraçado garoto do Catambor, na margem de tudo embora morando quase no centro da cidade. Também sabia a data da provável partida, mas a cada dia que passava ela dizia é depois de depois de amanhã, é depois de amanhã, até o fatal é amanhã. Normalmente ele parava e ficava de conversa com ela um minuto, não mais. Intimidado, com medo que os pais de Mireille o vissem, ou os irmãos, ou vizinhos, enfim, alguém, alguém que se pudesse meter no meio deles, como haveria sempre, ele sabia. Mas desta vez ficou mais tempo, imobilizado pelo terror, o mundo deixava de ter sentido ao pensar que ia passar por ali e ela não ia estar para lhe dizer uma piada, deitar um sorriso ou apenas um olhar cúmplice. Vou voltar logo, prometeu ela, mas era apenas uma promessa caridosa, quem sabe o que o futuro nos reserva, podia ser um mês como nas férias ou um ano ou toda a vida. Reconheceu o carro do pai dela e gritou um adeus desesperado, partiu para a esquina, sem guardar um último olhar dela, um sorriso, uma lembrança do seu perfume, quem sabe se uma outra promessa. Não guardou nada, fugiu. Como sempre.

Mas Nacib não fugia das outras coisas, como de Mireille. Não dos estudos, por exemplo. Nunca perdeu nenhum ano e estava sempre entre os melhores da sua escola. E frequentava agora o ensino médio de mecânica,

queria ser engenheiro. Sonhos, dizia o pai. Mas tinha orgulho no filho, sempre elogiado pelos amigos por causa da sua inteligência. Sonhos?, ralhava a mãe. Ele disse vou entrar no ensino médio e tu disseste sonhos. Entrou ou não? Não é sonhos nada, vai ser mesmo engenheiro, vou ter filho engenheiro, eu mesma Celestina das Dores, me nasceram no Luena e nunca que vi escola, mas meu filho vai ser engenheiro, como o nosso presidente. Nacib sabia, não era fácil. Entrou no instituto no curso escolhido por ter muito boas notas, havia seleção chamada encaminhamento, também tinha de ter altas notas para entrar na universidade, mas aí era bem mais complicado, diziam. No entanto, era bom esquecer as futuras complicações, ainda faltava muito tempo, quatro anos. Em quatro anos acontece ou não acontece tanta coisa, filosofia de menino esperto.

Chegou à vizinhança da casa e encontrou primeiro Nga Chica, vizinha e, como tal, conhecida da família. Cumprimentou muito bem e continuou caminho, antes que a senhora lhe parasse com alguma pergunta a respeito da sua vida ou da mãe ou de alguém do bairro, era uma senhora mais para o forte que para o magro, passava a vida a varrer o bocadinho de caminho à frente de casa, não por preocupações ambientalistas mas para ter ocasião de espionar tudo o que passava na rua e nas casas vizinhas, depois indo comentar as descobertas com algumas amigas mais íntimas. Uma verdadeira zongola, por isso Nacib evitava cair na boca dela. E bastaria passar sem a ver ou cumprimentar menos calorosamente para merecer logo um reparo e depois muitas horas de má língua sobre ele, lhe descobrindo enormidade de defeitos, reais ou inventados. A mãe avisava sempre os filhos, cuidado com Nga Chica, ela não presta, nada de muita conversa com ela. Felizmente, a vizinha naquele momento parecia estar com outro

ponto de interesse focado, pois não lhe deu muita atenção e ele passou.

À porta de casa, Zeca estava impacientemente à espera para dar a novidade, sô Mateus mandou dizer tu podes ir lá na oficina, ele te aceita. O Zeca era o irmão mais novo, tinha a idade de Mireille. E a novidade era segredo entre eles. Nacib tinha constatado que no Instituto aprendia quase apenas disciplinas teóricas, pois as oficinas e laboratórios estavam em mau estado e eram insuficientes para o número de alunos, o que dificultava as práticas. E ele tinha escolhido o curso de Mecânica para aprender não somente a Matemática e Física e o resto, mas sobretudo para mexer em motores, de carros ou não, tudo que fosse de metal e mexesse lhe interessava, como um sábio tinha dito em outro contexto, tudo o que é humano me interessa. Embora estivesse há escasso tempo no Instituto, logo percebeu ter poucas hipóteses de contactar muitas vezes o ferro. Por isso foi falar com sô Mateus, dono de uma oficina minúscula ali no bairro em baixo de uma árvore, pedindo lhe deixasse adquirir experiência com ele. Podia ir à tarde, depois de estudar, pois sô Mateus não tinha horário, quando lhe dava até trabalhava pela noite fora à luz de um candeeiro a petróleo. Mais pedia que pelo momento não comentasse nada com o pai dele, Bernardo Domingos não estava informado do desejo do filho e podia se opor, o que aliás, sabia Nacib, era o mais certo, ou não conhecesse a ideia fixa do progenitor. Mais-velho Mateus coçou a carapinha com alguns fios brancos.

— Estás a me arranjar uma grande maka. O teu pai pode se chatear. Quantos anos tens?

— Quinze.

— Pois. Vai me acusar de explorar trabalho de crianças, sabes como são agora as políticas. E sou amigo dele, não quero maka.

— Ele não é contra o trabalho de crianças, não pode dizer isso agora. Quando eu tinha doze anos ele quis que eu parasse os estudos para bumar com ele, a minha mãe é que não deixou. E o padrinho...

Nacib ainda argumentou, tinha quinze anos mas era alto. E o pai não tardava em saber, ele ia mesmo contar, mas queria experimentar primeiro ver se aguentava, podia ser não tivesse jeito, depois explicava no pai a necessidade da prática, estudar só livros e não mexer nas coisas não era bom. Tocou no ponto sensível do mecânico, que passava a vida a gozar os engenheiros, os quais podiam saber muito de cálculos mas que ficavam com os carros avariados na rua e não conheciam o que fazer, de cabeça perdida a olhar inutilmente para os rucas parados, era um gozo. Os amigos diziam, até parece que já tiveste muitos clientes engenheiros, não, não tinha tido, os engenheiros não iam com os carros deles numa oficina debaixo de árvore, escolhiam as mais caras, mas não percebiam nada das máquinas, era a verdade dele. O argumento esperto de Nacib o apanhou desprevenido, mais uma vez coçou a carapinha, bem, vou pensar, depois te dou uma resposta. Mas vai demorar muito na resposta? Que não, depois dizia no Zeca. O Zeca era frequentador assíduo da oficina de sô Mateus, andava sempre por ali perto e lhe fazia pequenos favores, ir comprar cigarros, ou então pedir fiado uma cerveja na loja de sô Germano, padrinho de Nacib. O que de facto o mecânico primeiro fez, ir ter com o comerciante e lhe contar a pretensão do afilhado em aprender a profissão, ajudando-o no salo sem receber nenhum salário. O ilhéu achou bem, esse meu afilhado tem muita cabeça, é claro que estou de acordo, deixa lá o miúdo aprender contigo, ora balelas, pá, o mundo está cheio de doutores que não sabem nada e só fazem merda, doutores não, se trata de engenheiros, corrigiu o mecânico, é isso mesmo, pá, engenheiros que não

sabem nada, passas a vida a dizer isso e quando um miúdo esperto e trabalhador quer aprender contigo comesas a roer a corda, sempre me saístes um grande sacana. E quanto ao receio sobre a reacção do pai, sô Germano garantia ele assumia, fora até sua ideia falar com o mecânico por encomenda do afilhado. Padrinho é para isso mesmo, resolver problemas sem que os pais se chateiem, então não é? Esta conversa só será conhecida de Nacib mais tarde e muito agradecido ficará ao padrinho pela sua veemente defesa que pelos vistos acabou por acalmar os escrúpulos de sô Mateus.

Satisfeito com a notícia trazida pelo Zeca, prometido o segredo por parte do irmão, entrou em casa para cumprimentar a mãe. D. Celestina das Dores era uma senhora extremamente baixa e magra. Nacib e Zeca tinham puxado ao pai, lá para as alturas. Mas Samba, mais nova que Zeca, era baixinha e Deolinda, a caçula, ainda mais, não parecia ter idade para ir na escola embora já tivesse oito anos. D. Celestina olhou para o filho, viste as tuas irmãs? Então manda o Zeca lhes chamar, vamos comer.

— Não esperamos pelo pai? — perguntou Nacib.

— Não, tem um trabalho que vai demorar muito, só vem à noite. Come lá mesmo no serviço.

Bernardo Domingos era carpinteiro e trabalhava nas casas dos clientes de ocasião, a arranjar mobílias, portas ou janelas. Muitas vezes tinha trabalhos longe e ficava por lá, comendo eventualmente algo que os clientes lhe dessem ou então se alimentando com um pão com ovo ou duas bananas. Com isso aguentava um dia inteiro. Bem, pelo meio ia metendo umas cervejas geladas que comprava nas zungueiras. Às vezes chegava a casa com umas a mais, mas quem de mente sã vai criticar um cidadão tentando embelezar um pouco a vida dura que levava? Hoje era dos tais dias em que tinha muito trabalho, dia abençoado por trazer certamente algum

dinheiro para casa, por isso não vamos travar ainda conhecimento com Bernardo Domingos, carpinteiro frustrado porque o filho mais velho não quis lhe seguir as pegadas. Foi pouco mais de dois anos atrás, quando Nacib tinha acabado a 6.^a classe e sô Bernardo achou já chegava, agora vais trabalhar comigo para aprender a profissão. De vez em quando passava-lhe uns instrumentos para as mãos ou lhe pedia para pregar umas tábuas de algum servicinho que tivesse em casa. Mas Nacib incompreensivelmente detestava o cheiro da madeira, não tinha jeito ou vontade de pregar coisa nenhuma e nunca foi capaz de aplainar qualquer tábua. E comunicou ao pai que queria continuar os estudos, fazer a 8.^a classe e depois ir para o Instituto Médio aprender Mecânica. Detestava a madeira e adorava o ferro. Por isso a aptidão para motores, embora valha a verdade dizer que já existiram algumas máquinas feitas de madeira, em particular as da Idade Média, mas a História era coisa quase desconhecida nas escolas, Nacib nem fazia ideia de ter existido essa época. Ir para o Instituto era sonho, disse o pai, e veio a mãe defender as pretensões do filho, podia ser sonho, mas pelo menos tinha de fazer a 8.^a, ainda era muito criança para deixar a escola. Bernardo amou, mas sofria enorme influência da pequena mulher que o defrontava constante e braviamente. Não insistiu mais e deixou o filho continuar os estudos e a odiar a madeira. Já Zeca não se importava com o cheiro de madeira, antes pelo contrário, ajudava frequentemente o pai, e este acabou finalmente por transferir para o filho mais novo as expectativas de terem um carpinteiro na nova geração.

Nacib transmitiu a ordem da mãe a Zeca, ainda fora de casa. Ele não se fez rogado, começou a gritar, Samba, Sambaéé, Deolinda, Deolindaéé, e a mãe resmungou lá dentro, se era para se pôr a berrar não precisava de lhe mandar, berrava eu mesma, mas as meninas

apareceram daí a pouco, magrinhas como a mãe. Os dois irmãos também eram magros, parecia sina de família, mas eram altos. Deolinda, apesar de não parecer a idade que tinha por ser muito pequena, era incrivelmente viva e activa, por isso a mãe a mandava ir vender micates no mercado do Prenda, ali perto. Levava uma bacia com os doces depois do almoço e duas horas depois voltava a casa com a bacia vazia, o que aumentava os rendimentos familiares, de si muito escassos. Já Samba era indolente como tudo, nunca corria e dormia demais. Quando não dormia, abria a boca de sono ou tédio todo o tempo. Os vizinhos comentavam tinha apanhado a doença do sono, mas Celestina das Dores dizia não era nada, senão já tinha morrido há muito, e a mosca tsé-tsé nunca chegara a Luanda para picar pessoas e passar a doença, era feitiço dela mesmo, assim parada. Desistiram de a mandar na escola, não aproveitava nada, ficou cinco anos a sonolentar pelos cantos, até a Deolinda, três anos mais nova, lhe ultrapassar nos estudos. Aí o pai disse, chega, essa menina não dá nada, vai ficar em casa. Deolinda tinha todas as iniciativas e a irmã mais velha obedecia. Em compensação, Samba era muito bonita. O futuro dela parecia ir por aí, pelo menos era esse o pensamento da mãe, quando tiver idade lhe casamos com um bom homem e pronto, mas Bernardo Domin gos era bruto e directo, o marido não vai aguentar ter uma inútil em casa mesmo se bonita, vai mandar para a rua ou para aqui de novo, ao fim de pouco tempo se fartou da boniteza, quer é comer bem e casa arrumada.

Almoçaram os cinco arroz de tomate com peixe frito. Celestina guardou um pouco para o marido, pode ser vem com fome e come à tarde, pode ser vem mais tarde e usa como jantar. O jantar deles seria o mesmo de sempre, chá com um pouco de mandioca assada nas brasas. Nos últimos tempos as coisas tinham melhorado um pouco e ela já podia dar leite de manhã aos filhos,

antes tomavam também chá simples e iam assim para as aulas. Com esse regime não havia perigo de obesidade, mal da actual civilização, dirão alguns mais cínicos, preocupados que sigamos os padrões de alimentação e vício impostos pela cultura dos norte-americanos. Essa melhoria de condição recente se devia a mais encomendas de trabalho para o marido. Como se falava que os inquilinos de habitações do Estado iam poder comprar as casas se tivessem as rendas em dia, houve um novo interesse por parte de alguns em melhorarem as condições dos alojamentos. Assim, mais gente havia que aparecia a encomendar uma janela nova, ou a reparação de portas empenadas. Daí a passagem matutina do chá para o leite. Menos para ela, Celestina, que nunca se habituou ao leite, pois nunca mais o bebeu desde deixar de mamar. Mas, apesar do leite, as crianças continuavam magras. Normalmente o almoço era o mesmo, arroz com um pouco de peixe frito, o prato mais barato do mercado. Excepcionalmente ao jantar fazia um caldo de peixe, também ficava barato, pois bastava uma cabeça de corvina ou pargo, metade de uma cebola, um tomate e algum sal, para um caldo de seis pessoas. Para engrossar o molho, um pouco de farinha de pau e era noite de festa. O marido uma vez refilou, nunca mais nos fazes um bom funji, andas a fugir das nossas tradições, armada em branca fina. Ela então fez as contas com o marido e Bernardo Domingos ficou sem fala ao notar que o funji de peixe, o prato mais popular de Luanda no antigamente, se tinha tornado um luxo. Então se fosse um calulú completo, com óleo de palma, jimboa, peixe seco e peixe fresco, tudo produtos que antes eram o de consumo dos pobres, hoje era acessível só aos ricos. Estamos mesmo mal, concluiu ele, se já o arroz ou a batata importada ficam mais barato que a nossa farinha de mandioca, principal comida dos antepassados. O que era totalmente verdade, em parte por causa da guerra

que dificultava a vinda dos produtos do campo para a cidade e lhes alterava os preços, em parte por outras razões que não vêm ao caso. *[Se houver ocasião, talvez mais tarde se trate dessas árduas e estéreis questões económicas, com fortes conotações políticas.]*

Celestina das Dores, no entanto, não amaldiçoava a vida difícil. Na aldeia onde nascera, próxima do Luena, as coisas também não eram boas, pelo menos do que pode lembrar. Quando tinha cerca de oito anos, dado o avanço da guerrilha nacionalista pelo leste de Angola, os colonos portugueses criaram as ndandandas, chamadas por eles «sanzalas da paz», cópia angolana das aldeias estratégicas inventadas pelos americanos no Vietname. E foi atirada para uma dessas com a família, deixando para trás a curva do rio querido onde se ia banhar e acartar água. É certo, devemos ser isentos e reconhecer, as casas eram alinhadas e com ruas relativamente largas à frente, para permitir maior controle por parte da tropa, e havia água mais perto, pois os soldados faziam furos e montavam chafarizes. As pessoas iam de manhã trabalhar nas lavras à volta da ndandanda, mas tinham de voltar antes do pôr do Sol, acompanhadas sempre por soldados e informadores da Pide. As aldeias tinham postos de observação onde ficavam militares com metralhadoras e eram cercadas por uma vedação. Diziam era para segurança, mas afinal serviam apenas para impedir que a população tivesse contacto com os guerrilheiros, chamados de terroristas pelos colonos. E ela tinha um irmão mais velho e primos na guerrilha, sabia eles não eram maus nem queriam o mal de ninguém, apenas a terra livre. Aprendeu essas coisas com o pai, que explicava a todos os filhos os mujimbos vindos da mata, pois, apesar de todas as prevenções e da polícia política portuguesa, havia contactos, conversas, guerrilheiros que se infiltravam mesmo nas aldeias para visitar as famílias e fazer trabalho

clandestino, gente dormindo uma noite ou outra na mata para levar comida para os irmãos guerreiros e saber as novidades dos combates. Comiam o que produziam e nada mais, porque nem loja havia nem eles tinham uma produção excedentária para vender ou trocar por outras mercadorias. Não morriam de fome e tinham os horizontes limitados pelo arame farpado, era tudo como vida.

Quando o irmão guerrilheiro morreu num combate, o pai decidiu vais embora daqui, aqui não há futuro, vais em Luanda, viver com minha irmã, talvez na esperança que Celestina pudesse estudar e se salvar daquela prisão. Tinha já catorze anos quando chegou à capital e não estudou nada, tarde demais. E a tia, entretanto viúva, pouco podia fazer por ela. De facto, foi ela que sustentou a tia com o trabalho na casa de um branco, cujo branco bazou do país antes da Independência e com toda a razão, pois era mau como os lacraus do Moxico e se ficasse... vendo bem, se ficasse não lhe acontecia nada, não aconteceu nada a ninguém que nos andou a fazer mal, explicava ela aos filhos, temos assim esse coração de tudo aceitar e tudo perdoar, mas ele fez bem em ir embora mesmo se foi só o medo que lhe empurrou, não servia para nada, só para a maldade. Não disse aos filhos nem ao marido, guardou lá bem dentro de si, não falou da violação que o patrão lhe impôs, mas não esqueceu. E foi depois da Independência que conheceu Bernardo, se engraçaram, resolveram juntar os trapos, fazer uma casa, constituir uma família. A casa foi feita num espaço vago num cabeço onde tinha um imbondeiro. Muitos dias levou a derrubar o imbondeiro, vocês meus filhos não sabem o trabalho que é esse de cortar uma árvore daquelas que duas pessoas juntas não podiam abraçar. Tinham pena, verdade, é quase árvore sagrada, morada boa para espíritos, mas o espaço era aquele, o dos seus sonhos, se via o mar da Samba, azul

lá em baixo, e a ponta do Mussulo. O imbondeiro ocupava o centro do espaço vago, não podiam fazer a residência à volta dele, até que ficava bonito mas muito caro e naquele tempo os materiais estavam aonde para construir? Teve de ir mesmo abaixo mas as raízes ainda estão por aí, dormimos em cima delas, talvez os espíritos é que foram embora para outra árvore. E ergueram a casa com paredes de paus e madeiras primeiro, mais tarde, poucopouco, blocos de cimento. O país estava numa kazukuta, que no linguajar dela queria dizer confusão, não pediram autorização a ninguém, o governo tinha mais em que se ocupar, com guerra e muitos problemas de fome e carestia, até hoje não têm papel do governo a dizer a casa é deles, um dia talvez vão nos chatear e correr daqui, não sei não, nessa vida já assisti a muita injustiça. A tia entretanto morreu e já não viu a residência de apenas dois quartos e um pequeno quintal delimitado por chapas de zinco e ripas de madeira. Plantaram no quintal uma mandioqueira que depressa virou árvore e é debaixo dela onde hoje comem.

No fim do almoço, Celestina puxou Nacib para o lado, enquanto Deolinda lavava a louça na mesa debaixo da mandioqueira.

— Me diz uma coisa. Agora não tem aulas, nenhuma escola está aberta, eu sei.

— Sim, mãe, estão paradas por causa das eleições. Os professores foram requisitados, estão a ajudar a preparar as eleições.

— Então porquê tu vai sempre na mesma hora e vem na mesma hora? Tu vai na escola sem livro se ela está fechada?

Não era rigorosamente exacto, ele não saía na mesma altura, agora que estavam de férias, aproveitava dormir mais um pouco, as manhãs ainda estavam frescas, mas voltava de facto à mesma hora de sempre. Ia ver Mireille, claro. Para lá usava outros caminhos e se distraía pelas

ruas fazendo tempo. Para cá, sim, vinha na hora da saída da escola, ela estaria à sua espera.

— Aproveito passear, mãe, ver coisas. Precisa de mim nessa hora?

— Não, deixa. Julguei estavas a fazer outra coisa.

— Que coisa, mãe?

— Não sei, outra coisa. Deixa. Os tempos não são bons, tem muita confusão nas ruas... Muito perigo, muito perigo. É só o meu coração a ter medo e a falar.

Nga Celestina das Dores não adiantou mais e o filho ficou intrigado, mas não insistiu. Zeca saía de casa, mas ficava pelo bairro, esticava até à Maianga às vezes ou para o outro lado até à oficina de Sô Mateus, mas nem pensava ir até à zona das escolas. Mas Zeca não era bom estudante como Nacib. Talvez essas voltas que ele dava eram só tristeza da falta de aulas, podia. A senhora no entanto tinha um pressentimento. Havia uma tristeza no filho ele não contava, talvez que não contava mesmo em ninguém, mas ela sabia existir. Bem, podia mesmo ser saudade das aulas, dos colegas, de atrasar os estudos nesse ano tão interrompidos, até mesmo teve greve de professores, como nunca antes... Tempos diferentes, as pessoas falavam coisas escondidas antigamente que agora começavam a gritar sem medo, mas seriam melhores os tempos a vir? E esses tempos novos toda a gente falava estavam a chegar tinham alguma relação com a tristeza do seu filho? Ele sempre foi menino sério, de olhar as coisas sem rir, querendo aprender, mas não era triste e pensativo assim como faz tempo ficou. Mona pode mentir, pode negar, mas olhos não mentem. E os olhos de Nacib eram tristes, agora mais ainda, só faltava as lágrimas deles saírem, coração de mãe a gritar.

Como vemos, naquele seu jeito de mulher pequenina, Nga Celestina adivinhava, embora não com precisão, a verdade, o infeliz amor de seu filho mais velho que, como lombriga no coração, lhe retirava toda a alegria. Amor

por uma menina do Alvalade, bairro morando ao lado
mas na realidade mais longe que as estrelas, menina rica
de seu nome Mireille.

Setembro de 1992

Aproveitando de forma reconhecidamente oportunista e despuerada a deixa consentida por Nga Celestina das Dores, adianto dizer Mireille também mostrava tristeza por ficar tempos sem ver Nacib. Tinha ganho esse hábito de ir para o jardim àquela hora combinada sem palavras, por vezes metendo breve conversa com o rapaz tímido demais para olhar de frente nos olhos dela. Já não lembra muito bem como começou, mas a certo momento reparou no menino comprido e muito magro passando sempre à mesma hora com os livros debaixo do braço, vindo de alguma escola. Ele era engraçado, pois parecia ter as pernas mais compridas que o resto, desengonçado de certa forma, sinal de crescimento acentuado. Reparou sobretudo no olhar furtivo dele, de lado, como querendo roubar qualquer coisa. Não, não se tratava de ladrão de coisas, percebeu imediatamente. Apenas o jeito dele, olhando de lado e ao mesmo tempo para o chão, fingindo não a ver, mas sem perder um gesto dela. Sempre do outro passeio, nunca deste. Por isso um dia o desafiou, passa deste lado, porquê sempre desse? E ele passou a andar pelo passeio de cá. Foi então a primeira vez ela viu os olhos dele ao perto. Não errara, olhos de *voleur*. Como andava na escola francesa, imposição do pai, sabia falar essa língua e arranjou então esse nome para Nacib, *Voleur*, ladrão, *non voleur de choses, non, mais de quelque chose*, não ladrão de coisas, mas de alguma coisa especial ela não sabia descobrir. Gostou dos fugitivos olhos dele. Quando chegava a hora, dizia a si

mesma vamos lá para o jardim ver o Voleur passar. Mesmo quando conheceu o verdadeiro nome dele sempre o chamou *voleur*, ou pelo menos pensou nele assim, porque não o chamava pelo nome verdadeiro, nunca. Andasse ela na escola inglesa e o pobre do Nacib teria sido chamado de *Thief*, vejam lá se não era pior. Enfim, assim nasceu o hábito de ir para o jardim àquela hora, não importa o que estivesse a fazer. Parecia ter um relógio interior avisando, pois nunca falhou um dia. Estranho hábito, não é? Era só hábito? O futuro o dirá, pois agora estamos mais interessados em ver os preparativos da viagem e as recomendações que o cidadão exemplar Vladimiro Caposso tem para transmitir aos familiares, entre os quais a própria Mireille.

O voo era de manhã, num avião especialmente fretado para as famílias assustadas e com poder. Portanto tinham de acordar muito cedo, noite ainda. As malas e recomendações deviam ser preparadas de véspera. Andava tudo numa roda viva, familiares e numerosos serviçais, arrumando, arrumando. Menos Mireille, que até então estava no jardim. Mas logo entrou com o pai, que a saudou de forma especial, entrando em casa com ela no colo.

— Começas a ficar pesada. Ou sou eu que já não estou tão forte.

— Tu és mais forte que um elefante — disse astutamente a filha, quando atravessavam o umbral da porta. Caposso adorava os elogios dela, acreditava serem sinceros. — Estou a comer demais, deve ser isso. Sobretudo chocolates.

Vladimiro Caposso deu uma gargalhada feliz. Era razoavelmente alto e bastante forte, com uma barriga se avolumando paralelamente aos muito proveitosos negócios. Como possuía voz grossa e aprendera a servir-se dela quando andava na política, intimidava facilmente

os seus adversários. Sobretudo porque os olhos grandes sabiam lançar ameaças mais fortes que as palavras. Mas para esta filha preferida os olhos sempre se arredondavam, húmidos, e achava genial tudo o que ela dizia. Depositou-a no chão, ignorou o gesto da mulher que tentava um beijo.

— Onde estão os outros? — perguntou para Bebiana.

— Lá em cima. A arrumarem as malas.

— Vamos ao meu escritório, preciso falar contigo.

Bebiana acompanhou o marido para um gabinete no rés-do-chão, enquanto Mireille subia as escadas, se juntando à irmã Djamila, no quarto que partilhavam. Djamila tinha agora dezasseis anos e era o mais velho dos quatro rebentos do casal. A diferença entre as duas era já notável, pois se uma era bonita e prometia ser ainda mais com o crescimento, a outra era apagada e vulgar, embora não pudesse ser considerada feia. Djamila já tinha idade para sentir apetites, no entanto experimentava muita dificuldade no trato com rapazes, com paixões fáceis mas sem nunca o admitir e se tornando ainda mais rude para o eleito, cortando rente à partida qualquer possibilidade de retribuição. Ao passo que Mireille, apesar da pouca idade, era pretendida por todos os colegas de escola e os amigos comuns. Ria malandramente, prometia com os olhos, mas passava por eles sem pisar as brasas do chão. Djamila ainda não sentia inveja da irmã, cedo demais, mas pode vir a acontecer, não acham? Fraquezas humanas compreensíveis.

Talvez seja o momento de apresentar mais um pouco dos irmãos Caposso e a estória de alguns nomes. Como se sabe já, se a memória não é demasiado curta, a mais velha era Djamila, seguindo-se o Ivan. Depois vinha a outra menina, Mireille, e finalmente o Yuri. Com exceção do nome da filha preferida, que também já sabemos vir de uma cantora francesa muito apreciada por Vladimiro

Caposso, os outros nomes evocam imediatamente o seu passado político. O primeiro nome, o de Djamila, foi copiado das filhas dos camaradas que vieram da luta de libertação, era um nome muito comum entre os guerrilheiros que tinham andado em muitas regiões do mundo. E os dois russos, Ivan e Yuri, provêm da sua fase de exacerbado soviétismo. Aliás, para dizer a verdade e contar já tudo, o seu próprio foi criado pouco antes, na altura da Independência. Muitos militantes, sobretudo os que vieram da guerrilha, tinham nomes de guerra, alguns de gente gloriosa do passado, outros nem tanto. Ele escolheu para si próprio o de Vladimiro, adaptação portuguesa de Vladimir Ilitch Lenine, pois claro. Manteve o Caposso, foi a única coisa que conservou da verdadeira identificação. Pois até mudou o local de nascimento por essa altura, quando teve o primeiro cartão do Movimento. Com o cartão do MPLA na mão obteve um dos novos bilhetes de identidade, quando era tudo fácil, apesar de algumas vozes reclamarem contra a falta de rigor, bastava uma testemunha ou muitas vezes mesmo apenas a palavra do próprio. Calulo, a terra onde nasceu no Cuanza-Sul, não lhe pareceu granjear muito prestígio. O que estava a dar era Catete, terra do primeiro Presidente da República, do maior Herói da luta, Hoji ya Henda, e de alguns responsáveis importantes. A terra onde se nasce pode suscitar solidariedades e apoios, já se sabe. Não há nada melhor do que chegar ao pé de um muata e dizer o meu pai manda os cumprimentos, sou fulano de tal, da família tal, morávamos mesmo perto da casa da sua família, o que provoca um sorriso cúmplice e, se possível, uma decisão positiva num requerimento ou uma nomeação surpreendente. Mesmo se a vizinhança nunca tivesse existido. Sempre foi assim e em todo o lado, não venham cá dizer que só nós inventámos o compadrio, o aldeanismo ou sanzalismo, como quiserem chamar essas práticas, mesmo nos Estados

Unidos, que alguns pensam ser o único berço da civilização, se ajuda o vizinho do lado, que o digam os tipos do Ohio ou Colorado. De maneira que foi registado como Vladimiro Caposso, natural de Catete. Só lhe faltou acrescentar na profissão poeta, para se aconchegar ainda mais ao primeiro Presidente, que era poeta de verdade, mas não ousou tanta aproximação, nem quando quase toda a gente arriscava uns versos para publicar no jornal e reivindicar esse título, tornado troféu de guerra e, quem sabe, passaporte para as benesses terrenas. Mais tarde se arrependeu da opção por Catete, presente envenenado, trouxe mais chatices que benefícios, e estes apenas nos primeiros tempos, pois deixou de dar estatuto depois da morte do Chefe Supremo, foi mesmo humilhado por vezes com os habituais ditos, vocês os de Catete têm mania que são espertos, vocês os de Catete julgam que nasceram para mandar neste país, etc., e não tem a certeza mas suspeita que algumas contrariedades aconteceram exactamente pelo facto de o julgarem catetense. Calulo teria afinal sido melhor, ao menos ninguém sabia onde era, não trazia proventos mas também não suscitava ódios nem rivalidades. E há ainda um pormenor, os verdadeiros catetenses, gente que sempre se interessou pela História e as origens, torciam habitualmente o nariz para ele, não encontravam nenhuma raiz da sua família na terra, suspeitavam se tratar de um impostor, o que imediatamente condiz com a proverbial subtileza e esperteza dessa estirpe de pessoas. Já do nome Vladimiro não tem muito que se queixar, embora os soviéticos criassem anticorpos tão rapidamente na sociedade e no próprio regime com a sua arrogância de grande potência boçal e de irmãos mais velhos no socialismo (sem irmandade nenhuma, se diga na passagem), que benefícios também não sentiu. Mas ninguém ligava aos nomes, nem na época nem agora, afinal todos sabemos que pouco significam, mesmo os de

personagens de livros e filmes, embora os autores façam grande feiticismo com isso, como se não fossem à primeira lista telefónica para preguiçosamente escolherem os dos seus personagens e provocarem maldosamente os críticos a lhes inventarem sentidos ocultos depois. Bebiana Antunes já ele a conheceu assim, só lhe acrescentou o Caposso dele próprio, o nome que os pais lhe deram em Calulo, naquela tarde bendita em que lançou o primeiro vagido de conquistador. E assim está apresentada a ilustre família Caposso, pelo menos nominalmente, embora alguns acréscimos aqui e ali venham a surgir, é de praxe.

Estava portanto a bonita Mireille vendo a irmã a arrumar a mala, quando estalou grande gritaria em baixo, junto da escada. Naquela casa, se havia maka de rugidos, era barulho de uma só voz, os atroadores brados de Vladimiro Caposso, desta vez contra a mulher.

— Levas sim senhor, já te disse. Deixa de burrice, ninguém vai ver, ninguém vai perguntar, ninguém vai saber.

D. Bebiana se encolhia, negava com a cabeça, levantava os braços em protecção da cara, embora o marido não parecesse querer lhe bater. Ela no entanto sabia, de repente podia sair uma inesperada chapada. Mas Caposso calou subitamente, vendo as assustadas Mireille e Djamila no alto da escada.

— Já que não serves mesmo para nada, deixa estar, não importa. Mireille, vais levar uma coisa para o pai.

E lhe estendia um pequeno envelope fechado. Mireille começou a descer as escadas. A mãe ganhou coragem e suplicou:

— A miúda não, Vladimiro.

— A miúda é mais capaz do que tu. Olha, leva esse envelope na tua mala de mão e toma bem conta dele. Eu depois digo o que vais fazer com ele. Vês, sua burra? Ela não tem medo de o levar.

— Se perguntarem, pai?

— Diz são papéis, papéis do teu pai.

— Então é melhor eu levar — disse Bebiana.

— Agora é tarde. A Mireille leva e acabou, tenho absoluta confiança nela, é muito ajuizada. Mais que em ti.

— Então entrega no Ivan, sempre é rapaz — insistiu a mulher.

— Esse imprestável? Vai esquecer logo no primeiro sítio.

E deu à filha o envelope contendo os preciosos documentos entregues pelo Nunes cara-de-rato. Mireille recebeu, deitou uma olhadela de desafio à mãe e outra de ternura para o pai, pode deixar, eu tomo conta. Subiu as escadas sem mais palavras. A mulher, pelos vistos, tinha terror de levar o envelope. Ele tinha dito eram papéis confidenciais e da mais alta importância, ela devia velar melhor por eles que pelo seu próprio cadáver, e aí ela assustou, que não queria, que não era capaz. Medo de os perder, medo da polícia, medo de ser assaltada? Vai lá saber o que passa na cabeça daquela mulher aterrorizada pelo marido, difícil distinguir entre medos, sobretudo se alguém fala de cadáver.

Por isso Bebiana foi se esconder na cozinha, não suportava o olhar furioso do marido. E este foi para o escritório, aparentemente ouvir notícias da rádio, mas sobretudo para esconder a pistola na gaveta sempre fechada à chave. Andava permanentemente com a chavezinha dessa gaveta, estavam aí muitos dos seus segredos. E logo em cima, a foto de Maria Madalena, a sorrir, toda dengosa, abraçada a ele, em Paris, onde a levou no ano passado. Embora tivesse deixado de fumar, conservava um grande cinzeiro em cima da secretária, era de cristal e ele achava muito bonito. E um isqueiro de mesa, também de cristal. Queimou a foto e deixou os restos no cinzeiro. Depositou a arma na gaveta, acariciou um fio de ouro com uma cruz do mesmo metal,

comprada recentemente na Europa numa jogada de antecipação. O fio era grosso, de homem ostensivamente rico e a cruz tinha mais de seis centímetros de comprimento, nunca passaria despercebida.

O partido dominante tinha abandonado oficialmente o marxismo materialista e ateu. Vários responsáveis políticos faziam subtis movimentos de aproximação aos seus antigos credos ou mesmo se metendo nas novas igrejas electrónicas, sem púlpito e apenas palco com muita luz e muito som, animadas por showcerdotes bem treinados a meter a mão nos bolsos dos fiéis. Por que não aderiria ele também a uma crença? No momento oportuno, apareceria de fio e cruz de ouro, mas apenas quando algum importante negócio exigisse. Com a grande vantagem de a cruz servir de porta para quase todas as religiões. A sua preferência no momento se dirigia para a Igreja Católica, pois esta, em vias de reconciliação com o regime, começava a recuperar muitos bens patrimoniais confiscados anteriormente pelo Estado. Sabia, por conversa do amigo Almerindo, trabalhador nos serviços de cadastro do governo, da quantidade enorme de terrenos confiscados que eram propriedade da Igreja e portanto, mais cedo ou mais tarde, restituídos a ela. Particularmente a Ilha dos Padres, na baía do Mussulo, assim chamada por abrigar conventos nos tempos da colonização, tornados depois da independência em quartel dos fuzileiros navais. Era só questão de tempo e a ilha seria devolvida à Igreja. É evidente, não voltaria a servir para fins religiosos, a área à volta já estava demasiado povoada e nos fins-de-semana só dava para apreciar os corpos seminus por todo o lado, não era bom alimento espiritual para padres e madres. Já viram a espantosa oportunidade de negócio? Caposso divisava longe e grande. Imaginava um complexo turístico, com hotéis e *resorts*, assim mesmo com o nome em inglês pois soava melhor,

bangalôs e restaurantes, para quando houvesse turismo internacional. Claro, a Igreja não se importaria muito em negociar com um protestante ou ateu, desde que pagasse bem. Mas sempre seria mais benevolente para com um fervoroso católico ou então não há amiguismos e partidarismos. Se fosse preciso, casava pela Igreja com Bebiana, só para ter acesso a um negócio milionário daqueles. Sem o saber, pois era demasiado ignorante das coisas da História para tais conhecimentos eruditos, se aproximara de uma frase célebre dita por um qualquer rei de França, «Paris vale uma missa». Para ele, criar um grande centro de turismo na ilha também valia um casamento na Igreja, e os antigos camaradas que se lixassem, podiam até rir pelas costas.

Voltou a pegar na arma e carregou-a com as munições guardadas na mesma gaveta. E voltou a Maria Madalena, a grande vaca, jazendo agora no leito da ignomínia. Os corpos já teriam sido descobertos? Pouco provável. Algum amigo podia ir bater na porta, não ouvia nada e ia embora, pensando estar a casa vazia. Não fechou a porta à chave, lembra bem, mas o trinco não permitia que alguém abrisse por fora. O mais certo é passarem dois dias antes de o mau cheiro incomodar os vizinhos e estes chamarem a polícia. Precisava de um álibi? Dispensável, dado o momento político e a polícia assoberbada de trabalho e aterrorizada pelos unitas fardados. Mas valia a pena criar algum, para o caso de aparecer o tal maníaco pela ordem. Há tipos para tudo neste estranho mundo e até pode acontecer surgir um investigador zeloso que vá aprofundar o caso e descobrir a ligação amorosa com Maria Madalena. Nesse caso um álibi valia de muito. José Matias podia comprovar estarem os dois a andar por Luanda, apreciando a carreata. Não era preciso mais nada, a polícia nem ousaria procurar comprovações adicionais. É, não podia esquecer, no dia seguinte tinha de falar nisso ao José Matias, combinarem as versões, às

duas da tarde estavam juntos, andaram os dois a ver o movimento das coisas e a alegria das pessoas e o ar triunfalista dos manifestantes. Depois foi bumar para o escritório, aí havia muitas testemunhas. E os guardas comprovavam o seu emprego do tempo para o resto da tarde. Não, não posso deixar para amanhã, agora. Ligou para José Matias. O telefone tocou, tocou, ninguém atendeu, o caxico não devia estar em casa. Tentaria mais tarde, mas hoje mesmo, não vale a pena facilitar.

Foi com o dedo pisando distraidamente as cinzas da fotografia de Maria Madalena, até as tornar em pó. À medida que o fazia a raiva se transformava em pesar, as palavras de insulto em lamentos. Ia sentir mesmo muito a falta dela, das suas gargalhadas, das suas coxas. Mas então lembrou de novo, a cabra gemia que nem uma cadela com o tal de Toninho. Raiva e lamentos, no fundo, sofrimento. Tenho de a substituir rapidamente, senão vou andar por aí a chorar pelos cantos, ainda mais sem a família em casa a obrigá-lo a esconder sentimentos. Lembrou uma jovem parente do Almerindo, o mesmo amigo do cadastro, uma coisa linda e com ares de assanhada. Carne fresca. Ela um dia tinha perguntado, então não me leva a jantar uma dessas noites? Ele disse és muito atrevida, gosto disso, passa lá o teu número de telefone, pode ser uma dessas noites eu esteja muito triste. Eu sou perfeita para afastar tristezas, disse ela, rindo muito com dentes pequeninos e muito brancos. Foi procurar na agenda que tinha no bolso do casaco, o nome dela era Danúzia? Possuía excelente memória para nomes e rostos, dom muito útil quando fazia política e também para os dias de hoje. No entanto, hesitava no nome, pouco comum. Foi procurar e encontrou uma Danúzia e entre parêntesis Almerindo. Era isso. Ligou. Atendeu um homem, agastado, que quer dela? Sou um amigo, quero só falar. Seria o namorado ou teria entretanto casado? Haka, chegava tarde demais? Afinal

ela explicou a seguir, era o pai dela, velho com mania de lhe controlar todos os passos. Mais disse ela, não liguei logo o nome de Vladimiro ao senhor, pensei era algum amigo aqui do bairro, tudo bem, posso jantar consigo, como fazemos? Combinou para as oito horas, anotou o endereço, vou buzinar e espero em baixo, não quero cruzar com o teu pai e tem razão, disse ela, ia ser uma kazukuta, se já para sair com jovens ele vira fera, então com o senhor...

Foi ficando pelo escritório, matando o tempo, até chegar a hora de mudar a roupa. Abandonou o fato e gravata, demasiado sério e adulto para sair com uma garota, vestiu uma camisa com flores e umas calças de linho. A mulher entrou no quarto e admirou.

— Vou jantar com uns asiáticos, por isso a camisa de flores. Eles vêm sempre com essas camisas para os trópicos, como se fossem turistas americanos.

— Não sabia ias sair. Julgava que o último jantar em família...

— Último? Vira para lá essa boca.

— Bem, não é o que queria dizer.

— Dizes sempre o que não queres dizer. Até logo. Onde estão as crianças?

Saiu sem esperar resposta. Ainda bem que Bebiana partia já amanhã, estava cada vez mais difícil de suportar. Como se tivesse de fazer um calendário e afixá-lo na parede, junto fora dia tal e este e aquele... Francamente. Sukuama, como se diria em Catete. Entrou no quarto ao lado, o das meninas, beijou as duas, mais demoradamente Mireille que ousou reclamar, então hoje não jantas connosco, mas tinha de fazer, não sabem como esta vida de empresário é chata, tens masé uma camisa toda gira, pai. Ao que ele respondeu com orgulho, feita cá, produção nacional, na minha fábrica do Cazenga, como vêem não precisávamos de importar roupa. Claro, esta por acaso não é produção industrial, foi

feita especialmente para mim, mas é a mesma coisa. Pena só o pano não ser nosso, mas já fizemos deste aqui em Angola, no tempo da outra senhora.

— Não sejas reaccionário, pai, não digas que foi a Independência que fez desaparecer os panos do Congo — brincou Mireille, atrevida.

Ele deu uma gargalhada.

— Eu não digo, mas antes se fazia, essa é uma verdade.

Djamila assistiu calada à conversa dos dois, de olhos teimosos no chão. Depois se virou e tentou fechar a mala demasiado cheia numa terceira tentativa. O pai notou, espera, eu ajudo. E Vladimiro Caposso sentou em cima da mala, enquanto a filha mais velha, enfim reconciliada com a vida e o mundo, fechou a tampa, sorrindo.

No fundo do corredor ficava o quarto dos rapazes. Ivan tinha saído, fora se despedir dos amigos. O pequeno Yuri lia, deitado na cama. O pai desejou-lhe boa noite e ele correspondeu, mas sem grande entusiasmo. Na mesa estavam dois tipos diferentes de jogos electrónicos, mas Yuri preferia a leitura, quando estava mergulhado numa estória era inútil tentar falar com ele. Antes assim, pensou Caposso ao fechar a porta, sempre é melhor que o irmão, um imprestável, sempre a chumbar e a armar confusão na escola. Como desportista Ivan não era mau, embora usasse demasiado a força para se impor. Diziam os outros, queixando no pai, raro era o jogo em que Ivan não andasse à pancada com os adversários, fosse futebol fosse basquetebol. E um dia Yuri contou a rir, o Ivan quando está a perder leva a bola para casa, diz o meu pai é que comprou, o jogo acaba antes da hora. Caposso sorriu com a lembrança, o sacana faz como o chefe do partido da oposição na juventude, vem registado numa biografia pretendendo ser apologética. Ainda vai ser político, o imprestável do Ivan.

Dispensou Domingos, não preciso, vou sair sozinho. O segurança coçou a cabeça, à noite era ainda mais perigoso andar só, mas o chefe é que sabia e mandava. Se o patrão não queria a sua companhia, a mulher nova e exigente agradecia por ele ir mais cedo para casa.

Caposso foi até à morada dada por Danúzia. Era um prédio de três andares na zona da Maianga, mas o apartamento dela era no primeiro andar e dava para a rua. A moça apareceu à varanda logo depois da buzina, fez sinal com o braço vou descer. Vá lá, já estava pronta e à espera. Tanta pontualidade me espanta e entusiasmo, a noite promete. Trazia um vestido curto, amarelo brilhante, fazendo realçar as coxas. Imagina se venho de fato, faríamos um belo contraste, quer na idade, quer na aparência. Mas como a idade é coisa que nem sempre dá para esconder, sendo mais fácil mudar de aparência, era óbvio iam passar por pai e filha, excepto para os conhecidos.

Conhecidos encontraria, disso estava seguro. Luanda tinha poucos restaurantes na altura, pelo menos bons restaurantes. E numa primeira noite, para impressionar, tinha de levar a miúda ao melhor que conhecia. Como ainda havia poucos desses sítios, muitos políticos, empresários e agora jornalistas e diplomatas, caídos na cidade por causa das eleições, se acumulavam nos raros existentes. Ela não perguntou onde iam, foi falando, falando, sobre as eleições e a confusão pavorosa embrulhando a cidade, sobre o pai e a mãe aflitos, e a família inteira que tinha vindo do Dondo com medo do futuro, sabe como é, aproveitaram o pretexto, daqui agora não vão sair mais, sobre os estudos parados, a sua vontade de conhecer Roma, como é, dizem é muito bonita, você já lá esteve, é mesmo bonita?, e sobre a praia embora ainda não estivesse calor suficiente, ela só ia à praia a partir de Dezembro e até Março, Abril já era frio demais, e sobre as roupas bem curtidas que

apareciam mais agora com a abertura de novos voos para o estrangeiro. Por isso arregalou os belos olhos, quando percebeu a que restaurante se dirigiam, nunca mesmo estive aqui, sempre foi o meu sonho. Era uma miúda fácil de contentar, imaginou Vladimiro, se o seu maior sonho era comer neste restaurante. Bem, já ficava um pouco mais caro ver Roma. Era bonita, muito bonita mesmo, e tinha um corpo soberanamente modelado pelo vestido justo. Fez sensação ao entrar no restaurante com aquela beldade, várias cabeças se viraram para trás, entre as quais a do ministro das Pescas e do juiz Fermoindo do Tribunal Supremo, raio de nome para um juiz. Caposso veniava, envaidecido.

O gerente veio logologo ter com eles, se não se importassem de esperar um pouco no bar, estória de tomarem um aperitivo, ele ia arranjar uma mesa na sala mais pequena, pois o salão principal estava cheio e não tinham antecipadamente reservado lugar, mas bebam com calma e prazer, ainda a noite é uma criança, e sorria e piscava o olho a Caposso o sacana do branco, cúmplice. Danúzia adorou a ideia. Sentaram nos bancos altos do bar e ela não parava de passar a mão distraidamente pelo mármore do balcão, uma beleza, o que chamou a atenção de Caposso, sabias, esse mármore é nosso, lá do sul, mesmo na minha terra há um monte de pedras dessas. E qual é a sua terra?, e ele quase caía na armadilha pois ia dizer Cuanza-Sul, província conhecida pelas suas pedras, mármore, granitos, sobretudo quartzos de todas as cores, embora não em Calulo, mas depois lembrou oficialmente era de Catete, terra miserável sem pedra nenhuma que valha, resta mesmo saber se tem algum seixo polido. Ela encomendou uma água tônica, apesar da insistência de Caposso em começar a lhe embebedar com um Martini, depois ao jantar bebo qualquer coisa alcoólica. Ele escolheu o seu uísque preferido, de 15 anos

evidentemente, não era pelintra nenhum. Mas ponha muito gelo, disse para o barman, o qual não fez nenhum comentário, quem percebe de destiladas sabe ser quase sacrilégio beber uísque de 15 anos com gelo, embora cada um saiba da sua vida e gostos não se discutem, o que fez o barman certamente encolher imperceptivelmente os ombros, acrítico e competente, homem curtido por observar muita gente variada e muita bebedeira inesperada. Muita heresia etílica, também.

Do bar podiam apreciar a sala principal e Caposso apercebeu, além das duas individualidades já mencionadas, uma mesa composta por responsáveis do MPLA e da UNITA, mais a própria intermediária do processo de paz, a representante do Secretário-geral da ONU. Jantar diplomático, evidentemente. Em outra mesa, jantavam o ministro dos Transportes e o embaixador de França, com as respectivas esposas. E empresários a dar com um pau. Uma mesa com oito brancos, vestidos mais simplesmente e falando alto. Evidentemente jornalistas, vindos para cobrir o momento político. De facto, no chão havia blocos de notas, canetas, um ou outro gravador. Os sacristas aproveitariam o jantar pago a peso de ouro pelos respectivos órgãos de comunicação, à conta de despesas de representação, para tentar arrancar entrevistas aos políticos presentes?

— Estás a ver aqueles tipos ali? — e explicou para Danúzia as suas observações. — Aposto que vão abordar a mesa onde está a delegada da ONU a pedir entrevista.

— É aquela ali, não é? Costumo vê-la na televisão. Ai que bom, nunca a tinha visto assim em pessoa.

Deslumbrada, a miúda. Facilitava as coisas para o resto da noite se lhe provasse conhecer aquela gente toda, mostrar este é o meu mundo, se o adoras então é uma entrada para este mundo que te ofereço, se fores boa menina, claro.

— Bem sei é a profissão deles, mas abusam. Vais ver, não vão deixar os outros tratar com calma os assuntos que têm.

— Mas acha que estão a tratar das eleições e coisas políticas aqui?

— Claro, como quem não quer a coisa. É nestes sítios onde se tomam as grandes decisões e onde se discutem assuntos delicados. No meio de conversas ligeiras, claro. E olha, ali está o ministro das Pescas.

— Conheço, não gosto dele...

— Porquê, fez-te algum mal?

— Não, mas não tem boa cara. Tem cara de batata. Também já o vi na televisão.

— Toda esta gente aparece na televisão.

— E o senhor também. Agora menos. Mas quando eu era mais miúda, lembro bem, aparecia muitas vezes, sobretudo nos jogos de futebol.

— Então era responsável político, tinha de aparecer. Agora prefiro andar mais na sombra. É melhor para os negócios.

Ela apreciou-o, enquanto chupava a água tônica por uma palhinha. Os olhos brilhantes, querendo descobrir o mundo novo todo de uma só vez, eram fatalmente atraídos pela sala, onde as individualidades se mediam e algumas se enfrentavam mesmo. Julgava as roupas, as poses, o ar concentrado no bife tártaro de um, a luta de outro contra a casca de umas gambas, o jeito de dedos delicados a pegarem numa taça. Fascinada, imitava inconscientemente alguns gestos apercebidos nas personalidades. Caposso observava, fazendo contas. Que idade teria Danúzia? Uns vinte? Menos, provavelmente menos. Era melhor não perguntar ainda, depois teria de reciprocá-lo também e ficava ridículo. Haveriam de saber as respectivas idades mais tarde, quando estivessem bem avançados no jogo. De facto ainda nem tinha começado jogo nenhum ou então era só aquilo

mesmo o essencial e nem jogo havia. Ele não tinha veleidades de armar cercos de sedução, era directo e bruto como em tudo na vida, para quê perder tempo com tácticas, desenvolver estratégias, armar emboscadas, simular sentimentos? Pão-pão-queijo-queijo, como diziam os portugueses. Queres, eu também quero, então vamos. Ou então, quanto é? Tudo muito mais simples, bem lhe bastava a Bebiana para complicações. Queres viver estes ambientes de gente importante, roçar pelos ombros deles mesmo sem teres uma conversa, mas ao menos respirar o ar deles e seus perfumes, ver os seus gestos e tiques e esgares? Acreditares que de alguma forma pertences a este mundo ou que pelo menos ele te é acessível? Anda comigo e tens isto. Senão, limitas-te a contemplar cenas parecidas na televisão, onde os pobres podem estudar, com a desdentada boca aberta, e discutir aquilo e apenas aquilo que os ricos querem mostrar.

Finalmente, a mesa estava pronta. Tiveram de atravessar a sala, Danúzia à frente. Intimidada, tinha de estar, mas escondendo muito bem. Ele, atrás, ia observando os olhares gulosos dos comensais. Estava a despertar curiosidade e inveja, gostava disso. Entraram na sala mais pequena, onde havia duas mesas ocupadas e a sua, junto de uma janela. Numa das mesas estava o general Beto, a mulher Júlia e um outro homem. Caposso apenas cumprimentou com a cabeça, embora conhecesse bem o Beto, tiveram alguns negócios em conjunto e outros viriam, certamente. Júlia dardejou Danúzia com o olhar, segredou para o marido, mas Caposso já estava a estudar a outra mesa, um mulato e dois brancos, todos desconhecidos. Percebeu depois, falavam inglês, provavelmente gente das Nações Unidas ou diplomatas. Colocou a jovem Danúzia de frente para a mesa do general, assim evitando ele os olhares reprovadores da generala, amiga chegada de Bebiana e

tremenda kuribota. Por estas indesejáveis perturbações, não reparou no terceiro comensal, só mais tarde Danúzia lhe chamaria a atenção quando os outros saíam, se tratava de um dos mais importantes cabos de guerra da UNITA, até há pouco tempo considerado um dos maiores terroristas pisando terras angolanas, os arredores e quiçá o Mundo.

[Curiosos, os leitores estão ansiosos por uma descrição da ementa e do que comeu o nosso parzinho. Desiludam-se, aqui não entra publicidade de borla. Foi um jantar ligeiro, como convém a quem tem depois mais a fazer, com base em mariscos, produto abundandonas nossas famosas águas, acompanhado dos respectivos vinhos. Maisacrescento, foi jantar internacional, recusados os funjes, cabidelas oukiskas da tradição.]

Estava já Caposso no digestivo e no charuto cubano, pois então, para que servia a amizade cultivada em tantos anos de combates conjuntos? Tinha um kamba, seu antigo assessor, que lhe mandava uma caixa de charutos de vez em quando e ele retribuía com presentes para o havaneiro e respectiva família. Danúzia tinha pedido para repetir o doce, estava uma maravilha e até os olhos da moça convergiam a cada colherada. Nunca tinha comido tão bem, asseverava ela a cada momento, agradecida. Terminou, suspirando de prazer, e ele lhe segurou a mão. O general e companhia já tinham levantado há muito, esse gesto de intimidade só poderia ser observado pelos estrangeiros da mesa ao lado, o que não tinha importância.

— Vamos dar uma volta? Onde queres ir?

Ela sorriu. Hesitou. Lá ganhou coragem e disse o nome de uma discoteca da moda.

— Mas é muito cedo, ainda não está aberta — disse Vladimiro. — Podemos ir a um bar que conheço, a esta hora já está animado.

Danúzia aquiesceu, ainda não eram dez horas e de facto nenhuma discoteca valia a pena antes da meia-noite. Correspondeu ao aperto da mão dele e levantou da mesa, vou à casa de banho. Ele aproveitou para pagar a conta. Caposso pensou, é uma boa menina, vamos a um bar e depois passear para a ponta da Ilha e ver o que ela tem debaixo do vestido. Discoteca coisa nenhuma, tenho lá idade para discotecas... E amanhã é dia de trabalho. Deu uma baforada no charuto, pensando, já fora grande apreciador de discotecas e danças, mas era coisa do passado descuidado. E que passado! Como na altura em que era amigo de Sebastião, os seus primeiros tempos de Luanda.

Novembro de 1974

Caposso fez a vontade a Sebastião Lopes, antigo kamba que tinha conhecido nas terras do Cuanza-Sul, e acompanhou-o no passeio. Foram dar uma espreitadela à Vila Alice, bairro onde se passavam todas as coisas relevantes naquele momento. Lá chegados, a confusão na rua surpreendeu e assustou Caposso ao contrário de Sebastião, entusiasmadíssimo. Essa rua, uma tranquila artéria sem grande vulto num calmo bairro residencial de vivendas de dois pisos, tinha ganho importância nacional de um dia para o outro. Até tinha mudado de nome, se passara a chamar a Rua da Delegação. Os encontros agora eram combinados entre amigos, às seis da tarde na Rua da Delegação, ou mais directamente, em frente da delegação. Com a vinda dos guerrilheiros que tinham combatido pela independência e a instalação da sua representação ali, tudo tinha mudado, como se o eixo de gravidade da cidade se tivesse espantosamente deslocado numa noite, aquela noite em que os libertadores, depois do comício feito no popular bairro Rangel, para ali foram jantar. O Rangel devia ser a delegação principal, assim fora decidido e por essa razão ali fizeram o primeiro comício, Lúcio Lara gritando pela Independência Completa e o povo gritando Poder Popular, mas a prática e não a vontade dos homens puxou o centro do poder para o asfalto, deixou o musseque Rangel para delegação secundária e se postou na Vila Alice como sede. Logo então alguns cépticos teimosamente esquerdistas resmungaram, começam a

capitular às delícias do capitalismo, Vila Alice é um bairro pequeno-burguês detestado pelas massas populares, esse MPLA nunca fará a Revolução proletária.

A rua estava cheia de gente. Já tinham passado alguns dias desde a chegada, mas as pessoas iam e vinham, na esperança de reconhecer algumas caras ou de meter conversa com aqueles que tinham lutado e deviam ter muitas estórias heróicas para contar, se supunha. A rua parecia um picadeiro onde se estabeleciam namoros, encontros de amigos ou mesmo de negócios, mas sobretudo tentativas de reconhecer familiares ou saber onde estavam, se vivos pelo menos. Uma mulher perguntava ao guarda que estacionava no portão da frente, uma arma sem munições na mão, um magrinho assim do Golungo Alto, nome dele é Afonso Manuel, não veio convosco? Não lhe conheço, de que região militar era? E a mulher esfregando as mãos de ansiedade, região militar, isso é o quê, meu irmão? Irmão não, irmãos são os outros, os da FNLA, nós somos camaradas, ripostava o guarda. E gritava para outros, Afonso Manuel do Golungo, vocês conhecem? Nada. Outro vinha perguntar por Abílio que era alfaiate e fugiu no Congo em 1966, mas ninguém sabia dele, devia estar ainda no Congo, não tinha vindo nenhum alfaiate na delegação. Mas também tinha os vivaços que ficavam por ali, fumando elegantemente, até conseguirem abordar um dos guerrilheiros, facilmente reconhecíveis por usarem roupas de fardo mais compridas ou curtas que eles. Eu tenho uma informação importante, queria transmitir ao camarada Lúcio Lara, é urgente e importante, muito importante mesmo. Hum, camarada Lara tem muito trabalho, vai ser difícil, tem aí uma lista, pode apontar nome. Forma polida de dizer nem sonhem, temos mais do que nos ocupar. Alguns conseguiam furar, no entanto. E passavam a primeira e principal barreira, o portão do

jardim à frente da casa. Depois era mais fácil, pergunta aqui, pergunta ali, no meio da confusão de centenas de pessoas se aglomerando numa vivenda onde deviam viver dez. Alguns mesmos conseguiam chegar à fala, não com o dirigente desejado, mas com algum responsável, maior ou menor. Claro, a informação não era importante nem urgente, não valia mesmo nada, pretexto apenas para se introduzirem, cumprimentarem A e B, conseguirem um número de telefone, perceberem qual era o ambiente onde poderiam se movimentar no futuro. Muitos, mais bem falantes, mais bem vestidos, mais atrevidos ou tendo algum conhecido estrategicamente colocado, sempre conseguiram se infiltrar, serem lembrados para uma missão simples ou uma ajudazinha, daí um futuro posto, e uma carreira na vida. Também havia as meninas, essas com mais facilidade em entrar, jogando o futuro à frente de toda a gente, se babando para quem supunham ter algum posto de chefia.

Sebastião Lopes era um jovem puro, queria se inscrever nas Fapla, fazer treino militar, lutar pelo país.

— Mas lutar como, Sebastião? Não acabou a guerra?

— És mesmo ingénuo, ó Caposso. Agora é que vai haver guerra a sério entre os movimentos, para ver quem fica no poder. E os colonos ainda estão aí.

— Afinal?

Caposso estava há meses em Luanda, acabado de fazer vinte anos. Nascido e criado no Calulo, vilória perdida nos matos perto do rio Cuanza, onde fez parte da instrução primária. Andou depois com o pai enfermeiro por várias terras do Cuanza-Sul até parar na capital do distrito, Novo Redondo. Pelo meio foi completando a primária, perdendo algum tempo. Finalmente em Novo Redondo estudou dois anos do secundário, mas desistiu dos estudos aos dezasseis anos, estava atrasado e queria ser jogador de futebol, apesar das porradas que o pai lhe deu, seu burro, tens é de estudar, futebol não

mata a fome. O pai nem queria ouvir falar de alguns raros nomes de africanos que tinham conseguido singrar no futebol europeu, eram as excepções à regra, negro só se impõe se estudar mais que os outros, o resto é sonho estúpido. Ele era enfermeiro, de facto não era totalmente, apenas ajudante, embora soubesse muito mais que alguns enfermeiros brancos e por isso lhe reconheciam valor e a família não morria de fome, embora vivendo modestamente. Nunca seguira o caminho de outros enfermeiros angolanos, muitos dos quais se tinham metido em organizações políticas, conspirando pela Independência. Caposso pai nunca quis saber de política, se aprendes a dar bem injeções, se sabes fazer curativos correctos, tratar paludismo e diarreias, então estás bem e te aceitam, tens um salário mesmo se pequeno ou então cobras tu mesmo os curativos, ninguém te chateia. Se te metes em política acabas na cadeia, não foi onde foram parar os outros todos, os terroristas que a si se chamavam nacionalistas? Por isso Caposso filho não entendia nada de política, fugia dela até, queria apenas ser futebolista, obedecendo ao pai de um lado, contrariando pelo outro.

Sebastião não perdia esperança de educar politicamente o amigo. Por isso foi acrescentando, sempre a andar, a aproximar do guarda:

— Depois das independências há períodos de instabilidade. Mas no nosso caso é pior por haver três movimentos de libertação que rivalizam pelo poder. Por enquanto estamos na fase dos comícios. É importante ir lá e gritar e bater palmas, o movimento que tem mais gente nos comícios ganha força política. Mas finalmente tudo vai ser resolvido com as armas.

Chegaram ao portão da vivenda. Sebastião perguntou ao guarda, um rapaz ainda novo e magro, se via tinha passado muita fome nas matas:

— Camarada, como faço para me inscrever nas Fapla?

— Ainda, camarada. Outros já vieram perguntar. Ainda.

— Ainda quê, camarada? — perguntou Sebastião, kaluanda do asfalto.

— Está a dizer que ainda não — respondeu Caposso, entendendo a fala camponesa, resquícios da infância. — Vai ter inscrição, camarada?

— Não sei — disse o guarda. — Os muata é que sabe, mas não dá pra lhes perguntar, tem reunião.

Devia haver era muitas reuniões simultâneas ali naquele prédio, pela quantidade de gente que entrava e saía e passeava no jardim da frente e nas varandas, pensamento de Caposso afastando uns passos. Como se faz reunião com tanta gente? Puxou Sebastião para o passeio do outro lado.

— Não adianta insistir, o guarda não sabe nada. Espera um pouco, pode ser que apareça alguém conhecido.

Ao lado estava um grupo de cinco raparigas muito excitadas, comentando os que entravam e saíam da delegação. Olha, aquele ali das barbas e cabelo grande, deve ser um comandante, aposto. Ontem vi um, me disseram era mesmo um comandante, o guarda fez continência para ele. Boniito... Nem me digas, conta como era, pediu outra. Caposso sorriu, ser comandante é que está a dar, moda nova. Uma delas gritou então, olhem, olhem, a Marina está lá dentro. Apontava para alguém naquela multidão que se amontoava na varanda. Sempre conseguiu entrar, arranjou algum conhecimento, vamos fazer adeus para ela, vamos chamar, pode ser que ela nos meta lá também. E faziam grandes gestos e gritavam Marina, Marina, mas a dita não as viu ou quis guardar as benesses só para si, Caposso ouviu, ora bolas, voltou para dentro, e as miúdas ficaram caladas. Ele bem que se tentava encostar a alguma, a travar amizade, mas nada, elas queriam era os comandantes, não lhe davam a mínima confiança, nem barba tinha. Sebastião, atento ao movimento à sua frente, por outras razões,

nem reparou no grupo de amigas, como mais tarde veio a saber Caposso. Sebastião procurava uma cara conhecida, não para entrar na delegação e travar conhecimento com algum comandante mas para saber se haveria ou não inscrições nas Fapla, pois era sabido que os outros movimentos já andavam a recrutar há muito os jovens para as respectivas forças armadas, o Movimento se atrasava e qualquer atraso podia ser fatal, pensamento estratégico de Sebastião.

Caposso conhecera o amigo há tempos atrás, antes de vir mesmo para Luanda. Nessa altura, Sebastião tinha horror a ser chamado para a tropa colonial, já estava na idade, pois era um ano mais velho. O golpe de Estado em Portugal salvou-o da difícil escolha entre o conformismo e a deserção. E agora, que não era mais obrigado a nada, andava todo entusiasmado perante a ideia de se alistar numa tropa. Haka! O futuro Vladimiro, que neste momento nem sonhava em mudar de nome, compreendia vagamente as razões do amigo, continuando no entanto a considerá-las bizarras. De facto, só agora, com a presença constante de Sebastião, começava a se interessar pelas tendências políticas assumidas pelas pessoas. Mas era muito complicado, tinha de ir devagarinho. Não com o objectivo de se meter nessas confusões, tinha presentes os ensinamentos do pai, morto de ataque cardíaco dois anos antes em Porto Amboim, mas apenas para não parecer tão ignorante perante os capitalinos, politizados até à medula, esgotando noites em discussões sobre os méritos de partidos, grupos ou pessoas, escarafunchando em sistemas políticos e económicos, vindos à liça com nomes estrangeiros, numa charada completa que para ele só não era chinês porque preferia os japoneses, sabe-se lá porquê.

Tinha arribado a Luanda, vindo de Porto Amboim, onde acabou por ajudar o pai a dar injeções e a fazer

curativos. Ilegalmente, evidentemente, nem Caposso pai tinha de facto licença para o fazer. Mas as autoridades se preocupavam mais com outras coisas, que lhes interessava dois tipos que andavam pelas aldeias do Cuanza-Sul tratando pessoas clandestinamente? Mesmo os fazendeiros preferiam por vezes os seus serviços para os trabalhadores, ficava mais barato que construir um posto médico e contratar em permanência um enfermeiro diplomado. Logo que não morresse ninguém nas mãos deles, podiam ir exercendo o ofício e cobrando magras remunerações. Antes eles, que ao menos tratavam com medicamentos europeus, ligaduras e adesivos, que os kimbandas tradicionais usando ervas perigosas e horríveis feitiçarias, mais parecendo artes do temido demónio, opinião dos fazendeiros. Quando chegou a Luanda, sem profissão, perdido o interesse em ser jogador de futebol, pois era considerado um defesa rude a tender para o violento, encontrou por acaso Sebastião Lopes. E foi este que lhe arranjou emprego numa loja de um português, sô Amílcar. Como se tecem os destinos...

A mãe tinha sido abandonada pelo marido faz muito, ficou por Calulo. O pai dizia era uma feiticeira desavergonhada, como é que eu, enfermeiro embora sem diploma, de nobre sacerdócio, podia morar com uma feiticeira? Fora um dos motivos da saída dos dois de Calulo, o futuro Vladimiro apenas com oito anos de idade, rumo ao Ebo, onde não arriscariam a ser facilmente encontrados pela família da mulher abandonada, pronta a pedir reparações e desagravo, sobretudo querendo recuperar o filho. Caposso nunca soube a razão de acusação tão grave feita pelo progenitor, era assunto proibido, se ele perguntava pela mãe logo ele virava fera, não te admito faltas de respeito, a tua mãe não existe, entrou no corpo de uma cobra igual a ela, percebes? Andou a enfeitiçar meio mundo para engordar e mais os

ovos de cobra que tinha dentro dela. Queria isso dizer que a mãe estava grávida, teria ele irmãos mais novos? Nunca o saberá, podemos adiantar essa parte do futuro de pouca importância para ele, aliás. Do Ebo saltaram mais tarde para a Gabela, depois a Cela e finalmente Novo Redondo, numa longa e demorada tra vestia do Cuanza-Sul, contrastando paisagens, desde as verdejantes serras boas para café até aos campos a perder de vista com gado e colonatos agrícolas, no meio os inevitáveis blocos de granito, gigantescos, ovos de ignorados deuses na terra plantados. Caposso tem uma ideia bastante vaga da mãe, por isso. Foram sempre só os dois, ele e o pai. Não era de facto uma típica família angolana, temos de convir. O pai terá tido algumas ligações sentimentais, o filho chegou a descobrir uma aparentemente mais séria. Mas não terminou em casamento nem em união de facto, nada, houve mudança de planos e também de terra, acabou a ligação. Ficou com a ideia de ter sido mais uma fuga do pai, mas nunca foi esclarecido nem o tentou.

No fim da vida, o pai mudou para Porto Amboim, e aí sim, foi mesmo uma fuga, embora o pretexto fossem melhores ares, mais perto de Luanda, o seu sonho afinal. Só depois Caposso compreendeu a secreta ambição do falso enfermeiro, se estabelecer em Luanda. Ia vagueando pelo Cuanza-Sul, ao sabor dos clientes e também das autoridades, porque, apesar de normalmente ser tolerado, chegava o dia em que ele percebia pode começar a haver problemas, o chefe deste Posto é mais implicativo que os outros, e então mudava de terra procurar novas permissividades. Foi o que aconteceu perto do Sumbe, anteriormente Novo Redondo, onde um soba de uma aldeia ficou com uma injeção encravada, não por falta de cuidado ou perícia, mas apenas porque o soba era mau como as cobras e a injeção encravada foi uma vingança de alguém

injustiçado por ele. Até ao fim da vida, em Porto Amboim, ele sustentou esta opinião contra a do filho, pouco crente nessas vinganças feitas na base do feitiço, a injeção foi bem dada, sim senhora ora porra. O gemebundo soba fez queixa ao administrador, apareceu um cipaio a exigir comparência no Posto para mostrar os documentos, sobretudo o diploma de enfermeiro, e tiveram pois de bazar dali o mais depressa possível. O pai morreu em Porto Amboim sem nada, nem casa própria, nem pensão ou reforma nem conta de banco. Caposso herdou a roupa de corpo, um relógio, os instrumentos da profissão e meia dúzia de móveis decrépitos que conseguiu recuperar nos vários sítios por onde tinham passado e deixado rasto. Vendeu tudo, menos o relógio, prosseguiu o sonho paterno, se mandando sem hesitação para Luanda. Mas fazer o quê?

A sorte deu encontro com ele na esquina dos Combatentes com a rua El-Rei D. Dinis, na pessoa de Sebastião Lopes, rapaz conhecido em Novo Redondo, nas férias escolares do kaluanda, o qual tinha família na zona. Que fazes aqui e tu como estás, eu estou bem, mas tu parece que... A conversa prosseguiu e Caposso contou da morte do pai, da sua incapacidade de manter o negócio, pois só ajudava o velho mas pouco tinha aprendido além de dar injeções, não sabia distinguir entre sintomas de paludismo e icterícia, não dava para desafiar as autoridades, cada vez mais intransigentes para com os falsos enfermeiros, começava a haver muitos com diploma, ainda ia acabar na kionga, resolveu procurar novos ares, os da capital, a fome já começava a apertar por causa do desgaste rápido das magras economias mas estava finalmente em Luanda, era o mais importante. E Sebastião lembrou então, ainda ontem um branco dono de loja me perguntou se não conhecia alguém de confiança para lhe ajudar no salo. Mas eu nunca trabalhei em loja, contrapôs prudentemente

Caposso, uma vaga esperança no entanto entrando nele. Aprendes a trabalhar, ninguém nasce sabendo bumar em loja, o teu pai não aprendeu a ser enfermeiro a picar rabos?, é só preciso ser sério. Sério eu sou, nunca roubei nada. E foram mesmo a pé até no bairro Marçal, onde o branco Amílcar tinha a loja, muito modesta mesmo, parecia loja do mato.

O dito branco olhou uma vez, olhou segunda vez, saiu detrás do balcão, andou à volta de Caposso, parecia farejar como os cães. Intimidado, o rapaz ia olhando de lado para o pequeno comércio, um balcão de madeira separando os clientes dos produtos e estes reduzidos a alguma comida onde pontificava a fuba e o peixe seco, mais umas latas de azeitonas e de conservas, insecticidas e produtos de higiene, uma verdadeira loja de fubeiro de musseque. O comerciante era magro como cabiri de rua e as roupas estavam bastante surradas, tinha o aspecto da loja dele. Ou talvez fosse o contrário, a loja é que ganhava a aparência do dono.

— Nunca trabalhaste no comércio, claro.

— Não, senhor, mas aprendo rápido.

— O último ajudante que tive, eu gostava tanto dele, o bandido, aprendeu também muito rápido, mas foi a roubar, roubou fuba que se fartou, até que o apanhei mesmo com a mão na fuba, olha, está lá na cadeia comarcã.

— Conheci o Afonso — disse Sebastião. — Mas aqui o meu amigo Caposso é mesmo sério, pode confiar.

Acertaram um período de experiência, com um salário de miséria, para ele qualquer coisa por enquanto servia. Como não tinha casa fixa, passou a viver no quartito dos fundos, onde havia alguns sacos de farinha de milho e feijão, que só tinha comunicação com a loja por uma porta cuja chave dormia pendurada do cinto de sô Amílcar, que tinha casa em outro ponto da cidade. De maneira que, de noite, ele não tinha acesso à loja e os

sacos estavam contados, difícil pois ter a tentação de roubar. Tão agradecido estava por arranjar emprego e casa que nem lhe passava pela cabeça fazer algo pondo em risco a segurança adquirida. O patrão não tinha proibido, nem se referira ao assunto, por isso Caposso por vezes convidava companhia lá para casa, companhia feminina, entenda-se. Era tudo malta pobre, raparigas ali do bairro ou até de mais longe, do Bairro Operário, tentando melhorar o salário de aprendizes costureiras ou arrumadeiras, de maneira que meia dúzia de notas contentavam todos. O colchão de espuma só para uma pessoa, oferecido ou emprestado pelo branco, ainda não se sabia, acabava por cumprir satisfatoriamente a sua função de albergar dois corpos suados.

A loja servia uma população pobre, mas não era realmente de musseque. Havia pois brancos e mulatos que se abasteciam lá, além dos negros morando ali à volta. Talvez sô Amílcar nem precisasse de ajudante para vender, mas como estava nos cinquenta e era magrinho como osso de galinha, precisava de ajuda, sim, para carregar sacos quando era preciso. Pouco mais. Talvez pela companhia, a qual inspira alguma confiança em tempos conturbados. O branco passou a ficar no caixa e Caposso ia aprendendo a meter os produtos nos sacos e a discutir com os fregueses, no seu jeito falador que depressa adquiriu, para os convencer levar sempre qualquer coisinha mais, nem que fosse um chupa-chupa ou um berlinde para as crianças. O patrão estava satisfeito, um dia disse a Sebastião, o teu amigo tem jeito de comerciante, ainda vai chegar a dono de loja. Branco esperto e adivinhando futuros.

Sebastião Lopes morava ali perto, para os lados do Bairro Operário. Por vezes aparecia para apanhar Caposso no fim do trabalho, iam passear. Cada vez mais nervoso, pois se aproximava o momento de entrar na tropa. E esta guerra nunca mais acaba, nunca mais

temos a Independência. Ideias novas para Caposso, embora fosse claro já as tinha ouvido em outros lados. Mas nunca assim numa conversa para ele próprio, com pormenores do que significava a Independência, os tucas vão embora, nós passamos a mandar no país, mas nós quem?, nós mesmos angolanos, não vai haver mais Governador-Geral mas um Presidente da República, eu quero que seja o Dr. Agostinho Neto, o nosso chefe, do nosso MPLA, o Movimento que luta a sério contra o colonialismo, fazendo como em Cuba o Movimento do Fidel Castro, o qual já tinha aprendido do Mao Zedong na China e este do Lenine, da Revolução russa, Sebastião falando coisas absolutamente desconhecidas, novas, novíssimas, ninguém que lhe tinha falado aquelas coisas. Novas e perigosas, Sebastião falava em sussurros, com muitas recomendações, nunca fales isto no sô Amílcar, ele pode ser boa pessoa mas vai assustar e contar nos pides, te enfiar na kionga e a mim também. Se não é para falar, porquê me estás a falar a mim então? Para não seres um negro burro, tens de ser um negro esperto, pois no próximo ano vais ter idade para ires na tropa, até já devias estar recenseado, se a polícia te apanha na rua e te pede os papéis vai ver já tens idade, estás lixado, e aqui em Luanda é muito pior, tem muita polícia, isto não é Novo Redondo nem a Cela, isto é a Lua, a capital, tem mais polícia que bebé e esta gente pare bué, debes andar pouco pela rua, deixar chegar a Independência, ela vai vir, antes mesmo de eu ir para a tropa, senão estou fodido, não sei o que fazer, amigos me dizem para fugir para o Congo mas ninguém me diz como se faz e fugir para o mato não dá, não posso sobreviver no mato, sou pessoa de cidade, e vai haver logo um filho da puta de um chefe de posto que vai descobrir sou um fugitivo de Luanda com idade para estar na tropa, daí para a kionga é um passo, percebes? Claro que percebo, mas por que não vais para a tropa? Eu ir para a tropa dos tucas e lutar

contra os meus irmãos que estão a fazer a luta pela independência? Isso nunca, eu sou um revolucionário. Era um pouco complicado assim de chofre, mas Caposso acabou por entender, se não tudo, pelo menos as intenções.

Sebastião um dia o convidou às sete horas vem na minha casa, vamos ouvir Angola Combatente. Caposso foi, sem saber o que era Angola Combatente e só percebeu quando baixaram muito o rádio e todos (estavam dois rapazes com Sebastião) quase encostaram o ouvido no rádio para ouvir e lhe informaram é a rádio do MPLA a transmitir de Brazzaville as notícias da luta, é a rádio que fala a verdade, Um só Povo, Uma só Nação. Essa experiência não foi muito boa, o rádio estava muito baixo e ele não tinha espaço para também encostar o ouvido, apercebendo apenas que o locutor tinha uma voz furibunda. E depois apareceu o pai de Sebastião, percebeu logo a cena, mandou três berros assustadores e assustados, me querem desgraçar ou quê, desapareçam da minha casa, aqui não tem lugar para terroristas. O pai de Sebastião era, nas palavras do filho, um reaccionário, defendia os colonos, eles é que trouxeram os carros e a luz eléctrica, são boa gente que nos quer civilizar. Mas pior que tudo isso, o pai de Sebastião era polícia auxiliar, vulgo cipaio, o instrumento mais dócil da máquina de repressão, no dizer dos revolucionários. E acreditava piamente nas ameaças reproduzidas nas esquadras e cadeias, os combatentes se tiverem sucesso vão cortar a cabeça a todos os cipaio, como colaboradores servis do poder colonial. Essa era a vergonha de Sebastião, vergonha que até então escondera de Caposso. Foi só nessa noite de Angola Combatente que o futuro Vladimiro conheceu a profissão do pai do amigo. Daí vinha o respeito que sô Amílcar tributava a Sebastião, era um bom rapaz e digno

de confiança, afinal o pai era um polícia, defendia Portugal e a ordem dos colonos.

Portanto, estavam agora ali à frente da delegação do MPLA, Sebastião na esperança de ser recrutado e Caposso acompanhando, um pouco curioso mas de facto mais interessado nas miúdas que enchiam os passeios. Já trabalhava há mais de um ano na loja e o salário, embora muito baixo, sempre permitira comprar roupa nova, da moda. Deixara de ficar deslocado no ambiente de jovens de Luanda. E tinha facilidade de expressão, o que descobrira com sô Amílcar, tens boa lábia, lhe dizia ele, não tenhas vergonha, os clientes gostam de te ouvir, podes falar à vontade, consegues sempre convencê-los a levarem um pacote de bolachas a mais. Com as moças não se saía muito mal, elas de facto apreciavam os seus dotes de puxar conversa, talvez era a voz convincente que fazia, parecia sempre estar a dizer a verdade mais profunda do universo, tal a convicção ele punha nas palavras, olhando descaradamente nos olhos opostos. Qualidade que iria mais tarde aperfeiçoar, treinando à frente do espelho, forçando a natureza a encarar de frente as pessoas quando a vontade era baixar os olhos, meter o rabo entre as pernas, desaparecer. Desta vez no entanto não tinha hipótese, as miúdas estavam apenas interessadas num comandante, mesmo se xambeta ou sem um olho. Claro, qualquer guerrilheiro que aparecesse elas se derretiam todas, pensavam logo era comandante e se depois descobrissem o logro também não iam se importar, o essencial era ser alguém vindo das matas, um herói do momento, muito diferente de matuense, o que nasceu no mato, como ele já fora antes de chegar em Novo Redondo e mais tarde Porto Amboim. Lhe tinham chamado mesmo matuense matumbo, o que no fundo era uma redundância. Hoje não era mais, quem pensava ele não era kaluanda puro? Pelo menos queria acreditar. Embora às vezes percebia por algumas

reações que ainda devia conservar alguma maneira de ser ou de se expressar indicando a origem rural, vergonha das vergonhas, ainda por cima de Calulo, o verdadeiro mato. Se perguntado, não negava as origens cuanza-sulinas mas temperava, sou de Novo Redondo, pequena cidade mas capital distrital e junto do mar. Acima de tudo, não era mato de jeito nenhum.

Frustrado por não conhecer ninguém, Sebastião Lopes propôs em fraca voz vamos embora, no que ele concordou, as miúdas continuavam sem reparar nas suas poses, apesar de várias opiniões concordarem tinha boa aparência, um jovem de porte atlético.

— Se vestíssemos roupa de fardo, com barba crescida e cabelo grande, daquela carapinha onde o pente não pode entrar, elas nos carregavam nos braços. Assim, nada...

Sebastião nem ouviu o desabafo do amigo, vamos beber qualquer coisa. Hábito que Caposso não tinha, talvez por causa do pai, demasiado austero, possivelmente por reminiscências religiosas. Aprendia também isso aos poucos em Luanda, uma cerveja aqui, outra além, da mesma maneira ia aprendendo a apreciar uma conversa política ou como arrumar melhor os sacos na loja. A grande cidade era uma verdadeira escola, a cada dia descobria muita coisa nova.

Sentaram numa esplanada nos Combatentes, encomendaram duas cervejas. Sebastião estava abatido, não tinha falado nada desde a Vila Alice. Nem precisava para entreter conversa, pois Caposso se entusiasmava sozinho andando pela cidade assim no fim de dia, vendo o movimento dos carros e as pessoas, tudo muito mais animado que nas cidades do centro. Sentiu necessidade de reconfortar o amigo.

— Fica para outro dia. Vamos lá de novo na próxima semana, aí vão te aceitar.

— É. Não posso fazer mesmo nada. Mas é estranho, os outros partidos andam a recrutar pessoas.

— Vais ver têm tanta gente nas matas que nem precisam.

Sebastião abanou a cabeça, não pode ser isso. Mas ficou calado. Depois a sua veia de pedagogo voltou e pegou no braço de Caposso.

— Estive a pensar, devias mudar de emprego.

— Porquê, Sô Amílcar te disse alguma coisa contra mim?

— Não, nada. Mas não devias trabalhar numa loja, devias bumar numa fábrica. Operário é que é, membro do proletariado. Li num texto que me passaram, de um Comité desses novos, o proletariado tem de tomar o poder. Se fosses operário, participavas mais activamente na revolução.

— Mas estou bem na loja. Não tem muito trabalho. Sô Amílcar não me chateia... Nem preciso de pagar renda pelo quarto, estou a comer e vestir bem...

— Pois é isso mesmo. Estás a ficar com mentalidade de pequeno-burguês. Sabes o que é a PBU? A pior coisa que há.

— Doença?

— Não. Pequena Burguesia Urbana. A classe do compromisso, que pode lixar a revolução. Os operários e os camponeses é que são o motor da mudança social, contra os burgueses, grandes ou pequenos, estás a entender? Foi o Lenine que explicou isso tudo, vou te passar o texto para estudares.

— Mas tu não és nem operário nem camponês. Não vais fazer a revolução? Estás sempre a falar nela.

— Acho que sou um intelectual. Os intelectuais revolucionários são aliados dos operários e camponeses e fazem a revolução.

Sebastião tinha acabado o ensino secundário, embora com algum atraso. Pensara em matricular-se na

universidade, mas o pai dizia não vale a pena, vai fazer a tropa primeiro. O golpe de estado do 25 de Abril em Portugal tinha-o salvo da tropa, agora já não havia mais incorporações, mas o pai não o ajudou na sua intenção de ir para a universidade, afirmando que não tinha dinheiro. Ficou estes meses assim, sem estudar, sem trabalhar, se politizando, como dizia. Voltou à carga:

— Devias mandar o sô Amílcar para o diabo e procurar emprego a sério, numa fábrica. E montavas logo um grupo de estudo. Para lerem em conjunto os textos políticos que eu te posso arranjar. Os operários devem receber formação política. Estou a pensar entrar nesse Comité.

— Mas não vais para as Fapla, afinal?

— Uma coisa não tem a ver com a outra. Posso estar nas Fapla e ser do Comité ao mesmo tempo. E nos quartéis vou criar grupos de estudo. Os soldados tiveram uma importância decisiva na Revolução de Outubro na Rússia, já sabes o que é...

Caposso não respondeu, para quê? Agora Sebastião Lopes iria discorrer sobre as ideias apreendidas no texto que tinha lido. Explicando os conceitos, explicando, explicando. Caposso ouviria meio distraído, aquilo era tudo muito complicado, muitas palavras novas e provocando confusão. O amigo ficava tão animado que nem reparava, Caposso nunca fazia perguntas quando recebia uma lição sobre um texto. Falta de interesse, puro e simples. Mas algumas ideias acabavam por entrar e sobretudo ia aprendendo palavras. O pai sempre dizia, é preciso ler, qualquer coisa que seja, para melhorar o vocabulário. De preferência o pai lia as bulas dos medicamentos, mas isso já era interesse profissional, não era só para melhorar o vocabulário. Mas apanhava folhas esparsas de jornais velhos na rua e levava-as para casa. Não tinha dúvida, as conversas com Sebastião melhoravam muito o seu conhecimento das palavras,

sempre era um ganho. Mas ir trabalhar numa fábrica é que nunca. Trocar aquele labor tranquilo, vendo as pessoas mais diferentes a entrar na loja e a contarem sempre uma novidade, levando-o a participar em conversas interessantes por um sítio escuro onde tinha de ouvir barulhos ensurdecedores de máquinas e obrigado a fazer sempre a mesma coisa, os mesmos gestos, batendo ou puxando ou levantando, suando lama e óleo? Haka, na loja raramente tinha de levantar um saco de feijão ou farinha, mas era logo para o pôr ao lado ou de pé. De facto, na maior parte das vezes bastava arrastar o saco e depois puxar por uma das orelhas até ele ficar na vertical, esforço para uma criança. Que Sebastião lhe desculpasse, operário não queria ser, mesmo por melhor salário, não gostava do cheiro de máquinas e de andar todo sujo e a fazer constantemente força. Força tinha feito a jogar futebol, muita força mesmo, porque era feita com gosto. E não tinha dado nada, dor da sua alma. Paciência, seria da pequena-burguesia, raio de nome tão feio. E ainda por cima pequena, antes fosse grande.

[Talvez venha a propósito entrar em alguns parcos detalhes sobreas experiências futebolísticas do jovem Caposso, para arrumar uma parte importante e pouco conhecida do seu passado.] O pai não queria futebolis e então, ele ficou-se por aí, aceitou humildemente a imposição paterna? De facto, sempre que podia, se juntava escondidamente aos grupos de miúdos que corriam atrás da bola nos terrenos poeirentos de Novo Redondo. Cada vez menos facilmente, pois o pai de repente resolveu esquecer a insistência nos estudos e passou a levá-lo nas suas consultas pelos kimbos próximos, desde o nascer do sol até à noite. Foi correndo o tempo e não teve oportunidade de desenvolver os seus dotes atléticos. Nem em Porto Amboim. Chegado a Luanda, de vez em quando entrava em tremunos num

terreno vago no próprio Marçal. Sonhava em experimentar um clube do bairro. O problema é que só podia jogar aos domingos, pois mesmo nos sábados trabalhava. E nesses tremunos no terreno vago, primeiro passo para ingressar num clube de bairro, cedo se fez notar por ser sarrafeiro, queixavam os outros, adversários mas também os companheiros de equipa. Acabava invariavelmente por sair do jogo, imposição do grupo adversário, esse gajo não joga nada, só acerta pontapés nas pernas dos outros, nunca na bola. Crítica podendo ser indiferentemente dirigida por qualquer das equipas, como vemos. Por vezes queriam resolver as makas na base da porrada, ele evitava apesar de ser forte e bom de luta, queria apenas jogar. Mas um dia o pontapé que deu num adversário, um mulato fraquitolas e grande fintador, atirou o adversário para o posto médico mais próximo, com uma perna quase partida e um joelho por um fio. Sacana do mulato fintador, fraquitolas do caraças. A partir dessa vez, aquele terreno vago lhe estava irremediavelmente interdito, só podia presenciar os animados tremunos, com uma dor no coração. E não teve coragem de experimentar outro terreno mais longe da sua zona. Havia vários, mas talvez viesse a arranjar involuntariamente uma maka e seria pior, estaria em área alheia. Não foi por seu conhecimento nem vontade, mas com o abandono do futebol, em parte contribuiu para a saúde pública e nenhuma perda para o desporto nacional se registou afinal.

— É isso mesmo, pá. Vou falar a um meu amigo do Comité, ele anda sempre pelas fábricas a politizar as massas operárias, de certeza que te arranja emprego. Serás mais um activista.

— Estou bem na loja, esquece. E não percebo nada dessas políticas, nem me vou meter. O meu pai dizia,

política causa sarna. Se continuas com essas ideias, vais ver, Sebastião, vais passar a vida a te coçar.

Novembro de 1975

Caposso deixou de ter medo da sarna no ano seguinte, o da abençoada Independência. As coisas evoluíram progressivamente, como a aguazinha da fonte que vira regato e só muito mais tarde se transforma em rio. Uma semana antes da data fixada para a Independência, sô Amílcar pediu para o acompanhar a casa, depois de fechada a loja, se não te importares. Já tinha acontecido umas vezes, para algum pequeno serviço mais pesado que o velho conseguia de fazer, coisas sem importância. Vivia sozinho, a mulher tinha ido para a Europa anos atrás com as três filhas, cansada de tanto calor e paludismo, até tinha ficado verde e o fígado em papa com as febres, dizia ele.

Chegados a casa do branco, este mandou-o sentar à mesa e abriu uma garrafa de uísque. Caposso não apreciava aquela bebida sabendo a tintura, preferia cerveja ou mesmo vinho tinto. Mas não reclamou, não pediu antes uma cerveja, aprendera a aceitar o que lhe davam, assim mandava a boa educação recebida do pai. E desta vez era realmente uma marca de deferência por inusitada. O patrão serviu os dois copos, pôs generosas doses de gelo sem lhe perguntar nada, depois sentou.

— Deves estar admirado por querer falar contigo. Pedi para vires cá para te dizer uma coisa. Vou-me embora.

Caposso não abriu a boca de assombro, mas admirado ficou. Muitos portugueses e angolanos tinham começado a abandonar o país desde o ano passado, quando reconheceram a inevitabilidade da independência. Achavam o país era deles, se babavam todos com as riquezas reais ou supostas de Angola, a terra do futuro,

mas se fossem eles a mandar, não com negros no poder. E a guerra que estourou entre os movimentos de libertação aumentou o pânico e as filas de embarque. O aeroporto de Luanda tinha virado um hotel de três estrelas negativas, centenas de pessoas dormindo pelo chão dias a fio, à espera dos aviões da ponte aérea, o lixo se acumulando e as paredes enegrecendo de sujo. A terra estava de facto a ferro e fogo. O MPLA tinha conseguido dominar a maior parte do território mas depois um exército vindo da fronteira sul, de sul-africanos e portugueses, mais outro exército vindo do norte, com zairenses e mercenários, alguns angolanos pelo meio, forçavam as barreiras criadas apressadamente, tentando chegar à capital antes da declaração de independência. As notícias eram aterradoras. Muita gente de boa-fé queria fugir sem saber porquê, pensavam estar em presença do Juízo Final, outros porque temiam represálias dos antigos colonizados, consciências pesando com crimes do passado. Os barcos também iam cheios de pessoas e bens, cada um tentando arrancar e levar tudo o que podia. No entanto Caposso não sentia em si Amílcar essa angústia tão presente nos outros, o patrão ou não experimentava remorsos e medos ou escondera bem.

— Mas acha que vão tratá-lo mal? — perguntou Caposso.

— Sei lá, quem pode saber? E quem vai ganhar esta guerra? Tu estás porreiro, não te meteste em confusões como os outros. Para ti tanto faz, ganhem uns ou outros, és angolano, basta ficares caladinho e gozando a terra. Mas eu não posso arriscar.

— O MPLA já disse podem ficar, nunca lutou contra os portugueses, lutou contra o regime.

— Sei. Essa é a conversa do teu amigo Sebastião e de outros. Pode ser verdade. Mas onde está o Sebastião neste momento? A combater, não é? Estará ainda vivo? E

será que vão ser os amigos dele que ganham a guerra? Não parece, pá.

Sebastião tinha estado a semana anterior com o kamba. Combatia na frente norte contra os zairenses e mercenários. E disse a Caposso, as coisas estavam feias, os zairenses vinham com um exército completo enquanto as Fapla ainda não estavam totalmente constituídas, com hábitos e armas de guerrilha, quando já não era uma guerra de guerrilha, era guerra de movimento ou mesmo clássica, de posições. Não perdendo o seu jeito didático, Sebastião lhe deu uma lição sobre a arte militar aprendida ultimamente, Caposso bebendo as palavras novas se não os conceitos. Sebastião parecia um pouco desalentado no entanto, nas suas palavras se podia adivinhar um futuro incerto.

— E mesmo que fossem eles a ganhar, os amigos do Sebastião — continuou sô Amílcar. — Estou velho, não aguento mais mudanças. E isto aqui vai sofrer muitas mudanças, não será nunca mais o meu mundo.

— E as suas coisas?

— É isso que queria falar contigo, coisas práticas. Toma conta da loja, não a deixes fechada, senão qualquer um pode ocupá-la. Está aqui uma procuração em devida forma, com assinatura reconhecida no notário e tudo. Nomeio-te meu representante para tudo quanto diga respeito à loja, com plenos poderes. Vai vendendo as mercadorias. A comida começa a faltar no bairro, vai ficar pior, podes ter a certeza, por isso até podes subir um pouco os preços. Com esse dinheiro, se puderes, compra comida a grosso. E depois vende aos bocados. O que eu sempre fiz, já sabes, já aprendeste. Se isto tudo correr bem e eu tiver coragem de voltar... tudo bem, ficamos sócios... Metade-metade...

— E se não voltar?

— Ora porra, pá, a loja fica para ti. Esta casa já está vendida, foi quase oferecida de borla, mas que ia fazer?

Sempre é um dinheirinho que levo no bolso. A loja não a posso vender, ninguém a quer, nem tu tens dinheiro para a comprar. Então ficamos assim, uma espécie de sócios. Mas o mais certo é eu não voltar, já estou velho demais e a família, essa, nunca vai querer pôr os pés aqui.

Caposso estava como se tivesse levado com um pau na cabeça. Bebeu todo o uísque que tinha no copo, o que também era capaz de não ajudar muito a clarear as ideias, mas em situação de guerra cada um usa as armas à sua disposição no momento. De repente, ficava dono de uma loja, pequena é certo, mas de qualquer modo...

— E como vai viver lá?

— Não sei. A minha mulher diz que o governo português concede uns subsídios para os que saem daqui, deve dar para refazer a vida. A minha família tinha umas terras no Alentejo, talvez as ponha a render. Se ainda existirem na posse da família, os comunistas lá querem nacionalizar tudo... Aquilo também não está com muito melhor futuro que isto aqui, podes crer. Só dúvidas de um lado e entusiasmo à toa do outro...

E foi assim, com procuração selada e reconhecida, que Caposso passou a ser dono de loja. Dono dono ainda não era, havia problemas de escrituras e outras questões legais, como sô Amílcar lhe explicou e ele mal entendeu, mas o patrão prometeu lhe pondo a mão no ombro pela primeira vez na vida, logo que decidisse definitivamente não voltar, arranjaria os papéis para passar legalmente tudo para o nome do empregado, podes ficar tranquilo. Mais tarde, com calma. Agora só queria mesmo ir embora, o avião era amanhã cedo, já tinha as malas feitas. Beberam mais uns uísques para acabar com a garrafa, recordando como se conheceram e os fregueses da loja, os que ficavam e os que já tinham bazado ou tinham as malas feitas. Deram cabo da garrafa, já bem aquecidos os dois, se despediram com um abraço, lágrimas sinceras nos olhos.

Caposso entrou em casa como proprietário. Pela primeira vez na vida. Todas as casas onde vivera com o pai eram alugadas, nunca lhes pertenceram. Esta sim, era dele, mesmo se a meias, pois ainda era sócio. Entrou muito toldado pelo álcool mas uma ideia fez aclarar subitamente a cabeça. Se sô Amílcar não voltasse, ele era dono de tudo. Sentou num saco de fuba, batendo nele como se de um cavalo se tratasse. O branco não tinha intenção ou esperança de voltar, era evidente. Estava velho, a mulher nem queria mais saber da terra, o que deixavam era pouco para os riscos, sim, o patrão ficava definitivamente pela Metrópole, como os portugueses chamavam. Aquilo tudo era seu: um quarto pequeno, servindo de despensa e sua alcova, um quarto maior servindo de loja, uma casa de banho minúscula agregada à casa, mas à qual só se tinha acesso pelo lado de fora. Não parecia grande coisa, mas para quem não tinha nada era um palácio. E havia mais: sô Amílcar lhe explicara, a casa estava isolada num terreno pequeno mas que também lhe pertencia, tinha registado o terreno adjacente na esperança de um dia poder alargar a loja com os lucros e fazer dela um verdadeiro negócio, sonhos irrealizados. Caposso podia portanto crescer, a parte vaga do terreno era quatro vezes a construída. Tinha de reforçar as marcas limitando a propriedade, pôr aduelas, ripas, chapas, o que fosse, fechar aquilo, mostrar isto tem dono, ninguém trespasa. Um dia podia construir uma verdadeira mansão ali, num bairro que não era nobre mas também não era musseque. Se deixou cair para trás no saco, levantou os braços ao ar, sim senhor, sô Amílcar era um bom branco.

No dia seguinte encerrou a loja mais cedo e foi fechando o terreno com o material mais à mão. Dava para pouca coisa. E como não tinha havido muitos clientes, o dinheiro todo não chegava para comprar suficientes chapas de zinco, sua ideia primeira para

interditar o espaço. Não fazia mal, compraria aos poucos. Mas teve de recrutar um ajudante para o trabalho de pregar as chapas e o dinheiro ganho num dia desaparecia no seguinte com as obras. Passou assim o tempo restando até ao dia da Independência. Ouviam-se os canhões no norte, os zairenses estavam a uns vinte quilómetros da cidade, desesperados para a tomar. Caposso cometeu nessa noite da Independência uma acção que nunca revelou a ninguém, nem ao amigo mais chegado, nem à futura mulher, muito menos aos filhos. Enquanto o povo todo de Luanda, bebês inclusive, se aglomerava na praça onde o Presidente, à meia-noite, ia declarar a Independência, ele se deixou ficar em casa. Nunca mais tinha saído desde que voltara da despedida com sô Amílcar, com medo que roubassem alguma coisa, ou as chapas com que fechava o quintal. E nessa noite também não saiu, ficou mesmo no cubico, ouvindo pelo rádio de pilhas de sô Amílcar o discurso de Agostinho Neto e os tiros que foram disparados para o ar festejando, tiros e mais tiros, gritos e choros, alegria e esperança ao mesmo tempo que medo dos exércitos vindo pelo norte e pelo sul, ameaçando a jovem república. Mais tarde, aos amigos, contava como vira subir a bandeira rubro-negra, como a tribuna era pequena para todos os que queriam aparecer nas fotos junto do Presidente, muitos empurrando os da frente e se pondo nos bicos dos pés ou por cima de pés alheios, como as pessoas festejavam sem bebidas, já havia bem poucas, só com abraços e gritos e tiros para o ar, a fraternidade e alegria se espalhando pelo ar com a liberdade reconquistada. E contava, com seu discurso fácil, como ele ficara mesmo perto do mastro onde subira a nossa bandeira, onde devia ter havido a bandeira de Portugal a ser arreada antes e embrulhada com respeito, mas não tinha havido nada de Portugal, o governo colonial tinha bazado antes com a bandeira, não queria

reconhecer o novo poder, ficaram ao largo num barco com medo dos tiros e com medo de serem acusados pelos seus parceiros de cumplicidade em relação às novas autoridades. Contava tudo como se tivesse assistido, o que não era nada difícil, pois os diferentes locutores e comentadores da rádio repetiam constantemente as mesmas cenas e os discursos e mais tarde a televisão também transmitiu, mas televisão era novidade e Caposso não tinha facilmente acesso às imagens. Foi mesmo pela rádio que aprendeu tudo o que contaria às gerações futuras, com o rigor e os detalhes de quem viveu na pele os momentos inesquecíveis. Bem, sejamos justos, ele viveu mesmo isso tudo com alguma emoção e mitigado entusiasmo misturado de receios, embora não estivesse propriamente no terreno. Em primeiro lugar, tinha de agradecer a chegada da própria Independência, sem ela não seria proprietário de loja e de um terreno, continuaria um servente dormindo no quarto de arrumos.

Terá cometido outra acção pelo menos controversa. Enquanto no 11 de Novembro toda a cidade estava parada, estabelecimentos e comércio fechados, comemorando o facto fundador do novo país, ele abriu a loja. E esta decisão foi questionável porque muitos consideraram falta de respeito aquele patrício não acatar o feriado, aquele feriado sagrado. Mas, por outro lado, as pessoas que assim puderam encontrar um sítio onde comprar a fuba e o peixe seco para celebrar os festejos, agradeceram o sacrifício patriótico de trabalhar enquanto os outros dançavam. Nesse dia ele abriu de facto só de manhã, fechou à tarde. Tinha vendido mais do que nunca, dava para completar a compra de chapas e rodear completamente o quintal, sua única preocupação no momento. Entretanto, de manhã, ouvindo os comentários dos fregueses, quase nenhum tendo dormido, percebia como a política lhe entrava pela porta,

mesmo dela querendo sempre fugir. Porque uns diziam ele era um benfeitor e outros ele era um traidor, caxico do branco que lhe mandara abrir a loja mas não ousava aparecer. E ele lá explicava, se os clientes eram habituais e valiam a pena, sô Amílcar bazara já faz uns dias, ele ficara a tomar conta da loja e a decisão tinha sido dele mesmo, achou as pessoas iam ter dificuldades em arranjar de comer, ao menos ele lhes vendia qualquer coisa, estava a fazer mal a alguém? Isso era política, ele estava a fazer política, sabia muito bem. E não teve comichão de sarna, não precisou se coçar. Ainda por cima tinha arrecadado uma boa maquia que asseguraria a vedação da sua propriedade. Dias depois, com as obras concluídas, escreveu nas chapas como muitos outros tinham feito na parede exterior das casas e quintais, «Não encosta ou penetra, propriedade de camarada do MPLA».

Para tornar verídica a afirmação anterior, aproveitou a vinda de Sebastião da frente de batalha para tentar uma inscrição no MPLA, o amigo era testemunha ele sempre tinha tido ideias nacionalistas, um verdadeiro militante, embora sem andar por aí a gritar aos quatro ventos. Sebastião primeiro contou as suas coisas, como tinham repellido o inimigo na frente norte, como os internacionalistas cubanos chegaram com armas terríveis que puseram para correr os mercenários e zairenses, como avançavam agora conquistando terreno. Que no sul do Kwanza as coisas também tinham estacionado, os sul-africanos finalmente travados no rio Keve, um dia os camaradas passariam à contra-ofensiva, a vitória se anunciava timidamente embora. Vinha entusiasmado, Sebastião, trazia cheiro de pólvora. Mas depois perguntou o porquê daquele muro de chapa e Caposso lhe explicou os mambos todos de sô Amílcar e a sua iniciativa de fechar o espaço, com a Independência nunca se sabe, o povo pode tentar ocupar tudo o que

pareça abandonado e ele não queria nenhuma cubata no terreno contíguo à loja, afinal era sua agora.

— Pensamento de pequeno-burguês, Caposso. Estás um pequeno-burguês, um reaccionário. Já estás a defender a tua propriedade e falando mal do povo.

Sebastião debitou muitas coisas, deu uma lição completa sobre as origens do capitalismo e a sua influência na mentalidade das pessoas, mas não soube responder à questão de Caposso:

— Então, devia abrir as portas da loja e dizer ao povo levem tudo, é vosso? Se sô Amílcar queria isso, por que não fez?

O amigo ainda argumentou contra o espírito pequeno-burguês, mais uma longa lição saiu, mas Caposso agora já tinha perdido o medo de discutir política, defendeu aguerridamente as suas ideias, sobretudo a sua recente propriedade. Por isso Sebastião, agastado, não aceitou levá-lo ao comité do MPLA para se inscrever e aproveitou dizer ainda não fui a casa ver a família, depois a gente se encontra, o que era uma maneira elegante de acabar a amizade, como constataria mais tarde Caposso, pois o amigo nunca mais apareceu nem pela loja nem pelos arredores. Voltou a vê-lo só anos mais tarde, muito mais tarde, embora tivesse algumas notícias das suas aventuras e desventuras. Soube notícias sobre o pai cipaio, encontrou a informação num jornal, tinha sido integrado na nova polícia depois de um curso político intensivo e ocupava um lugar de algum destaque na corporação, compensando a falta de quadros experientes em manutenção da ordem pública.

É preciso dizer que Caposso ficou realmente preocupado por não ter tido o apoio de Sebastião para se inscrever no Movimento. Pelo que ia se apercebendo nos meses seguintes, sobretudo depois de todos os inimigos terem sido expulsos para lá das fronteiras, possuir um cartão de membro era fundamental para qualquer coisa.

Se nem sempre resolvia todos os problemas, ajudava no entanto muito. Lendo o jornal governamental e ouvindo rádio e as conversas que passavam na loja, cada vez mais vazia de mercadorias, ia aprendendo as coisas. Até que ouviu um cliente falar para outro, tinha conseguido arranjar amizade com um tipo que trabalhava num dos comités do Departamento de Massas, uma coisa importante, onde eram normalmente admitidos os membros. Caposso gastou toda a sua simpatia para ele, implorando um apoio, a loja precisava urgentemente de alguém a dar um empurrão e a única maneira era ele se inscrever, mas parecia difícil, havia procedimentos funcionando afinal como barreiras. No fundo a manutenção da loja era do interesse de todos, dele claro, mas também da população do bairro. O freguês concordou, eu apresento-o ao meu amigo mas depois é consigo, nem quero saber de mais nada, e leve a carteira recheada.

Fechou a loja, pôs um papel anunciando que assunto inadiável o obrigava a só abrir da parte da tarde, e rumaram ao comité, onde foi de facto apresentado pelo freguês a um funcionário desdentado e com cara de muita fome. O apresentador foi embora com um aperto de mão ao desdentado e um aceno para Caposso e este puxou de toda a lábia para mostrar empenho, desde quase criança, em fazer parte do glorioso Movimento que tinha conseguido arrancar a independência das mãos gulosas dos colonialistas, ao que o funcionário contrapôs imediatamente e de forma pouco amistosa, sem testemunhas é muito difícil ser admitido, compreende, há muita gente que era da pide ou dos movimentos inimigos e querem entrar na organização para sabotar pelo interior, nós temos de evitar as infiltrações, mas cochichando a seguir, claro que algumas notas tapam os buracos e evitam as infiltrações e ele suando perguntou quanto era preciso para tapar os vazamentos, tendo

obtido resposta satisfatória, tinha o suficiente no bolso. Deu então os dados que o outro pedia para preencher uma ficha e o respectivo cartão.

— Nome?

— Vladimiro Caposso.

— Vladimiro?

— Como o Lenine. O meu pai era um revolucionário há muitos anos.

— E a administração colonial aceitou? Era nome proibido.

— Por isso nunca fui registado. Vivi na clandestinidade.

O outro escreveu laboriosamente, impressionado. Escrevia muito devagar, não sendo fácil descobrir se por ser quase analfabeto se por perfeccionismo caligráfico.

— Naturalidade?

— Catete.

O funcionário escreveu mas levantou os olhos para ele. Caposso não sabia dizer se os olhos do outro denotavam admiração, respeito, ou ressentimento, ainda não tinha treinado esses dons de adivinhar nas caras os sentimentos.

— Profissão?

— Empregado comercial.

Tinha já percebido, era inconveniente declarar ser dono de loja, mas também não dava dizer sou operário, devia se notar não tinha aspecto e talvez fosse preciso justificar mais tarde com papelada que nunca conseguiria. Ao passo que poderia sempre forjar que era seu próprio empregado, bastava um papel da loja e uma assinatura de Amílcar Cruz, ninguém ia mesmo pedir comprovação da assinatura do bazante. Afinal não era preciso papel nenhum, o funcionário estava disposto a facilitar tudo, um kamba porreiro, verdadeiro patriota.

— O cartão só fica pronto amanhã. Não está aí o camarada responsável que o vai assinar e carimbar. Só ele guarda o carimbo.

Caposso passou no dia seguinte e de facto estava pronto o abençoado cartão que poderia abrir-lhe muitas portas, com um nome que metia respeito e uma terra de origem de onde vinha gente famosa, sempre pronta a dar ajuda a um parente, pois era voz corrente, todos os catetenses eram parentes e muito unidos. Más línguas diziam que era por ser terra sem importância, com apenas meia dúzia de pessoas. E o problema teórico logo se pôs, se são poucos e todos se conhecem, como fazer para não ser desmascarado?

Foi passando os tempos livres na loja e outros momentos no quarto de arrumos, reconstruindo uma família toda desaparecida ao longo dos anos, sendo ele o último sobrevivente da perfídia do poder colonial o qual tinha espalhado desde o século anterior a estirpe pelo país inteiro e perseguido o avô e o pai por serem enfermeiros, a classe revolucionária por excelência, o qual pai escondia sempre a ascendência dos seus e mudara de nome para poder escapar à sanha assassina dos algozes tugas, o que não evitou ter morrido em circunstâncias muito estranhas, provavelmente envenenado por alguma picadela dada à sucapa por agente da pide, essas coisas existiam. De maneira que não podia apresentar nenhum parente vivo e nem sabia o verdadeiro nome do pai, apenas Caposso, que até podia ser nome de clandestinidade ou então um nome de infância do kimbo, nada podia dizer. O pai, nos últimos tempos de vida, falava em alguns nomes muito conhecidos de famílias de Catete, talvez subentendendo laços de parentesco, mas nunca tinha sido afirmativo, como a evitar metê-lo em problemas, quanto menos souberes menos perigos corres. Trabalhou e retrabalhou o discurso para criar o contrário de uma linha genealógica, isto é, a ausência de ascendentes. A única irresistível concessão que o pai fizera à sua nobre estirpe e por respeito revolucionário em relação à tradição

africana, foi levar a mãe grávida para uma aldeia próxima de Caxicane, Catete, onde deu à luz no sítio dos antepassados e sob a bênção dos espíritos tutelares, fugindo logo de seguida para o outro lado do Cuanza, apagando pistas, por isso durante muito tempo pensara ter nascido em Calulo, onde passou os primeiros tempos da infância, até o pai o esclarecer do segredo tão bem guardado, o seu nascimento clandestino em Catete. Ao contar e recontar a si próprio a estória do seu nascimento e da família ilustre que se escondia no anonimato do passado paterno, quase acreditava, vinham-lhe lágrimas aos olhos, tão parecido tudo com o que acontecera com alguns personagens grados da Bíblia, livro que o pai lhe lia nas horas vagas, inclusive com fugas de recém-nascidos, neste caso não sendo para o Egipto mas para o Cuanza-Sul, terra também de muitos mistérios e religiões seculares. Mais um pouco e Vladimiro Caposso lamentava não ter acrescentado o nome Jesus ou Moisés no meio do seu, fazendo a ligação lógica com passados ainda mais antigos e sagrados.

Escondeu o bilhete de identidade do período colonial numa malita velha trazida do Cuanza-Sul com a roupa. Nesse BI constava como José Caposso e natural de Calulo, sem profissão. O cartão do Éme bastava, com muito mais proveito, para todas as exigências. Pelo menos, por enquanto. Soubera tempos antes, aquela malta toda que veio das matas somente tinha essa documentação, uns porque nunca possuíam mesmo outra, alguns por a terem queimado, recusando papéis onde apareciam com os designativos ofensivos do passado colonial. Não lhe custou nada abandonar o José, efectivamente só o pai lhe chamava assim, porque para os outros era Caposso e se alguém queria distinguir entre os dois referia Caposso pai ou Caposso filho. José portanto não foi substituído por Vladimiro, apenas caiu por desuso. Foi nesta altura também que arranjou uma

assinatura revolucionária, capaz de fazer inveja àqueles heróis vindos da mata. Passou a assinar VC, assim mesmo, com maiúsculas, com o C aproveitando se cruzar com o segundo braço do V, explicando para quem não sabia que não só era o seu nome mas como VC significava também a Vitória é Certa, principal palavra de ordem do MPLA, que inspirara o nome do jornal do Movimento e cujas iniciais, ditas em inglês, ViCi, eram o nome da principal base na Zâmbia, nos tempos da luta de libertação. Quem poderia imaginar uma assinatura mais revolucionária?

De Portugal não vinham notícias, sô Amílcar parecia decidido a ficar pelas suas terras do Alentejo. Mas também não mandava os papéis da doação, de forma a poder legalizar tudo em seu nome. Ia perguntando, como quem não quer a coisa, a pessoas que se davam ares de conhecer as leis, como se fazia para os registos de propriedade de casas e terrenos, mas as respostas eram vagas, ninguém sabia nada, o novo regime não se cansava muito em registar coisas, até mesmo acontecimentos, apenas ia confiscando o que estava abandonado, mesmo se pequeno, mais preocupado em dominar os negócios importantes, diamantes e petróleo. Ouvia notícias de que as grandes fazendas de café, largadas pelos donos coloniais, eram geridas por colectivos de trabalhadores, bem como algumas fábricas, mas não tardaria o Estado nacionalizar as coisas e nomear directores, embora para as pequenas padarias, lojas e ximbecos como o dele parecesse não haver directivas, iam deixando andar.

Deixando andar não era bem dito, deixando morrer seria mais correcto. Porque os produtos iam terminando e não havia sítio onde comprar mais. Ele tinha dinheiro escondido num saco por baixo do que restava de fuba, mas onde podia comprar os produtos prestes a esgotar? No Comércio Interno, tinham dito. Mas o dito ministério

não tinha nada, os barcos não chegavam aos portos e do interior pouco vinha. Um dia decidiu ir ao mercado de S. Paulo e falou com um homem de uma camioneta fazendo regularmente o trajecto do interior. Comprava o que ele trouxesse. De facto, uma semana depois, apareceu o homem com uma carrada inteira de bombó. Era muita coisa só da mesma mercadoria mas se recusasse não teria mais. O que fazer com aquela mandioca toda, sem estar reduzida a farinha? Aceitou mesmo assim, o camionista levou todas as economias dele. Foi um enorme risco, é preciso confessar. Vendeu aos poucos o bombó, as pessoas compravam para assar ou mesmo para pilar nos quintais, fugindo assim do arroz de todos os dias. As latas de conservas já tinham desaparecido das prateleiras, o óleo alimentar também, só algumas massas ainda persistiam, vindas de uma fábrica em Viana que resistia, até quando? Com o dinheiro do bombó foi à Ilha tentar comprar peixe seco, mas nada encontrou. Os pescadores já não secavam o peixe, vendiam fresco tudo o que podiam pescar e mesmo assim havia luta entre as mulheres pelos peixes-espadas apanhados. Anteriormente, o peixe seco vinha de Benguela, mas as frotas de barcos tinham bazado com os donos para a Europa e para a África do Sul, as empresas de secagem e conservas estavam fechadas, e os pequenos barcos da pesca artesanal não chegavam para as encomendas. Decidiu não voltar à Ilha e desistir do negócio do peixe seco, já era. Ainda por cima teve de ir a pé, uma grande distância, pois os transportes públicos desapareceram quase repentinamente e nem uma bicicleta tinha. Alguém mais versado nestas coisas da economia que os seus amigos ou fregueses habituais teria explicado, os circuitos comerciais tradicionais estavam rompidos, o comércio externo passara a monopólio estatal e precisava de tempo para ser organizado e poucos tinham noção do que isso implicava.

Além do mais, não havia crédito para um país do Terceiro Mundo com um regime ainda mal reconhecido internacionalmente. O que salvava tudo era haver algum ouro no Tesouro Nacional, com o qual se podia fazer compras no exterior, e o petróleo a ser extraído regularmente em Cabinda pelos americanos, então inimigos. Não havia meios de transporte suficientes para escoar a produção dos agricultores e, sobretudo, tinham desaparecido os intermediários que faziam a ponte entre o campo e a cidade. Muitos negócios como o seu iam fechando, as pessoas tentando descobrir novos rumos. Caposso pela prática foi compreendendo que afinal o trabalho de fubeiro não era tão fácil como lhe parecera à primeira vista e que a sua prosperidade não estava nada assegurada.

Entretanto tinha sido incorporado num grupo de acção do bairro, nome sob o qual se agrupavam na época os membros do Movimento para militarem. Tinham reunião semanalmente, onde ouviam prelecções sobre a política para o país, denúncias dos vários inimigos ideológicos, e onde preparavam a participação em comícios nas datas festivas. Aos comícios iam todos juntos e as faltas tinham de ser justificadas. Caposso em breve estava farto das reuniões em que nada acontecia, mas militância obriga, assim como pagar mensalmente uma quota simbólica. Às vezes queixava na reunião do grupo de acção, o Comércio Interno não nos distribui os produtos, qualquer dia vou fechar. E os camaradas incentivavam-no a persistir com determinação espartana, a loja fazia falta ao povo do bairro, a sua abnegação pelo povo ia ser recompensada um dia. Caposso achava curioso, mas nessas reuniões em que toda a pequena-burguesia era estigmatizada, nunca ninguém se lembrou de lhe chamar pequeno-burguês, antes lhe estavam agradecidos. Os camaradas do tipo Sebastião Lopes, mais radicais nos objectivos e nas palavras, iam sendo progressivamente

afastados dos grupos, ficavam se encontrando em comités clandestinos, apodados de inimigos de classe pelo coordenador do grupo de acção, tudo um pouco confuso mas era assim mesmo.

Voltava das reuniões para a loja vazia, olhava as prateleiras e dizia para si próprio, só não fecho porque não tenho para onde ir. Era mesmo melhor arranjar um emprego qualquer e usar aquelas paredes para uma residência mais confortável que o quarto de arrumos. Talvez identicamente pensassem alguns fregueses, como a Nga Maria que um dia lhe entrou pela loja dentro:

— Hi, nem sabão tem?

— Nada, mamã, só bombó.

— Como vou lavar o corpo com bombó?

— Foi só o que pude arranjar.

A velha saiu resmungando, não sei para quê tens isto aberto se é só para vender bombó que também aparece no mercado. E um dia mesmo o bombó acabou, o camionista nunca mais apareceu. Às vezes vinham lhe vender umas frutas, também alguns legumes. E um dia apareceu uma camioneta com latas de leite em pó, objecto de uma importação enorme feita pelo governo, o qual teve de distribuir as latas por todos os pontos de venda antes que os bichos tomassem conta do leite. Tanta lata havia que a população não as conseguia consumir imediatamente. Toda a gente sabe, o funji é a maneira tradicional de comer qualquer farinha, por isso se voltava às raízes para deleite dos tradicionalistas e se comia funje de leite de manhã e à noite. A loja durante algum tempo ficou atulhada de latas, virou leitaria, dizia ele a gozar de si próprio e das suas desgraças na reunião do grupo de acção.

Mais de um ano tinha passado desde a independência quando apareceu um fiscal perguntando pelo alvará. Mostrou os papéis que sô Amílcar lhe deixara. Parecia tudo em ordem. Mas fiscal é mesmo assim, tem de

encontrar sempre alguma coisa para implicar, senão sente não estar a merecer o salário, mesmo se miserável.

— Precisa de pagar imposto. Estamos a cobrar agora.

A quantia que ele disse era uma exorbitância, pelo menos para o entendimento do novel comerciante, a loja inteira, com paredes e chapas à volta, não valia aquilo tudo.

— Como vou pagar tanto se o Comércio Interno só me trouxe leite em pó e mesmo isso uma única vez? Não vê a loja está vazia? Não tenho dinheiro para pagar.

— Se não pagar, a loja é fechada. Se for discutir lá no ministério, pode ser que façam um abatimento, atendendo à situação. Mas isso já não sou eu a decidir, sou apenas um fiscal.

— Mesmo que façam abatimento, onde vou arranjar o dinheiro? Não vendo quase nada...

— Não é meu problema. Tem um mês para pagar. Depois retiramos o alvará e sem alvará não há comércio. São os regulamentos.

— Julguei depois da Independência a vida ia ser mais fácil. Vocês estão a complicar a vida do povo. O Movimento vai saber disto.

E puxou do cartão de membro, na evidente intenção de intimidar o fiscal. O homem não se impressionou com a ameaça, devia ser algum reaccionário adepto dos tempos antigos, talvez um cipaio de alma branca, pensamento desesperado e bastante politizado de Caposso. No entanto o outro respondeu com voz branda:

— Também tenho cartão, temos todos, camarada. Isto não é nada político, são normas, regulamentos...

— Do colonialismo...

— Sim, mas não há outros. Enquanto não os mudarem...

— Então mudem depressa.

— Isso não é comigo. E digo-lhe mais, como camarada. Esse papel que tem, essa procuração, qualquer dia também deixa de valer. Essas coisas não são eternas. Se quer um conselho, trate de legalizar a casa por outros meios. Há sempre alguém com influência que pode dar um jeito.

O fiscal não pediu nada de presente, apesar de ter sido prolífico em conselhos, afinal. Chegava mesmo a dar a entender que o caso podia ser resolvido por corrupção ou jogo de influências. Caposso não tinha ninguém altamente colocado, o mais graduado conhecido era o coordenador do grupo de acção e esse certamente não chegava lá acima. Ainda bem o fiscal compreendeu a situação dele e não tentou auferir alguma coisa, só lhe poderia dar leite em pó e disso estava ele certamente farto. Ou então o fiscal era esperto, sabia onde podia pedir gorjeta. Fechou a porta, se atirou para o colchão no quarto de arrumos, acabou, esta loja passa a ser apenas residência. Tinha uns tempos para descobrir nova profissão. Como diria o antigo amigo Sebastião, ele se proletarizara, de pequeno-burguês passava a pequenino burguês e isso porque ainda tinha uma casa. Até ver...

Setembro de 1978

Viu muita coisa, entretanto. Viu por exemplo a barriga de Bebiana inchar, estou grávida, o que era um grande problema, sobretudo com a família dela. Agora, em Setembro, Djamila tinha nascido. E Bebiana ia mudar para casa dele, passariam a viver juntos. Mas vamos por partes, há muito ainda a contar. Primeiro Bebiana...

Bebiana cresceu, pedaço a pedaço, à frente dele. Antigamente, quando Caposso foi para o Marçal, era uma menina magra que muitas vezes vinha fazer compras na loja. Sô Amílcar costumava se meter com ela, então levava tão poucas coisas, por isso estás magrinha, ou é o teu pai que come tudo? De facto o pai dela era um tipo grande e mal-encarado, com grande barriga, o que na época era invulgar entre os patrícios, quase todos subalimentados. Mais tarde Caposso veio a saber o futuro sogro tinha doença, barriga de água lhe chamavam, e até nem comia muito e menos bebia, abstinência total. Mas a doença da barriga grande e os comentários suscitados por ela tornaram-no mal-humorado, andava sempre a xingar toda a gente, a querer bater nos mais fracos, a ameaçar correr atrás das crianças. Ameaçava só, as crianças gozavam, ele nem podia correr com aquela volumosa barriga. Um dia foi à loja e encarou com o recém-admitido Caposso, aproveitou logo dizer a sô Amílcar, cuidado com este, não me engana, também tem cara de malandro como o outro. Se pensava em antigos roubos como os cometidos pelo anterior empregado de sô Amílcar estaria enganado, mas numa coisa de que não podia suspeitar estava certo, Caposso ia lhe roubar o cabaço da filha, bem mais tarde.

Quando ela começou a encher as partes magras e a se tornar numa bonita rapariga, o empregado de loja correspondeu à descoberta dos encantos com miradas cada vez mais prolongadas e sussurradas palavras de carinho, durante as compras. Ela deve ter notado os olhos gulosos, apreciado o mel enrolado nas palavras, ficou agradada, se tornou das freguesas mais assíduas, mesmo quando a loja só tinha leite em pó. Deve ter sido mesmo ela a comprar a última lata de leite, na altura em que lhe fecharam a loja por falta de pagamento dos impostos.

Foi nessa altura, VC teve de procurar emprego. Um camarada do grupo de acção, Ismael de Andrade, por feliz coincidência natural de Catete, tinha ficado muito impressionado com a estória da família dividida pelo país, se desconhecendo uns aos outros, que Caposso tinha contado ao integrar o grupo, num relato comovente pela maneira modesta mas sentida como contava as coisas, quase pedindo desculpa por ser filho e neto de mártires da colonização. Mais-velho Ismael, já com uns cinquenta anos, resolveu tomar o pobre rapaz sob sua protecção, não só por se tratar do filho de um grande patriota que sofrera na carne as consequências de sempre ter lutado contra a tirania, como também por pressentir um vago parentesco com um presumível antepassado de Caposso, segundo as evasivas explicações do pai a este antes de morrer, conforme já tomámos conhecimento. Muitas vezes a reunião se passava na casa de Ismael, pois tinha uma sala maior que as dos outros membros do grupo, muitos sem sala sequer. Vladimiro acabou por conhecer a família e quase ser considerado parte dela, muitas vezes convidado para almoçar aos sábados. Assim se recompensava um presumível órfão da linhagem com algum carinho. Quando o coordenador do grupo de acção foi transferido para outro sítio, Caposso fez campanha para ser eleito

como novo coordenador o mais-velho Ismael, ganhando definitivamente a gratidão deste, apesar de um outro ter sido escolhido. Pois bem, Ismael tinha conhecimentos sólidos no Ministério da Educação e foi apresentar VC a um director recentemente nomeado. Não mandou só um bilhete de recomendação, acompanhou pessoalmente, abandonou trabalho e tudo, o que revela a estima que tinha pelo rapaz caído na desgraça. O director recebeu-os muito bem, tinha parentesco com Ismael, e depois de ouvida a estória também admitiu ser provável familiar de Caposso, o nome aliás lhe dizia qualquer coisa, vaga lembrança de alguém tendo escolhido o nome de Caposso para fugir às investidas da pide, se comentava na terra. O grande problema para a admissão como funcionário seria a falta de documentos porque, como teve de explicar Vladimiro, os certificados das escolas estavam passados no nome de José Caposso. O director foi claro, não podiam admitir analfabetos no Ministério da Educação, seria um contra-senso embora tivesse de admitir conhecer ainda alguns, os quais iam no entanto ser rapidamente superados com a campanha de alfabetização para adultos já iniciada. O rapaz mostrou os papéis que certificavam ter feito seis anos de escola, não era nada mau para a época, muitos professores recentemente recrutados só tinham quatro anos de escolaridade. O problema era o nome, pois nunca tinha sido oficialmente registado, e o facto de ter aqueles papéis era fruto de felizes coincidências. O director estranhou, no tempo colonial era preciso ter bilhete de identidade para frequentar a escola e sobretudo para fazer o exame da quarta classe, o tal que tornava um patrício indígena num português de quase pleno direito. Caposso já amaldiçoava a ideia de ter mudado de nome para impressionar o Movimento, agora não podia apresentar o seu verdadeiro BI do tempo colonial. Deu uma explicação enrolada, que as escolas do interior não

tinham por vezes essas exigências burocráticas, um director de escola era cúmplice do pai na política, por isso facilitou as coisas. Mas seria muito melhor arranjar-te BI com o nome de José, esquecendo o Vladimiro que teu pai insistia em te pôr, no que Caposso concordou, acho isso foi exagero paterno, ele era um comunista assumido e rígido, estou a ver, no que foi confirmado por mais-velho Ismael, sabes como é, director, esses revolucionários nunca transigiam, aceitando todos os sacrifícios, por isso ganharam a independência para nós e temos de lhes permanecer muito gratos.

— E agora estamos com o nosso rapaz cheio de problemas, a precisar urgentemente de emprego — rematou Ismael de Andrade. — E talvez sem o conseguir só porque o pai não quis registá-lo com um nome comum, que depois usou para os certificados. Essa injustiça do tempo colonial não pode ser corrigida agora?

O director queria satisfazer o desejo de mais-velho Ismael, pessoa de muito respeito e da mesma terra. Teve uma ideia. Disse, coçando a carapinha já com alguns veios brancos, talvez não seja muito legal, mas os ficheiros da educação estão numa confusão, sobretudo nas províncias, com a guerra muitas papeladas das escolas foram queimadas ou dispersas pelo vento, as repartições ocupadas por soldados que rebuscavam tudo à procura de armas ou panfletos, de maneira que já aconteceu termos de atestar aqui algumas habilitações perdidas no interior. Chamou a secretária, ditou um certificado reconhecendo que Vladimiro Caposso tem a 6.^a classe feita em escola X de Novo Redondo. Assinou, mandou carimbar, uma das cópias ficou no gabinete para justificar a contratação do jovem como funcionário do ministério. Depois se veria onde funcionar, mas avançou sugerir a Caposso, pensa naquilo que gostarias de fazer aqui na Educação, embora haja ainda uma formalidade,

tens de arranjar um BI, estão a emitir os novos, com duas testemunhas eles aceitam.

O que foi fácil de fazer. Com Ismael de Andrade, mais uma vez ele, e seu filho Afonso servindo de testemunhas no registo, Caposso obteve bilhete de identidade como Vladimiro e natural de Catete, como no cartão do MPLA, como nos certificados de habilitações, tudo a condizer. Um passado repintado e agora absolutamente legal, sólido e eterno. Pôs no BI a sua célebre assinatura revolucionária, VC. Queimou o bilhete colonial e apagou definitivamente a sua naturalidade calulense, nem queria ouvir mais falar de tal terra desgraçada onde ficara a mãe feiticeira. Entretanto rejeitou a primeira sugestão do director, professor não queria ser, faltava-lhe o jeito para isso. Acabou por ficar mesmo no gabinete dele como ajudante do secretariado, uma espécie de recepcionista e estafeta. Um sonho dele, segredou ao director e seu novo chefe, era ser motorista, mas não tinha carta de condução. Se o chefe autorizasse as ausências, algumas vezes por semana ele frequentaria a escola de condução para obter a carta. Quando foi saber o preço levou um susto, não tinha aquele dinheiro, mas conseguiu facilidades de pagamento, remunerando aula a aula. Conseguiu mesmo a carta ao fim de dois meses, não era parvo nenhum. E foi então nomeado motorista do director, que nessa altura teve direito a um dos primeiros carros de serviço distribuídos aos funcionários superiores. Ao volante do carro novinho em folha, Caposso se orgulhava de ter como chefe uma pessoa de tão alto merecimento.

Começou a conversar mais assiduamente com Bebianá, quando ela passava perto da casa ao fim da tarde. Ela sempre perguntava quando a loja abria de novo, as estatais ficavam longe e era muito complicado, bichas enormes e tudo racionado. E ele, todo ufano, dizendo não abria mais a loja, agora trabalhava no

Ministério da Educação, era funcionário público, um dia destes ia convidá-la para dar uma volta de carro, ela rindo, atrevido e aldrabão, como é que vou acreditar em você, tens carro aonde?

Teve mesmo de acreditar, ele apareceu guiando o carro reluzente, queres dar um passeio? O director nunca saía nas horas do trabalho, nunca tinha reuniões fora, era um burocrata do interior do ministério, de rotinas solidificadas. A sua tarefa como motorista era levá-lo a casa para almoçar e depois fazê-lo regressar ao ministério. O carro dormia na casa do director, portanto o muata levava de manhã o carro para o serviço e trazia-o à tarde. No meio, Caposso podia fazer algum recado, levar uma carta no correio ou um ofício para alguma escola, coisas assim. Passava o dia lavando o carro e depois conversando com os colegas, os quais lhe contavam ser o director muito malvisto por ter motorista, só o ministro tinha e mesmo assim guiava muitas vezes o próprio carro. Os outros directores estavam furiosos com o colega abusador de prerrogativas, no fundo cheios de inveja, e ele, VC, era considerado um reles protegido por razões tribais, és da tribo que manda. Já tinha aprendido umas coisas nas reuniões do grupo de acção e tinha mesmo lido um texto escrito pelo camarada Dilolwa durante a luta de libertação chamado «Contra o Tribalismo», discutido entusiasticamente no grupo. Considerar Catete uma tribo era erro antropológico primário de ignorantes, não merecia sequer resposta, não ligou.

Agora estava à frente de Bebiana, acariciando o volante do carro novo, mas sobe então, vamos dar uma volta. Ela abriu a porta e entrou, encantada. Foram passear até à Ilha, conversando animadamente as coisas do bairro e sem ele tentar sequer lhe tocar na mão. Às cinco da tarde depositou-a perto de casa, voltou ao ministério, mesmo a tempo. Pouco depois saía o director,

sempre pontual, para levar o carro para casa. E Caposso voltou para a sua, desta vez a pé. No entanto, feliz da vida.

Foi assim o namoro com a Bebiana, crescendo cada vez mais bonita, e os primeiros tempos no ministério. Tudo a correr bem. Tão satisfeito andava que mal se apercebeu das lutas políticas ocorrendo no interior do Movimento. É preciso dizer, o seu grupo de acção era de somenos importância, na maior parte constituído por pessoas desempregadas ou já velhas, que se reuniam no bairro para discutir os documentos e preparar participação em celebrações. Até estoirar o 27 de Maio de 1977, com um levantamento de militantes, mortes, e depois prisões em massa e execuções. O grupo de acção foi obrigado a tomar conhecimento e posição, a lei militar imperava na cidade e os mujimbo corriam soltos. Mais tarde, tiveram mesmo de ler alguns papéis enviados pela direcção explicando os mambos, além do que aparecia nos meios de comunicação. Foi só nessa altura ele soube do Sebastião Lopes, preso já uns meses antes por razões políticas, mas não ligadas ao levantamento do 27. Falaram dele na reunião do grupo de acção, fazia parte de um comité clandestino que tinha sido decapitado e uma grande parte dos membros tinha ido para a cadeia, lhes acusavam de esquerdistas. Caposso só falou, Sebastião de facto tinha umas ideias... mais não disse, logo outro camarada lamentou a tristeza do pai, um patriota dedicado à ordem e à polícia nacional ter um filho daqueles, uma vergonha, ninguém sentindo coragem de lembrar que o pai de Sebastião tinha sido cipaio colonial, antes odiado, hoje um dos orgulhos do bairro. Para dizer a verdade, antes Sebastião é que tinha vergonha da profissão do pai, agora parecia ser o pai a ter vergonha das posições demasiado radicais do filho, ironia das coisas da política. Apesar de não estar implicado no levantamento, Sebastião não foi solto e

ainda ia ficar uns tempos na cadeia. Caposso encontrou-o por acaso na altura em que foi pai pela primeira vez. Lá chegaremos...

Depois do 27 de Maio e subsequente repressão, época em que todos desconfiavam de todos e as reuniões no grupo de acção se tornaram tensas, cada um tendo medo de falar o que lhe ia na alma, começou a ser preparado o Congresso que ia mudar o MPLA de movimento para partido. Um dia apareceram umas teses longas e complicadas para os militantes discutirem e darem sugestões de emendas, acréscimos ou propostas. Textos compridos e chatos, no pensamento secreto de Caposso, realmente nem os leu. Mesmo o que dizia respeito à educação, sector onde actuava, não lhe mereceu a menor atenção. A discussão dessas teses no grupo de acção foi rapidíssima, ninguém estava para se maçar nem tinha ideias. Foram todas aprovadas sem emendas, um modelo de perfeição.

Afinal o tal Congresso deu um empurrão à sua vida, de maneira indirecta. Não participou nele, ninguém do grupo de acção foi escolhido como delegado, mas a criação de um partido mais restrito exigia enormes mudanças. Deixou de haver grupos de acção, haveria células, e nem todos os membros do Movimento tinham direito de entrar no Partido, para isso existindo reuniões para peneirar entre os merecedores e os pecadores, processo que se chamou de rectificação. Caposso nem chegou a ser avaliado nessas reuniões magnas, espécie de tribunal em que se devassava a vida e as ideias de cada pessoa para ver a que campo pertenceriam, dos merecedores ou dos pecadores. Dada a sua baixa idade, rondava os vinte e dois anos, foi automaticamente enviado para a Juventude do Partido e aí os procedimentos eram relativamente simples. Para ele foi óptimo, as coisas eram bem mais animadas na Jota, organizavam jogos de futebol, festas, comemorações,

festivals de música, passeios, comícios, etc., aliando a política ao entretenimento. Algumas vezes levava a Bebiana a essas excursões político-culturais e numa delas engravidou-a.

Na Jota dedicou-se ao futebol. Não como jogador, tinha medo de partir alguma perna e ficar malvisto, aprendera a temer a sua própria agressividade. Participou na organização. Até já achava graça às reuniões, ficava atento a elas, porque depois sempre teria oportunidade de propor um jogo, um torneio, ou pedir os apoios necessários para os realizar e os camaradas com quem colaborar. Em breve se tornou conhecido pelo entusiasmo e capacidade emprestados a essa actividade. Os camaradas por vezes insistiam, gostas tanto de futebol e não tocas numa bola, não pode ser, vem treinar connosco, mas ele era um rochedo de sabedoria, ninguém o demovia, gosto é de arranjar as coisas, dizia, se houvesse um curso talvez até estudasse para treinador, mas assim fico mesmo só pelos bastidores, me dá gozo. E utilizava o carro do serviço, por vezes com consentimento do director, outras vezes de caxexe, para militar nesses futebolis. Para provar ao director a sua capacidade organizativa, nunca se sabia que planta nasce de uma semente atirada à toa, convenceu-o um dia a assistir a um torneio preparado por ele. O director ficou impressionado com o entusiasmo de VC e a admiração dos camaradas pela sua capacidade de organização. No regresso, o mais-velho confessou:

— Acho que devias mudar de sector. Tenho pena de te perder como motorista, mas ficarias muito melhor na Direcção de Desporto Escolar. Podias dar um bom contributo.

Vladimiro recusou, estou muito bem consigo, o desporto é só para a Jota. Tinha muito respeito por quem dirigia o desporto escolar, um antigo atleta de eleição e músico prestigiado, mas adivinhava que o seu futuro não

devia ficar preso totalmente ao futebol, isso era apenas um passatempo e provável trampolim. O director não insistiu, também lhe convinha contar com um motorista assim, mas nos corredores do ministério e nos cafezinhos antes das reuniões várias vezes elogiava a capacidade de Caposso, comprovada por ele ao assistir ao último torneio, um verdadeiro líder jovem, cheio de energia e autoridade.

Talvez estes não fossem grandes argumentos para apresentar ao pai de Bebiana, cada vez mais preocupada, a barriga a crescer, a mãe ia notar mais cedo ou mais tarde, ou alguma vizinha, ou até um dos irmãos mais novos. Tinha de o levar a casa dela, mostrá-lo aos pais, este é o Caposso, meu namorado. Significava praticamente casar, rosnou VC, pouco convencido. Naquele momento não era muito importante casar com papel passado, ainda menos matrimónio religioso, a união de facto era comum e aceitável, sendo mesmo considerada como o mais revolucionário matrimónio pelos jovens activistas. O que significava no entanto a mesma coisa, responsabilidades acrescidas para ele. Bebiana era bonita mas não sabia fazer nada, além de tratar de uma casa. Ainda por cima grávida logo à partida. Era um peso, contrariava os seus planos imediatos. Mas de facto a barriga já começava a se notar, não dava para bazar, encheu de coragem, vamos falar com os teus pais.

Vestiu a camisola vermelha da Jota, sempre ajudava a apresentação, o futuro sogro era do partido. Depois, no seu quarto de dormir, aquele que antes tinha sido a loja, encheu o peito de ar, que podia temer? Ela estava grávida, tinha dezanove anos, num Estado revolucionário era maior mesmo sem ser emancipada, ele não negava responsabilidades, portanto os velhos só podiam aceitar e sem muito barulho. Se recusassem? Alegando ele não tinha condições, vivia numa casa pouco conveniente,

motorista era ocupação precária... Qual quê! Quem era Joaquim Antunes? Trabalhador do caminho-de-ferro, sem qualificação de monta, aposto que nem sequer uma miserável quarta classe tirou, com uma casa pouco maior que a minha mas amontoadada de filhos, francamente, não estava em condições de reclamar, até agradecia lhe levasse a filha, menos uma boca em casa. Tinha mau feitio, todos diziam no bairro, barriga de água, mas haveriam de se entender, não tinham outro remédio.

Porém a autoconfiança desfaleceu quando bateu à porta de casa de Bebiana. Já era tarde para recuar, entretanto. Eram seis e meia da tarde, hora combinada, Bebiana veio abrir e ele a tremer. O pai de barriga de água ainda não tinha chegado, estava a mãe e a cáfila de filhos, sete para além de Bebiana, a primogénita.

— Este é o Vladimiro — adiantou a namorada, muito vaidosa, lhe pegando na mão para o puxar para a salinha.

Ele apertou a mão da senhora, a qual antes limpou a sua na saia, gesto de humildade. Caposso gostou. E de repente voltou a sentir o peito cheio, afinal dominava a situação. Ficaram conversando sobre o bairro, ele sentado na melhor cadeira, a senhora numa outra com o tampo torto, Bebiana de pé e os irmãos fora da sala. Quando o pai chegou, já ele tinha conquistado a futura sogra com duas estórias passadas na sua loja, hoje apenas destinada a moradia como a senhora deve saber, mas ela não sabia, de facto há muito deixara de passar naquelas bandas, a Bebiana se encarregava das compras, ela não gostava de sair de casa, me sinto mais segura.

Joaquim Antunes estava na total ignorância. Cumprimentou VC sem mais preocupação, que queria na sua casa o rapaz que tinha ficado com a loja de sô Amílcar? E permaneceu no quarto um bom bocado, mudando de roupa. Foi preciso a mulher ir lhe buscar,

vem, o rapaz quer falar contigo. E isso é que era o mais difícil, falar. O casal de namorados tinha combinado explicar a situação incompletamente, pedir apenas consentimento de namoro, o resto vinha depois. Só que Joaquim Antunes, mal ouviu os primeiros bem, vim aqui para falar com o camarada, eu e a sua filha, interrompeu logo, quando é o casamento? Vladimiro perdeu a fala.

— Bem, sabe, camarada, não decidimos ainda...

— Então decidam rápido. Esta é uma casa de bem e sem casamento ela não sai daqui, *camarada*.

Carregou na palavra, aparentemente com ironia. Vladimiro estava desconcertado. O da barriga grande era muito dado àquela maneira de tratar as pessoas, sabia pela filha ele ser coordenador de uma célula do partido no caminho-de-ferro, um revolucionário operário. Porquê a ironia a carregar a palavra camarada?

— Diga-me uma coisa, camarada — voltou à carga mas desta vez não italizou a palavra. — É de Catete, não é?

Caposso assentiu, meio desconfiado, de facto a minha família é de lá. Sabia, o outro era de Malanje e a senhora dele também.

— Não tenho nada contra a gente de Catete, nem mesmo o partido aceitaria, somos todos angolanos — disse o camarada Antunes. — Mas entre vocês há uns tipos que têm manias de espertos, que mandam no país, os brancos até vos chamavam calcinhas.

Caposso baixou a cabeça, de forma a mostrar não ser nada esperto, humilde mesmo, até podia passar por matumbo se ajudasse a se safar da enrascada. A autoconfiança conseguida à custa da mãe de Bebiania ia para o esgoto da cozinha perante este volumoso camarada, sempre mal-humorado. Preferiu não responder ao que podia considerar uma provocação.

— Preciso ainda de fazer umas obras em casa. Depois disso podemos casar.

Bebiana fez cara de aflita. A questão das obras era novidade, que estava a dar na cabeça de Vladimiro? Este também não sabia, disse a primeira coisa que lhe veio à cabeça para desviar a conversa para assuntos mais terra-a-terra.

— Marquem a data e então falamos. Não precisa ser casamento mesmo, mas tem de ser uma coisa como deve ser.

O homem voltou para o quarto sem despedir e ficaram os três na sala olhando para o chão. A primeira a reagir foi Bebiana, vamos dar uma volta. E estendia a mão para VC, o qual aproveitou apertar a da mãe e quase fugir. Na rua, respirou fundo. O que queria dizer uma coisa como deve ser? Boda mesmo, com convidados e tudo? Pedido de casamento com carta embrulhada em pano de seda e garrafão de vinho, como era tradição? E pagamento de alembamento ainda por cima? O operário de barriga grande afinal era um tradicionalista e não um revolucionário? Perguntas que lhe enchiam a cabeça, mas que não adiantava pôr para fora, Bebiana estava tão abuamada quanto ele. Andaram um bocado calados pela rua, depois ela disse:

— Não foi bem o que pensámos.

— Não foi mesmo nada o que pensámos. Que é que o teu pai tem contra os de Catete? — foi a única coisa que lembrou de perguntar.

— É maka antiga, são terras muito rivais. Mas isso passou na igreja metodista, segundo falou um dia. E ele nem é metodista. Não sei o que deu nele. Nunca sei, passam-lhe assim umas nuvens pela cabeça, não deve ser muito normal.

— Com esse feitio, como foi eleito para coordenar uma célula? — perguntou Caposso, mais para si próprio. — O partido é coisa séria, não admite tipos estranhos a chefiar as estruturas.

— Devem ter medo dele, toda a gente tem. Ele fala o que lhe passa na cabeça, não tem kijila.

Deram mais uns passos, ela segurando a mão dele. Se encostaram a um muro, no escuro da rua, sem nenhum poste de iluminação a funcionar. Bebiana encostou a cara no ombro dele e ele passou a mão na barriga dela, sentiu o redondo do mona.

— Vai ser preciso contar depressa que estás grávida. A tua mãe já sabe?

— Ainda. Ele afinal vai ficar uma fera. A mãe tem de ajudar, só ela consegue lhe acalmar. Às vezes...

— Tenho de arranjar a casa depressa, ele vai te pôr na rua.

— Mas tens de arranjar o quê?

— Fazer cozinha, mesmo se for no quintal. E abrir uma porta com a casa de banho. Nunca percebi porquê sô Amílcar não fez isso. Onde já se viu casa de banho que tens de sair de casa para entrar nela?

— Muitas têm casa de banho fora.

— Casas de musseque. Isso é diferente, são latrinas e têm de ficar longe de casa. Mas a minha tem fossa, aquilo é casa de banho, não é latrina. Precisa é de uma porta a ligar à casa e fechar a outra porta.

— Pode ficar, Miro. Casa de banho com duas portas é fixe.

A conversa foi acalmando os dois, mais as carícias pelo meio. O que não resolvia o problema fundamental, o camarada Antunes tinha de saber que a filha estava grávida, maka do caraças, situação empírica como diziam os camaradas vindos do maquis.

Maka mesmo e mais cedo do que Caposso esperava, mas de desfecho imprevisível. O ferroviário soube dos mambos pela mulher, sem mesmo dar tempo para esta preparar o terreno. Ela começou devagarinho, palavra aqui, palavra ali, se aconchegando a ele na cama, mas ele não era nada parvo, único problema era ter barriga

de água, na cabeça não tinha água nenhuma, era tudo cérebro, percebeu logo, não me digas essa menina está prenha. E desandou para casa do rapaz, lhe bateu na porta antes de ir no emprego, eram seis da manhã.

Foi logo entrando, sem mesmo cumprimentar o estremunhado, de tronco nu, descalço, que tinha vindo lhe abrir a porta.

— E é para esta espelunca que quer trazer a minha filha?

Vasculhou tudo, o quarto dos fundos onde tinha havido sacos e agora continuava como de arrumos a cheirar ainda a fuba mas sem nada que valesse, tudo numa desordem e infestado de ratos. O quintal com algum lixo acumulado, a casa de banho, viu tudo, depois apontou o dedo na barriga nua de Caposso.

— Diga, *camarada* — carregou ainda mais na palavra, de forma evidentemente pejorativa. — É para este nojo que quer atirar a minha menina? E o meu neto?

Caposso tinha acordado, mas não adiantava, é como se estivesse nas penumbras do sono, nenhuma ideia lhe socorria. Finalmente...

— Já disse, tenho de fazer obras.

— Muitas e não sei como vai ter dinheiro para isso, mas não é meu problema. Até ela parir, isto tem de estar pronto. Só depois do parto é que ela vem para aqui, não quero o meu neto a nascer neste lixo. E se nessa altura a casa não estiver apresentável, pode ter a certeza, o partido vai tomar conta do caso.

— Mas, camarada...

— Aqui não há camaradas, aqui é discussão entre sogro e genro. Futuros, enfim. E estou só a avisar, arranje esta casa, senão... A mão do partido é pesada. Não me interessa se casam como, igreja ou não igreja, o que interessa é que o meu neto viva em condições. Nem que você se rebente.

Caposso concordou com a cabeça. Raio de homem, conseguia mesmo intimidá-lo. Não, não era por acaso coordenador de célula. Mas não tinha ainda terminado.

— Outra coisa. A Bebiana disse você se chama Vladimiro...

— Sim, foi o nome que o meu pai deu, por causa do Lenine...

— Pois é, se o Lenine soubesse a quem dão agora o nome dele... Tenha pelo menos vergonha na cara.

Como entrou, como saiu. Sem bom dia ou até logo. VC sentou na cama desarrumada, pôssas, que sogro fui arranjar. E ainda por cima político. Já era político antes ou se fez depois da independência? Tinha de se informar, era capaz de ser tipo da luta clandestina. Tinha de se pôr a pau, estes tipos são duros e acham hoje mandam no mundo, era mesmo capaz de o lixar. Foi se lavar, não na casa de banho mas no quintal, para quê então fizera o cercado? Encheu uma tina com água da torneira, se lavou debaixo da mandioqueira, era como sabia melhor. A água fria ajudava a arrumar pensamentos. A primeira questão era arranjar dinheiro para cimento e um pedreiro, o salário do ministério não chegava. Embora correndo certos riscos, até era fácil arrumar algum dinheiro, já várias vezes sopesara o assunto em hesitações e tentações.

Foi assim que Vladimiro Caposso (VC), militante da JMPLA, considerado alfobre de futuros heróis e líderes, se tornou taxista clandestino com o carro do serviço. Depois de o lavar, saía motorizado e apanhava pessoas na rua precisando se deslocar a qualquer sítio. Praticamente não havia transportes públicos na cidade e privados ainda menos, um único táxi verde circulava pelas ruas. Se via a todo o tempo pessoas de polegar a apontar a estrada à sua frente, pedindo boleia. Ele parava e dizia, levo mas tem de pagar qualquer coisa para a gasolina, as pessoas aceitavam, felizes por ao menos não terem de ir a pé

distâncias enormes e os motoristas eram uns egoístas, queixavam, nunca paravam para dar boleias, assim ao menos era melhor, mas o camarada tem licença, lhe perguntavam às vezes. Não tinha licença mas eles guardavam mesmo segredo, sempre lhes poupava as caminhadas e em breve arranjou clientes mais ou menos fixos, sobretudo senhoras vindas dos mercados com os cestos carregados de compras, é um sofrimento para a minha coluna ir com tanto peso, mano. Chegou mesmo a fazer avença, levava uma senhora às compras três vezes por semana e recebia tudo por junto. Começou a acumular alguns kwanzas, mas logo se desiludiu, nem com dinheiro era fácil arranjar cimento e outros materiais de construção. Só com cunha.

A Jota foi a benemérita. Falado o seu caso aos kambas, um teve a ideia de perguntar a um responsável mais elevado e sim, havia possibilidade, a organização fazia requisições à fábrica, havia ordens superiores para as requisições terem prioridade. Já alguns camaradas dirigentes tinham aproveitado para melhorar residências. Se tratando de Caposso, militante irrepreensível e dedicado, a Jota lhe facultaria alguns sacos e até um pedreiro, a preços bonificados. E foram mesmo bonificados os preços, comprou o cimento que quis, o mais difícil tendo sido arranjar transporte para os sacos, também não os podia carregar no carro de serviço. Pagou uma carrinha a preço arrepiante, aí sim, nada era bonificado, o camarada está mesmo a matar, ainda se queixou ao dono da carrinha, aqui é mesmo assim, a morrer com os preços, se quer quer, senão... Tudo bem, se sujeitou. Percebeu então, estava a cobrar muito barato aos seus próprios clientes, tinha de se desculpar com o custo das peças de reposição e subir os preços, obras de caridade fossem para os outros, ele não estava a arriscar para ser roubado.

A Jota também lhe arranhou pedreiro, era um jovem militante que fazia uns biscates nas casas dos camaradas e, discutidas as condições, ele concordou era barato, mesmo atendendo a que só se trabalharia nos fins-de-semana e ele devia servir de ajudante. O problema, e teve de explicar aos camaradas, é que durante uns tempos não teria tempo para organizar os torneios de futebol, só poderia dar uma ajuda de vez em quando, atendendo a que essas manifestações politico-desportivas se realizavam sempre aos sábados ou domingos.

A barriga de Bebiana crescia e eles rebocavam as paredes, acrescentavam uma cozinha, aumentavam o quarto dos fundos para ficar um verdadeiro de dormir e transformavam o que fora a loja numa verdadeira sala de estar. Rematando tudo e para admiração e alguma inveja dos vizinhos, rasgaram uma varanda na frente. Estava ela de oito meses quando finalizaram o serviço, substituindo a cerca de chapas por um verdadeiro muro de tijolos e cimento. Com o resto das economias convidou os camaradas da Jota e o pedreiro, afinal os kambas que o tinham ajudado, a inaugurar o que se podia chamar uma pequena vivenda, pintada de ocre, como convinha. Os últimos kwanzas foram na cerveja para a festa. Insistiu com sô Amílcar, o fugitivo silencioso no Alentejo. Este nem respondeu, provavelmente esquecera Angola e não mais a queria recordar. E obviamente, estava nas tintas para o desgraçado a quem tinha passado a loja, que se arranjasse por si próprio. Caposso agarrou em toda a sua coragem e no papel antigo de sô Amílcar, foi tentar registar a vivenda em seu nome na conservatória. Não era rigorosamente legal, passado um prazo a casa deveria ter sido confiscada pelo Estado, mas era coisa pequena, o Estado tinha de se preocupar com os grandes negócios, e a casa nunca tinha estado verdadeiramente vaga e abandonada,

sempre ocupada por quem tinha com efeito uma procuração, mas um telefonema da cúpula da Jota ajudou, na conservatória não criaram muita dificuldade em lhe concederem a escritura. Sô Amílcar que se lixasse, a casa agora lhe pertencia, era legitimamente um proprietário. Podia o português vir reclamar que ficaria a chuchar no dedo, pois então, estávamos numa situação revolucionária. Além disso, tinha emprego bastante razoável e estava politicamente enquadrado, em breve seria pai, que mais podia querer?

Andava agora ansioso pelo parto, visitando a noiva todos os dias ao fim da tarde, ignorava alguns resmungos de Antunes, cada vez mais raros, pois o da barriga aquática passava muitas vezes pela vivenda em obras e constatou o empenho do rapaz e os progressos na construção. Chegou a admitir para a mulher, talvez me tenha enganado, esse camarada pode ser sério apesar de catetense. Estes propósitos foram contados à Bebiana pela mãe e esta, em tom triunfal, os revelou a Caposso, a fera estava amansada. Descobriu um segredo mal guardado na véspera mesmo do nascimento de Djamila, o qual nascimento acabaria por acontecer às duas da manhã, em casa dos pais. O parto foi feito com a ajuda de uma parteira, essa coisa de parir na Maternidade era novidade que o camarada Antunes ainda não tinha aceitado bem e ninguém perguntou a opinião do pai, dormindo na sua nova casa. Mas falávamos do segredo...

Estava ele na sala com a alquebrada Bebiana e o quarto dos pais tinha a porta escancarada. A namorada pediu água e ele foi à cozinha buscar. Passando no corredor, deu uma mirada curiosa no quarto de Antunes. E lhe chamou a atenção um grande crucifixo na parede. Perguntou à Bebiana, afinal qual é a religião dos teus pais? Ela tinha dito no princípio do namoro que não tinham religião, ele estranhou, depois se convenceu, o

Antunes era um ateu revolucionário. Afinal o que significava o crucifixo? E a Bebiana, meio envergonhada por ter sido apanhada numa mentira, confessou:

— Todos católicos e batizados. Mas quando foi para entrar no partido, o pai explicou, tínhamos de deixar de ser, então tirou a cruz desta sala, pôs no quarto.

Então era isso. O católico Antunes, no processo de rectificação, afirmou não seguir religião nenhuma e foi admitido no novo partido. Havia exagero, compreendeu logo Vladimiro, o futuro sogro deu uma de mais papista que o Papa mas ao contrário. Afinal se aceitava, dada a história do país, que pessoas com crenças fossem admitidas no partido, mas não podiam praticar ostensivamente a religião e teriam um tempo de formação para deixarem a crença. Se houvesse muito rigor nesse preceito arranjariam poucos militantes, só meia dúzia de ateus e a maior parte um bocado feiticistas. Mas o Antunes, que deixou de ir à missa ou talvez nunca tenha ido, apenas tendo casado pela igreja e batizado os filhos, até a cruz escondeu. Sorriu, tinha apanhado um ponto fraco do de mau feitio, registou na memória, nunca se sabe se no futuro...

A Bebiana pariu portanto uma menina às duas da manhã. Foi uma das irmãs dela acordar no raiar do dia, mano Miro, mano Miro, bebé nasceu. Ele saltou da cama, quase nem se lavou, enfiou só as roupas, correu para a casa dos sogros. Na rua deu encontro com Sebastião Lopes, o qual parou, talvez para lhe cumprimentar e retomar as relações quebradas, talvez para lhe xingar as ambições pequeno-burguesas, mas Caposso lhe fez apenas um rápido aceno com a mão.

Maio de 2004

[Sebastião Lopes, ao aparecer no bairro do Marçal e de volta à estória, remete-nos para um tempo muito posterior, mesmo de outro século e milénio, mas a vida tem destes saltos, habituemo-nos a eles. Neste caso, nem só de saltos no tempo se trata, ocasionalmente se muda de cenário para o Planalto do sul, as fabulosas terras da Huíla.]

Pois é, Sebastião olhava os bois. A manada tinha umas centenas, ele não era perito mas mesmo sem contar se apercebia que o terreno estava todo coberto de bois, pretos, malhados de preto e branco, castanhos, malhados de castanho e branco, com pintas ou sem pintas, era boi que nunca mais acabava, se perdendo na imensidão dos campos planos e verdes interrompidos aqui e ali por rochedos ou morros. Tinham descido a serra da Chela pela parte mais suave, pela Chibia, a caminho do sul. Passaram o rio Caculuvar, o das belas margens segundo canções tradicionais de povos pastores, percorreram um pedaço de estrada e depois viraram para a esquerda, em direcção a leste, começando a subir. A estrada ia piorando à medida que se embrenhavam nas serranias. Atravessaram a vau um riacho ainda com muita água, pois a estação seca não tinha começado e continuaram sempre para leste, até aparecer a cerca do lado esquerdo. O caminho flectiu de novo para sul. Começaram a ver os bois. Do outro lado da estrada apareciam pequenas manadas. O motorista, Bernardino Chipengula, parou o jipe depois de muito tempo, apontou os bois, repara nestes. Estavam bem gordos, reluzentes, muito diferentes dos que tinham visto

antes da vedação e dos que tinham visto do lado direito da estrada, pertença dos criadores tradicionais. Mesmo Sebastião, homem de cidade, podia se aperceber das diferenças.

— Bois burgueses...

Chipengula riu uma gargalhada gostosa.

— Era a nossa linguagem de outros tempos — disse. — Mas tens razão. Bem tratados, comendo do melhor pasto. Nesta época do ano ainda há bons pastos, mas repara, o capim começa a ficar amarelo, no próximo mês o pasto vai empobrecer. Embora estes bois não tenham problemas. Nos meses de falta de chuva comem ração, por isso estão assim. Tens razão, burgueses como o dono.

— Mas é rentável ter assim tantos bois juntos? — perguntou Sebastião.

— Não. Mas isto não foi feito para ser rentável. Estes bois estão aqui para que o seu proprietário uma vez por mês venha lavar os olhos, contemplar o espectáculo, mostrar aos amigos, vêem estas terras a perder de vista, vêem estas manadas que nunca mais acabam, isto é tudo meu. Nem vende a carne, nem se digna recolher o leite, apenas uns litros de vez em quando. Fica um fim-de-semana, feliz com a sua riqueza e capacidade de ostentar, pega no avião e nos amigos, volta com eles para Luanda. Entretanto, aqui ficam os trabalhadores. O gerente não é pago, nem essa despesa tem, pois se trata do próprio filho, um tipo meio estranho ao que dizem fugido de Luanda. Os trabalhadores passam meses sem ser pagos e os salários são de miséria.

O jipe voltou a ser posto em marcha. Andaram alguns quilómetros em silêncio, olhando a propriedade que se estendia do lado esquerdo da estrada cheia de buracos e cortada por pequenas ravinas. Para que não houvesse dúvidas de que se tratava do mesmo domínio, de vez em quando aparecia um letreiro do lado de dentro do arame

farpado com os dizeres: «Propriedade privada. Proibido profanar.» Às tantas, Sebastião assobiou:

— Este aviso até que está bem interessante. Repara, tudo palavras começadas por pr, dir-se-ia um quase poema. E com algo de religioso, a palavra profanar a mim soa assim.

— O rapaz é muito talentoso — admitiu Bernardino Chipengula, com nova gargalhada. — Embora as más-línguas digam que não é propriamente um grande cultor da língua portuguesa. Nem de nenhuma.

O rapaz em questão era obviamente o dono do empreendimento. Andaram mais uns quilómetros de estrada, lendo sempre o letreiro que espaçadamente aparecia.

— O engraçado é que isto é aviso feito para os pastores da região lerem — disse Chipengula. — Os quais são analfabetos.

— Nem todos, haverá uns alfabetizados.

— Sim, claro. Sobretudo os que fizeram serviço militar. Mas esses também já não são pastores. As crianças é que andam com os bois, a maior parte do tempo.

Já eram terras da parte sudeste da Huíla, caminho do Cunene. Do lado direito da estrada, continuavam por vezes a aparecer pequenas manadas, efectivamente pastoreadas por rapazes, alguns ainda com o penteado de criança que não passou no ritual da iniciação.

— Mas isto nunca mais acaba? — perguntou Sebastião.

— Está quase. É só para teres uma noção do que é esta propriedade.

No princípio do arame farpado, havia um portão fechado, com dois guardas armados de Kalashnikov na sombra de um telheiro. A entrada norte da fazenda. Um letreiro enorme com o nome «Fazenda Karan». Depois eram as dezenas de quilómetros de vedação e quase no extremo sul havia novo portão, também com o nome da fazenda Karan. Chegaram a este segundo. Do portão

partia uma picada para oriente, sempre no interior da propriedade. Chipengula parou o jipe. Os dois guardas ficaram a olhar para eles, com ar carrancudo.

— Fazenda Karan — disse Sebastião. — Onde foi ele buscar o nome? Não é angolano.

— Parece oriental. O rapazinho tem sócios paquistaneses, pelo menos é o que consta. Sei lá, pode ser o nome de um desses compadres.

— Já ouvi dizer que ele de facto tem muitos negócios com malta dessas bandas, indianos, paquistaneses ou cingaleses, por aí. Mas não nos deixam entrar? Já agora estou com curiosidade de ver a mansão e o resto das instalações.

— Nem vale a pena tentar. Vamos só ficar uns tempinhos parados aqui e já vêes a reacção.

Não durou nem um minuto. Um dos guardas atravessou o terreno vago e falou do outro lado da estrada:

— Querem alguma coisa?

— Só estamos a olhar — disse Chipengula.

— Não pode. Comecem a andar.

Sebastião ficou logo irritado com a fala arrogante do guarda, apontando a Kalash para eles. Falou:

— A estrada é pública. Podemos até dormir aqui, se nos apetecer.

— Pública, pública... Aqui não podem parar.

O guarda olhou para o telheiro, onde o segundo guarda fazia também sinais para eles arrancarem.

— Como vêes, nem com muita conversa consegues convencê-los a deixarem-nos entrar. Ficas sem conhecer a fazenda, sem ver a pista de aviação, a piscina, o tanque com hipopótamos anões, o parque dos avestruzes para divertirem as crianças vindas de Luanda, a mansão e outras belezas bacocas da região. Ainda por cima conhecem o jipe e sabem quem eu sou. O inimigo deles, o gajo teimoso, devem estar a pensar que trouxe mais um espião só para chatear o patrão deles.

O guarda se mostrava nitidamente nervoso. Voltou a fazer o sinal de avançarem, agora ainda mais imperativamente. Chipengula lhe fez a vontade, esboçou uma vénia irónica com a cabeça, e o jipe arrancou. Em breve, o arame farpado desapareceu à esquerda da estrada.

— Entramos em território amigo, disse o motorista com uma gargalhada. — A aldeia já está perto. Espero que o recado tenha chegado e estejam à nossa espera.

Meteram por uma picada à esquerda e avançaram portanto no sentido do oriente, subindo e descendo regularmente. Fecharam os vidros para o pó não entrar na cabine. A picada estava em péssimo estado, cortada muitas vezes por ravinas provocadas pelas chuvas, torrenciais na época delas, e pela falta de uso. O capim crescido no meio da picada mostrava serem muito raros os carros ali passando. De facto, só alguns jipes de ONG e uma ou outra carrinha de um comerciante fortuito. Haveria de ser sempre assim e cada vez pior à medida que caminhassem para oriente.

— A partir da aldeia deixa de haver sequer picada, há apenas carreiros de mato.

— E dentro da propriedade? — perguntou Sebastião.

— Ah, isso é outra coisa. Por acaso as estradas não estão asfaltadas. Lá dentro o único asfalto é o da pista de aviação. Mas porque o rapaz gosta de manter certo aspecto rústico, diz é mais chique. Os trabalhadores estão sempre a bumar nas picadas para as porem num brinco. Rústico mas confortável, não vá o menino enjoar.

Sebastião apenas sorria às farpas constantes endereçadas pelo motorista a quem ele nunca tratava pelo nome mas sempre por rapaz, menino ou mesmo ganapo, um nome português que poucos angolanos conheceriam. Eram diferentes tonalidades para manifestar o mesmo ódio ao proprietário da fazenda cuja área rivalizava com a de alguns países europeus, o nosso

bem conhecido Vladimiro Caposso. E Sebastião sabia, os caminhos de Bernardino e Caposso só agora pela primeira vez se tinham cruzado. Não era como ele, Sebastião, que conhecia Vladimiro antes de ele ter esse nome e depois aprendera a desprezá-lo. Apenas. Não sentia o ódio do companheiro. Já lhe tinha perguntado se havia causas pessoais, mas não, Chipengula não podia com o outro apenas por uma questão de princípios morais, mais nada.

Chipengula e ele tornaram-se amigos na cadeia. Em 1976, quando se encontraram na prisão de S. Paulo, acusados do mesmo crime, pertencerem a um comité clandestino que considerava o governo demasiado de direita, desinteressado de fazer uma verdadeira revolução socialista. As regras do secretismo tinham funcionado e eles antes nunca se tinham conhecido. Ajudava o secretismo, neste caso raro, o facto de Bernardino ter vivido sempre no sul, porque de um modo geral os militantes do comité acabavam por saber uns dos outros, ou pelo menos suspeitar. Estavam na mesma cela quando se deu o levantamento do 27 de Maio e se puseram à margem de tudo, era uma luta entre os detentores do poder, não lhes dizia respeito. E continuaram na cadeia por largos meses, depois do levantamento. Foram soltos ao mesmo tempo e Chipengula voltou à sua Huíla natal. Trabalhou e estudou, acabando por se formar em História. Sebastião, entretanto, foi dificultado de emprego em emprego até estabilizar numa empresa estatal que tratava de madeiras. E foi tentando inscrever-se em Direito. As primeiras tentativas foram infrutíferas, porque, embora as matrículas na universidade fossem na época livres e com pouca clientela, havia restrições para o novo curso de Direito, onde se forjaria a futura classe política, a qual devia ser coesa e de total confiança do governo. E ele tinha estado detido por inconfessáveis razões políticas. O

pai dizia, é um pretexto para te queixares de injustiças, podes estudar outra coisa, mas ele só queria esse curso, nenhum outro lhe interessava. Talvez por se ter distinguido na defesa de Luanda e depois na contra-ofensiva que expulsou o exército sul-africano e, em vez de algum reconhecimento, o terem detido. Foi preso por estar a distribuir panfletos subversivos aos soldados, panfletos que demonstravam a pouca consistência das promessas socialistas do MPLA e a necessidade de se formarem comités clandestinos de militares para fazerem uma verdadeira Revolução. Algum psicólogo mais matreiro poderia pois suspeitar que o seu interesse pelo Direito fosse para compreender o fundamento legal do que lhe tinha acontecido. Mas não, ele era mesmo um homem de causas. À terceira tentativa conseguiu entrar. Não sabe, foi segredo tão bem guardado como o da conversa trágica entre Deus e o Diabo, mas a sua entrada na faculdade se deveu a uma insistência do pai, já então oficial superior da polícia, junto dos mais altos responsáveis do país. O pai regozijou-se com o seu triunfo e com a forma brilhante como o filho se formou, mas levou o segredo para a tumba e até hoje ninguém revelou a diligência paterna que certamente o humilharia. *[Acabará por ficar a saber através desta despretensiosa estória que não deixará de ler, mas não me arrependo, creio ser o segredo desvendado por uma boa causa, neste caso os fins justificam os meios, para não usar a estafadíssima máxima de que não se fazem omoletas sem partir ovos.]*

Numa curva à volta de um morro, surgiram galinhas na estrada, sinal inequívoco da existência de um kimbo.

— Estamos a chegar — disse Bernardino. — Depois deste kimbo são mais uns dois quilómetros.

O kimbo era constituído por umas seis cubatas, todas aparentemente vazias de gente. No terreiro havia cães

que desataram a ladrar, correndo ao lado do carro, e algumas galinhas. Nem crianças nem velhos?

— Devem estar todos no kimbo principal para a reunião
— adiantou responder o motorista à dúvida de Sebastião.

Este, imbuído nos seus pensamentos, ficou na incerteza se tinha de facto dito da sua estranheza em ver o kimbo vazio ou o amigo pura e simplesmente tinha adivinhado os seus pensamentos. Mas passou por cima disso e perguntou:

— Mas como te veio à ideia criar esta ONG? Sei tudo sobre ela, ou muita coisa pelo menos, mas nunca me disseste qual foi a coisa, porque há sempre uma coisa no início, a coisa que provocou...

— Yá, entendo. Quando me apercebi que os nababos de Luanda começavam a requisitar e demarcar terras por aqui, lembrei-me dos meus tempos de juventude, aqueles nossos bons tempos. A primeira vez que vieram ao Lubango militantes do MPLA para abrir uma delegação, num comício no antigo campo do Liceu lançaram uma palavra de ordem que me marcou. Era preciso acabar com o arame farpado. Tinha sido uma reclamação antiga dos criadores tradicionais de gado, que viam os seus pastos serem ocupados pelos colonos. E sobretudo os caminhos para a transumância serem cortados pelas intransponíveis barreiras de arame farpado que os fazendeiros iam implantando. Foram guerras épicas, essas do tempo colonial. E o MPLA veio e disse, cortem o arame, a terra é do povo. Gostei. Vinte e tal anos depois, começam a vir os mesmos para fechar os pastos e os caminhos com arame farpado. Foi isso. Disse para a minha mulher, vamos criar uma associação para defender os pastores que não têm defesa nenhuma. Criámos a DECTRA. O resto já sabes.

A DECTRA, nome rebarbativo e feio, achava Sebastião, queria dizer Defesa dos Criadores Tradicionais.

— Enterraste nela os salários, teu e da tua mulher. E levantaste esta maka pelos direitos dos pastores. Isso sei. O que não sabia foi ter sido o comício do MPLA que te inspirou.

— Acreditávamos então em princípios...

— Bons e inocentes tempos...

Chipengula dá aulas no ensino secundário, na cidade do Lubango, e o resto do tempo dedica a explicar aos criadores quais são os seus direitos que vêm de séculos e séculos a utilizar o mesmo território, fazendo as manadas se deslocarem de norte para sul e de sul para norte conforme a época do ano, as chuvas e a qualidade dos pastos. A mulher ajuda-o. Os filhos, a crescer, também colaboram à sua maneira.

— A DECTRA devia começar por F, pois só a tua família faz parte — disse Sebastião.

— É, podia ser. Não temos dinheiro para mais. Já me ofereceram algumas ajudas de fora, mas apenas aceito em material, papel, computador, essas coisas. Não aceito dinheiro. Ainda podiam dizer que estou vendido ao capital internacional. Temos outros apoios, por vezes da igreja. Ou um ou outro voluntário. Desta vez, a maka é grossa, precisava de apoio jurídico, pedi a tua intervenção...

— Dou de pleno grado.

— E de borla. Por isso não fui ter com outro advogado, ele ia cobrar o que não tenho. Assim vamos fazendo alguma coisa. Se não se resolve este tipo de problemas vai haver maka a sério, revoltas e mortes. O meu trabalho é pacífico, só quero o bem destas pessoas. E justiça. Mas já recebi ameaças de morte, como deves calcular. Não directamente. E são só bocas, essa meninada também não se atreve.

— Se lhes pisas naquilo que acham ser direito natural... não sei, essa gente é violenta. Aprendeu a ser violenta.

— Acredito no género humano. Não são maus por natureza. O sistema é que os estraga.

— Meu velho, cuidado — disse Sebastião. — Hoje nem o próprio Rousseau aceita essa teoria do bom selvagem. O homem é o lobo do homem, dizia o Hobbes. Estava mais perto da verdade, pelo menos nesta terra de lobos. Nem o Papa aprovaria essa tua ideia tão generosa.

— O Papa não sei, mas um bispo de facto avisou-me para não andar sozinho.

— Vês? Dois mil anos de sabedoria...

Estavam a chegar à aldeia principal da zona, onde uma centena de pessoas aguardava no largo do centro. Os homens sentados em banquinhos, os mais velhos, outros sobre esteiras. As mulheres se postavam à parte, directamente no chão, as pernas nuas esticadas para a frente, anilhas de cobre nos tornozelos. Crianças corriam por toda a aldeia. Quando o jipe estacionou ao lado do largo, os homens levantaram e avançaram para os dois recém-chegados. À frente o que parecia o chefe, de capacete amarelo na cabeça. Os cumprimentos não mais paravam, todos queriam apertar as mãos. Muitos sorrisos confiantes para Chipengula, notou Sebastião, satisfeito pelo amigo. Depois foi a vez das mulheres. Vinham e gritavam cumprimentos, mas de razoável distância, algumas batendo palmas. E lançavam gargalhadas de pura alegria. Logo dois bancos foram colocados no centro do círculo formado pelos homens e as mulheres aproximaram um pouco mais.

Chipengula apresentou o companheiro, falando na língua Nyaneka, este é o advogado que nos vai ajudar. Sebastião não percebia nenhuma das palavras, ele nem o kimbundu conhecia apesar de ser da região de Luanda, mas sabia do que se tratava, pois muitas vezes o amigo se virava para ele, certamente realçando as suas capacidades jurídicas. E depois falou o mais-velho, aparentemente o soba do sítio, uma longa explanação

que mais tarde Chipengula lhe explicaria, nada que ele não soubesse antes, se queixava de que sempre o gado, desde o tempo do pai do pai do pai do pai dele, usava um determinado caminho, o mais perto para encontrar novo capim a maior altitude na Chela, quando o usual estava cansado e seco, com a falta de chuva, mas lá em cima com o fresco da serra havia orvalho que alimentava capim novo. Agora este caminho estava barrado pela propriedade que tinha sido edificada ao norte. O gado não podia dar uma volta tão grande para chegar às zonas de pastos mais moles, morria pelo caminho porque eram dias e dias a caminhar. Além disso, o riacho que banhava as terras a oriente tinha secado, ou pelo menos deixara de correr, a água sendo retida numa represa e um grande lago onde Caposso tinha barcos para passear à vela. A barragem fora feita para irrigar parte da propriedade, havendo sempre capim verde para o gado dele, mesmo em tempo de maior seca. E as aldeias do sul, onde eles moravam mais os seus bois, deixaram de ter a água do riacho, viviam de cacimbas que cavavam cada vez mais fundo e mais longe. O Caculuvar, principal rio da região que se estendia até ao Cunene, ficava longe demais para ocidente. Como disse mais tarde a Sebastião, Chipengula conhecia todos os factos, mas fazia parte da tradição, tinham de pôr todos os mambos primeiro, mesmo se repetindo, porque de facto nunca era uma repetição, os sentimentos mudavam segundo as épocas e os sentimentos mudam as palavras, embora estas possam ser as mesmas, é conhecido por qualquer nyaneka. O oénegista falou, mais uma vez a dizer que compreendia a situação e tinham de lutar pelos seus direitos e para isso iam mostrar o terreno ao advogado.

Montaram de novo no jipe, com o soba e ainda dois mais-velhos. E arrancaram para oriente. De vez em quando o soba dava uma indicação, aliás inútil, Chipengula conhecia perfeitamente o sítio onde iam

apesar de não haver picada, apenas caminhos de mato. Muitas vezes inventava caminho indo a direito, se lhe parecia não haver demasiados escolhos. E ia contando a Sebastião o que tinha sido dito na reunião. O objectivo era chegarem ao leito do que fora o riacho. O jurista constatou que era um leito tão seco como os de Luanda que têm essa designação. Fora este regato, tão antigo que até nome tinha, Culala, que Caposso secara ao construir a pequena represa e o lago artificial. Não havia outro num raio de muitos quilómetros. Quando chovia, sim, apareciam uns regatozitos, mas de pouca duração.

Saíram do carro, percorreram uns metros para cima e para baixo, os velhos cavaram um pouco no leito mas nem húmido ficava, sinal de que estava seco já há bastante tempo. Depois subiram a um morro encimado por pedras azuis e negras. De cima se via o leito desaparecer para norte e para sul, embora os muxitos que se tinham criado por causa da sua humidade ainda se mantivessem. Eram árvores antigas, de profundas raízes, iam buscar água a grande distância. Sebastião encheu o peito de ar. Puro, sem carros a poluírem, nem sequer fumo de aldeias perto. Ao fundo se viam montes cinzentos pela distância. E poucos bois, muito poucos. Apenas alguns pequenos rebanhos de cabras. Estava demasiado longe para divisar a propriedade de Caposso.

— O problema é que no sentido ocidente-orientado essa fazenda é cinco vezes mais comprida que no norte-sul que nós fizemos — disse Chipengula. — Para teres uma ideia da volta que os bois devem dar.

— E como fazem então?

— Não fazem. Andam com as manadas à procura de pastos aqui por perto, mas apesar desta imensidão toda que vês, daqui a um mês o capim está seco e os bois definham. Uma parte chega a morrer. Se houvesse estradas, apareceriam comerciantes que compravam a parte excedentária de bois e o prejuízo seria menor. Mas

nesta imensidão não há nenhuma estrutura que permita esse comércio. O povo até está disposto a vender, o que nem sempre acontece. Sabes, o boi é símbolo de riqueza e dá estatuto social. Mas, com a aprendizagem da miséria, as pessoas aceitaram que vender seria melhor do que ter manadas inúteis. Mas onde estão os comerciantes? Eu não tenho capacidade, senão ajudava a criar uma cooperativa, talvez todos eles juntos pudessem organizar-se para levarem o gado para venda na Quihita ou Cahama ou Chianje, enfim, as terras mais próximas. Seria uma solução. Mas por enquanto...

Aliás, os bois já estavam magros e ainda não tinha começado a estação seca. Os raros que tinham visto desde que abandonaram a estrada eram muito diferentes dos gordos e luzidios da fazenda. Estes eram de facto bois proletários, pensou Sebastião, para usar a linguagem de tempos passados.

Os velhos contemplavam os campos do alto do morro com um misto de ternura, se tratava da terra dos antepassados que não se olha sem emoção, e de tristeza. Não precisava de conhecer a língua para entender. Uma vastíssima terra maravilhosa, com o sol a provocar faíscas de luz no quartzo róseo e na mica do granito, aves e bichos criando cânticos ao vento, perfumes evolvendo da terra seca e anunciando os cheiros fortes do solo quando a chuva canta no capim dos telhados. Sim, uma terra maravilhosa. Mas destinada à miséria.

— Qual é então a solução imediata? Queres falar aqui?

— Pode ser aqui, embora a barriga reclame e o pirão já está à nossa espera no kimbo, tenho a certeza. A solução é ir ao tribunal, apresentar uma petição ou lá como se chama. Fomos ao administrador do município, coçou mil vezes a cabeça, não ousou afrontar o rapazinho. O administrador é daqui, ele está connosco, é claro, mas não tem coragem de arriscar o posto e as parcas

benesses, ou terá até medo físico do ganapo, não faz nada. Fomos ao governador da província, apoiados pelo bispo. Que sim, de facto, muito interessante, realmente é razoável, mas quando apareceu o rapazote com ares arreganhadores, o governador enfiou o rabo entre as pernas ou então estendeu a mão a receber algum cabaz, não sei, o certo é que depois era tudo dificuldades, impossibilidades, até por fim recusar nos receber. Agora só mesmo nos tribunais. E com muito barulho da imprensa, sempre ajuda a mobilizar boas vontades.

— E a solução a apresentar ao tribunal?

— Estas são terras de direito costumeiro, de séculos e séculos, escaparam das rapinas coloniais. OK, eu sei, não podemos impedir que empresários se estabeleçam, as terras dão para muita coisa. Seria mesmo óptimo que um empresário viesse aqui montar um matadouro. Mas não se podem barrar os caminhos naturais da transumância. Portanto, a tal fazenda tem de ser cortada, haver um caminho no meio dela, se quiserem ponham arame farpado de um lado e do outro, mas tem de haver um corredor pelo meio da fazenda para o gado passar. Ao rapazinho tanto lhe faz, não fica minimamente prejudicado, continua com a terra toda. Já quanto à barragem e o lago, isso não, isso tem de ser demolido, o Culala tem de voltar a correr para alimentar esta gente toda que se fixou ao longo dele e precisa da água não só para beber e para o gado, mas também para irrigar as nakas de milho ou massango e os legumes. Então agora um tipo vem e seca um rio do qual dependem milhares de famílias só para ter um lago onde velejar? Talvez porque tem medo de velejar no mar, porra, aí há ondas, caraças!

Estava claro. Tinha de interpor uma acção no tribunal provincial e se preciso fosse recorrer até ao Tribunal Supremo, consumir todo o suor e o sangue, definhar como o Culala sem água. Chipengula resumiu aos velhos

o que lhe tinha dito. E os velhos olhavam agora para ele. Ansiedade? Sim, muita ansiedade. Esperança? Alguma, havia esperança mas sobretudo ansiedade nos olhos dos mais-velhos. Já nem era por eles, sabiam muito bem, o futuro deles estava limitado no tempo, era ansiedade pelas famílias e pelos bois, os quais também faziam parte da família e alimentavam as crenças seculares.

— Vamos ter uma dura luta. Não posso garantir que vamos ganhar, mas os mais-velhos podem ter a certeza, vou fazer tudo o que posso e sei. Mas não vou prometer uma vitória fácil.

Chipengula traduziu e a ansiedade se tornou ternura nos olhos dos velhos. Desceram o morro em silêncio, Sebastião tentando reter as imagens fabulosas de um território imenso e promissor. Chipengula, sempre prático, pensando agora no almoço. Talvez fosse pela fome, ou porque já não era novidade, mas o caminho de regresso ao kimbo nunca mais terminava. E os balanços do jipe a entrar nos buracos começavam a doer na coluna.

De facto, o pirão estava pronto. Enquanto os mais-velhos contavam aos que tinham ficado as conversas no alto do morro de pedras azuis e negras, as mulheres trouxeram as panelas com o pirão de milho e o conduto. Comeram todos com as pontas dos dedos, sentados à volta das panelas, que é como sabe melhor o funje, para usar nome da terra de Sebastião. No fim, nas despedidas, Chipengula fez um discurso que foi muito aplaudido por todos, sobretudo pelas mulheres, sempre mais expansivas, com pulinhos e gritos de alegria. Sebastião percebeu que o amigo tinha falado nele e foi nesse momento que as mulheres mais se entusiasmaram. Esperou que estivessem de novo no jipe e no caminho de regresso para perguntar que mentiras tinha andado a dizer sobre ele.

— Que finalmente tínhamos a trabalhar connosco um dos melhores advogados de Angola, conhecido no mundo inteiro por defender os fracos e os oprimidos. Foi essa a grande mentira. E eles gostaram de ouvir. Não viste os aplausos?

— Sobretudo das mulheres...

— Yá, meu — disse Chipengula. — E havia lá umas mocinhas bem bonitinhas, não sei se reparaste. E como estão quase nuas, não dá para enganar, aqui é tudo natural, não há cosméticas e vestidos compridos para aldrabar o freguês.

— Entusiasma-te muito que vou queixar à Joana.

— Ora, ela sabe que estou acabado, já não aguentava uma daquelas mocinhas de bicos de mama para cima. Ela está tranquila quanto a isso. Podes ir fazer a intriga que quiseses.

— Agora, a sério. Porque me trouxeste cá? Agradeço muito o passeio, vi coisas lindas. Mas nem precisava vir para montar o processo. Bastava teres fornecido uns dados, que, aliás, tens de fornecer.

— Afinal agora viraste advogado de escritório, burocrata? É o sucesso profissional que te leva a isso? Julguei que eras homem de terreno. Não, a sério, não é a mesma coisa defenderes uma causa que te é explicada a frio e à distância. Vendo a realidade, conhecendo as pessoas, vais ficar muito mais empenhado. Eles acreditam em ti e isso tu constataste, então vais dar tudo a partir de agora. Não é a mesma coisa.

— Sim, tens razão, és um grande malandro. Vi os olhos deles, sinto agora uma grande responsabilidade em defender esta gente. E quanto a isso de sucesso, meu velho, era bem bom. Que sucesso? Os meus clientes quase nunca têm dinheiro para me pagar. Às vezes levam-me um cabrito ou uma garrafa de vinho, já não é mau. Sobretudo porque estão a dar tudo o que têm.

— Yá, meu. Nunca nenhum defensor de causas ficou rico. Mas também depende. Com a fama que ganhas defendendo causas populares, depois podes ganhar muito dinheiro numa só.

— Sim, pode acontecer, não fujo disso. Mas é preciso ter sorte. Ou um bom padrinho.

Entraram na estrada e recomeçou a passagem ao longo da contenção de arame farpado. Calados. Mais tarde chegariam ao asfalto e subiriam a serra da Chela e ao anoitecer iriam apanhar o ar frio lá de cima, mas contemplando o pôr-do-sol que arrancava todas as cores das rochas da beira da estrada, arco-íris de minerais conjugados. Sebastião só disse, arfando de entusiasmo, a tua terra é bué. Haveria de vir mais vezes, sabia. Embora sem intenção, o antigo amigo Caposso, hoje Vladimiro, lhe daria pretexto para voltar.

Junho de 1998

Vladimiro Caposso, esse, não precisava de pretexto nenhum para se enfurecer com o filho Ivan. Prestes a fazer dezanove anos, era um problema permanente para o pai. Péssimo estudante, ainda nem tinha começado um curso médio, delinquescendo no ensino de base. Mas isso no fundo era o menos grave na opinião paterna, Vladimiro também pouco tinha estudado e se tinha dado muito bem mesmo na vida, achava. Embora os tempos fossem diferentes. Ivan estava na idade da tropa e como não apresentava currículo escolar decente tinha de ser incorporado nas forças armadas. E havia guerra. VC tinha prometido a Bebiana, nenhum dos nossos filhos vai morrer ou perder uma perna, nenhum fará tropa, já me sacrifiquei por toda a família. Mas havia a mobilização militar habitual e Caposso teve de se mexer, mover influências, sobretudo de um amigo general, pagar umas gasosas aqui e ali, para Ivan não ser chamado logo que fez dezoito anos. Conseguiu adiamento por um ano, o que normalmente era apenas reservado aos estudantes provando bom aproveitamento escolar. Na próxima incorporação seria a mesma dor de barriga para evitar o recrutamento, até aparecer algum militar mais teimoso ou menos chegado a gasosas e jogos de influências que enfiaria mesmo o Ivan numa unidade e nem Jesus Cristo conseguiria tirá-lo de lá, até pisar uma mina e ficar inevitavelmente amputado, pesadelo constante da mulher.

— Tem de ir para fora — dizia Bebiana. — Vai estudar para Inglaterra ou Estados Unidos e prontos, já não tem de ir na tropa.

Não era solução para VC. Estudar no estrangeiro? Quem não estuda aqui consegue estudar lá fora? Vai só gastar rios de dinheiro, são países caros para passar o tempo todo nas discotecas, arranjar mulheres e apanhar vícios, não, ele não vale o sacrifício. E tu vais passar a vida a correr para lá, ver se o menino está bem, se não emagreceu, se não apanha muito frio, se a casa é confortável, nada disso, tem de estudar aqui e muito até merecer ir para fora. Djamila estava na Inglaterra, Caposso obteve para ela uma bolsa de estudos do governo pelo viés de uma empresa estatal, tudo legal embora injusto no dizer de algumas más-línguas para as quais a bolsa seria melhor empregue para outros jovens de famílias pobres precisando de facto de apoio. Mesmo assim ainda tinha de acrescentar algum dinheiro para a filha ter uma vida agradável, porém Djamila era trabalhadora, merecia qualquer sacrifício, como Mireille, um dia. Ivan, esse, era um imbumbável, não tinha currículo para se candidatar a uma bolsa de estudo, mesmo com todo o tráfico de influências. Dinheiro deitado ao mar. E se o Estado, naturalmente esbanjador, não arriscava deitar dinheiro ao mar por Ivan, não seria ele, Vladimiro Caposso, empresário conhecendo o valor das coisas, que o iria fazer.

— Sempre aprende inglês — insistia Bebiana. — Hoje é preciso inglês para tudo. Sabendo inglês, prontos, já pode ter uma profissão.

Era a mais recente moda internacional, a da globalização, e aquela mãe não escapava a nenhuma moda. Se aparecesse em três revistas para mulheres que a moda era falar sumério antigo, o verdadeiro idioma da globalização, ela, embora sem perceber bem o que era isso de globalização, lutaria para os filhos aprenderem a

língua suméria, vá lá saber-se como. Defenderia o sumério, o aramaico ou o hitita para os filhos, mas nunca fez o mínimo esforço para bem falar o português, como os leitores sempre atentos já repararam com a insistência do horroroso «prontos». E tinha vergonha de ter aprendido sem querer algumas palavras de kimbundo, quando era criança e morava num quase-musseque.

Mas agora não eram essas preocupações que atormentavam Caposso. Aquele papel que um polícia o obrigara a assinar e o convocava a prestar declarações na central da polícia não lhe saía dos pensamentos. Um papel sem explicações. Tem de estar no dia tal (que era nesse mesmo) às 12 horas no gabinete do inspector Celso Cardoso. Nem uma indicação sobre o tal inspector Cardoso, qual o seu pelouro, nem o assunto em questão. Telefonou para o advogado, venha por favor buscar uma intimação e vá ver do que se trata, mas o jurista se descartou, a intimação é para si, nestes casos não há delegação, tem de se apresentar mas eu estarei lá à porta, subimos juntos. E foram.

O agente Celso viu entrarem os dois homens às 12 em ponto, advogado à frente, o meu cliente senhor Vladimiro Caposso foi intimado a comparecer, queremos saber qual o assunto. O polícia manteve a bunda na cadeira da secretária, não desamarrou a cara de caso, nem um bom dia proferiu. Apenas fez um gesto silencioso para os outros sentarem à frente dele em cadeiras de tampos lisos de madeira.

— É seu o jipe LDA-95-98? Um Toyota de cor verde?

— Um número de matrícula não me diz nada, tenho vários jipes — respondeu Caposso, cauteloso.

— Os registos dizem que o carro com esta matrícula é de sua propriedade.

— De facto tenho um jipe verde, mas não ando com ele, nem sei qual é a matrícula.

— Quem anda com ele então?

— Um motorista. É um carro da empresa. A Caposso Trade Company.

— Mas que se passa com o carro, senhor agente? — perguntou o advogado.

O inspector Celso Cardoso mediu-o de alto a baixo, como a dizer aqui quem faz as perguntas sou eu e agente é a puta que pariu, não vê sou inspector? Não se via, estava vestido à civil. Gajo arrogante, pensou Caposso, nem se digna responder ao jurista. Mas era evidente, tinha mesmo de responder, senão o inquérito andaria inutilmente às voltas e o inspector não gostava de deixar para amanhã o que podia esclarecer hoje.

— Atropelou mortalmente uma pessoa e fugiu, ontem de manhã. Várias testemunhas confirmaram os dados sobre o carro, matrícula, marca, cor. Segundo alguns, o motorista parecia um jovem. Passou por cima da pessoa, ia chocando com vários carros, mas não parou, escapou. Em alta velocidade.

Parou, quase ofegante com o discurso, longo demais para ele. Pelos vistos, o inspector Celso era mesmo parco em palavras ou então tinha algum problema de garganta. Seria fumador inveterado? Em cima da secretária não havia nenhum cinzeiro.

— Jovem? — estranhou VC. — Os meus motoristas são todos pessoas experientes, nenhum jovem.

— Bom, foi o que disseram as testemunhas. Convoque todos os seus motoristas e o carro para a empresa. Às duas horas vou falar com eles.

Caposso olhou o relógio. Dava tempo, mas muita chatice, pois a sua empresa estava espalhada pela cidade, constava de muitas unidades, o que significava paragens de trabalho, idas e vindas, despesas. Quando se falava da empresa se referia geralmente à sede, mas só mesmo a sede ficava no centro, o resto estava disperso desde o Cazenga aos estaleiros de Luanda-Sul.

Copiou de maus modos o número da matrícula para um papel que o agente tinha em cima da secretária, sem sequer pedir autorização para usar a caneta policial, para malcriado malcriado e meio, não era assim o ditado? Saiu do gabinete evitando se despedir, furioso. O advogado correu atrás dele nas escadas, calma, muita calma, é um caso simples, vai ficar já resolvido e a culpa é do motorista, ele é que apanha com tudo. O jurista tinha razão, concedeu Caposso, não era afinal o que mais temia, tinha casos bem melindrosos em mãos e uma chamada da polícia punha-o sempre tenso, à espera do pior. Apesar de dizer constantemente que dormia como um anjo por não ter nada de sujo na vida, quem não deve não teme... Como se alguém que desfruta de poder, por pequeno que seja, consegue dormir tranquilo...

No passeio, o advogado se despediu, vou almoçar. Caposso pediu para às duas horas estar na empresa e acompanhar a diligência, sempre fico mais descansado, afinal é o meu melhor conselheiro para estas questões jurídicas. O causídico tinha um assunto importante às três mas daria um jeito para lá ficar um bocado, explicou com um sorriso servil. Sacana, pensou VC, não tens nada de importante, tudo o que tens de importante são os meus negócios, queres armar em fino, caxico de merda. Mas acenou silenciosamente com a cabeça, não lhe convinha no momento sofrer qualquer má vontade do advogado, entrou no carro. De qualquer modo, não gostava destas estórias, os jornalistas agora andavam muito assanhados a quererem sempre noticiar desmandos praticados pelos poderosos ou inventando casos inexistentes só para terem assunto. E do outro lado do passeio estava um jovem com uma máquina fotográfica, de certeza de algum desses pasquins de fofocas e calúnias, na caça de algum escândalo. Abutre,

gritou de dentro do carro, fazendo-lhe um manguito. O jovem olhava para a entrada da polícia, não viu o gesto.

Apesar de afirmar mil vezes para si próprio, tenho a consciência tranquila, nada tenho a ver com atropelamentos, o caso lhe estragou o apetite para o almoço. Bebiana estranhou, estás a comer tão pouco. Nem respondeu, só grunhiu dois sons. Quando se preparavam para abandonar a mesa, apareceu Ivan, com cara de quem acaba de acordar.

— A levantar a esta hora? — resmungou Caposso para a mulher. — Como posso ter apetite?

Ivan fez um gesto exagerado de defender a cara de um murro paterno, fazendo sorrir Mireille e a mãe.

— Pai, não me metas medo logo de manhã.

— De manhã... Imprestável! — disse Caposso.

E saiu da mesa. Consultou o relógio, nem tempo tinha para passar pelas brasas, numa boa sesta, recomendada pelos médicos. O sacana do polícia podia marcar para as duas e meia ou mesmo três horas, marcou para as duas apenas na intenção de o fazer sofrer, grande filho da puta. Sentou numa poltrona da sala, reflectindo uns minutos antes de voltar ao escritório. Porquê o espertinho do agente não foi directamente à empresa ou mandou alguns seus caxicos investigarem, desde que soube ser o carro dele? Porquê a intimação a estar presente na polícia se nem sequer escreveu qualquer declaração? Conhecia-me perfeitamente, e conhecia mesmo o endereço da empresa, pois não perguntou onde ficava. Então? Não era um inspectorzinho qualquer que possuía coragem de o convocar assim sem mais nem menos, tinha de estar muito bem encostado para arriscar essa ousadia. Alguém, alguém de muito peso tinha instigado o inspector a procurar motivo para o incriminar, ou pelo menos para o assustar, era certo. Alguém da própria polícia? Ou acima? Tinha de esclarecer o caso com o ministro do Interior, inútil andar com rapapés,

devia atacar logo no topo, como sempre fazia. Exactamente. Foi buscar o caderninho de números de telefone, discou para o móvel do ministro, o tal secreto a que poucos mortais tinham acesso. Estava ligado para as mensagens, sua excelência dorme, merda para isto. Tentou o fixo da residência, uma mulher atendeu, o senhor ministro estava a descansar, isso já sei que ele está a dormir, acorde-o, diga é o Caposso que quer falar com ele, o País está a ferro e fogo e são horas para um ministro estar acordado, que gaita.

A senhora, provavelmente a esposa do ministro, seguiu as instruções dadas em voz de comando, em breve Caposso ouviu a voz conhecida ainda estremunhada, Vladimiro, quê passa, homem? Sua excelência, como eles todos gostavam de ser chamados, tinha combatido junto com os cubanos no sul e mantinha algumas palavras de espanhol para cumprimentar os amigos. Caposso contou o caso, mas o ministro desconversou, uma coisa normal, vai lá atender o agente, sim, de facto é chato o gajo ter-te convocado, devia ter ido falar contigo e às horas do expediente, mas deve ser um inspector destes novos, todos cheios de boa vontade e excessivos no zelo, chegaram agora vários do exterior, compreendes, no entanto Vladimiro estava bravo porque tinha sentido medo, não compreendo no entanto nada, penso que deve haver algum gajo a querer chatear-me, eu vou sim receber o tipo e ajudar a esclarecer isto, até é do meu interesse, mas estou a avisar-te, há alguém a meter fogo no cu deste cabrão de agente senão ele não se atreveria e, a pedido do governante, deu o nome, inspector Celso Cardoso, se souberes alguma coisa liga-me, podes estar descansado que vou telefonar ao director dele a saber das coisas e a propósito, Vladimiro, quando jantamos juntos, nunca mais organizaste uma das tuas patuscadas, o que ficaria para um dia desses, prometeu, já mais tranquilo. Sua excelência afinal não tinha usado

de subtis subterfúgios, refugiando-se nos tempos novos, sabes como é, agora as coisas são diferentes, temos de tratar com muito cuidado certos assuntos, a oposição anda atenta, os jornais estão sempre em cima de nós, etc., conversa que indicaria haver algo grave contra ele. O ministro foi o mesmo de sempre, amigo, apesar de ser brutalmente acordado de uma sesta que ele, Caposso, nem tinha o direito de desfrutar.

Foi para a Caposso Trade Company (CTC), onde já encontrou o inspector em conversa com o advogado. Eram duas e dois minutos mas Celso Cardoso olhou acintosamente para o relógio, acusando-o mudamente de chegar atrasado. Mas também não se dignou pedir desculpa, nem sequer cumprimentar, ora porra, era superior a qualquer inspectorzeco. No interior da empresa reinava grande confusão. A convocatória de todos os motoristas para a sala de reuniões e àquela hora tão urgente tinha posto o escritório de cabeça no chão. As secretárias, que nem tinham ido a casa almoçar, corriam de um lado para o outro, sem saber o que fazer, apenas para mostrarem dinamismo perante o chefe. A mais histérica parecia ser Fátima Magricela, talvez por conhecer algumas patifarias do patrão e temer por ele aquela visita policial. Claro, como temia VC, todo o trabalho verdadeiro, aquele que faz dinheiro, estava parado, porque os transportes também estavam. Quem transmitiu as ordens exagerou e mesmo os motoristas de camiões e tractores ou guindastes das obras estavam ali. Mesmo os das betoneiras. Como muitos tinham horário contínuo e não tinham podido trocar de roupa, levaram as botas sujas de lama e os fatos com óleo para a sala de reuniões, borrando as alcatifas e cadeiras onde se iam sentando. Os motoristas nunca tinham acesso àquelas instalações, como é óbvio, e olhavam para tudo com admiração. Sobretudo se espantavam com a alcatifa grossa, pisavam-na a medo primeiro, depois iam

repetindo o gesto, mesmo sentados, a gozar a sensação única. Olhavam para os quadros de pintura abstracta de boca meio aberta, que significavam aquelas formas e cores? Caposso tinha tido a mesma reacção que eles no princípio, mas acabou por aceitar a sugestão da decoradora, eram quadros de pintores angolanos importantes e sempre ficava bem uma empresa nacional promover a arte indígena. É necessário referir que para o empresário aceitar a sugestão da decoradora, muito influiu a abalizada opinião de Mireille, muito dada a essas coisas que ele não entendia nem valorizava. Mas, enfim, o reconhecimento da filha valia muito mais que aqueles quadros todos juntos. A conselho de Mireille, Caposso tinha visto um filme sobre os Médicis de Florença e como eles apoiavam alguns artistas que pintavam ou esculpiam nas suas casas. Esse tipo de patrocínio dava prestígio, aprendeu, a isso se chamava mecenato. Decidiu pois ser um Médicis angolano e com isso melhorar o seu estatuto social. Daí o ter ouvido a sugestão, seguido a opinião de Mireille, ter pago uma fortuna para decorar as paredes da sede e viver agora rodeado de quadros que não compreendia e de que não gostava nem um pouco. Mas por vezes via um ou outro estrangeiro vindo visitar a empresa admirar os quadros, procurar o nome do artista, aprovar com a cabeça e ele logo dizia que acha? E perante a resposta admirativa do visitante avançava logo a soma que tinha pago, foi caro mas valeu a pena, é um grande artista nacional e eu sinto que devo apoiar o génio criativo dos nossos, o que evidentemente impressionava positivamente o estrangeiro com quem talvez viesse a fazer um negócio. Sabe como é, concluía, gasto imenso dinheiro com isso mas acredito no mecenato. Se não formos nós, os grandes empresários, a apoiar os artistas, quem vai ser? O Estado? Deixe-me rir, esse está sempre de fraldas na mão e tem outras coisas mais importantes a fazer. O

estrangeiro mais uma vez apoiava e Caposso sentia o seu prestígio subir, subir. Bendita Mireille, a mais linda e inteligente das filhas.

Vladimiro, ao avançar pelo corredor a cheirar a óleo e ao reparar nas manchas de lama ou cimento por todo o lado, se recriminou de não ter previsto a cena. Quando saiu da polícia, apenas telefonou ao chefe do pessoal, queria todos os motoristas na sede antes das duas da tarde para uma reunião. Qualquer pessoa normal compreenderia que uma reunião com motoristas não se faz na sala de reuniões da direcção. Olhou furioso para o chefe de pessoal, estava com o lugar em risco. Mas a culpa era dele por ter admitido este animal incompetente. Por uma vez tinha quebrado uma regra que instituíra desde o princípio dos negócios, não havia família nem amigos na lista dos empregados. O anterior chefe de pessoal morreu com um ataque cardíaco fulminante numa reunião em que estava a ser grosseiramente fuzilado pela voz de VC, dizem os habituais críticos, mas até pode haver exagero, não exagero na morte pois essa está documentada, mas nas razões da morte. Espantosamente, a Bebiana insistiu para ele recrutar um primo dela, rapaz altamente especializado em gestão de recursos humanos nos Estados Unidos, esse é que devia ser o teu chefe de pessoal, devias pôr gente nova, com qualificações e em quem podes ter confiança, é o que tenho lido nas revistas, as empresas modernas são assim. Vladimiro mudou o título do cargo para director dos recursos humanos, era mais moderno, mas não queria um parente, mesmo afastado, na empresa, sempre evitou misturar as coisas. Tanto Bebiana insistiu, ela que nunca se metia nos assuntos que não lhe diziam respeito nem entendia, que por uma vez Caposso subverteu os seus princípios. Contratou-o para o posto e incumbiu-o de modernizar a empresa. Estava há dois meses no cargo e

parecia ter umas ideias, ele foi deixando o jovem explanar as propostas de mudanças, entretanto as coisas corriam pela rotina. Da primeira vez que havia crise causava esta borrada. Fez sinal de rua, já lá para fora, ao primo da Bebiana, o qual abandonou a sala, profundamente incomodado pelo ar carrancudo do chefe. Como director dos recursos humanos se sentia no dever e direito de assistir à reunião, mas pronto, Caposso lá sabia, nem ia discutir, ainda por cima conhecendo mal a empresa e o primo. E sem sequer ter a noção de que a alcatifa estava suja e a mesa de pau preto vindo directamente da floresta do Mayombe em Cabinda ia ficar um nojo depois deste encontro.

Vladimiro apresentou o inspector aos motoristas e disse, o senhor agente vai perguntar-vos umas coisas, o que desagradou ao polícia, era inspector, porra, mas não replicou. Quando Celso Cardoso fez a pergunta da praxe, afinal quem na véspera de manhã conduzia o veículo em questão, logo o empresário percebeu como tinha sido precipitada a preparação da reunião. Não estava ali o chefe dos transportes, nem ninguém dessa secção. Teria sido muito mais simples ele ter ordenado ao chefe dos transportes para trazer ao inspector o motorista e pronto, estava arrumado o assunto. Evitava este circo de uma reunião surrealista com mais de cinquenta motoristas em cima da sua alcatifa que só era pisada por gente importante. Ia custar um dinheirão para a limpar. E impossibilidade de usar a sala de reuniões por dois dias, não menos.

Ninguém disse nada à pergunta policial, aparentemente a viatura teria estado imobilizada. VC convocou imediatamente pelo interfone o chefe dos transportes. O inspector Cardoso levantou a voz, repetindo:

— Então ninguém conhece esse carro? Ninguém o conduziu ontem de manhã?

Uma mão tímida se levantou. Era um empregado que Caposso conhecia, um dos mais antigos da casa, até já tinha sido seu motorista particular, apoiando a casa e a família.

— Conheço esse carro, sim, é da empresa do Maculusso.

Pelo interfone, a secretária de Vladimiro informou, o chefe dos transportes ainda não tinha chegado à empresa. Quando são mais precisos, nunca estão, mas teve de reconhecer, a culpa não era do chefe dos transportes, era dele, Caposso, que tinha entrado em pânico e borrado a escrita. Agora era deixar correr as coisas e depois pagar os gastos.

— E ninguém andou com ele? — insistiu Celso Cardoso.

O motorista velho que falara encolheu os ombros, em gesto de desconhecimento, nem estava naquela secção. Caposso sentiu desejos de intervir, até para pôr o inspector no seu lugar, mostrar quem mandava ali era ele. Perguntou com ar de poucos amigos:

— Quem é que trabalha na empresa do Maculusso? Levantem o braço.

Três homens responderam à ordem, levantando timidamente a mão.

— De vocês os três, quem é que costuma andar com esse carro? Joaquim, fala então.

O dito Joaquim levantou da cadeira, olhou os outros dois, fixou a mesa e ficou calado.

— Senta, Joaquim, não precisa estar de pé. E fala. Quem costuma andar com esse carro?

Ao conduzir o interrogatório, VC voltou a sentir o prazer habitual de comandar homens. O inspector, atirado para as cordas, apenas assistia, assim estava bem, criatura armada em esperta, tinha conseguido roubar a iniciativa a esse polícia da merda e logo o ministro ia apertar com os chefes dele, acabavam as prepotências, ainda ia transferido para uma província longínqua, sorte que

mereciam os desastrados. Só que o chamado Joaquim, motorista também antigo e por isso o conhecia pelo nome, sentou mas não descoseu a boca.

— Então, Joaquim, fala ou não fala?

Os outros dois insistiam com Joaquim, não só com os olhos mas com veementes movimentos de cabeça, fala então. Era evidente, os três sabiam o que passava, mas o homem não se atrevia. Caposso já estava irritado, a sua autoridade a ser posta publicamente em causa. Ainda por cima, depois de ter descartado do comando o arrogante agente da polícia. Um homem seu atrevia-se a não lhe obedecer?

— Estou a ficar chateado, Joaquim. Eu fiz uma pergunta, quero uma resposta.

Joaquim olhou de novo os dois companheiros que repetiram os gestos de encorajamento. Levantou, pôs os punhos cerrados na mesa, falou entre dentes mas dava para se entender:

— Quem costuma andar com esse carro sou eu. Mas, chefe, teve algum problema?

Caposso notou a resposta pouco clara, Joaquim não afirmou que tinha andado com o carro. E antes perguntava se havia problema. Essa resposta ambígua fê-lo hesitar. Mas o inspector Cardoso saltou sobre a ocasião para retomar as rédeas de comando.

— Então foi você que atropelou uma pessoa e fugiu. A pessoa morreu. Você vai preso.

Joaquim ficou de boca aberta, olhando o polícia, olhando VC, olhando os outros dois. A verdade da afirmação ia entrando aos poucos na cabeça dele e com ela o medo.

— É verdade, Joaquim? — perguntou Caposso. — Pode falar à vontade.

Desta vez o patrão interveio, não para retomar o interrogatório das mãos do inspector, mas porque

conhecia o homem e desconfiou da verdade. Era uma pessoa séria, muito religiosa, ali havia outra coisa.

— Eu não guiei o carro ontem de manhã — e apontou para os outros dois. — Eles podem dizer.

Os outros concordaram com as cabeças e Caposso acreditou instintivamente, Joaquim estava a falar a verdade.

— Então, expliquem o que aconteceu.

Joaquim saiu do lugar onde estava, veio ao topo da mesa, segredou ao ouvido de Caposso, posso falar com o chefe sozinho? Vladimiro assentiu com a cabeça, se levantou, disse para o inspector, nós já voltamos. Cardoso ia protestar, imaginando uma audaz fuga do criminoso mesmo nas suas barbas, mas VC já tinha pegado autoritariamente no braço do motorista e se encaminhado para a porta. O inspector fez um gesto de resignação, apreciado pelo advogado que sorriu para ele, não por simpatia, mas por puro gozo.

No corredor, Caposso encostou a uma parede, coisa que não admitia a nenhum empregado, e disse:

— Fala então, Joaquim, eu sei você é uma pessoa séria.

— Tem um problema, chefe. Não sabia tinha havido acidente.

— Quem levou o carro?

— O menino Ivan.

— Outra vez?

— Ninguém pôde com ele, entrou no escritório, pegou a chave do carro, pôs a trabalhar, saiu na velocidade. Ninguém que podia lhe travar ou segurar, fazer como então?

Caposso deitou as mãos à cabeça, encostou ainda mais na parede. Já estava a adivinhar as reticências de Joaquim. Tinha acontecido pelo menos uma vez Ivan fazer isso, levar um carro da empresa para os seus passeios sem autorização. E nem possuía carta de condução nem tinha passado em escola nenhuma. Foi

castigado pelo pai, quando tiveres juízo meto-te numa escola para aprenderes a conduzir e até podes ter um carro, mas só quando tiveres juízo e estudares. Desta vez, voltou a fugir com um carro. E o resultado? Um morto. E uma tremenda chatice para ele, VC.

— O carro ficou amolgado?

— Nada, chefe. Mas ele não demorou muito tempo, veio logo. Achei estranho, ele costuma passear bué, só aparece mais tarde. Deixou o carro, foi embora muito rápido a pé.

— Devia estar assustado. Ele sabe o que fez. E não disse nada?

— A cara dele estava assim... Com medo, parecia.

— Pronto, está bem, Joaquim. Fizeste bem em não dizer ali dentro. Obrigado.

Ficaram ali parados, Joaquim sem saber se podia voltar para a sala de reunião, Caposso sem saber o que fazer. Felizmente uma secretária ia a passar pelo corredor, o patrão mandou-a chamar o advogado para o seu gabinete. E foi para o gabinete, esperar pelo causídico, que chegou logo a seguir para ouvir, foi o Ivan, o sacana fugiu da empresa com o carro, atropelou uma pessoa, e agora estou eu na merda, que faço? O advogado só podia aconselhar de certa maneira. Dizerem que o carro tinha sido roubado não podiam, os trabalhadores da empresa do Maculusso sabiam quem o tinha levado. Só mesmo dizer a verdade ao inspector.

— Mas não quero o meu filho preso, porra. Mesmo se ele é quase um delinquente.

— Não exageremos, é apenas um moço a crescer com problemas. Está bem, vou falar com o inspector, explicar o caso, vamos depois levar o Ivan à polícia prestar declarações, pagamos uma fiança, entretanto mexem-se uns cordelinhos, lhe garanto, o rapaz não vai dormir na cadeia.

— Faça isso então.

O advogado saiu do gabinete e Vladimiro enfiou de novo a cabeça entre as mãos, aquele filho só criava problemas, raio de vida.

Deixando as coisas serem resolvidas pelo advogado, lembrou adiantar tempo, telefonando para casa e convocando o filho ao escritório. Mas depois pensou, o gajo percebe que foi descoberto, ainda foge e fica tudo pior. Não, tenho de o apanhar lá. Ligou para a mulher, o Ivan está por aí? Estava a ver televisão, esparramado no sofá da sala. Não lhe digas nada, mas não o deixes sair, vou falar aí com ele, é assunto sério. Não respondeu à mulher, toda assustada, mas que aconteceu, pensando já o pior, Ivan era o centro dos seus medos. Não lhe digas nada, nem te aproximes dele senão ele vai perceber qualquer coisa, só quero falar com ele, entendeste por uma vez? Onde tinha a cabeça quando se apaixonou por Bebianá, bem atrasado era na altura, haka! O inspector chegou logo depois, acompanhado do advogado.

— O seu filho tem de ir prestar declarações.

— Sei. Ele está em casa. Vou buscá-lo e levo-o eu mesmo. O doutor vem comigo. Pode ir para o seu gabinete que estarei lá daqui a meia hora, prometo.

Celso Cardoso teve vontade de negar, dizer vou mandar um carro da polícia apanhá-lo. Mas Caposso tinha falado com voz sumida, a qual foi ganhando alguma consistência, mas sem atingir o grau de firmeza que pode considerar-se arrogante. O empresário estava derrotado, precisava dele e reconhecia. Bastava-lhe por enquanto como vitória.

— Está bem. Fico à espera no gabinete.

VC e o advogado foram atrás dele para a saída da empresa. Ninguém se lembrou de desmobilizar os motoristas. O chefe dos recursos humanos ainda tentou deter Caposso, ia lhe perguntar se a reunião tinha acabado. Mas nem conseguiu colocar uma palavra, o patrão estava furioso com tudo e demonstrou pelo gesto

desabrido, desafasta da minha frente. Por isso ficaram os motoristas ocupando a sala de reuniões à espera, primeiro falando entre si a medo, mas em breve, notando a ausência prolongada do empresário e demais chefias, conversavam em voz alta e cada vez mais bem disposta, as pernas por cima da imensa mesa de reuniões, uma fortuna, alguns pousando aí as botas enlameadas, um feriado inesperado. O primo de Bebiana por vezes passava no corredor, deitava uma espreitadela à algazarra da sala, mas continuava a andar silencioso, se o patrão gostava de circo era lá com ele, não voltaria a se meter nessas questões, no que revelava notável argúcia e ao mesmo tempo total falta de coragem para tomar uma iniciativa, pois seria evidente para qualquer um que a reunião estava encerrada com a partida dos seus principais actores.

Entretanto, Caposso desembestou pela sala da casa, apanhou Ivan no sofá, lhe puxou pela camisola, vem comigo, bandido, e nem quis ouvir a reclamação, não estou vestido para sair, estás até bem vestido demais para o sítio onde vais, não respondeu a Bebiana mas afinal o que passa, entraram no carro, arrancou de imediato para a polícia. Só então foi descarregando as explicações, os insultos e as ameaças a um Ivan que desaparecia no banco traseiro, sem ousar sequer responder ou se defender. O trânsito estava complicado e Caposso já se sentia muito atrasado. Por uma vez queria cumprir, não dar mais lenha para a fogueira que o sacana do inspector preparava, mas nunca chegaria em meia hora, o que o fazia descarregar ainda mais as culpas em cima do filho, apesar de o advogado, atrasadíssimo para o tal assunto importante que tinha às três horas e já estava esquecido, fazendo mas é contas ao que ia ganhar com estas diligências inesperadas, tentar acalmar, não faz mal se chegarmos uma hora depois desde que cheguemos, ele compreende, você

disse meia hora como podia dizer duas, vá com atenção no trânsito, cada vez mais perigoso com os candongueiros que pululam pelas ruas e ultrapassam pela direita, pela esquerda, quando não pelo centro.

Chegaram. Tiveram de esperar porque o inspector estava ocupado com outro caso, por que haveria de os receber imediatamente, mereceram? Ivan olhava aterrado para o pai, nem ousava falar, só suplicava mudamente, não me deixes nesta hora, faz qualquer coisa. Estavam de pé, no corredor onde os polícias e presos e testemunhas passavam a todo o momento, era um corredor estreito e precisavam de mudar de posição a qualquer momento. VC se afastou dos dois, ligou para o ministro, já sei afinal qual é o mambo, se trata do meu filho e de um acidente, mas o ministro já estava informado, arranja um bom advogado, ele não ia interferir, era caso de acidente sim, mas mortal e seguido de fuga, não assistência a pessoa em perigo de vida, além de excesso de velocidade, enfim, compreendes, nesse caso não posso fazer nada, o inquérito tem de seguir os seus trâmites, se me meto nessas coisas perco completamente a autoridade. Caposso só queria que o miúdo pudesse dormir em casa, o resto compreendia, o ministro disse depois veremos o que se pode fazer, por enquanto aguenta, e lembra-te, não estás sozinho.

Finalmente a porta do gabinete se abriu, saiu quem lá dentro estava a prestar declarações e foram chamados. No interrogatório, ao qual Caposso assistiu por especial deferência do agente sob a condição expressa de não abrir a boca, Ivan lá foi explicando o que se passara, e aquilo que ele conseguia de explicar Celso Cardoso ajudava, como por exemplo o nome e condição do atropelado, Simão Kapiangala, natural do Bié, antigo militar, mutilado de guerra, vivendo da mendicância nas ruas de Luanda, em particular naquela rua perto do

Kinaxixi onde se punha no meio do trânsito, sem pernas, só um braço no ar, me ajuda irmão, obrigando os carros a abrandar a velocidade, condoendo toda a gente, alguns mesmo parando para lhe atirar uma nota, ele sem pernas e sentado no chão nem que podia chegar à nota com o braço válido, aceitava mesmo de bom grado receber a nota no chão, mutilado não exige grandes deferências, precisa é do dinheiro para não morrer de fome.

Naquela manhã de ontem até nem havia muito trânsito nas ruas, dava para andar mais rápido e Ivan acelerou imprudentemente, ia ultrapassar um carro quando este desviou um pouco para o seu lado, assustou e com a falta de prática derivou demais o carro para a esquerda, saindo fora da faixa e entrando na de sentido contrário, nem se apercebeu da presença de Simão no meio da estrada, até julgou ser um cão, estava tão atrapalhado para segurar o volante que passou com a roda por cima dele e a roda de trás também, juro mesmo pensava era um cão, acelerei ainda mais para me livrar daquele carro e levei-o logo de novo para a empresa, cheio de medo por não o dominar, nem quis andar mais. Quando Celso Cardoso lhe pediu a carta de condução e ele disse não tenho, o inspector ficou um segundo desorientado, fitou o pai Caposso, como-quem-diz-que-quer-que-lhe-faça, bem posso receber avisos de todo o lado para ser indulgente, sei, você é uma pessoa importante, uma Sua Excelência, e convém tratá-lo convenientemente mas isso ultrapassa-me, é caso para procurador, director, juiz, sei lá quem, me limito a escrever uma declaração, fazê-la assinar, guardar o rapaz aqui numa cela de prisão preventiva e os muatas depois que decidam. O advogado entrou na conversa, explicando fora nitidamente um acidente provocado por inexperiência e sem intenção criminosa, podia haver da parte dele melhor compreensão, desenrolou toda aquela lábia que eles aprendem nas escolas de Direito mas Cardoso, por muito

boa vontade que tivesse não podia fazer nada. O telefone tocou, o inspector atendeu, olhou para VC, disse posso falar pessoalmente consigo, senhor director? Do outro lado devem ter dito que sim, pois ele pediu com licença, parecia mais brando por causa do drama alheio, saiu da sala. Caposso suspeitou era o telefonema de algum chefe, tentando interferir no caso presente, por isso ele não quis falar à frente deles. Interferências podem ser para o bem mas também podem ser para o mal.

— Grande cínico este gajo — disse para o advogado. — Agora está a fazer de bonzinho, quando antes todo ele era arrogância. Engraçado, no princípio, armava em duro. Quando descobriu que o caso me dizia respeito directamente e era por isso mesmo sério, que me tinha apanhado pelos tomates, ficou manso e bem educado. Um filho da puta. Deve trabalhar para alguém, isso é que tenho de descobrir.

— É uma interpretação, talvez verdadeira, mas deixe eu falar — disse o advogado. — Esta malta é muito sensível. E o caso é gravíssimo, o Ivan não tem carta de condução e há morte de pessoa.

— Julgava era um cão — disse Ivan.

— Tu fica calado — disse o pai. E todos ficaram.

O inspector voltou, foi batendo na máquina manual a declaração, de vez em quando fazia uma pergunta a Ivan para esclarecer um detalhe. Quando terminou, Cardoso leu tudo em voz alta e olhou para o advogado. Este concordou com a cabeça e o agente passou o papel para o rapaz, assine aí onde está o seu nome.

A maka foi depois. VC quis levar o filho e Celso Cardoso disse não dá, ele tem de ficar preso, mas é réu primário, não interessa, o crime é demasiado grave, mas pago uma fiança, sim pode pagar mas depois, o juiz é que decreta a fiança, até lá ele fica preso. Nada a fazer, nem pedidos, ameaças, súplicas, piruetas verbais do

advogado, olhares estarecidos de Ivan, exortações de nomes importantes do governo, nada demovia Cardoso, lamento imenso mas esta é a lei.

— Tenho superiores, senhor Caposso. Se algum deles me der uma ordem para soltar o seu filho, faço-o imediatamente, não tenho prazer nenhum em o manter preso. Mas a responsabilidade será de quem deu a ordem. Os meus chefes estão aqui neste prédio, tente falar com eles.

E até deu os nomes e os andares dos gabinetes. Caposso mesmo assim achou ele era um grande cínico, fingia cooperar porque já sabia, nenhuma tentativa ia resultar.

— Tem muito prazer em me lixar, não é? Está feliz da vida!

O polícia encolheu os ombros, num gesto ambíguo, que podia significar muita coisa. Caposso foi com o advogado bater às portas dos gabinetes indicados, enquanto Celso Cardoso levava um destroçado Ivan para uma cela especial ali mesmo no andar, destinada aos detidos provisórios.

— Juro, julguei era um cão, foi tudo tão rápido — disse Ivan, quando o inspector fechava a porta da cela.

— Acredito, mas era um mutilado de guerra muito conhecido aqui em Luanda, Simão Kapiangala. Eu tinha sempre dinheiro no carro guardado de propósito para ele. Passo todos os dias por aquela rua e parava para lhe dar. Hoje não o vi, estranhei. Ele chamava-me de meu kamba. Vês? Já começa a me fazer falta, o meu kamba Kapiangala.

— Lembro dele, sim, só com um braço... Simão Kapiangala — repetiu Ivan, nome que nunca mais esqueceria.

Junho de 1998

De facto o nome de Simão Kapiangala nunca mais seria esquecido por Ivan, mas o próprio muitas vezes esquecia o seu ou fingia. E se fazia chamar de Aurélio, gostava do nome de Aurélio e até sabia porquê, aprendeu na escola política das Fapla tinha havido um imperador romano com esse nome, um homem sábio, diziam. Então preferia ser Aurélio. Mas estava registado como Simão, nome bíblico, também importante.

Se esquecia por vezes o próprio nome, nunca esquecia o que lhe tinha levado duas pernas e um braço. Era do centro do país, Bié para ser mais preciso, e muito jovem foi recrutado para as forças armadas. Sabia ler e escrever mais que a média, por isso foi rapidamente promovido a sargento. Lutou contra tudo o que lhe apareceu pela frente, sobretudo os sulo-africães, como chamava aos racistas do apartheid. Chegou mesmo a distinguir-se nos combates precedendo o acordo de Lusaka, assinado em 1994, um dos muitos tratados que pretendiam acabar com a guerra civil. Na contra-ofensiva que obrigou o exército rebelde a aceitar de má vontade o acordo, ele avançou com coragem e mereceu um elogio público na parada à frente do brigadeiro que comandava a operação, talvez até tivesse uma recompensa melhor que um elogio, já que as palavras são bonitas e aquecem por momentos o coração mas não alimentam ninguém, e o que ele queria mesmo era comprar uma motorizada, andar a estilar nas ruas do Cuíto em cima da motorizada e com a Fernanda também montada nela, ah, como ele gostava da Fernanda. A Fernanda não ia poder resistir aos seus apelos amorosos, se ele de facto tivesse uma

motorizada e passasse a zunir nas ruas da cidade, de farda nova, as bissapas de sargento a brilharem de feitos notáveis, a cara jovem oferecida ao vento fresco do planalto.

Houve o acordo e a guerra parou, mas todos em breve perceberam, aquela paz não vinha para ficar, era apenas uma suspensão para todos tomarem fôlego e reacenderem a guerra. Não foi portanto desmobilizado, também não recebeu nenhuma recompensa e não arranjou dinheiro para a motorizada. E a Fernanda não queria nada com ele, ia estudando no pré-universitário, só falava para os colegas e gente com mais formação, como ia ligar num quase analfabeto, sujeito a morrer a qualquer momento, que nem motorizada tinha para lhe dar boleia? Como se adivinhava que a guerra estava só a cochilar a sesta, os exércitos mantinham as patrulhas e os treinos regulares. E alguns exercícios militares mais sérios de vez em quando em terrenos próximos da cidade. Foi num desses treinos, todos eles descontraídos e falando piadas uns nos outros para desespero dos oficiais, que entraram num pedaço de mato, ele e o seu grupo, naquela hora do fim do dia em que no planalto cai a noite de repente. Porém, antes mesmo de ela lançar o seu manto sombrio, ele pisou a mina hibernada e entrou na escuridão maior que a noite.

Felizmente estavam perto da cidade, mesmo do lado onde ficava o hospital principal e os levaram logo para lá, a Simão e aos dois soldados que antes caminhavam mais perto dele. Os dois soldados não estavam muito feridos, mas o estado de Simão era desesperado, se esvaindo em sangue por três sítios, já muito mais para o lado de lá. O médico cubano fez milagres, lhe disseram mais tarde, lhe amputou os restos de pernas que tinha e mais os fragmentos de braço direito, travou as hemorragias sucessivas, vários companheiros foram dando sangue, dando sangue. E o cubano gritando, mira, coño, vais a

vivir, yo y Fidel te lo garantizamos. Ficou com dois pequenos cotos de coxa e sem coto nenhum no braço, foi mesmo amputado pelo ombro. Esteve um mês entre a vida e a morte, por causa das hemorragias e do trauma, mas escapou por haverem suficientes antibióticos para travarem as infecções constantemente renascentes. Antes tivesse morrido. O médico cubano assistia à recuperação quase milagrosa com lágrimas nos olhos, não por orgulho de ter salvado aquela vida, orgulho pleno de justificação afinal, mas porque sabia ter feito o possível e o impossível, ajudado talvez por algum orixá que os cubanos herdaram da sua ancestralidade beninense. Ou então seria um espírito poderoso familiar de Feti, o primeiro homem, o nascido das águas, velando por Kapiangala, seu longínquo tataraneto.

O médico ficou a partir daí muito apegado ao doente, mas este não lhe pagou na mesma moeda. Foi mesmo ingrato, como muitas vezes acontece nas relações entre pessoas e povos. Quando ganhou consciência do que lhe acontecera e se apercebeu não havia prótese possível, pelo menos no momento, o desespero levou Simão a culpar o médico pelo seu estado, porquê não me deixaste morrer, bastava fumares um cigarro a mais antes de fazer as sucessivas transfusões sanguíneas e as operações seguidas, bastava mesmo só acabares a ponta de cigarro que tinhas nos dedos, para a mina ter completado a sua obra, muito melhor que ficar agora assim, sem pernas e sem Fernanda para sempre. O discurso não foi tão elaborado, nem a língua de Kapiangala nem o seu estado de saúde o permitiriam, mas a ideia era essa e o médico ficou chocado, não pela ingratidão evidentemente desculpável mas pelo absoluto sofrimento que revelava. Sabia pela experiência de tanta guerra, nenhum grande sofrimento permite gratidão e sentido de justiça. Lhe escondeu uma garrafa de rum, retirada das parcas reservas dos médicos do contingente

cubano, em baixo da cama do lado esquerdo, onde Simão podia chegar com o braço válido, sempre ajuda a levantar o moral. E vinha mesmo à noite vasculhar o sono dele, se tinha muita agitação nos sonhos, se a enfermeira tinha feito todos os curativos como devia ser, se ele continuava enfim a respirar. Kapiangala, injusto e ingrato, esqueceu o nome do milagreiro médico cubano e nem guardava dele boas recordações, apenas associava à memória do terapeuta a falta das pernas e do braço, como se o doutor tivesse alguma culpa de ser obrigado a cortar os fragmentos de ossos que tinham sobrado da explosão. Não foi o único ingrato em relação aos cubanos que aqui deram o sangue e até os ossos em todos os terrenos, mas não ser o único dificilmente lhe serve de grande consolação.

Quando deixou de estar em perigo de vida, trouxeram-no para o Hospital Militar de Luanda, na esperança de arranjar prótese para as pernas, mas outros tinham prioridades estranhas e inexplicáveis, ele foi ficando esquecido e depois também teve de sair do hospital, ocupava o lugar de algum ferido urgentemente grave. Viveu nas ruas, ia fazer mais como? Prometeram uma pensão do Estado mas ela nunca vinha, prometeram uma casa mas continuou na rua. Outros raros conseguiam, mas eram raros e com algum encosto, se deve desde já afirmar. Escolheu aquela rua para seu gabinete de trabalho, onde desafiava os carros mesmo no meio da via, o braço esquerdo levantado, gritando rastarranha rastavurra rastaparta quando o motorista não parava para lhe atirar uma esmola. Outros paravam, ou aproveitavam a bicha de carros sem andar por a rua estar entupida devido ao tráfico caótico, atiravam uma nota que ele apanhava no ar e Kapiangala agradecia rastarranha rastavurra porreiraço. Por vezes alguém lembrava, Luanda deve ser uma cidade bonita, não pode apresentar lixo nas ruas. E vinham polícias militares,

apanhavam-no e aos outros mutilados que proliferavam nas ruas da cidade, os levavam como lixo para umas barracas longe do centro, onde davam rações de combate para comerem durante dois dias e depois os esqueciam para morrerem mais depressa. Os que tinham próteses ou só tinham perdido uma perna eram os primeiros a chegar de novo às ruas de Luanda. Simão, se enrolando para rebolar sobre o asfalto incandescente, demorava mais, muito mais, era sempre o último a chegar ao sítio do emprego, como dizia. Alguém imagina que uma pessoa se possa locomover tendo só um braço? Aquele braço servia para tudo, no entanto. Ele chegava ao sítio, era o último mas chegava. E quando aquela dor súbita lhe dava na cabeça, um relâmpago lancinante que lhe atravessava a cabeça como rasto de bazooka Simão «Aurélio» levantava o braço esquerdo no ar, gritava para os motoristas, me mata já, passa por cima de mim, rastarranha rastavurra rastaparta, nenhuma mulher me quer, Fernanda me ignorou, mata, mata já o mutilado.

No entanto aparecia alguma senhora mais condoída, lhe passava um pão ou um bolo pela janela do carro, só tenho isso mas disfarça um pouco a fome e ele dizia já dá para apagar o fogo da minha barriga, sim, rastarranha rastavurra porreiraça. Se por acaso vislumbrava um jipe militar nas filas de viaturas, procurava se esconder, mas dá para esconder metade de um corpo de homem no chão de uma rua asfaltada? Muitas vezes os militares não vinham para lhe apanhar, passavam só e ele gritava também eu lutei pelo país, olhem como estou, mas eles faziam adeus, já nem reconheciam o verde daquela farda de camuflado de tão castanha-preta de sujo. Me matem então, quero acabar, e por vezes se punha mesmo um pouco mais para o lado, suicida, obrigando os carros a fazer um desvio pronunciado, esquivando o corpo oferecido em redenção.

Finalmente Simão encontrou um sítio tranquilo onde passar a noite e não muito longe da rua onde gostava ir esmolar. Era o cemitério do Alto das Cruzes, o qual tinha um buraco no muro que dava para uma rua lateral. Ao fim da tarde ele ia rebolando pelo chão até meter pelo antigo bairro do Cruzeiro e chegar à sua porta, como para si próprio dizia, o buraco que a incúria municipal tinha deixado aparecer e se alargar no muro branco. Dormia dentro do jazigo da família Mendes Fernandes, como constava no frontispício, construído em 1882, decorada a parte da frente com cordas e elementos náuticos em calcário, numa tentativa de imitação das ornamentações templárias do Convento de Tomar ou dos Jerónimos de Lisboa. A porta de ferro do jazigo estava desengonçada e ele podia abri-la. O interior tinha prateleiras de cimento onde em dias melhores estiveram os caixões dos membros da distinta família, mas dos quais restava apenas uma parte de um deles. Os parentes devem ter bazado para a Europa em 1975, fugindo da independência ameaçadora, e esqueceram os restos e também os próprios mortos. Estes devem ter sido depenados entretanto, na procura de jóias ou qualquer coisa de valor, pois nem um vaso para flores ou moldura de fotografias sobrou. Dos falecidos apenas um vago cheiro restava, talvez apenas uma suspeita de cheiro, pois mesmo os espíritos subiram para as muitas árvores de flores brancas. Dormiu durante alguns anos no jazigo. Às vezes se deixava ficar na sua morbidez, para quê lutar pela vida tão longe dali se era para ganhar misérias? Permanecia mesmo com a sua fome dentro do jazigo dias inteiros, como sepultado em vida. E dali observava os funerais da gente mais importante da terra, pois até o mais ignorante cidadão da mais miserável província sabia, só os maiores do país e seus familiares e protegidos eram enterrados no histórico cemitério do

Alto das Cruzes. Para continuarem mais alto que os outros mortos, pois então.

Viu durante o decorrer do tempo as pessoas a vestirem cada vez melhor para assistirem aos funerais, havendo mesmo quem mandava vir roupa especial para celebrar aniversário de passamento dos parentes, mandavam cada estilo!, hum, deixa. E um dia ficou abismado ao escutar uma estranha conversa mesmo ao seu lado, porque a nova sepultura tinha sido cavada bem perto, de uma cabeleireira dizendo para uma amiga vê ali a viúva, aquela senhora de preto a rebolar o caro vestido pela terra na maior dor e altos guinchos, pois de manhã essa senhora esteve no meu salão pedindo para lhe fazer uma mise rápida para o enterro do marido que ia se realizar à tarde. Aí estava agora a viúva no maior padecimento. Dado o facto de ser sua cliente ela tinha vindo ao funeral, o que era raro, não podia deixar o salão abandonado com as auxiliares, estragavam logo tudo. E era aquela senhora mesmo, se atirando na terra vermelha em sinal do maior pranto que de manhã tinha estado toda vaidosa no salão, bem disposta mesmo. Kapiangala achou era demais, zongolice de caluanda, mas depois lembrou os Dias dos Finados e teve de acreditar na estória da cabeleireira. Se no Dia dos Finados muitas famílias levam comida e bebida para o cemitério, abancam bem dispostos próximo da tumba de um familiar enfeitada com ramos de flores vindas do estrangeiro e comem e bebem a gosto, haka, não havia pois que espantar com a preocupação estética da viúva. Mas também é verdade e deve ser dito, o Dia de Finados era data grada para Simão «Aurélios», pois aproveitava muitos restos de comida e até conseguia sempre surripiar algumas garrafas de vinho, ao fim de algum tempo já ninguém se preocupava com os patos, deixava mesmo de haver intrusos, todos bebiam irmãmente uns dos outros e ele se misturava nos grupos, aproveitando para comer bem

ao menos uma vez por ano e ficar rodeado de flores. Era pena, só havia um Dia de Finados por ano, ele merecia mais pois era finado todos os dias.

Também assistiu a hilariantes cenas já várias vezes contadas em estórias e narrativas de fim de tarde sobre lutas em pleno cemitério entre viúvas rivais, ou entre a viúva verdadeira e as manautos que um cidadão tinha espalhadas pela cidade, com guerra entre famílias não só se limitando ao agarra cabelo e puxa os postigos umas das outras, mas verdadeiras batalhas por cima das campas, levantando o pó vermelho de musseque num turbilhão de gritos e ameaças. As próprias flores brancas das árvores que no estrangeiro chamam de franjipana ficavam amarelas e vermelhas da terra desses combates. Mas nem só de lutas entre rivais se vive num cemitério e muitas noites ele escutava, revoltado, as cavadelas na terra ainda mole quando ladrões desenterravam o caixão nessa tarde mesmo sepultado e despiam o morto de todos os pertences e roupas que com ele os familiares tinham depositado. Isso não achava nada bem, coitado do morto, é verdade que já não sentia nada, mas tinha sido lavado e perfumado todo, vestido no melhor fato que tinha, às vezes mesmo comprado de propósito para o acompanhar, sapatos de brilho tão novos que até chiavam, e era muita falta de respeito alguém lhe tirar para fora do buraco, lhe deixar nu em piloto e tapar tudo à toa. Frequentemente até o caixão novo levavam, valia muito dinheiro. Simão Kapiangala, educado numa terra onde se tem respeito pelos mais-velhos e pelos mortos, ouvia revoltado os barulhos furtivos dos ladrões. Ficava no seu jazigo, calado e recriminando o mundo, sem nada poder fazer. Só uma vez decidiu agir. Do fundo do seu jazigo, no escuro da noite, lançou com a voz mais profunda que podia, ah ladrões de túmulos, ladrões de mortos, nós os mortos vos apanhamos hoje. Deu resultado, pelo barulho percebeu o pânico, houve largar

de pás, houve gritos e barulhos de pés correndo, a noite ficou tranquila e silenciosa, só interrompido o silêncio por muito suaves risinhos satisfeitos dos espíritos descansando em cima das árvores.

Nas prolongadas noites em que não havia ladrões e ele podia reflectir antes de adormecer, recapitulava a sua triste vida e tinha vontade de se matar. Não era por acaso que pedia muitas vezes aos motoristas para o atropelarem, nem estratégia para captar a piedade e algumas notas. Era sincero mesmo, essa vida de mutilado não tinha sentido. E uma vez pensou, se eu quiser me matar mesmo ainda posso, mas como faz um tipo que nem um braço válido tem? Eu não tenho nada de valioso, mas tenho essa possibilidade, um dia apanho uma arma e mesmo com a mão esquerda posso disparar um tiro na boca. Mas como faz um tipo que não tem braços nem pernas? Nem rebolar pelo chão pode para se meter em baixo de um carro. Eu posso rebolar, posso uma vez dar uma cambalhota para baixo de um caminhão bem pesado, acabou, não há hipótese. Mas o outro, sem nenhum membro, nem isso. Haka, é mesmo, há gente ainda mais desgraçada que eu.

Um dia, porém, o buraco de entrada estava tapado quando chegou da sua rua. Deu a volta para experimentar o único portão do cemitério, mas estava fechado, com novas fechaduras, como constatou. Tinha ouvido rumores, iam fazer obras, era uma vergonha ter o cemitério dos muatas em tão mau estado, mas ficou surpreendido e aterrado com a velocidade da execução. Saiu de manhã do cemitério pelo habitual buraco e ao entardecer havia muro pintado, buracos tapados, fechaduras novas, portão gradeado pintado de verde. Talvez também guardas lá dentro para não roubarem mais os caixões. Podia. O grande prejuízo foi para ele que teve de novo de dormir na rua, perdida a pensão pacífica, como chamava ao jazigo dos Mendes Fernandes.

Na rua viveu mais uns tempos, com uma ou outra abusiva captura pelos polícias militares que o atiravam lá para os lados de Viana, vai morrer longe das vistas da gente de bem que a tua imagem incomoda. E ele fugia de Viana e teimava em regressar à rua, de boleia raramente, normalmente se rebolando e ferindo ainda mais os cotos das pernas, para poder receber algum dinheiro que dava para um pão. Eram mais de vinte quilómetros feitos só com aquele braço, mas chegava sempre ao seu gabinete, mesmo se três dias depois de encetar a caminhada.

Até que Ivan o Imbumbável veio disparado com seu jipe e lhe passou por cima, deixando no meio da rua aquela massa sanguinolenta do que fora um homem. Ivan disse não vi julguei era um cão, e acredito foi sincero mas estava enganado, Simão Kapiangala nem cão era para a maior parte dos que passavam ali. Para um cão olha-se, pode se pensar é um rafeiro cheio de sarna, mas vê-se, faz-se notar, ao passo que com ele as pessoas passavam pressentindo a presença e incomodados por ela, desviando logo a vista para o lado, fazendo esforço para não terem visto. Nunca o confessarão, nem no mais escondido dos seus segredos, mas para uns tantos apressados de acumular dinheiro estilando nos carros de última geração mais caros do mundo, aquela metade de homem era incómoda ali no meio da rua, pois mesmo em silêncio gritava acusações que eles não gostavam de recordar, rastarranha rastavurra rastaparta. Por isso o desaparecimento do ser insólito no meio dos carros não provocou nenhum movimento de curiosidade, o que terá acontecido?, muito menos um movimento de comiseração, sucedeu apenas e foi instantaneamente ignorado, como se nunca a rua Lenine junto do Kinaxixi tivesse albergado tal pedinte, e estariam talvez dispostos a jurar que nunca, mas mesmo nunca, ele fora atropelado por Ivan, rapaz que recebera o

nome para condizer com o cognome de O Terrível mas que o pai em breve mudou para o cognome de O Imbumbável.

O qual, apesar de todas as gestões paternas e do prestativo advogado que ia acumulando horas de serviço a peso de ouro, teve de dormir mesmo na cela provisória, sem saber que a mãe também recusara dormir na mesma cama de Vladimiro Caposso, para castigar o marido por lhe ter prometido que nunca nada poderia acontecer ao filho e afinal o deixara trancado numa prisão infecta, roído por ratos, cagado por baratas, mijado por morcegos e outros horrores que o coração sempre ansioso de mãe pressente. O ministro à noite telefonou, já não dá tempo agora, mas amanhã o rapaz vai ser solto e vamos evitar que vá a julgamento senão é uma chatice, fica a depender da boa vontade de um juiz, o que é sempre algo incerto. Caposso não arriscou acreditar na palavra do ministro, untou todos os dedos que no dia seguinte apontavam para ele, entrou com um maço de dólares na polícia e saiu de bolso vazio mas com o filho pelo braço, lhe segurando com força não por carinho mas apenas por medo que ele fugisse e lhe arranjasse mais algum problema. O mais difícil obstáculo foi o já conhecido Celso Cardoso que teimava em não aceitar gasosa nenhuma, só aceitava uma ordem do chefe imediato. E como VC insistiu em deixar no ar a promessa de uma boa recompensa, ele apenas disse está a ofender-me, provavelmente o senhor vai ficar no lugar do seu filho por tentativa de suborno, vulgo gasosa. Finalmente a ordem lá chegou de quem tinha as mãos bem besuntadas e Celso Cardoso disse, assim está bem, uma ordem eu sigo, ainda mais de papel assinado e carimbado. Ivan foi apanhado na cela e partiu com o pai. Celso Cardoso disse a Ivan antes de o soltar, vê se arranjas juízo, tira a carta de condução e guia devagar, mas Vladimiro estava furioso com o impertinente polícia

que lhe fizera frente, deixe lá as lições de moral para mim, eu é que sou o pai.

Celso Cardoso não respondeu, abanou só a cabeça, talvez a querer dizer com um pai desses não te safas, mas sobretudo não esqueceu a arrogância do ricaço mijá-grosso que tinha tentado corrompê-lo. [*Por isso e eventualmente só por isso, podemos ainda voltar a encontrar o inspector, estas estórias gostam sempre de dar muitas voltas, mas não estou prometendo nada.*]

Caposso, entretanto, foi depositar em casa o filho como quem atira um saco de lixo para o aterro sanitário. Não quis assistir aos choros e risos da mãe dele e dos irmãos, festejando o regresso do herói. Bebiana tinha razão e ele só queria deixar passar mais uns dias para reconhecer a verdade dela. De facto, era mesmo melhor Ivan ir para o estrangeiro, Londres por exemplo. Não ia fazer nada de jeito, estava mais que claro, nem era para isso que o despachava. Mas quanto mais longe estivesse menos chatices lhe dava, sobretudo não assistia às asneiras que o imbumbável fatalmente faria. E ninguém saberia dos desmandos, não iam poder imputar-lhe nada. O mais que acontecia era dizerem, coitado do Caposso, não teve sorte com aquele filho, mas na adversidade até mostrava ser um bom pai, pois tinha mandado o pretendente a marginal para Londres onde sempre souberam fazer desaparecer pessoas incómodas, para o que basta recordar os ilustres súbditos enterrados vivos na famosa Torre. Bebiana tinha razão, quanto mais longe melhor. E não viria de férias como os outros, porque num mês de férias recuperaria todo o tempo perdido e cometeria mais asneiras que em dezoito anos de vida. Aliás, se a causa principal era pô-lo longe da tropa então não havia razão para voltar, pelo menos enquanto houvesse guerra. E essa era a única coisa permanente naquela terra. Vladimiro fez umas contas por alto, para o caso de não conseguir convencer alguma instituição a dar uma bolsa

de estudo ao filho. Ia ficar caro o sacana, lá isso ia, mas porra, pá, livrava-se daquele peso diário. O dinheiro não era de facto impedimento, há sempre maneira de escavar um pouco aqui e ali para compensar os gastos.

Alguns dias depois teve uma conversa com o advogado, o qual estava reticente, não seria tão fácil assim tirar Ivan de Angola, estava em liberdade condicional, embora não tivessem decretado uma fiança, o que seria comum mas Caposso de facto não se tratava de uma pessoa comum, era o que valia. A fronteira sul estava disponível, não haveria problemas em chegar à Namíbia por um caminho de mato, mas Vladimiro também não queria tirar o filho clandestinamente. Devia ir legalmente para não lhe atirarem com isso um dia à cara, fez o filho desaparecer de caxexe, nem as leis respeita, não, isso não, além de ser perigoso não ajudava os negócios. Ivan tinha passaporte, todos os anos ia de férias ao exterior. Precisava de um visto de entrada em Inglaterra, o que era um grande problema, não podia ser um visto de turista para um mês pois depois teria de se esconder da polícia e se precisasse de sair de lá já não podia. Além disso, com um processo em cima, a polícia angolana de fronteiras estaria avisada, não o deixava sair do aeroporto. Tinham de fazer tudo bem feito, tudo legal, pelo menos aparentemente. Quanto à Inglaterra, ou arranjavam uma bolsa de estudo que justificava estadias sucessivas ou então era preciso reunir mais documentação que para abrir uma empresa em Angola. Os ingleses se queixavam dessa dificuldade burocrática em abrir empresas em Angola, mas arrogantemente negavam que fosse tão complicado como obter visto para Inglaterra. Mas eles é que são os ricos, até já tiveram império mundial, têm direito de ser arrogantes. E o advogado aí solucionou a questão daquela maneira enviesada mas eficaz que alguns juristas têm de resolver as coisas, você faz o Ivan seu sócio, apenas

nominalmente, claro, e como empresário ele arranja facilmente um visto, os ingleses babam-se todos quando vão lá empresários do Terceiro Mundo, adivinham que os podem escarpelizar com toda a facilidade, ainda não ultrapassaram a fase de nos considerar macacos barbados. O problema é passar aqui a fronteira, continuava o causídico, para o que é preciso acabar com a estória da liberdade condicional e aqui tem de entrar alguém da Procuradoria. Pediu para levar nos bolsos uns maços de notas verdes para abrir portas e gradeamentos. Algum pedaço poria de lado para a sua própria aposentadoria, é claro, e Caposso a ver. Mas ia fazer mais como então? Vladimiro Caposso desembolsou a soma exigida, até perguntou mas isso chega? O advogado não caiu na tentação de dizer, bom, já que insiste passe lá mais um pouco, condescendeu chega mesmo, também não os podemos habituar a demasiado, embora o empresário achasse os hábitos há muito já estavam alterados, o que era preocupante para o futuro. Realmente o perigo não era a corrupção, prática normal e universal, mas sim a ameaçadora corrupção de preços inflacionados pela concorrência, sentença do próprio VC, sempre pronto a debitar filosofias.

Entretanto Ivan ia fazendo a sua vidinha de sempre, passando as noites nas discotecas com os amigos e acordando à uma da tarde. A mãe nem tentava reclamar, deixando ele ir digerindo a mágoa de ter matado involuntariamente uma pessoa. Mireille não deixava passar uma ocasião para o chatear com o desgosto injusto que causava ao pai, tão trabalhador e amigo dos filhos, destinado a sofrer por causa dos desmandos do irmão mais velho. Como Caposso deixara de falar com o filho e a mãe desculpava tudo, e Yuri era novo demais para se meter nessas makas, Mireille se sentia na obrigação de ser a conselheira e ralhadora oficial da casa. O que irritava sobremaneira o irmão, sujeito a ouvir

essa garota de dezassete anos e voz estridente, sempre a chamar a atenção para o que ele devia e o que não devia fazer. No entanto só a ameaçava com surras monumentais, até ficar torta de tanta porrada, pois era efectivamente incapaz de lhe bater, Mireille sempre fora o bibelô da família, nunca ninguém ousaria lhe pôr uma mão em cima. E no fundo ele era forçado a admirar a inteligência da miúda, que já o tinha ultrapassado há muito nos estudos apesar de ser mais nova.

Uma semana depois da morte de Simão, Ivan não desceu para o almoço. Caposso nem reagiu à ausência do filho à mesa, como se tal ser não existisse. Mireille aproveitou reclamar, mas o Ivan não vem comer? A mãe se encolheu, porquê a filha chamava a atenção do pai para a falta? Bebiania preferia deixar correr as coisas e sobretudo evitava aumentar o fosso entre pai e filho. Bem percebia, há uma semana Ivan deixara de existir para Vladimiro, pelo menos nem falava com ele nem sobre ele. E a mãe temia o que podia acontecer de repente, conhecia as fúrias súbitas do marido e também as fúrias de Ivan, capaz de destratar o mais-velho se ganhasse coragem. Yuri quis ser prestável, sempre meio distraído, eu vou chamá-lo. E saiu da mesa sem pedir licença. Caposso ia berrar com ele, os filhos tinham de pedir autorização para se levantarem da mesa antes dos pais, mesmo se fosse para fazerem qualquer coisa necessária, aprendera essa regra de etiqueta com o pai dele e queria preservá-la, não sabia se era banto ou europeia mas era uma boa regra. Ia berrar mas ficou calado, se contendo. Serviu-se da refeição em silêncio carregado. Havia uma semana ninguém falava naquela mesa à hora do almoço, parecia velório. Mas desde tempos antes, VC nunca mais fora jantar a casa e durante a refeição da noite, pelo contrário, a conversa era livre e as gargalhadas de Ivan e Yuri frequentes. Mireille no entanto não participava na alegria desses

jantares, comia rapidamente e pedia licença para se retirar a seguir, com o pretexto de ir estudar, o que de facto não correspondia muitas vezes à verdade. A persistente ausência do pai ao jantar entristecia-a, pois denotava uma segunda vida que ele já nem fazia esforço em esconder. Primeiro ainda dizia, tenho um jantar de negócios ou vou comer com o ministro tal ou uns amigos. De há uns tempos para cá, não se sentia na obrigação de dizer qualquer coisa e havia colegas dela que o viam amiúde em restaurantes a jantar com uma ou outra mulher, em atitudes de grande intimidade. A mãe também devia saber, mas não falavam sobre isso, Mireille era considerada nova demais para certas conversas. Só com Ivan tinha trocado algumas informações e opiniões sobre o assunto.

Yuri desceu as escadas que o tinham levado ao primeiro andar e onde ficavam os quartos de dormir. Sentou em silêncio.

— Então? — perguntou Mireille ao irmão mais novo.

— Não quis acordar. Diz está cansado, come depois.

— Se falou é porque acordou, seu burro — resmungou Caposso, rompendo subitamente a sua regra de silêncio.

— Como dizes que não quis acordar?

Yuri encolheu os ombros, mas o pai não voltou a falar e ele achou era pergunta para ficar sem resposta. Terminado o almoço, enquanto Caposso se estirava no sofá da sala ouvindo as notícias da rádio e se preparando para a sesta, Mireille subiu para a zona dos quartos e foi directamente ao de Ivan. Este dormia pesadamente de barriga para baixo numa cama toda revolta. Ela sacudiu - lhe em silêncio um ombro, uma vez, duas, três... ele tinha de facto o sono pesado. Mireille insistiu e ele começou a reagir com resmungos e não me chateies, deixa-me cubar.

— Cubas uma merda, já é hora de acordar. Ou julgas que ficas assim até à noite?

Ivan devia estar a pensar se tratar de Yuri a importunar, pois despertou instantaneamente quando ouviu a voz da irmã.

— Qué que queres? — perguntou, se virando para ela.

— Sabes que horas são? Quase duas da tarde. Nós já almoçámos.

— Fizeram muito bem, assim não morrem de fome. Agora deixa-me ainda cubar um cochito.

— Um cochito uma merda. Levanta já.

Ivan sentou na cama. Esfregou os olhos e sorriu.

— O teu adorável pai nunca te ensinou que as meninas não podem dizer merda?

— Ensinou. Mas só assim é que tu ouves. Que se passa? A noite foi pesada?

— Bué. Andámos pelas discotecas, chupámos demais. Mas só cerveja, juro. Até a Marília que costuma chupar vodka com gin e martini...

— E cheiraram também?

— Pouco. O Marques estava fraco, o carregamento não chegou do Brasil como ele contava, parece a mulher que carregava o material ficou doente e não viajou. Só tinha um restito, dividido por todos foi pouco para cada, nem deu para animar a maralha.

— Esse pouco até foi demais. Ivan, tens de arranjar juízo. Isso faz muito mal.

— Pára com essa lição, sei muito bem que o pó faz mal, todos nós sabemos. Também o álcool. E depois? Qualquer dia vou começar a me injectar, dizem é uma ganza muito melhor. Faz ainda pior, heroína. E depois?

— Ficas viciado. Ainda não estás, mas se continuas vais ficar. É o que tenho lido.

— E depois? É o meu problema, ninguém tem nada com isso.

— Será problema de todos nós. Já viste se o pai sabe? Ninguém gosta de saber que tem um filho drogado.

— Pois te vou dizer uma coisa. Gostava de ver a cara do pai quando souber. Vou mesmo ter prazer em ver a cara dele. E daí... O sacana era capaz de ficar na mesma. Para ele eu não existo, sou pior que barata já seca, portanto...

— Não digas isso.

— Digo. Porque penso.

— Não pensas nada, Ivan. Estás só a querer armar em duro. No fundo, gosta de ti, como de todos nós. E tu bem podes fingir, mas gostas também dele, como todos nós gostamos.

— Estás muito enganada. Não posso com ele, essa é a verdade. E ele sabe. É esperto, não se deixa enganar. Ele sabe, se eu pudesse ainda lhe fazia a vida pior.

Mireille se revoltou. As lágrimas lhe vieram aos olhos, gritou com a sua voz um pouco esganiçada:

— Não fales assim do nosso pai.

— Eu nem falei nada dele. Não falei das vigarices dele, das mentiras dele, das manias de mandar, das garinas dele. Não, eu não falei nada dele, estás bué enganada. Só falei de mim. Se eu falasse dele, aí sim, ias ficar até tonta, sei muito mais do que pensas. Ou achas que ando só aí de olhos fechados e ouvidos cheios de cera?

Ela calou por momentos, talvez por falta de argumentos, talvez curiosidade em confirmar suspeitas dolorosas. Manteve os olhos marejados de lágrimas e falou em tom mais brando.

— Falavas então o quê?

— Deixa pra lá. Gostas muito dele, trata-te muito bem, és a menina querida, tudo certo. Fica lá com ele. Mas não venhas convencer-me que é o melhor pai do mundo, como costumas dizer. Só dá para gargalhar, para morrer mesmo de riso.

— Pode ter os seus defeitos, todos têm. Mas é muito querido e faz tudo por nós. Ainda agora, quando foste

preso. Ele pediu a meio mundo, pagou não sei quanto, afinal tirou-te de lá. Devias estar pelo menos agradecido.

— OK, OK, ele tirou-me de lá, é verdade. Mas só fez isso por ele mesmo, o seu nome estava em jogo. Ora, é inútil tentar te convencer. Pronto, já me acordaste. Desaparece, vou me lavar.

Mireille saiu do quarto, pensando na descomunal raiva de Ivan em relação ao pai, para ela totalmente infundada. Era no entanto forçada a concordar, muitas vezes Caposso tinha coisas irritantes, sobretudo tiques de novo-rico. Apesar de o adorar acima de qualquer outro membro da família, uma vez ficou chocada com ele, em França, embora não fizesse daí um drama também, não seria caso para tanto. Apenas uma desilusão, embora não tão passageira como desejaria, pois até hoje lembra com alguma incomodidade o episódio.

Visitavam a região de Poitiers em família e VC apontou para um castelo que se avistava ao longe. Pediu a Mireille para traduzir a pergunta ao guia:

— Quanto custa aquele castelo?

Mireille não traduziu. Antes perguntou, mas pai, quer comprar o castelo? Se não for caro demais, ficava muito bem na nossa fazenda da Huíla, foi a desconcertante resposta.

— Os americanos ricos é que tinham essa mania de comprar castelos na Europa e levá-los para a terra deles. Despachavam nos barcos pedra a pedra. Depois reconstituíam-nos lá.

Mireille desconsseguiu de esconder a crítica irónica, foi mais forte que a sua habitual prudência para nunca o ferir, mas o pai nem entendeu o subentendido.

— Porque têm bom gosto. Nem tudo o que os americanos fazem é estúpido. Não é por acaso que mandam no mundo e são os mais ricos. Os europeus é

que têm a mania de os gozar e achar ridículo tudo o que eles fazem. Despeito de pobre...

— Por que não leva então a Notre Dame? — insistiu ela, para ver se ele caía na realidade. — Ficava ainda melhor na fazenda.

— Essa é muito cara. Já viste, com aquelas coisas todas e os vitrais. Não, isso eles não vendem de certeza por preço nenhum.

Dessa vez ela de facto sentiu humilhação pelo novo-riquismo capossino. Ainda bem que não traduziu a pergunta, ficava de certeza como anedota eterna sobre os africanos na empresa de turismo que eles tinham contratado para os levar a passear pela França. Era um pai excelente, apesar dessas pequenas coisas, mas Ivan não perdoava. Se refugiou no seu quarto. Antes partilhava-o com Djamila, mas depois esta foi para Londres. Herdou o quarto completo, o computador, a televisão, tudo isso agora era apenas para ela. O quarto muitas vezes era o seu refúgio, sobretudo quando tinha tristezas como esta agora com Ivan. Mas não era só Ivan que lhe causava tristezas. Gostava então de ficar deitada na cama a olhar para a janela. Infelizmente a janela não dava para a rua, dava para os fundos, onde se tinha aumentado o anexo destinado no tempo colonial aos criados. O pai tinha mandado construir um andar em cima do existente e o anexo tinha se transformado numa sala de música com bar e sala de dança, ao qual se acedia por uma escada em caracol, mas que há muito não usavam, tinha passado o tempo das festas dadas pelo pai aos amigos políticos, agora era época apenas de restaurantes e bares finos. Só o Ivan e o Yuri às vezes convidavam rapazes e ficavam lá a ouvir música, a fumarem às escondidas e a beberem as garrafas de uísque de quinze anos do pai. Antes de ser construído o primeiro andar por cima do anexo, do quarto dela ainda se podiam ver os prédios da Marien Ngouabi e algumas

casinhas do Catambor. Quando era mais nova, ficava a sonhar na janela, imaginando que a casa em cima do pequeno morro com o imbondeiro era a de Nacib. Depois soube não era, a casa de Nacib ficava num outro alto que se não via dali. E já tinha havido de facto um imbondeiro nesse cabeça, mas deitaram-no abaixo para construir a casa. No entanto, gostava de olhar e imaginar Nacib estudando e brincando em baixo do imbondeiro do Catambor.

Outubro de 2003

Nacib Germano de Castro cumpriu a promessa feita à mãe, D. Celestina das Dores, e se formou em engenharia. Não perdeu nenhum ano, fez o ensino médio e conseguiu inscrição imediata na faculdade. Ao mesmo tempo, foi ganhando prática de mecânico na oficina em baixo da árvore de Sô Mateus. Nos primeiros tempos. Sô Mateus acabou por arranjar um sítio maior ali perto, mais para os lados do aeroporto, uma verdadeira oficina, embora minúscula. Nacib continuou a dar uma ajuda nos fins de tarde. Na oficina praticava o que não podia fazer no instituto, por falta de bancas ou ferramentas. E ia explicando a Sô Mateus alguns segredos da mecânica teórica. Este no princípio nem queria saber de teorias mas o jovem tinha muito gosto de lhe explicar as coisas e de uma maneira simples e sem vaidades. Não parecia estar a dar lição. De facto era uma retribuição, pois o mecânico lhe ensinava como trabalhar o ferro, ele apenas tentava depois compreender por que se fazia assim e não de outra maneira. Nasceu uma parceria que alguns chamariam simbiose perfeita. Em breve dominava a prática de consertar motores e sonhava em construir novos, mais poderosos. Sô Mateus ria, ainda vais inventar um foguete para ir na Lua, quem sabe, quem sabe, diziam os amigos mais velhos, frequentadores dos fins de tarde da oficina só para três dedos de conversa.

Entrou na faculdade e continuou a ir na oficina depois das aulas, ficava mesmo no caminho de casa. Com a entrada na universidade, mesmo ao lado do aeroporto,

os seus caminhos mudaram, deixou de passar à frente da casa de Mireille, mas também isso perdera sentido. Ao terminar o curso médio, Sô Mateus decidiu lhe pagar um salário, pequeno porque ele trabalhava poucas horas, mas servindo para ajudar em casa. Tinha sido conversa do padrinho de Nacib, o comerciante Germano, pois claro. Então tens o rapaz aí a trabalhar de borla para ti, ele já sabe tanto como tu, deixou de ser aprendiz, é um mecânico diplomado, deves pagar-lhe qualquer coisa, ora porra, pá. Sô Mateus achou justo, falou no assunto a Nacib. Caiu bem, porque o rapaz estava mesmo num dilema, queria estudar o superior mas já tinha um curso médio, devia então trabalhar para ajudar o pai no sustento da casa. A maior parte dos estudantes da universidade que trabalhavam ao mesmo tempo eram funcionários. O Estado deixava-os bumar apenas um período do dia, no resto do tempo podiam assistir às aulas, em alguns casos se prolongando para a noite. Mas Nacib não queria ficar num gabinete a fazer trabalho burocrático, gostava era de mexer em ferros e cabos. A proposta de Sô Mateus, embora magra, vinha resolver os problemas.

O pai, Bernardo Domingos, achou completamente errado. Nunca tinha apreciado a ideia dos estudos de mecânica, sempre quis o filho carpinteiro como ele. Depois se contentou com Zeca, o qual abandonou cedo os estudos e passou a trabalhar também na madeira. Mas tinha ficado com a espinha atravessada na garganta e não perdia ocasião para contrariar as tendências profissionais do filho mais velho. Então Nacib se contentava com uns míseros kwanzas oferecidos pelo cotóto do mecânico, ele que tinha formação muito superior ao patrão?

— Mas, pai, só trabalho três horas por dia. De facto não é muito dinheiro, mas três horas também não é muito trabalho.

— Trabalho especializado é mais caro. Como técnico médio podes arranjar um emprego bom noutro sítio.

— Mas com a obrigação de lá estar todo o dia. E eu quero estudar.

— Deixa o rapaz, Bernardo — se interpunha Nga Celestina das Dores. — Ele quer ser engenheiro. Eu também quero ter filho engenheiro, acabou.

Mas não acabou nada, houve discussões intermináveis. Foi preciso vir mesmo Sô Germano, chamado a todas as pressas pela ansiosa mãe, para vir apaziguar o casal e puxar o carapau para as brasas de Nacib. O comerciante, já então velho, mas teimoso em subir e descer constantemente as veredas do Catambor, muitas vezes só para admirar a bunda de alguma mulher, comentando para os amigos, compadre, aquela bunda fala, é uma bunda de fazer mesmo discurso, fez então ouvir a sua voz com sotaque ilhéu em defesa dos sonhos do afilhado.

— Caramba, ora porra, compadre, quanto queres que ele ganhe? Vá, pá, diz lá um preço. Quanto achas que ele pode ganhar como técnico médio nesse bom emprego de que falas? Quanto?

Bernardo Domingos não queria responder, também não fazia ideia de quanto poderia ser o tal bom ordenado. O comerciante avançou uma cifra, três vezes maior que a proposta de Sô Mateus.

— Diz, Bernardo, isso é um bom ordenado?

— Assim estava bem. Ele estudou o instituto, devia ganhar isso. Mas o Mateus quer lhe pagar uma miséria.

— Com esse salário as contas da casa ficam à vontade?
— insistiu Sô Germano.

— Bom, eu ganho o suficiente para a casa. Mas o salário dele sempre ajudava, já tem idade para trazer dinheiro para cá. Enquanto não arranja mulher...

— Então está combinado. O Mateus paga o que prometeu. Eu cubro o resto. E acabou, ele tem um bom

salário e tu vais ficar de boca calada, nunca mais vais falar contra a vontade do miúdo de estudar.

— Mas como assim, compadre? — perguntou a mãe. — Cobre como?

— Pago todos os meses o que falta para o compadre ficar satisfeito com o salário do rapaz. Está combinado, não tem mais discussão.

Nacib até então ouvia só a conversa entre os mais-velhos, meio divertido pela maneira como o padrinho encostava sempre o pai às cordas. Mas aí sentiu obrigação de intervir.

— Não, padrinho, muito obrigado mas não aceito.

— Se não aceitas não tens de ficar obrigado — retrucou o comerciante, rápido. — Mas vais aceitar, sim, porque deves estudar. O teu pai tem razão, vocês precisam do teu salário. Já é altura de melhorarem esta casa, está a precisar de uns acrescentos ou então procurarem uma outra. E tu trabalhas muito, mereces um bom salário. E o Mateus não pode dar mais, também compreendo. Então? O problema não se resolve? Resolve, sim, para isso eu estou aqui.

— Mas o compadre... — ia dizer Nga Celestina das Dores.

— É uma espécie de bolsa para pagar os estudos. Para que quero eu o dinheiro? A família que está em Cabo Verde está porreira, sem problemas e já me deve ter esquecido. Nem nunca mais lá fui, só para não me chatearem porque aceitei ficar nesta terra de pretos sem enriquecer. Porque eles lá acham que não são pretos, eheheheh! Estou velho, já não gasto dinheiro com as meninas...

A mãe de Nacib começou a rir, o compadre nos seus tempos tinha fama de perseguir as raparigas do bairro e até uma vez se escondeu lá em casa por causa de um marido furioso com os chifres pregados. Há muito não se ouviam histórias sobre as aventuras amorosas do

catanhó, era verdade, embora, como vimos ainda há pouco, ele se regalasse a contemplar um substancial traseiro. Também deixara de beber, pois devia ter o fígado dividido em dez partes no mínimo por causa do álcool e do paludismo, como dizia quando lhe arranjavam grogue parecido com o das ilhas. O dinheiro ganho com a loja chegava e sobrava, era certo. Nunca casou, não tinha filhos, o afilhado fazia as vezes.

— A sério — continuou ele. — Há muito tempo estava a pensar neste assunto. Pagar uma bolsa ao Nacib para ele estudar na universidade, como sempre desejou. Tenho dinheiro suficiente para mim e para ele. Como é, está combinado?

Bernardo Domingos soprou pelo nariz, gemeu um resmungo, por fim lhe deu uma palmada no ombro.

— Sei que é do coração. Está combinado. Mas é para passar sempre, não quero chumbos, estás a ouvir, menino Nacib?

— Não sei se deva aceitar — escrupulou Nacib.

— O teu pai já aceitou, só podes ficar calado — disse o padrinho. — Ou os miúdos querem mandar mais que os kotas? Alguns andam com essas manias agora...

Outro problema a ultrapassar foi o da tropa. Naquele ano de 1997 se estava a adivinhar uma borrasca política como nunca, guerra forte ia de novo estoirar, com uma presumível mobilização de mancebos. Mas conseguiu a matrícula na universidade e com esse papel abençoado tinha o desejado adiamento. Como nunca reprovou, obteve direito a sucessivos adiamentos até terminar o curso. E quando terminou o curso, já não havia mais guerra, acabou a mobilização geral, já não precisava de adiamentos, esperemos que para sempre. Formou-se como engenheiro mecânico com notas elevadas, das mais altas que a faculdade conhecera. Lhe fizeram logo uma oferta de emprego numa sociedade petrolífera que lhe pagou um curso de especialização nos Estados

Unidos, na sua sede. Foi assim viver durante seis meses na região de San Francisco, se familiarizando com refinarias e pipelines. Nas horas vagas, percorreu a área da Baía de San Francisco e toda a Califórnia do Norte.

Conheceu então Susan Dean, fazendo um mestrado em Berkeley sobre a influência do aquecimento global da Terra nos hábitos alimentares dos esquilos, e com ela ao volante visitou o Parque de Yosemite com suas montanhas e quedas de água no meio de sequóias gigantes, onde aparecia um ou outro urso selvagem para obrigar a tirar as fotografias da praxe. Foram ao Lago Tahoe ver esquiar na neve e atravessaram a rua que separa a Califórnia do Estado de Nevada e foram jogar nos casinos. Estranha sensação de perder dinheiro, mesmo se diminuto, em máquinas inteligentes, tão inteligentes que depenam um tipo que não saiba controlar os impulsos e as paixões. Nessas excursões turísticas ajudou Susan a fotografar esquilos. Pareciam todos iguais, mas ela conhecia diferenças e descobria mutações, imperceptíveis aos leigos. Gostava de sair da estrada a pé e se embrenhar por aqueles matos verdes, procurando restos de nozes comidas pelos animais ou tufo de pêlos que eles poderiam deixar nas árvores. Ela guardava isso tudo num saco para os examinar mais tarde no laboratório, descobrindo evidências. Com Susan atravessou várias vezes o Vale de Napa, onde se produz o vinho da Califórnia. Foram a primeira vez quase por acaso, era apenas um caminho para um sítio do norte que interessava Susan. E ela não bebia vinho com frequência, pelo menos aparentemente. Mas quando entraram no vale, Susan perguntou gostas de ver como se faz o vinho e provar algum? Ele vinha de uma terra que não produzia vinho, embora alguns teimosos digam haver boas condições climáticas no sul, reconheceu a ideia curiosa. No princípio Nacib achou estranho que se chamasse um vale àquilo, a sua ideia de vale era um

pedaço de terra entre montanhas, de preferência com um rio ao fundo. Napa não é nada disso, é uma larga extensão plana entre colinas pouco altas, não chega a dar a noção que se está encaixado entre montes.

Susan viu um bloco de casas, ou leu um letreiro, e saiu da estrada principal, era o caminho para uma adega. Para chegar à adega propriamente dita, foi preciso andar uns quinhentos metros numa picada bem tratada entre vinhas de idades diferentes, se via pelo tamanho e grossura dos troncos. Havia um largo onde já estavam estacionados outros carros e Susan parou aí o seu. Entraram num dos edifícios que abria com uma espécie de loja, onde havia fotografias das instalações, recortes de jornais indicando a excelência da adega e um balcão onde se apoiavam várias pessoas. A prova de vinhos era paga. O homem por detrás do balcão trouxe dois copos e um papel onde estavam os nomes dos vinhos e as castas usadas na sua confecção, na ordem pela qual iam beber. E encheu menos de metade dos seus dois copos com um vinho branco, de casta Chardonnay. Nacib esperou, vendo fazer. Susan cheirou primeiro e depois fez rodar o vinho no copo, bebendo então um gole. Ele imitou-a. O homem atrás do balcão observava, esperando uma reacção. Nacib estalou os lábios, aprovou com a cabeça. O homem sorriu, o nosso Chardonnay é excelente, sobretudo para preparar o caminho aos tintos. Foram bebendo por pequenos goles, até terminarem. O barman retirou os copos e trouxe outros, mais largos. Começavam então os vinhos tintos. Primeiro um de casta Shiraz que ele também serviu num terço de copo. Quando Susan fez o gesto de girar uma vez o vinho no copo, o homem disse sete vezes. Ela não compreendeu. Ele explicou, se girar sete vezes o vinho no copo e voltar a cheirar, verá que o aroma é diferente. Se o aroma não mudar, o vinho não é de boa qualidade. Vale para todos os vinhos tintos da Califórnia, senão do mundo. Nacib

aprendeu a lição. Quando ele trouxe outros copos e outra garrafa, agora um Merlot, ele aspirou antes e rodou sete vezes o copo. Voltou a cheirar. Nota a diferença?, perguntava o barman, com certa ansiedade. Ele disse que sim, embora de facto não tivesse olfacto para tanto. Certamente era defeito seu pois Susan concordava entusiasticamente, realmente a diferença é notável. E todos os outros clientes o diziam. Depois veio o vinho dos vinhos, segundo o barman, um Cabernet Sauvignon de colheita especial, o qual de facto era uma delícia mas Nacib não notou diferença no odor. Concluiu, não serviria para cão de caça. Infelizmente não podiam visitar o resto das instalações, onde se fabricava e guardava o vinho, por questões não vindo ao caso, só a prova estava aberta.

Passou a ser um ritual irer num fim-de-semana a Napa para provas de vinhos. E tiveram ocasião de conhecer as prensas de metal reluzente, as cubas e os tonéis das inúmeras adegas, verdadeiras fábricas que dava gosto tocar, passar a mão pelo metal brilhando nas luzes e transmitindo calor ou frio, conforme o coração que se tem. Havia adegas para todos os géneros. As ricas e muito caras, as baratas e uma ou outra em que se podia provar um ou dois vinhos sem nada pagar. Era o caso da modesta adega de uma escritora e ecologista, cujos artigos publicados em jornais de San Francisco e Los Angeles ocupavam as paredes da sala de provas, alguns violentos contra o sistema capitalista, outros defendendo os direitos das minorias em sítios tão diferentes como Napa, Bangladesh ou Gambia. Vinho ecológico, dizia-se, sem produtos tóxicos nas videiras, sem conservantes nenhuns. A prova era de borla, mas toda a gente se sentia na obrigação de comprar depois uma garrafa. Marketing intelectual de esquerda, liberal como dizem os americanos. Tentaram essa adega uma segunda vez, na espera de encontrarem a dona, escritora e polemista

com certo prestígio. Mas não tiveram sorte. No entanto, dessa segunda vez, estava numa sombra de carvalho a amiga da escritora, também uma celebridade como escultora. Susan avançou para ela, se apresentou e fez o mesmo a Nacib. A senhora mostrou interesse ao saber o país de origem de Nacib, como vão as coisas por lá? E fez questão de os conduzir à sala de provas e apontar um recorte de artigo, onde havia uma referência a Angola, com uma crítica explícita à política do governo de Ronald Reagan contra o país. Artigo escrito pela amiga, claro. Há muito que ela se interessa por África e pelos direitos dos africanos, disse a senhora, apontando para um sítio cheio de árvores. Com muito esforço, Nacib acabou por divisar uma casa no meio das árvores. A escritora estava lá, em casa, mas fechada, porque terminava um livro e não podia ser incomodada, nem a amiga tinha acesso. Não havia hipótese de chegarem a ela. Nacib insistiu com Susan, temos de ir embora, porque ela ainda tentava uma entrevista com a famosa activista. Por fim partiram, com Susan a refilar entre dentes, a espertinha a dizer que nem ela pode ir ter com a outra, mentirosa. Quer esconder o quê? Toda a gente sabe que vivem juntas, são namoradas.

De uma vez embebedaram-se em provas contínuas ao longo da estrada oriental. Susan ria e na última adega recusou conduzir o carro até à Baía, estou bêbada mas não louca, vamos dormir em qualquer sítio, os polícias americanos são muito chatos. Tomada a decisão de procurarem um hotel em Napa, e porque era muito cedo numa tarde radiosa, ainda foram provar mais uns vinhos numa cave, propriedade de um tipo famoso no mundo do cinema e que cobrava as provas a dobrar por causa da sua celebridade, um autêntico assalto à mão armada, protestava Susan, mas bebendo e pagando. Saíram da adega a cambalear, abraçados para se susterem um ao outro. Susan não tinha ideia nenhuma onde podia haver

um hotel e recusava guiar o carro. Teve ele de o fazer, embora não estivesse em melhores condições que ela. Ainda por cima não se entendia bem com carros automáticos, faziam-lhe falta as mudanças. Acabou por ver uma indicação, havia restaurante mexicano e motel no canto. Comeram uns tacos para passar um bocado de tempo e tentarem controlar a bebedeira. Mas era difícil. Atravessaram a rua a pé para o motel, Nacib alugou um quarto, entraram, caíram na cama e dormiram até ao dia seguinte. Ele foi o primeiro a acordar e teve alguma dificuldade em se situar. Depois viu a companheira ao lado, reconheceu Susan e tentou reconstituir os seus passos da véspera. Inútil. Tinham dormido vestidos, notou então. Foi tomar banho. Pensou, pela primeira vez num largo período de camaradagem tinha dormido na mesma cama que Susan. De quem foi a ideia de só alugarem um quarto? Não lembrava sequer como tinha vindo parar ao motel. Estavam os dois vestidos, o que significava que nada tinha acontecido durante a noite. Continuavam sem contacto físico, como sempre. Que se lembre, o mais íntimo contacto tinha sido o apertar de mãos quando se conheceram. De resto, se viam frequentemente mas se cumprimentavam com um olá. Nacib estava muito bêbedo mesmo, pois nem lembrava que andaram abraçados se apoiando um no outro, na véspera, provocando muxoxos e olhares de reprovação por parte das circunspectas pessoas com quem cruzavam. Só conseguia recordar uma vez que lhe tinha tocado, essa vez do aperto de mão. Notou dessa vez, ela tinha a mão quente e isso tinha-o perturbado. Apenas. Agora tinha dormido na mesma cama. Como tomaria ela a coisa? Os americanos são complicados, cheios de traumas e kijilas, sabia, mas talvez fossem só os homens. Também as mulheres?

Terminou o banho e voltou para o quarto, descobrindo-a acordada, os louros cabelos soltos sobre a almofada,

uma flor de luz. Ela saltou então da cama, rindo, que grande bebedeira apanhámos ontem, não foi? E descalça correu para o banho. Ele ficou sentado num cadeirão à espera, ouvindo a água do chuveiro correr. Depois a água parou de correr, a porta se abriu e Susan apareceu. Nua.

Foi assim que fizeram amor pela primeira vez, iniciativa dela. Nacib tinha pensado nessa possibilidade muitas vezes, mas nunca ousou a mínima tentativa. Como por acaso e de forma abstracta, tinham lhe explicado na companhia de petróleos que na América as pessoas eram muito sensíveis às questões de assédio sexual, que muitas vezes um gesto menos pensado desgraçava carreiras profissionais promissoras. Uma maneira de dizer, muito cuidado, não te metas com mulheres se não tiveres a certeza absoluta de que elas também estão dispostas a isso. Cumpriu rigorosamente. Até lhe aparecer Susan nua num quarto de motel no vale de Napa. Poderia ser acusado de assédio se as coisas não corressem bem? Havia casos parecidos em que depois elas acusavam os parceiros de violação, exigindo fabulosas quantias de indemnização para manterem a boca calada. Mas é claro que se tratava de tipos muito ricos e sem vontade nenhuma de aparecerem nas páginas de jornais. Com ele não havia muito perigo, nem tinha dinheiro nem temia publicidade negativa, porquê haveriam de fazer chantagem com ele? Para dizer a verdade, esqueceu esses perigos imaginários quando viu a pele dourada de Susan a se oferecer toda. Nunca tinha estado com uma branca e talvez ela também não com um negro. Haveriam de comprovar a seguir que de facto era a primeira vez para os dois. E não se deram mal na primeira prova, como já antes se tinham dado bem nas de vinhos, porque multiplicaram depois os pretextos para se deitarem juntos.

Foram em dois fins-de-semana a Los Angeles e San Diego, dessas vezes de avião, mas de carro sulcaram a

Califórnia do Norte, desde o Vale do Silício e Monterey, onde foram ver a fabulosa colecção de alforrecas marinhas no mundialmente famoso oceanário, até aos confins do vale de Sacramento e a fronteira do Oregon. De bons companheiros passaram a bons amantes, sem grandes análises nem discussões teóricas, e sem nunca falarem de futuro. O futuro estava escrito, ele acabava a especialização e voltava para Angola, Susan ficando agarrada aos seus esquilos, bichos simpáticos aliás com quem se cruzavam em cada esquina ou árvore do campus da universidade, em Berkeley. Amantes, sim, mas dentro de casa. Porque na rua ou em sítios públicos, nem de mãos dadas andavam. Nem eles nem os outros. Foi uma coisa que espantou Nacib, era muito raro ver um par de namorados nas ruas. Nem mesmo nas universidades, lugares por excelência das ideias e costumes mais livres. Nem mesmo na de Berkeley, conhecida por ser pioneira de lutas travadas nos anos 60 contra a guerra do Vietname e a favor da igualdade de direitos, berço de liberdades e de hippies, onde se chegou a proclamar a revolução sexual. Era raro, raríssimo, ver um par de mãos dadas ou alguém a roçar discretamente os lábios pela orelha de outro. Vocês são muito pudicos mesmo, dizia ele para Susan, deixam tudo para dentro de casa.

— Talvez apenas hipócritas — dizia ela.

Por isso ele não tentava lhe segurar na mão ou fazer uma carícia no cabelo, excepto no escuro dos cinemas. Por isso olhava sempre para trás quando à noite regressava a casa. Era paranóia, sabia. A influência do cinema, enchendo a América de delinquentes e assassinos à solta pelas ruas, e a ideia de que os ianques não aceitavam ligações sentimentais entre raças diferentes, tudo isso provocava inconscientes reflexos de medo. Ia nas ruas à noite e sentia olhos colados na sua nuca. Ilusão pura. Mas funcionava como aviso. Estás a te

meter com uma filha alheia, embora adulta e emancipada. Um dia pode aparecer um parente ou um rival com dor de corno e te enfiar uma faca nas costas. Logo afastava a ideia, os filmes são os filmes e a realidade é outra coisa. Acalmava um pouco. Mas voltava a acontecer no quarteirão seguinte. Como se houvesse olhos invisíveis que se colavam à nuca das pessoas.

Nunca falou a Susan de Mireille. E evitava pensar em Mireille. Mireille pertencia a Luanda e à vida dele, mas em Luanda. Estava agora na América, não dava para misturar. Um dia esteve quase a falar sobre Mireille com Susan, foi quando ela contou de um antigo namorado, Omar, de nome árabe mas branco e de olhos cinzentos, nascido no extremo norte, fronteira com o Canadá, Minnesota. O Omar tinha esse nome por causa do pai, um tipo psicologicamente instável que resolveu se converter ao Islão na altura em que o filho nasceu. Daí ter mudado o nome para Abdullah e dado o de Omar ao filho. Mas em breve se reconverteu ao cristianismo, se inscrevendo numa seita xenófoba do sul dos Estados Unidos que negava a teoria da evolução das espécies e qualquer capacidade intelectual em pessoas de cor mais escura que a dele. Da sua passagem pelo Islão ficou apenas o nome do filho, pois retomou imediatamente o seu de antes de ser muçulmano. Mas este Omar, que ela tinha namorado quando muito jovem, seguiu o pai para o sul, Texas, nunca ligou muito a religiões nem a ideologias e se meteu num lobby de petróleo, estando bem de vida, ao que constava. Ela falava disso porque Omar lhe tinha telefonado informando da sua iminente chegada a San Francisco e esperando se encontrar com ela.

— Queres conhecer um tipo estranho? Vamos jantar com ele, anda lá.

Nacib primeiro recusou, queria lá saber do tal Omar! Ainda por cima se tratava de antigo namorado de Susan, podia parecer querer controlar, como qualquer macho

ciumento. Mas ela insistia, ele é um chato, se me vir contigo põe-se no seu lugar e voltamos logo. Se eu for sozinha, ele vai querer recordar velhos tempos e tentar provar-me que sempre fui a mulher da vida dele, terei de ser rude e perco muito tempo e fico além disso com a noite estragada. Tanto insistiu que ele cedeu e acompanhou-a a San Francisco. Atravessaram a Baía através da Golden Gate, o que o comovia sempre quando o fazia à noite. Só por causa dessa viagem por uma das pontes mais célebres do mundo e com a vista nocturna de San Francisco saindo da bruma valia a pena ir ter com um tipo que não lhe dizia nada, ainda por cima pertencendo provavelmente à seita racista do pai, apesar da garantia em contrário de Susan. Se encontraram num restaurante italiano da Columbus Ave. Omar ficou surpreso por ver Susan acompanhada, o cumprimento foi formal embora não agressivo. De facto o tipo tinha olhos de lobo, absolutamente cinzentos. O cabelo também era cinzento de nascença. Segundo Susan, também os pensamentos eram cinzentos. Ia ser um jantar estranho, cinzento.

Se a primeira surpresa foi para Omar, a segunda foi para ele, quando disse sou angolano. O outro conhecia o nome do país, o que para já era de espantar num americano. Mas, mais que isso, sabia mesmo muitas coisas. Estava ligado a tipos do petróleo que faziam lobby pelo governo angolano junto das autoridades americanas, tendo contribuído para o melhoramento das relações com o governo angolano e o isolamento dos rebeldes, ganhando um monte de massa com isso. E foi falando de gente do poder que conhecia de Angola, embora nunca tivesse ainda ido lá. Porém iria em breve, dentro de meses. Coincidências do caraças, pensou Nacib, conhecer um tipo que está para ir a um país que aqui ninguém conhece. E ficou gelado ao pensar nesta coisa das coincidências quando Omar disse que uma das

razões da sua ida em breve a Angola era um negócio que estava a discutir já há tempos com um empresário local, o senhor Vladimiro Caposso, conhece? Mais uma vez ia falando de Mireille ao pé de Susan, pergunta se conhece o Caposso, então ele é o pai da Mireille, como não ia conhecer...

[Antecipo-me dizendo, estou de acordo com os sempre amáveis leitores, também é puxar demais a corda para esta coincidência, aliás absolutamente inútil para o decorrer da estória, a qual poderia acabar da mesma maneira sem esta deriva forçada; é fazer os leitores de parvos, como se na vida estas coisas acontecessem, um personagem encontrar outro na imensidão de um continente que, além de conhecer um país africano sem qualquer relevância na cena mundial, conhece alguém próximo do primeiro personagem, mesmo se apenas próximo por filha interposta. Pois é, por ser exagerado demais é que ponho esta coincidência aqui, adoro inverosimilhanças, impossibilidades, arriscar ser chamado de excessivo, incapaz de medir consequências e mesmo, o pior de tudo num escritor, desleixado. Nem imaginam como me reconfortam as vossas críticas e maledicências... Por outro lado, escolher um terceiro americano para interferir mais tarde na vida de Caposso, criar-lhe uma voz e um rosto, além de um passado, me parece ser demasiado dispendioso, contrário à conhecida teoria da economia literária, sobretudo neste século de ideologia dominada pelo Fundo Monetário Internacional. Que o diabo decida entre as duas possibilidades.]

O jantar até não correu mal. Omar queria saber tudo sobre Angola e sobre Nacib e, já agora, sobre ele e Susan, o intrometido desavergonhado. Até podia se tratar de dor de corno, pensava ter uma noitada com a antiga namorada num terraço de San Francisco e afinal ela já tem companhia para desfrutar da paisagem, deveras frustrante. Foi encomendando os mais caros

vinhos e as entradas da casa, as quais são sempre muito variadas num restaurante italiano que se preze, desde as trufas e os ovos de codorniz até os cogumelos camuflados e toda a espécie de azeitonas temperadas em molhos esquisitos. E depois vieram os pratos de resistência e mais vinho da melhor safra italiana. Realmente, além de aprender sobre petróleo, Nacib estava a se tornar especialista em vinhos com a sua estadia californiana. Mas voltemos a Omar. O anel com o diamante que ostentava na mão esquerda e o relógio a condizer diziam muito sobre a riqueza do lobista. Tinha ganho bastante dinheiro com Angola, não o escondia antes tinha orgulho em afirmar, mas não só. Também a Nigéria por vezes recorria aos seus préstimos. Até com a China e o Irão já tinha tido algumas aventuras de muito proveito. E desvendou tranquilamente a um Nacib perplexo como contava em breve ganhar bué de dinheiro com uma empresa de capitais americanos associados a nigerianos que iam competir para uma porção de mar junto da ilha de S. Tomé. Contra os interesses angolanos, lhe garanto, dizia ele com toda a candura. Mas então como é, você faz lobby por Angola e depois vai fazer por outro lado contra Angola? São negócios, meu amigo, não há nada de pessoal nisso, adoro o seu país, embora nunca lá tenha posto o pé, mas é apenas profissionalismo. Um advogado também pode defender um cliente num caso e ser contra ele noutro caso, palavra de Omar, o cinzento. No fim pagou o jantar, gostei muito de te ver, Susan, estás cada vez mais bonita, e gostei muito de o conhecer, está aqui o meu cartão com todas as coordenadas, se precisar de alguma coisa é só telefonar, afinal estamos no mesmo sector, vivemos no fabuloso e infindável mundo dos petróleos.

Nacib de facto estava apenas a fazer estágio para entrar nesse mundo. E não seria de todas as maneiras o mesmo mundo de Omar, ele não pretendia fazer

negócios, apenas tratar de refinarias e outras coisas do género, obras que ficavam, que se viam, se podiam tocar com a mão e sentir o calor delas. Foi isso que explicou a Susan no caminho de regresso para o outro lado da Baía, desta vez pela outra ponte, sempre era caminho mais curto, deixando para trás San Francisco e Omar.

— Mas afinal o que queria ele de ti?

— Talvez apenas ver-me. E, se calhasse, ir para a cama comigo. Parece óbvio.

— Nesse aspecto saíram-lhe furados os planos.

— Mas ganhou alguns conhecimentos sobre o teu país. Podes ter a certeza que os vai utilizar muito bem, para seu proveito, claro. Não faz nada sem pensar no seu interesse.

— Os olhos dele são incríveis — disse Nacib. — Nunca tinha visto olhos tão claros.

— Os antepassados eram finlandeses. Daí os olhos. Frios. Sempre foi muito calculista. O contrário do pai. Um pobre diabo, totalmente maluco, devia estar engaiolado num manicómio, absolutamente reaccionário, embora também com os olhos claros. Caiu em todas as seitas e igrejas, acredita no primeiro pregador. O Omar não tem igreja nenhuma, só pensa no dinheiro, esse é o seu deus.

— Haverá algum americano que não tenha algum deus? — perguntou ele, duvidando.

— Há poucos, tens razão. A religiosidade está ligada ao próprio nascimento dos Estados Unidos, está na constituição, até no dólar. Eu mesma, que sou descrente dessas coisas, muitas vezes me acho com uma relação religiosa com a ciência. E o Omar tem a religiosidade do pai na sua relação com o dinheiro. Percebeste?

— Mais ou menos.

— Não há político americano que não seja religioso. E não é só por jogada oportunista, para cativar votos de crentes. Os políticos são mesmo religiosos. A política americana é intimamente ligada ao conceito de Deus.

Apesar de ser um estado laico. Complicado para um estrangeiro?

— Talvez não para um africano. Essa religiosidade de que falas faz parte da nossa personalidade, não adianta dizer o contrário. Muitas vezes nós próprios chamamos feitiço ou feiticismo a essas crenças, mas é só para fingir modernismo. Apesar de não acreditarmos, o que é o meu caso, por exemplo, temos reflexos que... provavelmente vêm dos... milénios. Ia dizer genes, evitei a tempo.

Susan riu com ele, eu é que devia falar de genes, pelo menos é a minha área. Chegaram à rua dela. Ele morava mais para cima, numa casa de trânsito da petrolífera, nas colinas, uma mansão cheia de madeiras caras e mármore rosados, onde tinha medo de pisar no chão para não o riscar.

— Entras? — perguntou ela. — Aqueles mariscos e as trufas e essas coisas todas são superafrodisíacas.

Ele não se fez rogado. Estava a acabar o seu tempo na região, tinha de matar saudades antes mesmo de as sentir.

Voltou para Luanda em Outubro de 2003, com uma especialização aprimorada, um emprego assegurado e algum conhecimento do mundo de fora. Antes nunca tinha saído de Angola, nem para os habituais Portugal ou Brasil, terra de férias de tantos compatriotas, mesmo pouco afortunados, mas com algum sentido da aventura.

Voltou para os braços de Nga Celestina das Dores, orgulhosa por ter um filho engenheiro e que estudou bué nos Estados Unidos, tinha mesmo trazido um papel para mostrar, não andou lá a se passear, está aqui escrito foi aluno muito bom, igual daqueles americanos colegas dele, mesmo estudando na língua alheia que ela não entende nem uma palavra, o seu filho era uma cabeça que ainda lhe ia dar muitas alegrias e vaidades. Sô Bernardo Domingos, mais comedido, tinha de esquecer o ressentimento e deixar explodir o orgulho, parece ele vai

trabalhar na refinaria nova que vão construir no sul, por enquanto vai ainda ficar numa plataforma no mar, ele é que escolheu, não gosta de escritório, é como eu, também não gostaria de ficar só a ver papéis, pena só que ele gosta de ferro e não de madeira. O padrinho, então, fechou a loja, pegou no braço de Nacib e foi mostrá-lo na vizinhança toda e na oficina de Sô Mateus, com Zeca a acompanhar, está aqui o grande homem, ele vai ser o chefe dos petróleos de Angola, não esqueçam o que vos digo, o futuro vai provar. Nacib negava, não me deseje tanto mal, padrinho, eu só quero ajudar a construir a refinaria nova e depois trabalhar nela, isso é que gosto, dirigir não, reuniões e mais reuniões, relatórios e mais relatórios, chatices, malandragens, bassulas, não, dirigir não é para mim, alguém que dirige tem de ser um bocado filho da puta. E tu não és nada filho da puta, lá isso é verdade, concordou sô Germano, talvez até menos demais.

Nacib, ao voltar à terra, notou diferenças, nas coisas e nas pessoas, elas apareciam todos os dias. Não podia dizer se eram diferenças para melhor, mas parecia as pessoas estavam mais calmas, efeito da paz alcançada. E estava muito contente por de novo se encontrar entre os seus. A primeira ausência é sempre muito dura, as saudades apertavam, contava os dias faltando para o regresso. Embora também temesse perder algumas coisas de que pela primeira vez desfrutara no exterior. Quanto a ausências, teria mesmo de se habituar, sobretudo se de facto se concretizasse a ideia de ir ajudar a montar a nova refinaria, no Lobito, bem longe da casa dos pais. Mas não queria pensar nisso logo no primeiro dia da chegada. O que quis foi pegar num motor em cima de uma banca, na oficina de Sô Mateus, acariciá-lo, saber, que é que ele tem? Os outros riram, o mecânico mais do que ninguém, lá não tiveste maneira de tocar num desses, nem devem existir lá, isso é um

Lada soviético que talvez já nem se fabrica. Mas sô Mateus nem precisava dizer do que se tratava, à primeira vista Nacib tinha reconhecido a proveniência do motor e talvez, quem sabe, adivinhado as suas mazelas. De motores sabia tudo ou quase, o inventado e o inventando. Já não podia dizer o mesmo de mulheres, embora tivesse aproveitado bem o estágio proporcionado pela competente Susan, excelente professora. Então sobre Mireille, haka, a sua ignorância era ainda maior. Mireille positivamente fugia à sua compreensão, em relação a ela pressentia nunca ter aprendido nada. A Mireille que ele conheceu de trancinhas, mais tarde com cabelo desfrisado e apanhado atrás num coque, depois encaracolado e finalmente com tissagens e extensões em tons mais claros. Mireille...

Janeiro de 1997

Estudava na escola francesa, considerada uma das melhores de Luanda e com aproveitamento largamente elogiado pelos professores e direcção. Parecia normal continuar os estudos numa universidade de Paris, talvez mesmo a prestigiada Sorbonne, cuja entrada já estava assegurada, garantia o pai, mas a própria Mireille não estava segura de querer estudar fora, mesmo se não entendia os estranhos escrúpulos.

Para Ivan a irmã era um ponto de interrogação. Tinham conversado um dia sem discussões nem gritos, o que se ia fazendo raro à medida que cresciam os dois, e ela lhe confessou, não sei se tenho vontade de ir para Paris. Era o maior disparate que ele jamais tinha ouvido e disse-lho, estás parva ou quê, mas era isso mesmo, ela não queria deixar os pais, preferia mesmo estudar na universidade de Luanda, apesar de todas as fraquezas do seu ensino. Ele primeiro achou era só parvoíce, mas Djamilia vinda de férias confirmou, Mireille tinha pouca vontade de ir para o exterior. Fugia assim ao esquema habitual de todos os jovens com pais podendo encontrar maneira de os mandar estudar fora. Qual o motivo? Mistério. Seria só medo de viver sozinha numa cidade estranha? De viver sozinha talvez, pois Paris não lhe era de maneira nenhuma estranha. Vladimiro Caposso tinha criado especial fascínio por essa cidade que aprendera a chamar das luzes. E muitas vezes tinham ido passar férias a França, ou pelo menos derivar por ali se iam conhecer a Áustria ou Finlândia ou se o pai tinha de ir ver como andavam as inúmeras contas que tinha em bancos do Luxemburgo ou do Liechtenstein, paraíso fiscal muito

apreciado então pela fina-flor dos negócios luandenses. Uma parada, mesmo curta, em Paris era obrigatória. E quando chegavam, Caposso invariavelmente dizia, cá estamos na cidade das luzes. Mireille já tinha estado um mês internada numa casa de madres muito perto das ruínas de Cluny, para praticar melhor a língua que, diga-se de passagem, dominava com bastante propriedade.

Ela tinha então catorze anos e guarda recordações ambíguas dessa estadia. Por um lado é sempre um encanto estar em Paris para quem sonha em francês. E ainda por cima em pleno Bairro Latino, onde tudo pode acontecer. Podia acontecer há dois séculos e pode ainda, constância rara em cidades. E aquela luz saindo das vetustas paredes e dos monumentos... Mas não gostou de estar internada, sujeita a restrições que não tinha em casa e sobretudo obrigada a rezar ou pelo menos fingir duas vezes ao dia. Caposso tinha sabido dessas exigências antecipadamente mas se resignou, apesar de nunca ter procurado qualquer formação religiosa para os filhos. Houve uma dificuldade, sim, pois as madres a princípio não queriam aceitar Mireille, ela não era baptizada, tristeza de Bebiana. Caposso tinha casado apenas pelo civil e nunca aceitou baptizar os filhos. O que diriam os camaradas do partido se soubessem? Bebiana engoliu as frustrações, aceitou, sem poder se socorrer do próprio pai, católico clandestino nesses tempos de ateísmo militante. O mais-velho Joaquim Antunes, coordenador de uma célula do partido no sector ferroviário, escondendo crucifixo no quarto de dormir, não podia dizer nada ao genro a favor da filha e assim confessar as suas pecaminosas crenças. Sempre suspeitara uma segunda natureza em Caposso, capaz por exemplo de o denunciar como religioso praticante só para se vingar de alguma desfeita involuntária feita antes. As crianças não foram pois baptizadas e da religião aprenderam umas coisitas que a mãe lhes

contava às escondidas. Pouco ensinamento, afinal. Apenas alguns pormenores da vida de Jesus Cristo, um branco bonito na opinião de Bebiana e das filhas, o qual não tinha despertado interesse nenhum em Ivan, provocando mesmo frases blasfemas, aquelas barbas eram malaikas, o gajo era boélo bué, muadiê arcaico e coisas semelhantes para explicitar quanto a figura de Jesus Cristo estava fora de moda.

Mas, voltando ao que interessa, as madres não pareciam muito dispostas a aceitar Mireille, embora um dinheirinho extra sempre ajude nas santas obras, claro. Valeu o facto de a mãe ser baptizada e uma promessa de que Mireille poderia ser convertida, se o entendesse, ao atingir a maioridade. Tanto bastou para acalmar os escrúpulos das freiras e poderem sem remorsos amealhar o dinheiro do alojamento, a preços inflacionados, claro. Também se compreendem as elevadas taxas, a hospitalidade não pode ser retribuída da mesma maneira, se tratando de um católico praticante, um protestante, um ateu ou um muçulmano. A militância religiosa das madres foi o que mais incomodou Mireille, sujeita a um verdadeiro cerco durante aquele mês, pois as pias senhoras se revezavam tentando atraí-la para a única verdade que conheciam, a da sua Fé. Ela fingia ouvir, fingia rezar, o que desconhecia totalmente, e sofria calada a incómoda pressão sobre os joelhos nus sobre madeira quando tinha de se ajoelhar na capela. A capela era certamente uma beleza, dos princípios do gótico, de pedras nuas a fazerem conjunto com as ruínas de fora, mas incómoda como tudo. No entanto, podia sair frequentemente com as companheiras da mesma idade e com um casal angolano amigo do pai, o qual todas as semanas a vinha buscar para almoçar e passar parte do dia em casa deles. Aproveitou conhecer Paris mais detalhada mente do que quando viajava com a família e andou dois dias

perdida pelos infindáveis corredores do Louvre, admirando fascinada os tesouros nele depositados, reconhecendo muito do que aprendera nas aulas da escola francesa. Quando Caposso levava a família a Paris, Mireille tentava ser a cicerone, embora os gostos, decididamente, não fossem os mesmos. Ela tinha aprendido nos textos da escola o que fora a corte de Versalhes e insistiu uma vez na visita mas VC em breve se aborreceu mortalmente, não viemos a França para ver casas mesmo se são palácios cheios de dourados, a ele interessava o ouro apenas como riqueza, e detestava visitas a museus e monumentos, preferia restaurantes e bares e particularmente os cabarés de Pigalle, mas a esses ia com kambas ou com a malta da Embaixada de Angola, deixava a família no hotel.

Outra consequência dessa estadia sozinha em Paris foi se descobrir um temperamento artístico, o que realmente a surpreendeu. Gostava mesmo de esquecer o tempo admirando obras de arte, fosse pintura ou escultura, e um dia ficou absolutamente extasiada com as fabulosas peças africanas descobertas no Museu do Homem. Sempre pensara vir a ser economista, gestora, para trabalhar com o pai nas empresas. De todos os filhos, era Mireille a mais próxima dele e a atracção era recíproca. De pequena se interessava pelos negócios e o seu maior prazer era ir visitá-lo ao escritório e observar a maneira autoritária como comandava tudo e tratava as outras pessoas, fossem subordinados ou clientes. Pequena ainda, tentava imitar o pai em casa. E tratava com altivez e dureza os criados, como via Caposso fazer com os seus empregados. De repente, em Paris, descobriu o lado belo de certas coisas. O pai foi buscá-la e ela insistiu em levá-lo antes ao Museu do Homem, tinha a certeza de ele gostar. Foi uma grande desilusão provocada pelo pai na sua vida, para ver estes mamarrachos não preciso de sair de Luanda, basta ir ao

mercado do artesanato em Belas, lá até tem mais coisas, nem percebo como gastam dinheiro e tempo a colocar estas peças aqui numa casa tão grande, os franceses têm pouco juízo e pouca queda para os negócios. Pronto, numa coisa ao menos diferiam. Ela adorava contemplar aquelas peças e começou a coleccionar livros sobre arte, africana em particular, o que, como toda a gente sabe, são caríssimos e só existentes na Europa ou América. Mas o pai lhe fazia a vontade e encomendava os calhamaços, como lhes chamava desdenhoso, aí tens mais um calhamaço com manipansos, diverte-te que eu fiquei na miséria com tanta despesa.

Andava ela nesse dilema, sem saber se ia estudar para fora ou não, embora ainda faltasse pelo menos um ano até ao momento da decisão, quando Nacib apareceu radiante para anunciar que tinha conseguido entrar na universidade. Em Luanda, pois claro. O rapaz nem tentou uma bolsa para o exterior, apesar de ter notas elevadíssimas. Não tenho cunha, serei infalivelmente excluído das listas. Mas não se interessava mesmo, pois havia casos de jovens de modesta extracção e que tinham conseguido bolsas. Abandonar Luanda, deixar a oficina de sô Mateus, para já não falar das pessoas de quem gostava? Para quê? Queria ser engenheiro mecânico, mas ali mesmo, continuando a mexer nos motores, continuando a ir à praia na Ilha, a conversar com os amigos, a ter a família por perto. Tanta convicção perturbava Mireille, gostaria de ser como ele, saber o que fazer, sempre na certeza de estar no caminho certo. Claro, ela estava errada na sua avaliação de Nacib, também ele muitas vezes se remoendo em dúvidas e timidez. No entanto, mostrava uma forte aparência de segurança e mesmo a timidez, evidente, aparecia no julgamento dela não como tal mas antes como prudência, sabedoria de cágado velho.

— O meu pai diz que vou para Paris, tu sabes — disse ela. — Mas eu não sei.

— Se queres estudar História da Arte ou coisas dessas, aqui não podes, não há nada disso.

Era conversa antiga. Só Nacib sabia dessa sua inclinação. Chegou a lhe mostrar algumas tentativas de desenho, experimentadas numas férias posteriores à sua estadia em Cluny, copiando telas do Louvre, o que via os estudantes fazer sentados nos escabelos ou no chão das salas principais. Não pareciam grande coisa, mas ele reconhecia a sua ignorância em matéria de arte, conhecia apenas desenho geométrico, e, além disso, podia desastradamente castrar uma vocação nascente com alguma observação precipitada e negativa. Disse, não sabia que desenhavas tão bem, ora, são apenas esquisos, afirmara ela, modesta. Mas nunca passou dos esquisos, não se aventurou nas telas, nas aguarelas ou mesmo na vulgar tinta da China, algo a impedia. E de facto compreendeu finalmente, o que a atraía na arte não era o acto de a criar, mas sim entender a criação dos outros. Por isso se inclinou para História da Arte, com a ajuda prestimosa da professora da matéria na escola francesa, uma fanática, no bom sentido da palavra. A professora por vezes levava a máquina de projectar para a aula e passava o tempo a lhes mostrar figuras de esculturas, africanas ou outras, explicando o seu sentido e tentando ligar as obras de arte ao meio cultural em que tinham sido geradas. Mireille conheceu assim melhor a escultura dos Fang ou dos Bamiléké, os bronzes do Benin ou os cachos humanos dos Macondes. Os colegas riam descaradamente, falavam na voz aguda dos adolescentes, andavam barulhentemente pela sala, mas a professora nem notava, toda dentro das figuras amadas, os olhos arregalados ao mostrar um detalhe, uma curva fora do comum, quase babando de gozo. Para o fim, só Mireille a escutava, fascinada. Se a professora

era fanática, como diziam os colegas nos seus cochichos, ela era desvairada por essas aulas e insultava os amigos por serem uns ignorantes matumbos. Reforçou assim a vocação adivinhada em Paris.

Nacib, entretanto, olhava para a enorme réplica da torre Eiffel em madeira que Caposso tinha mandado erigir no jardim da frente da moradia, em sinal de carinho pela capital francesa. Tinha mais de cem pequenas lâmpadas e à noite ficava toda iluminada. Iluminação feérica numa cidade com constantes falhas eléctricas e onde partes inteiras de bairro nunca tinham visto uma lâmpada acender. Eis o género de obras que o meu velho gostaria de ter feito, ele era capaz, bastava ter umas fotografias, e ganhava uma boa maquia com o serviço, pensava sempre Nacib. Mas VC não confiava na mão-de-obra local, dizia sempre na origem tudo é melhor. Assim, tinha mandado fazer a torre em Paris, veio mesmo uma equipa francesa depois montá-la no jardim, uma despesa e tanto. O máximo do novo-riquismo boçal, um espalhafato de mau gosto, tinha sido comentado nos jornais da terra. Nacib também achava mas não manifestava o pensamento para não ofender Mireille, nem nunca quis puxar o assunto, preferia nem saber o que ela pensava dos duvidosos conceitos estéticos do pai dela.

— Estudar arte só mesmo lá fora, tens razão — disse ela. — Mas o meu pai passa-se. Está sempre a dizer que a filha querida vai estudar para gerir os negócios dele, sou a continuadora... A Djamila foi para medicina, o Ivan nunca vai fazer nada e o pai nunca vai deixá-lo tomar conta de qualquer negócio, o Yuri é muito virado para computadores, ou então literatura, só gosta de ler. Pode mudar, ainda é muito novo, mas não estou a vê-lo interessado em economia ou negócios.

— O senhor Caposso vai ter problemas — disse Nacib, sorrindo. — Sei o que é isso. O meu pai sempre quis que

eu trabalhasse com ele. Mas, vá lá, o Zeca seguiu-lhe os passos, resolveu a questão. Os pais sempre querem um filho que continue a obra deles, é normal.

— O meu não vai ter essa sorte. Durante muito tempo pensei ser a continuadora dele, tinha orgulho nisso. Mas agora sei, não faz mesmo nenhum sentido. Gosto é de contemplar os manipulansos, como ele chama, posso ficar horas a olhar para uma máscara de Muana Puó, às vezes só uma fotografia.

Estavam encostados ao muro da casa dela, ele do lado da rua. Há anos acontecia. Nos primeiros tempos, ele só passava e olhava de lado. Passaram a sorrir um para o outro. Depois a se cumprimentarem. E finalmente ele parava e trocava algumas frases de ami zade. Escondendo o amor, por terrível timidez. Até que foi ficando mais tempo, ela forçando a companhia, convidando-o a entrar em casa, vem, a minha mãe não se importa, mas nunca ele aceitou, nunca passou o umbral do portão. Mesmo quando começaram a trocar carícias, já mais velhos, foi por cima do muro. Por cima nem sempre. Havia um buraco disfarçado pelas folhas de uma trepadeira e ele podia introduzir a mão através desse buraco e segurar a dela. Depois foi explorando o braço, depois a cintura, as costas, um dia lhe tocou nos seios. Ela deixava, continuava a falar como se não notasse, se chegava mesmo para ele ir mais longe. O primeiro beijo foi por cima do muro, com medo, porque o guarda estava sempre no passeio e particularmente interessado em vigiar o relacionamento deles, talvez com ordens do patrão para espiar. Como o guarda ficava à frente do portão, não podia ver que o braço de Nacib se introduzia pelo muro, mas podia facilmente detectar os beijos.

Quando chegaram a essa fase do primeiro beijo, Mireille insistiu, devias entrar, lá dentro sempre estamos mais à vontade, mesmo com a minha mãe e os meus

irmãos. Ele recusava e ela dizia, mas eu queria estar mais próxima de ti, aqui temos o muro, o guarda, as pessoas que passam. Vamos nos encontrar fora daqui, dizia ele, mas onde? Nacib realmente não conhecia sítios tranquilos ali na zona. O único quintal mais fácil de atingir era o da escola do bairro, numa rua de cima, mas estava sempre ocupado por alunos e professores, não podiam ir para ali namorar, excepto à noite. A chamada zona verde tinha algumas árvores e algum espaço, mas era demasiado aberta, ficavam à vista de toda a gente na mesma. E andavam nisto, ela a querer mais e ele sem saber como fazer. Pensou em mil hipóteses, todas elas utópicas e logo rejeitadas. Se tivesse um carro, seria simples, iam para o fim da Ilha ou para os lados da Corimba, ver o pôr do Sol no mar. Mas mesmo isso só nos fins-de-semana, pois nos outros dias devia ir para a oficina. Casas de amigos nem poderiam ser hipótese, as casas dos seus amigos eram ximbecos onde não se atrevia a levar Mireille. Só à noite.

Ela ia à noite a discotecas com amigos, já tinha dezassete anos e os pais deixavam, embora sempre com o Ivan a vigiar. Caposso sabia dos perigos que corria uma jovem em Luanda, ele próprio induzia algumas nesses perigos, por isso era extremamente rígido para as filhas. Djamila se libertara, indo para Londres. Mas antes tinha sofrido bastante para conquistar alguma liberdade, a qual nem aproveitava aliás, por ter complexos de ser feia e não aceitar nenhum namoro. E se saía à noite, tinha de ir acompanhada pelo Ivan, embora ele fosse mais novo. Mireille entretanto não ia, ainda é muito nova. No entanto, lhe concediam uma relativa liberdade em Paris. O pai considerava Paris uma cidade segura para meninas, pois de facto só conhecia aí coristas já de certa idade, seu particular entretenimento nas noites de farra em que pagava champanhe para toda a gente.

Portanto, a única maneira de o casal ter alguma intimidade, embora em sítio público, era nas discotecas. Nacib detestava sítios onde se bebia e fumava muito, sobretudo por causa da música alta, cujas vibrações lhe faziam bater o coração com violência inaudita. Mas aceitou ir, não havia outra solução. A presença de Ivan em breve deixou de ser um problema. Um ano mais novo que Nacib, mas sentindo a superioridade do seu estatuto social, Ivan primeiro via muito mal a presença do outro, incapaz de esconder a origem de classe popular, mas acabou por condescender em aceitá-lo como companheiro dessas noites em que pastoreava a irmã. Na confusão dos pares dançando, Nacib e Mireille podiam se esconder de Ivan e trocar beijos e abraços mais fortes. Algumas amigas dela também ajudavam, dançando em grupo e fazendo cortina. A partir de certa altura, nem era preciso muita prudência, porque Ivan ia se emborrachando e perdendo a lucidez. Depois esquecia os deveres fraternais e partia com os amigos habituais para outros sítios. O casal ficava então livre para expandir os seus sentimentos. E ele acompanhava-a a casa cedo, no carro de uma amiga de ambos, Cristina. Esta também não suportava o ruído das discotecas e só ia para servir de apoio a Mireille. Quando foi da primeira vez, Caposso queria mandar o carro com motorista levar e ir buscar a filha à discoteca. Esta conseguiu defender sabiamente os seus argumentos, Cristina levava-a, não era necessário mobilizar um motorista só para ela, o Ivan também andava nos carros dos companheiros. Bebiana achou bem, gostava de Cristina, os pais dela eram amigos de casa. Vladimiro cedeu, como sempre quando se tratava da vontade de Mireille, embora resmungando, então não sei para que servem tantos motoristas, afinal são pagos para não dormirem.

No entanto, as restrições permaneciam. Tinham de vir cedo e com Cristina. Não dava ficarem numa rua ao lado

e depois virem a pé para casa dela. O guarda certamente tinha instruções para informar Caposso de ocorrências desse género. Tinha ficado muito claro logo no princípio, pois Mireille tinha ouvido o pai perguntar ao guarda, a menina veio ontem com a amiga? Sim, veio no carro com a amiga e mais um rapaz. Eles depois foram no carro e a menina ficou. Quando soube deste primeiro caso, Nacib se indignou, esse teu pai anda a mandar vigiar-te, não tem confiança em ti. Mas ela desculpava tudo, é para meu bem, ele se preocupa com a minha segurança, não penses outras coisas, o meu pai é o melhor pai do mundo. Curioso, pensou Nacib mas sem ousar falar, o senhor Caposso nem perguntou pelo filho, o qual deveria vigiar a irmã mas não entrou com ela em casa, perdido de bêbedo algures na Ilha. Em relação ao Ivan, o senhor Caposso não é certamente o melhor pai do mundo.

Não só Mireille considerava Vladimiro como irrepreensível, também a mãe. Bebiana dizia às amigas, o meu é o melhor marido do mundo. Talvez porque quando ela estava grávida de Djamila ele se matou para arranjar a casa e assim sossegar os escrúpulos de sô Joaquim Antunes e suas ameaças com o braço comprido do partido. Talvez porque nunca faltou comida em casa e à medida que ele subia na vida proporcionou as melhores condições para a família. Talvez porque nunca quisesse saber das aventuras com outras mulheres que ele ia regularmente arranjando e almas piedosas lhe vinham relatar. Sobretudo a mãe e as irmãs dela, sempre atentas a todas as kuribotices, para defesa dela, diziam, contritas, mas sem esquecerem de relatar nenhum pormenor, mesmo os mais picantes, dolorosos como espinho em planta do pé.

De facto, Vladimiro Caposso em breve cansou da beleza de Bebiana. A Manuela, uma companheira da Jota, foi a primeira séria aventura extraconjugal. Não saiu ileso do caso. Enquanto durou o interesse, não houve

consequências, escondiam bem as relações ilegítimas. Mas quando ele deixou de aparecer a encontros, ela tirou as unhas de fora. Começou a persegui-lo e chegou mesmo às ameaças. Que estava grávida. Não era verdade, pelo menos não podia ser dele, pois usava sempre preservativo por causa desses percalços. Percebendo que essa ameaça infantil não tinha preocupado o rapaz nem levado a um melhor relacionamento, Manuela passou a ostentar a ligação junto dos camaradas, já não escondia nada, de cabeça perdida. Os mujimbos apareceram, os olhares de lado, conversas que se calavam quando ele aparecia. A própria ofendida provocou uma reunião de crítica e autocrítica, porque o camarada Vladimiro Caposso a tinha seduzido e ela não sabia ser ele casado, senão nunca aceitaria ligações contrárias à ética ensinada pelo partido, estava muito arrependida e o infractor tinha de ser condenado por gravíssima falta disciplinar, ainda por cima com ela que tinha tido educação religiosa e por isso decididamente contrária ao adultério. Vladimiro lá se foi defendendo, se era possível, mas pelo menos conseguiu provar a hipocrisia da Manuela, fartinha de saber que ele era casado, todos estavam aliás informados na célula, tinham sido convidados para a festa e muitos ajudaram a arranjar a casa. No entanto, Vladimiro tinha aprendido na Jota que a melhor arma de um prevaricador era uma autocrítica rápida e profunda. Daí o ter passado imediatamente para a atitude de arrependimento, qual fiel perante o seu deus, de facto devia confessar ter sentido uma forte e irracional atracção pela camarada Manuela, com quem convivia muito na organização dos torneios de futebol, desconseguiu de resistir aos seus reconhecidos encantos, mas prometia nunca mais voltar a cometer adultério, horrível crime contra-revolucionário, totalmente adverso à moral progressista da Juventude do partido, merecendo portanto a punição que os

companheiros escolhessem para ele, sem reservas, sabia ser justa mesmo se muito dura. Afinal os camaradas ficaram sensibilizados por tal humildade e capacidade imediata de reconhecer os próprios erros, só existente em espíritos de eleição, de militante até então exemplar, como disse o coordenador, comovido, e a pena foi ligeiríssima, uma repreensão verbal, nem sequer registada em acta. Quanto a Manuela, pela sua hipocrisia e mentiras perante a célula, foi sancionada com suspensão por um mês e transferência para outra célula, o que evitaria no futuro os dois terem de se enfrentar e provavelmente agredir, envenenando o ambiente sempre aprazível e amistoso das reuniões dos jotinhas. VC nem perante si próprio reconheceu, no entanto a pena dele foi suavíssima em relação à de Manuela, não somente pelo facto de ela ter sido apanhada em grosseira mentira, mas porque tais indisciplinas eram mais intoleráveis nas mulheres que nos homens, ou a sociedade e o partido não guardavam inegáveis relentos de machismo?

Daí para a frente, deixou de querer qualquer relacionamento mais íntimo com militantes. Segundo um conhecimento antigo lido em qualquer livro de provérbios bantos, o bom caçador caça longe de modo a não atrair as hienas para o seu kimbo. Assim, foi caçar noutros meios sociais, de preferência mulheres apolíticas e vivendo longe das suas rotas habituais. Muitas vezes pescava-as no processo, assim chamada a partir de certa altura a operação consistindo em dar boleias a cobrar nos carros do Estado. O processo foi ganhando asas com o tempo, sobretudo com a aderência entusiasta de pessoas com vivência no Congo, onde tais práticas eram comuns. Vladimiro foi certamente um dos primeiros a iniciar o processo, o que lhe dava alguns proventos suplementares, embora moderados e, como vimos, interessantes alternativas cinegéticas.

Se desconfiava de alguma coisa, durante muito tempo a família de Bebiana não manifestou qualquer reserva. A mulher ia engravidando e parindo, ele militando e conquistando amantes. Sem rumores nem arrufos. Até se ter metido com a Zefa, morando no Bairro Operário, facto a princípio desconhecido por ele. Falhava numa das suas prevenções habituais, do BO ao Marçal era só um passo, os mujimbos podiam facilmente atravessar ruas. Apanhou-a na Samba, ela ia para o largo dos ministérios, o que já não era bom sinal, o da Educação ficava no mesmo largo, podia ser notado por algum colega. Mas a Zefa usava uma saia apertada e curta, um decote descarado mostrando dois seios redondos e apetitosos e sobretudo, tinha cá uns lábios tão carnudos... Parou mesmo o carro, a fez subir e nem falou de cobrar a corrida. Se faria pagar de outra maneira. Quando ela disse, vou ao Ministério da Agricultura, ele teve um arrepio de prevenção. Mas ultrapassou. No caminho combinou encontro para depois, podemos ver alguns sítios bonitos fora de Luanda, ela aceitou, se aborrecia em casa sem fazer nada e o marido era um merdas de um marinheiro, frase dela em jeito de confiança-convite. Esperou por ela mesmo à frente do Ministério da Agricultura, levou-a a passear na zona do Morro dos Veados, sítio óptimo para namorar, sobretudo porque havia umas cubatas construídas pelos pescadores para alugar a turistas de fins-de-semana e que nos dias de trabalho estavam desertas. Zefa não se fez rogada e passaram bons momentos junto do mar. Ele quis levá-la a casa e descobriu então que morava no Bairro Operário, outro arrepio de aviso. Ignorou todos os avisos e foi perdendo a contenção, até ser visto por uma cunhada a sair da casa de Zefa nas horas de serviço. Como ela tinha fama nas vizinhanças de receber homens em casa quando o marido andava pelos mares do mundo, não era

difícil supor que Caposso seria um desses visitantes secretos.

Informada pela filha, a mãe de Bebiana foi prevenir a incauta esposa enganada, a qual não acreditou, deixe lá, mãe, ele por causa do trabalho no ministério tem de ir a muito sítio, vai ver ele foi levar um correio qualquer, ou um recado de alguém, coisa assim. A mãe insistiu, os homens são todos iguais, ela ia prevenir o pai, Joaquim Antunes, ele saberia como tirar as coisas a limpo. Bebiana chorou e rogou, pediu e chorou, não diga nada ao pai, ele vai arranjar maka só à toa, e para quê? Nada feito, o caso subiu mesmo ao ferroviário. Mas este mostrou prudência, talvez a Bebiana tem razão, o Caposso tem de andar em muito sítio e ele está bem relacionado e tenho ouvido elogios ao trabalho dele na Jota, não venham fazer intrigas se não têm a certeza em relação a um militante com futuro. Apesar de tudo, a família de Bebiana se mobilizou para esclarecer os mambos, abriu as orelhas, foi fazendo perguntas pelo bairro e mais tarde uma vizinha confirmou, ela também tinha visto Vladimiro com a Zefa em grandes conversas na porta da casa dela, pareciam íntimos acabados de sair da cama, juro sangue de Cristo. Para a sogra e cunhadas não havia lugar para mais dúvidas, palavra de vizinha é mais verdade que versículo da Bíblia. Joaquim Antunes coçou a cabeça, pode ser, mas não vou fazer nada até ter a certeza. E como se obtém certeza num caso desses? Mandou montar cerco, usando um filho menor e um sobrinho. Todos os dias os rapazes vigiavam a casa da Zefa e viram em três dias seguidos o parente entrar e sair, de uma das vezes lhe galaram mesmo passando a mão atrevida disfarçadamente na bunda dela, na despedida. Desta vez o ferroviário não hesitou mais. Foi em delegação com a mulher a casa da filha, informar das diligências. Bebiana não aceitava, que era engano, pois mentira não podia dizer para os pais. Os irmãos e

sobrinhos nunca gostaram de Vladimiro, estavam a exagerar para manchar a reputação dele, isso já ela podia dizer sem ofender ninguém. Os pais estavam inflexíveis, lhe trataram de cega e burra, saíram de lá furiosos, faz o que quiseres mas depois não te venhas queixar. Joaquim Antunes queria ir ameaçar o genro, talvez ele ouvisse com atenção algumas frases fortes como expulsão compulsiva da Jota ou perda de emprego no ministério. Claro, não faria nada para prejudicar a filha por tabela, o que aconteceria se por acaso uma denúncia dessas levasse à perda de emprego, muito pouco provável aliás. Mas pregava um forte susto ao prevaricador que da próxima vez pensaria duas vezes antes de enfiar cornos na indefesa filha. Bebiana porém não queria interferências, da vida deles cuidava ela. Os pais ficaram convencidos que a filha sabia dos casos, pelo menos desconfiava, preferia antes ignorar para seu sossego interior. E quando isso acontece, o que é que pais podem fazer? Falar mal do genro entre si mas apoiar a filha, é óbvio. Para desespero do ferroviário, cheio de vontade de fazer sentir a força do partido para corrigir as falhas de moral.

Joaquim Antunes nunca mais foi o mesmo em relação a Vladimiro. Nunca mais pôs o pé em casa da filha e recebia friamente o casal quando este ia sábado almoçar em família. E deixava que os filhos trocassem olhares carregados entre si e resmungassem para Caposso. Este sentia o ambiente pesado em casa dos sogros, fingia não reparar, mas ia espaçando as visitas e deixou de oferecer uma ou outra grade de cerveja em dias de festa. As prendas agora eram apenas de Bebiana, não do casal. O que significava prendas muito menos importantes. O arrefecimento de relações chegou praticamente à ruptura quando Vladimiro mudou para o bairro de Alvalade e alugou a casa do Marçal. As irmãs e a mãe só iam visitar Bebiana raramente, era preciso esta reclamar,

e sempre a horas da tarde em que invariavelmente VC estava no serviço, para não se cruzarem. No entanto, cada vez mais livremente contavam à esposa enganada cenas das aventuras do cunhado e genro, ficando sempre desesperadas por Bebiana não parecer dar importância aos mambos. Até que cansaram, o que não tem remédio corrigido está.

Mas Vladimiro conhecia portanto a sua tendência e, como hábito na espécie, via os outros como se via a si próprio. Desconfiava portanto de qualquer homem que se aproximasse exageradamente da mulher ou, mais tarde, das filhas. Quando estas cresceram, redobrou de cuidados, o que lhe era permitido pelas possibilidades materiais cada vez mais acentuadas que ia adquirindo. Daí os avisos solenes aos guardas, obrigados a lhe fazerem um relatório detalhado de todas as visitas masculinas a casa. Por vezes até punha Zé Matias no encalço de algum aparentando maior perigo de tentar saltar o muro.

Há muito sabia da espécie de namoro entre Mireille e Nacib. Se informou sobre o rapaz, chegou mesmo a abordar o pai dele para mandar arranjar umas portas num dos escritórios, meteu conversa como quem não quer a coisa, conheceu o irmão mais novo que foi ajudar o pai, teve algumas respostas às suas dúvidas que confirmavam outras informações. Parecia um miúdo muito sério e trabalhador, excelente aluno e bom executante na oficina do Catambor, onde também se informou através de José Matias. Por esse lado tudo bem. Mas quem nos garante a nós, pais de algumas posses, que o galito não está apenas a procurar uma grande ração de milho? Se Mireille tivesse já traçado um destino de pobre, não se importaria. Mas não era o caso, ela ia herdar tremenda fortuna. Portanto, todo o cuidado era pouco, o seu dinheiro tinha custado a ganhar e não estava interessado em que um espertalhão sonhasse

sequer em viver à custa dele. Não podia fazer nada para impedir que a filha conversasse com o gombelador à vista de toda a gente, não vinha perigo daí. E se interferisse abertamente nas relações dela, ia arranjar uma maka com a filha querida, o que o deixaria verdadeiramente arrasado. Mas a horas escusas e fora de olhos perscrutadores, sim, havia que evitar contactos perigosos. Fazia o melhor possível.

Quando Djamila, vinda de férias, uns meses atrás, lhe disse estar muito desconfiada da falta de vontade de Mireille ir estu dar para fora, ficou de orelha atenta. Ela não quer ir para Paris por causa do rapazote, será? Dúvida que nem ocorreu ao sempre distraído Ivan. Deixou passar uns tempos, observando atentamente a filha quando insinuava, vez por outra, que, no ano seguinte, quando ela terminasse os estudos possíveis na escola francesa, iria continuar em Paris. Mireille não se descosia, mas ele notava alguma perturbação no ar. Por causa daquele tipo? Decidiu pôr tudo em pratos limpos, por coincidência dias depois de Mireille saber que Nacib tinha entrado na faculdade.

— Ouve lá, esse rapaz que costuma vir cá a casa conversar contigo, como é que ele se chama mesmo?

— Nacib? — perguntou ela, se pondo imediatamente em posição defensiva como um karateca.

— Isso, Nacib. O pai dele faz o quê?

— É carpinteiro.

— E onde mora? Aqui perto não deve ser.

Mireille já sabia alguma coisa sobre as diferenças e os preconceitos de classe, mesmo se essas diferenciações eram recentes. Ouvia os pais falarem sobre outras pessoas, antes próximas e de repente afastadas porque não tinham avançado nos negócios ou poder tanto como Caposso. E estudara na escola História e Sociologia suficientes para entender. Percebeu logo a insinuação. Mas tinha confiança no pai, seria curiosidade apenas,

nada de mal, afinal ele tinha um passado revolucionário e um passado é coisa difícil de renegar.

— Por acaso até não moram longe. Ali, no Catambor.

— Perto da avenida, claro.

— Não, pai. Moram no morro.

— O quê, musseque?

Ele estava farto de saber, todas essas informações tinha tido antes, queria era ver a reacção dela às provocações.

— Musseque, se quer chamar assim. É uma família de trabalhadores. E Nacib foi admitido na faculdade de engenharia, vai ser engenheiro mecânico. Já é mecânico, estudou no Instituto Makarenko e trabalha numa oficina. Diz que vai ser o primeiro angolano a inventar um carro não poluente a cem por cento.

— Muito interessante como ideia, se for possível. Mas, diz, ele é teu namorado?

Embalada a apresentar o rapaz nas suas melhores cores, ela não estava à espera de pergunta tão directa. Encaixou, baixou os olhos e depois voltou a levantá-los.

— É. Gostamos um do outro.

— E é por causa dele que não queres ir estudar em Paris?

Outra pergunta directa. Nunca sofrera um interrogatório tão cerrado. Estavam no carro, só os dois, como acontecia de vez em quando. Ele chegava a casa ao fim da tarde, dizia, já estudaste muito, vem dar uma volta comigo. Às vezes paravam numa esplanada da Ilha, ele bebia um uísque e ela uma laranjada. Conversavam sobre coisas do dia-a-dia, as amigas dela, um ou outro negócio perseguido por Caposso, alguma má-língua ligeira sobre pessoas amigas, enfim, conversas de grande confiança entre pai e filha, tão íntimas que não vos consinto ouvi-las.

— Quem lhe disse isso? Nunca disse que não quero ir estudar em Paris. Aliás, para dizer a verdade, aquilo que

quero estudar só em Paris pode ser. Mas de facto tenho pouca vontade de sair de Luanda.

— Não entendi, estás a meter os pés pelas mãos.

Ela soltou uma gargalhada, talvez de nervosismo, talvez apenas porque achou graça ao ar baralhado do pai. Era raro ver Caposso confuso, ele captava as coisas no ar.

— Gostava de estudar em Luanda, não tenho interesse de ir para o estrangeiro.

— Toda a gente com a tua idade quer.

— Eu sei. Mas custa-me deixar isto.

— Por causa do Nacib?

— Não. Não é só por causa do Nacib.

— Não entendo. Nesse caso podes estudar aqui. O curso de economia não é grande coisa, estou informado, mas depois reforças com umas especializações lá fora. Por períodos curtos, já que não queres sair. Repara, não te digo para fazeres isso. Acho que deves mesmo estudar lá fora, numa boa universidade, pode ser em Paris ou Londres ou onde seja. Mas a decisão será sempre tua.

Ela decidiu ser franca e resolver de vez a questão. Já que ele tinha começado com um interrogatório tão directo, ela também seria. As situações claras são sempre as melhores e evitam mal-entendidos, costumava dizer Nacib.

— O problema está aí, pai. Não me interessa nada estudar economia ou gestão de empresas ou coisas dessas. O que eu quero estudar só há mesmo lá fora.

— Afinal? E o que é então?

— Arte. História de Arte.

Se ela dissesse estou grávida, o choque em Caposso seria certamente menor. O quê? Ela queria estudar essa merda de Arte, que só dá para as pessoas morrerem de fome, em vez de economia? Intuitivamente percebeu em seguida, a filha se afastava dele, pelo menos dos seus centros de interesse, era como um divórcio, pior, mesmo

pior. E ficou chocado, fulo, quase sufocando de indignação. No entanto, nada disse. Foi respirando fundo, tentando acalmar, reprimindo reacções rápidas. Em relação a qualquer pessoa, e por muito menos, Caposso teria explodido em berros e palavrões, murros no volante, ameaças, enfim, o habitual repositório de métodos para expulsar frustrações. Mas Mireille tinha o condão de o dominar mesmo sem querer. Ele só podia fazer uma coisa, se concentrar na rua à frente dos seus olhos, respirar, respirar. Notando o silêncio dele e percebendo a desilusão, ela falou ternamente:

— Sei, o pai queria que eu continuasse os seus negócios. Mas descobri a Arte, que posso fazer?

Como outros diziam, eu descobri a minha alma gémea, tenho de ir contra a família, os amigos, Deus se preciso for, que posso eu contra uma paixão avassaladora? A voz dela era sinceramente condoída, lhe custava deveras contrariar os desejos de um pai tão bom, mas era mais forte que tudo, uma atracção destruidora. Gostava de explicar tudo isso, como foi seduzida no Louvre, como durante muito tempo não entendeu a atracção, essa espécie de força que a empurrava para museus, para contemplar estátuas em jardins públicos, um frontão de porta numa casa, uma coluna retorcida numa pérgola. Queria explicar o que sentia quando olhava para um quadro, uma simples paisagem rural a comovia, como os sóis de Van Gogh a turbilhonarem no espaço a obrigavam a dançar. Mas calou, porque sabia ser inútil, ele não ia perceber nem uma palavra, quanto mais sentimentos tão subtis e fortes ao mesmo tempo. Numa única coisa eles eram antagónicos. Pois havia de ser mesmo nessa coisa que teriam de definir posições, eis o drama.

Caposso abanou só a cabeça, tentando assimilar. Sukuama, se tivesse esperado mais uns tempos antes de ter esta conversa definitiva, ainda gozaria uns meses de ingénua ilusão. Precipitou levianamente as coisas, sentia

urgência em esclarecimentos que o atormentavam afinal. Agora ia precisar de muito tempo para se resignar. Não podia cometer erros, agir de cabeça quente, sem um plano, era a maneira de a afastar mais de si. O assunto merecia calma, paciência, e muita meditação. Apontou o focinho do carro para casa, dessa vez não paravam em lado nenhum para beber um copo, a conversa estava mais que encerrada. Tinha primeiro de ganhar tempo para arrefecer os ânimos. Voltaria à carga, quando tivesse as ideias no lugar e os argumentos alinhados. Nunca entrar numa batalha sem estar preparado, tinha aprendido com camaradas experientes em guerra. E ele sempre teve muitos camaradas experientes em guerra, guerra era talvez mesmo a única experiência que aquela terra tinha ganho com abundância.

A sua batalha com Mireille ainda não tinha começado.

Dezembro de 1985

Tinha já entrado em muitas batalhas. Por vezes teve de lamber as feridas. Mas a pior de todas se deu quando tinha 31 anos de idade, já com os quatro filhos nascidos e participou no congresso do MPLA, como membro do Comité Central da Jota. Cinco anos antes tinha ascendido a esse cargo de prestígio, o qual lhe deu direito a um carro próprio, como quadro abnegado, e uma mudança de emprego para a Secretaria de Estado dos Desportos, abandonando de imediato o seu posto de motorista. Apesar de este posto de motorista lhe ter permitido algumas vantagens, sobretudo a de usar o processo para arredondar os salários, não era compatível com a nova situação de membro do Comité Central da Juventude, um trampolim para o CC do próprio partido. Tinha cinco anos para preparar o salto. Na Secretaria de Estado foi tendo uma carreira burocrática no Gabinete de Intercâmbio, por proposta de um kamba mais antigo na Jota que tinha ocupado o cargo de Director. A sua função lhe permitia numerosas viagens ao estrangeiro, acompanhando equipas de todas as modalidades ou fazendo parte de delegações que iam negociar acordos, ou simplesmente usufruindo de viagens para suposta superação profissional, de facto se tratando de férias de borla. A vantagem dessas deslocações, além de lhe darem a conhecer países e situações novas, residia sobretudo nas ajudas de custo. Como as despesas de estadia eram pagas pelo governo que recebia a delegação, as ajudas de custo não eram praticamente gastas em nada de

essencial, servindo pois para comprar prendas para a família, aparelhagens de som ou vídeo cada vez mais sofisticadas e até para acumular poupanças numa conta que tinha muito escondidamente aberto num banco de Portugal, por onde muitas vezes tinha de passar para apanhar rotas aéreas levando-o às mais diferentes paragens do mundo. Já Carlos Burity numa canção dizia «o meu povo usa caminhar»...

Esses cinco anos também lhe permitiram cavar profundas relações com um personagem-chave da Secretaria de Estado, o baixinho Faustino, chefe dos serviços especiais, uma estrutura que não existia de facto no organigrama. Era uma espécie de homem para toda a obra, o desenrasca, da total confiança dos dirigentes, os quais cada vez repousavam mais nele para os aborrecidos aspectos administrativos e financeiros, apesar de haver uma direcção para o efeito. Faustino supervisionava as obras que houvesse a fazer, a manutenção mais ou menos fictícia de estádios de futebol e de pavilhões gimnodesportivos, a suposta compra de livros técnicos para o centro de documentação, de bolas ou esferográficas, a escolha e importação dos equipamentos para as selecções nacionais e, se houvesse obras de maior vulto, seria o responsável por escolher as firmas responsáveis pela construção. Infelizmente para ele este tipo de obras era muito raro, dada a crise económica do país. Faustino tinha pois direito de primazia sobre qualquer negócio da Secretaria, antes mesmo dos dirigentes mais elevados. A amizade cultivada por Caposso permitiu ter acesso às dúvidas, hesitações e sobretudo aos planos secretos de Faustino. VC em breve se tornou uma espécie de conselheiro espiritual do «chefe dos serviços especiais» [*entre aspas por ser cargo oficialmente inexistente*], pois trazia fama de bom organizador de torneios e até o

curriculum de antigo comerciante, embora de vida efêmera. Tinha feito anteriormente constar que abandonara as pretensões a lojista por não concordar com o comércio privado, sendo um socialista de velha cepa, achando que o comércio só devia ser feito pelo Estado, colectivização total, mesmo o comércio do varejo. Por isso tinha transformado a loja herdada do colono em residência, arranjou modesto emprego no Estado, para não se confundir com os detestados pequeno-burgueses sugadores do povo. Esta fama de abnegado socialista ajudava muito a considerá-lo pessoa íntegra, totalmente desinteressada dos bens materiais, um puro revolucionário em suma. Faustino, que por acaso estava sempre atento a uma maneira de melhorar o seu magro salário de funcionário, aproveitava gratuitamente dos conselhos e se tornava cada vez mais íntimo e confiante.

Até que um dia deixou escapar a Caposso que poderia haver uma fonte de rendimentos suplementares interessante se decidissem organizar um torneio internacional, já era tempo de o país se mostrar ao mundo como capaz de realizar eventos de alto gabarito. O Gabinete de Intercâmbio teria uma importante palavra a dizer no assunto e contava com o amigo para insistir na utilidade de se organizar esse torneio internacional, juntando futebol, basquetebol, atletismo e tudo o resto, quanto mais melhor. Essa realização exigiria um investimento razoável por parte do Estado e grande parte desse dinheiro seria obviamente gerido por ele próprio, Faustino. Se o grande kamba quisesse amealhar dinheiro para umas férias com a família nas Ilhas Canárias, já sabia, era só apoiar a ideia. Vladimiro não estava muito interessado em férias mas antes em engordar a conta clandestina em Portugal. Foi um entusiasta da ideia, traçou o plano geral, estabeleceu as metas, foi bater nas portas certas defendendo os lucros

políticos da operação, o prestígio para o país por mostrar capacidade de realização apesar de viver situações difíceis, o nome surgindo nos cabeçalhos dos jornais para feitos positivos senão as habituais guerras e calamidades. Convenceu toda a gente, mesmo aqueles que a princípio afirmavam ser mais útil usar essa verba no reforço do desporto escolar e na massificação junto das camadas juvenis de algumas iniciativas esparsas. As autoridades superiores, sedentas de notoriedade além-fronteiras, acabaram por aceitar a ideia. O torneio foi um sucesso, pelo menos de imprensa senão de resultados, o país sendo opiparamente derrotado em todas as modalidades, mas esse não era obviamente o objectivo. Faustino geriu com mestria e dedicação os dinheiros públicos, tendo sido suficientemente generoso para que Caposso pudesse também meter no bolso uma verba importante. A partir de então, os dois compinchas tiveram várias outras iniciativas comuns, sempre para o sagrado incremento do bom nome do país e para engordarem as respectivas contas bancárias, que ninguém trabalha em seco, por muito revolucionário que seja.

Numa ida à Holanda, Caposso comprou dois mini-autocarros em segunda mão, usando as poupanças que tinham ido cair escondidamente ao banco em Lisboa. Utilizando para o efeito conhecimentos antigos da Jota estrategicamente posicionados, conseguiu que os dois carros embarcassem para Luanda sem pagar custos de transporte nem de alfândega. Arranjou dois motoristas, pôs os carros no processo. O sistema era simples. Cada motorista, vulgo candongueiro, tinha de lhe entregar ao fim do dia certa quantia e arcar com todos os custos de manutenção dos carros. Se sobrasse dinheiro, era para o motorista. Os carros dormiam obrigatoriamente na casa do proprietário, para que os motoristas não tivessem a tentação de os usarem de noite e os espatifarem

prematuramente. Caposso arranhou assim uma fonte segura de rendimentos, com kwanzas imediatamente trocados por dólares para não se depreciarem. Como o governo conseguia totalmente de montar um sistema eficaz de transportes públicos, o processo grassava de vento em popa, trazendo pro ventos cada vez maiores. Um ano depois, em outra viagem à Holanda, a pretexto de ir propor um acordo de formação das camadas jovens com uma conhecida escola de futebol, comprou mais dois mini-autocarros. Na realidade, cada carro estava pago ao fim de quatro meses, o resto era lucro. É certo que com o mau estado das estradas e o pouco cuidado dos motoristas, sempre apressados nas suas andanças para angariarem clientes e ganharem mais dinheiro, o tempo de vida das viaturas era bastante curto. No entanto o lucro era oito a doze vezes o investimento. Desta forma, atingido o ano de 1985, ano que neste momento nos interessa, a sua frota era de dez viaturas, registadas em seu e no nome da mulher e filhos, para não chamar a atenção de alguma inspecção feita aos proprietários das viaturas. O negócio de candongueiro não era proibido, mas também não estava legalizado, ficando por isso naquele limbo que fazia as pessoas com poder suficiente arriscarem entrar nele mas não dormirem descansadas. Se a informação vazasse para algum inimigo, podia haver consequências políticas negativas, mas nunca seria caso para procedimento judicial, pelo menos ao que conste. É claro, VC não tinha nada de parvo e sabia muito bem, bastaria uma denúncia mais fundamentada para alguém fazer um apanhado na conservatória a partir do nome e descobrir facilmente que um cidadão e familiares directos possuíam dez carros registados, ainda por cima todos mini-autocarros, o que indiciava um forte negócio de candongagem, o que era no mínimo contra os princípios socialistas. Um militante não podia obviamente entrar nesse tipo de

negócios, não era um cidadão comum. Mas confiava na sua sorte e continuava a arriscar, pois os lucros eram fabulosos e em pouco tempo poderia possuir lá fora uma conta a garantir o futuro contra todas as adversidades. E toda a gente sabia como era perigoso o futuro de qualquer angolano, nos tempos de incerteza e guerras que corriam. Para dormir tranquilo, podia se desfazer aos poucos dos carros, os próprios motoristas seriam os primeiros a comprar, pois também eles aspiravam a serem donos de negócio. Mas nem a Bebianá confiou os seus temores. Para dizer a verdade, nem ela sabia exactamente o tamanho da frota, pois, a partir de certa altura, ele alugou um quintal para os lados do S. Paulo e era aí que a maior parte dos carros passava a noite. E andava a pressionar o dono para lhe vender o quintal, sempre seria um bom investimento.

Dias antes de começar o congresso do partido de 1985, Caposso foi contactado por uma pessoa sua conhecida, membro da direcção central. O outro alegou ir a passar por acaso quando se lembrou de subir para cumprimentar o amigo. Olhou o gabinete de VC de alto a baixo, sem dizer mais nada, sentado numa das duas poltronas. Vladimiro se sentou na outra, muito admirado por ser visitado por tão importante pessoa, nunca acontecera acaso como aquele.

— Já que estou aqui, gostava de conversar consigo — disse o outro, sopesando as palavras e medindo as reacções.

— Sim?

— Mas não aqui. Podemos ir a algum lado no meu carro? É isso, vamos dar uma volta de carro, ver a cidade, tomar uns ares. Também temos direito de passear uma vez na vida.

Caposso tinha pessoas à espera para falar com ele. Geralmente eram membros de federações desportivas ou atletas a fazerem os mais diferentes pedidos de

intervenção. Mas não podia negar um convite para conversar a um membro tão importante da direcção do país. Estava já de pé, esperando que o outro se levantasse. Foi assim que se encontraram no carro do responsável, este guiando, sem mais testemunhas.

— Os gabinetes não são seguros, há por vezes microfones instalados.

Vladimiro ficou espantado com a revelação. Ele não era pessoa importante, apenas do Comité Central da Jota, certamente aspirando a mais, mas de qualquer modo nada que justificasse qualquer escuta de conversas sigilosas. E um tão alto responsável com medo de escutas era caso para estranhar. Mas ficou calado, esperando a fala do dirigente, esse devia ser o seu papel, o de escutar atentamente, para isso era militante disciplinado e conhecedor do seu lugar na hierarquia.

— O assunto é o seguinte. Nós temos observado o camarada Caposso e confiamos totalmente na sua militância e lealdade. Tem dado provas de capacidade e espírito revolucionário. Por isso foi escolhido para ajudar a direcção a se livrar de um membro perigoso e altamente colocado que está a fazer o jogo do inimigo.

Dito assim até parecia que ele tinha sido escolhido para carrasco de uma execução política. E era, de certa forma. O dirigente falou no nome do homem a destruir, um alto muata, comandante da guerrilha, considerado herói da luta de libertação e ocupando no momento um cargo decisivo. Caposso começou a tremer. Queriam que ele desse cabo de um mito? Ele, que apenas na Jota tinha algum poder e mesmo assim limitado? Ele que se cingia a tratar de relações internacionais dos desportos, sem ser sequer o chefe, e metendo o dedo de vez em quando noutras áreas que cheirassem a negócio? Ele que nunca tinha dado um tiro na vida, escapando com mestria de todas as tropas?

— É o seguinte. Vai ao congresso como representante da Jota, não é assim?

Confirmou com a cabeça, de facto era um dos dirigentes juvenis votado para ser delegado. Com alguma sorte até podia ser proposto para o próprio comité central do partido no congresso, mas sem grandes possibilidades imediatas. Estava assustado com o desejo manifestado pelo dirigente, mas esperou saber mais detalhes.

— No congresso, alguém vai lançar uma forte acusação contra o dito camarada. O que nós queremos é que tome a palavra e confirme essa acusação. Serve de testemunha para tirar qualquer dúvida aos congressistas. Sabe como é, só uma pessoa a falar contra um alto responsável... pode passar por intriga, não é muito convincente. Logo aparece alguém a pedir provas, detalhes... Mas se mais alguém disser que também sabe algo, uma confirmação dessas...

— Qual é a acusação? — sentiu a sua própria voz muito fraca, ele que se orgulhava de ter garganta de trombone, boa para comícios em que falhava a aparelhagem de som e era necessário ser ouvido ao longe.

— Ligação ao inimigo. Basta que diga tê-lo ouvido afirmar, esta guerra não tem sentido e o melhor é conversar com os rebeldes. Basta dizer que o ouviu dizer isso.

— Mas eu nunca falei com ele...

— E depois? Quem sabe disso? Ele? Pois claro, o gajo vai dizer é mentira, mas é mais um camarada a acusá-lo. E ele não será eleito para o comité central, é o que interessa. Os militantes vão ficar tão desconfiados que não votam nele.

Vladimiro queria muito o reconhecimento de todos os dirigentes. Ser considerado um bom militante, um patriota, era um passo essencial para o progresso

peçoal. Mas puxou coragem não sabia de onde para protestar, mostrar reticências.

— Mesmo que não seja eleito, tem força suficiente para depois cair em cima de mim.

— Não, se o camarada for eleito para o comité central.

— Eu? Acha...?

— Prometemos o nosso apoio. Lançamos a sua candidatura ao comité central e apoiamos. É uma pessoa com prestígio, da direcção da Jota, claro que será eleito. Ainda por cima depois de um acto de coragem, de um acto patriótico, não tendo receio de confirmar em pleno congresso um comportamento errado e perigoso de um dirigente com muito poder e que assusta muita gente. Um gesto de coragem raro que lhe cria grande popularidade. Quem seria capaz de não votar em si? Além do mais, sendo proposto lá de cima.

O dirigente apontou com o dedo e com os olhos para o tecto do carro, de onde vinha a proposta. VC ficou completamente aturdido. Ascender ao comité central do partido conferia-lhe espantosa fonte de privilégios e imunidades, com direito a guarda-costas e tudo. Era o sonho de qualquer militante. Mas o dirigente que queriam apear não era pessoa para se ficar sem responder, sabendo perfeitamente que ele mentia. Estaria marcado para sempre. Hesitava. Em silêncio.

— Camarada Caposso, não nos desiluda. Lá em cima contam consigo neste momento difícil.

O dirigente voltou a apontar, agora com o polegar, para o tecto do carro ou o céu, vai dar no mesmo.

— Lá em cima precisam de se livrar desse antigo camarada, hoje um traidor, nossa vergonha nacional. Um traidor entre vários outros, mas certamente o mais perigoso. Infelizmente ainda não se reuniram as provas suficientes para haver um processo criminal. Sabe, é complicado arranjar provas para essas coisas. E os processos criminais de dirigentes são complicados, não

caem bem junto do povo, fazem supor maquinações, sabe como é. Mas torna-se urgentíssimo retirar-lhe pelo menos força política, para lhe amarrar as mãos, ele tem informações militares de grande importância, a qualquer momento pode passá-las para o inimigo, ou fazer coisa pior. Não há tempo para mais. O primeiro passo é tirá-lo do comité central. Depois, com ele enfraquecido por já não pertencer à direcção, é muito mais fácil fazer investigações profundas e descobrir todas as provas necessárias. Temos de reforçar a disciplina interna, limpar o partido das ervas daninhas, há um grupo de traidores que põe em perigo a própria sobrevivência do partido e mesmo a unidade da nação. Compreende a urgência?

Se era urgência lá de cima, ele compreendia a urgência, claro. E se lá em cima queriam que Caposso ascendesse a uma posição mais próxima da deles, não podia recusar dar uma ajuda, sempre gostaria de saber como se vivia no céu. Além do mais, o estratagema era apenas para acelerar as coisas, parecia uma mentira mas que se provaria em seguida ser verdade, ele estaria apenas a antecipar a realidade. Caposso, como é óbvio, aceitou fazer o papel de denunciante.

À despedida, o dirigente apertou a mão dele com força, todo ele sorrisos e piscares de olhos.

— Bem-vindo ao comité central, camarada Caposso.

Entrou no seu gabinete, já tartamudeando algumas frases, preparando o discurso de denúncia no congresso, coisa curta mas de frases directas e simples, pondo a dúvida na mente dos delegados. Não arriscou perguntar a opinião de nenhum companheiro, nem a Bebianá. Quanto a essa, nem pensar, estava totalmente excluída da sua vida política. Mas havia amigos a quem podia confiar um segredo desses e pedir conselho. Lutou com essa dúvida durante os poucos dias que lhe restavam. E se falasse com o baixinho Faustino, sempre prático? Não,

Faustino não queria saber nada de política, vivia para os negócios que o seu cargo oficioso permitia. E há coisas que um homem tem de fazer só com a sua própria cabeça. Além do mais, já tinha prometido ao responsável, ia perguntar mais o quê a quem?

O que realmente cumpriu no congresso. Estava sentado junto de outros delegados da Jota, todos de camisola vermelha. Quando ouviu o primeiro denunciante, um responsável de uma província fortemente abalada pela guerra, lançar as mais graves acusações contra o dirigente a apear, olhou para o muata que fora ao seu gabinete e por momentos tinha servido de seu motorista. Este apenas franziu a testa. VC fechou os olhos, respirou fundo e pediu a palavra. Os companheiros ao lado estranharam que ele pedisse a palavra naquele momento e trocaram com ele mudos olhares de interrogação, mas ele nem lhes ligou, já estava na rampa de lançamento. E quando lhe deram a palavra se lançou no discurso preparado, claro que era verdade o que o camarada responsável de província afirmava, ele próprio tinha sido abordado havia algum tempo pelo dirigente em questão que lhe tinha tentado convencer ser esta guerra injusta e condenada ao fracasso, existiam demasiados inimigos contra, americanos, sul-africanos e os hipócritas dos europeus que se escondiam nas sombras para nos apontar os punhais pelas costas, o melhor mesmo era aceitar negociar, fazer algumas concessões e chegar à paz. Ele mesmo, Caposso, ficara sem fala, ouvira só, o outro era dirigente dos grandes, pessoa por todos respeitada, que ia ele dizer contra? Mas pensou eram pensamentos de traição andar assim a falar aos militantes essas coisas que os desmobilizavam do dever primeiro, o de defenderem a pátria ameaçada pelo imperialismo internacional e pelos racistas do apartheid. Ao sentar, para seu espanto e tranquilidade, recebeu uma salva de

palmas. Não muito forte, vinda de apenas uma parte da sala, mas eram aplausos suficientes para lhe acalmarem os escrúpulos, afinal havia outros que desconfiavam do patriotismo do dirigente em questão. O qual, como parece evidente, espumou raivas a chamar os denunciadores de mentirosos e caluniadores, exigiu provas, falou de conspiração de um grupelho sedento de poder que queria afastar os verdadeiros revolucionários, os que deram tudo para que a pátria fosse livre, mas não convenceu completamente os delegados, os quais na hora secreta do voto, pelo sim pelo não, riscaram o nome dele da lista para o comité central. O mesmo aconteceu com mais alguns dirigentes importantes, denunciados da mesma forma por militantes pouco conhecidos. Vladimiro de facto não estava sozinho na lista das testemunhas de acusação.

Mas antecipámos as coisas, tinha de ser. Antes do voto, na altura da apresentação das candidaturas ao comité central, VC esperou ansioso por ouvir o seu nome proposto lá do céu. Mas não ouviu. Procurou o dirigente que lhe falara, mas este não se encontrava na sala. Pensou, bem, ainda vai haver uma lista suplementar, eles devem estar a deixar o meu nome para o fim. De facto apareceu mais um complemento mas o nome dele continuava a não constar. E o dirigente que apontara o dedo para o céu não voltava à sala. Só o fez já no preciso momento da votação. Caposso se dirigiu logo logo a ele, que ainda tentou um movimento lateral de despiste mas desconseguiu de escapar à mão nervosa de Vladimiro lhe puxando sem cerimónias pelo braço.

— Camarada, como é que o meu nome não consta da lista proposta pela direcção?

— Houve um problema de última hora. Lá em cima — e apontava com o polegar misteriosamente para o tecto do edifício — acharam que o camarada é muito novo, ainda pode continuar como dirigente da Jota onde faz muita

falta, sobe ao comité central no próximo congresso. Mas todos apreciaram muito o que disse, é considerado por todos um militante exemplar, em breve vai ter a prova disso, porque o próprio chefe — apontava de novo o polegar para cima — quer lhe mostrar pessoalmente o nosso reconhecimento.

Caposso não acreditou. Era muito triste para um militante dedicado ter de duvidar de um dirigente daquele gabarito, mas tinha havido um pacto entre eles.

— Eu cumpri a minha parte. Arrisquei consequências pessoais porque confiei em si. Afinal o camarada não cumpriu a sua parte no acordo.

O dirigente não gostou estar a ser tratado de homem sem palavra, ninguém gosta, especialmente gente importante, muito mais susceptível para essas coisas que o povo em geral. Apontou o dedo que normalmente virava com algum mistério para cima desta vez ameaçadoramente para o peito de Vladimiro.

— Já lhe expliquei o que passou. Fique calmo, espere cinco anos que chega ao comité central. Mesmo estando metido até ao pescoço no processo de candongueiro. Ou julga que não sabemos? Fechamos apenas os olhos. Enquanto nos for fiel e de boca calada.

Não se podia ser mais directo. Caposso engoliu em seco, afinal os seus negócios eram conhecidos «lá em cima»? Foi sentar, tremendo ligeiramente, quase pedindo desculpa por ter incomodado o dirigente com as suas ridículas exigências de cumprimento de pactos.

Frustrado por não ter sido eleito, desconfiando que o grande chefe não ia nada mostrar reconhecimento algum, sujeito a uma vingança terrível por parte de quem acusara por encomenda, descobrindo finalmente que os seus cuidados em esconder os negócios eram em vão, preferiu desaparecer da cena política, se fazer de sombra. Nem já ao acto final do congresso compareceu. Tinha 31 anos de idade, podia militar na Jota mais quatro

anos, o que parecia absurdo num país em que a idade média de vida era de 42 anos, diziam as estatísticas, mas preferiu abandonar o cargo político sem dizer nada a ninguém. Os colegas procuravam-no no serviço, estás a faltar às reuniões porquê, ele inventava desculpas, insistiam, ele inventava ainda mais desculpas, não organizava nada mais para a Juventude, apenas cumpria razoavelmente mas sem entusiasmo o seu papel na Secretaria de Estado, dali lhe vinham ainda algumas prebendas.

Poucos dias depois de o congresso terminar, um amigo da Jota, de nome majestático, Olímpio d'Alva Ferreira, e apesar do alvo nome sendo ainda mais escuro que Caposso, o qual não tinha participado no magno conclave mas já ouvira os mujimbos mais picantes, veio lhe falar.

— Como pudeste acusar aquele camarada de ser um traidor? Era uma conspiração vergonhosa. Ele é uma pessoa de bem.

— Eu só relatei uma conversa que ele teve comigo, mais nada.

— Mas conheces o camarada donde?

— Daí, de Luanda. De onde havia de ser?

Olímpio d'Alva Ferreira era muito comprido e encurvado e esgrimia também os dedos, como o dirigente manobrador de conspirações. Só que os dedos de Olímpio não apontavam para cima, antes se espalhavam como tesoura de muitas faces visando o adversário, a mão inteira abanando no ar. Poeta frustrado, insistia em ser reconhecido como teórico literário e não perdia uma ocasião para utilizar e ao mesmo tempo limar algumas frases complexas. Apostrofou o amigo:

— Não entendo o teu projecto estético-ideológico. Contribuíste para a desgraça de uma boa pessoa, como podes ser sádico e incongruente a esse ponto? Uma pessoa tem de ter uma opção estético-realista na vida,

senão soçobra na mediocridade. Em vez de defender os puros, os verdadeiros indígenas, liquidaste um dos nossos, denotativamente falando, claro. Quando o óbvio alvo a abater são esses bastardos, cujos pais bazaram na altura da independência e agora estão aí em lugares cimeiros, se mostrando ao mundo como angolanos. Não tens vergonha?

Caposso encolheu os ombros, tendo captado o essencial da fala do outro. Com essas frases complicadas é que Olímpio d'Alva se lixara, pois na conferência para a escolha dos delegados ao congresso muitos se sentiram ofendidos pelo seu discurso de que não tinham entendido uma palavra, achavam estarem a ser chamados de burros e ignorantes, até porque ele insistira na necessidade da luta contra o analfabetismo. Vindo de outra boca, era ideia a merecer grandes ovações. Mas na boca de Olímpio sabia a arrogância e insulto. Cortaram o nome dele, bem feito!

Demorou tempo a que os amigos mais chegados esquecessem o caso, ou lhe diminuíssem a importância. O certo é que o tal dirigente acusado de colaboração com o inimigo foi destituído de todos os cargos e depois lhe mandaram ir estudar política para a Checoslováquia, apesar de ser de idade avançada, pois sempre fazia bem uns tempos passados na fria Europa e sobretudo longe do país. Caposso foi também pondo uma pedra sobre o triste caso, embora admitisse ser difícil um dia olhar o outro de frente, ao se encontrarem numa esquina. Esperava nunca se cruzar com ele, fazia figas. De facto, nunca se soube se a acusação era verdadeira, as provas não apareceram ou ninguém as procurou, o que dá no mesmo e evidentemente não houve processo nenhum. Até hoje VC está convencido das suas razões, defendia os seus interesses pessoais, mas prefere não tocar em assunto tão delicado.

Meses depois, não podendo manter mais desculpas esfarrapadas por não comparecer às actividades da Jota, escreveu uma carta alegando muito cansaço e graves problemas íntimos, se demitia da direcção e da própria Juventude, pensando já não preciso dela para nada, com ela tinha até tido uma boa festa de casamento, emprego de primeira e todas as viagens, já chegava. Sem nunca o reconhecer, no fundo culpava a Jota de não lhe dar acesso imediato ao comité central do partido e perdera a paciência de esperar mais cinco anos, se é que promessa de dirigente dá para confiar. Adivinhou bem antes dos outros, talvez nos ares do tempo soprando de longínquas paragens, importantes eram os negócios, tinha de inventar forma de os ir multiplicando e diversificando, a política já não dava para engordar ninguém. Por vezes acontecia encontrar o dirigente que o procurara para jurar em falso, olhava o outro de frente e ostensivamente não cumprimentava. O muata tentava esboçar um sorriso parecido com um esgar, mas já preparando o ponto de recuo, também ele não estava bem posicionado, começava a temer represálias desde a sua recente queda de ministro e, diziam, em breve perderia os últimos cargos no partido. A roda esmagadora de tantos tinha-o também apanhado num pé, mujimbavam os seus detractores, não se sabia se de «lá de cima» lhe iam puxar pela mão, salvando-o do limbo do esquecimento e da impotência ou se ainda lhe enfiavam mais um balde de merda na cabeça. Conversas que cada vez menos interessavam Caposso, mais enfronhado nos negócios e deixando em Portugal todas as economias, até transferir o grosso delas para o Liechtenstein.

Era um agente económico, nome que começou a partir de certa altura a ser dado timidamente aos empresários. Ainda era cedo para se reconhecer oficialmente a figura, mas vontade não faltava a muito dirigente ávido de riqueza e na prática muitos já misturavam cargo político

com empresas meio clandestinas. Caposso finalmente resolveu assumir-se como empresário. E escreveu no seu diário íntimo: «O empresário moderno é um gladiador. Como o gladiador da antiga Roma, ele combate sozinho contra todos, ele e a sua coragem, ele e a sua solidão. Um *cowboy* no meio da multidão? Também.»

O seu diário íntimo tem meia dúzia de páginas com pensamentos como este. Quando toda a gente queria ser escritor, ou tomado como tal, ele pensou em publicar o conteúdo do diário sob o título «Pensamentos de um Homem do Povo». Povo era a palavra-mito de momento, tudo era feito em seu nome e os inimigos eram não de A ou de B, ou do regime ou do partido, mas inimigos do Povo. «Pensamentos de um Homem do Povo» era um bom título, sem dúvida. Mas havia ideias pouco ortodoxas lá no meio e a sua publicação podia causar sérios problemas. Além disso, nenhum editor aceitaria publicar apenas três ou quatro páginas de apontamentos, ainda tinha noção do ridículo. Mas guardou o caderninho muito bem escondido e por vezes relia uns «pensamentos» secretos, os quais no fundo retratavam a sua evolução ideológica, desde os descuidados tempos do Cuanza-Sul em que só pensava nas raparigas e no futebol até ao reconhecimento íntimo de ser um agente económico, dono de uma frota de carros empregues no processo.

Não aceitaria para si o nome de candongueiro, ele era um empresário proprietário de veículos cujos motoristas, esses sim, eram candongueiros, havia uma diferença. De classe? Sim, de classe, tinha de aceitar a ideia marxista das diferenças sociais baseadas em funções económicas. Aliás, o problema não estava aí. Tinha aprendido essas aborrecidas coisas nas aulas políticas que os professores soviéticos e cubanos por vezes ministravam aos quadros da Jota, com comparência obrigatória. Sempre de ouvido pouco atento mas, dada a repetição, acabou por

entender alguns conceitos e, sobretudo, a usar apropriadamente as palavras, processo que tinha começado muito anteriormente com o amigo Sebastião Lopes. Depois do famigerado congresso, sem se aperceber, começava a procurar pela primeira vez uma coerência entre os princípios que defendia e a sua própria prática. Portanto havia classes e ele não pertencia ao proletariado, nunca pertencera, pois até uma loja tivera. Era um pequeno-burguês e o sonho de um pequeno-burguês é tornar-se um grande burguês, acumular capital, explorar o povo (agora com minúscula) se preciso. O candongueiro não era um seu assalariado, de facto era uma espécie de sócio que fazia o trabalho e guardava uma parte do lucro, portanto também ele pequeno-burguês. A diferença segundo Marx estava na propriedade dos meios de produção. Ele era o dono, o capitalista, dono dos carros. Com dez mini-autocarros, a bem da verdade, não devia ser considerado apenas um pequeno-burguês mas um burguês mesmo. E ainda bem, apreciava. O objectivo era lançar-se em outros negócios, expandir os capitais, ser um grande capitalista a sério, mas por enquanto discreto, escondido se possível, para não cair nas malhas da lei. Lei? A lei de facto aceitava capitalistas, alguns sempre o foram, sempre o afirmaram, apenas não tinham actividade política, excepto a de serem sócios de políticos que os usavam como testa-de-ferro para os seus negócios. Os rígidos princípios impostos pelo partido é que não aceitavam os capitalistas. Portanto, conclusão lógica de todo o seu processo mental que evitou escrever no caderno, ele devia ser coerente. E como o próprio Marx concordaria, a sua prática devia determinar os seus pensamentos e palavras, não o contrário. Para ser coerente, devia apagar o que os soviéticos e cubanos lhe ensinaram, pensaria o inverso, embora se mantendo prudente no uso das palavras. Pelo menos nos tempos mais próximos.

Que se lixe a política, o partido e o marxismo! Quero é acumular fortuna e todos me respeitarão, pedirão favores, por muito marxistas que sejam.

A conclusão final a que tinha chegado lhe aparecia agora limpidamente como uma espécie de vingança gizada a frio. Usaram -me no congresso, prometeram promoção e não cumpriram? Foram filhos da puta? Pois bem, dou a volta por cima, acumulo kumbú e mais kumbú, vou rir de vocês todos a rastejar aos meus pés, fiquem com o vosso partido e eu com o dinheiro feito meu, veremos o que vale mais. Bendito congresso que não o elegeu [*o tal congresso que ficaria na História como o mais ortodoxo de todos os realizados e o culminar das guerrilhas internas para a absoluta centralização da autoridade. Alguns analistas mais ousados dataram daqui o surgimento em pleno dia da até então semiescondida seita religiosa no interior do partido, com todo o ritual desenhado para o culto litúrgico do chefe, enquanto alguns frustrados chegaram a chamá-lo de congresso-da-usurpação-do-poder.*]. Ele, Vladimiro Caposso, bem se marimbava para tudo isso, que se usurpassem uns aos outros, todos no fundo eram iguais, os que tinham sido acusados sem provas ou os que os acusaram através de instrumentos humanos. Ele fora um dócil instrumento mas agora se libertava e passara a ser não só pessoa singular como pessoa importante, nunca mais usada como utensílio. E dizia para si próprio, não tanto para se convencer do óbvio mas para inchar de orgulho e confiança, sou um empresário e, sobretudo, vou ser um empresário assumido.

Agosto de 1991

Empresários foi o que ele acabou por conhecer demais. Mas Karim se tornou especial, foi amigo e sócio, quase parente.

Karim desembarcou pouco tempo antes em Luanda com algum dinheiro e muitas ideias de negócios, disposto a arriscar. De família e casta comerciante, natural de Kharan, no Paquistão, trazia uma pequena mala e um catálogo com produtos que pretendia comercializar em Angola. Tinha antes vivido dez anos em Moçambique, onde aprendeu a falar português. Se apercebendo que a guerra ia parar em Angola e sentindo Moçambique pequeno e pobre demais para a sua ambição, se atirou à aventura para o lado de cá do continente. Encontrou Caposso num restaurante acabado de inaugurar e estando em mesas contíguas, os dois sozinhos, experimentou meter conversa. Pegou. Trocaram prudentemente ideias e informações gerais, se descobriram igualmente empresários, nome já oficializado na linguagem, foram então procurando possibilidades de interesses comuns, cada um a avançar devagar, observando a resposta do outro, apalpando terreno. E encontraram, sim, interesses comuns. Alguns produtos propostos por Karim convinhavam a VC, estava a abrir um comércio de produtos alimentares, mas antes resolveram comparar preços e fazer contas. Saíram do restaurante directamente para o escritório de Vladimiro, um apartamento espaçoso que ele alugou ao Estado por uma renda módica. Estabeleceram ali mesmo um plano de vinda dos produtos, a contento de ambos.

O minimercado abriu, muitos dos produtos expostos tinham vindo graças aos ofícios de Karim e este foi convidado para a inauguração, que decorre neste momento. E dizia a toda a gente que Caposso lhe tinha dado sorte, pois acabara de chegar quando o conheceu e com ele estabeleceu o primeiro negócio. E não parava de acumular contratos com vários clientes abastados. Convém dizer, este minimercado não era a única nem a mais importante actividade de Caposso na altura da sua inauguração. Mas tinha sido preparado numa casa antiga e restaurada para o efeito, tinha o valor de símbolo ser inaugurado no momento em que finalmente o país encetava um raro momento de paz, com os acordos acabados de assinar. Por isso vários ministros estavam presentes para abrilhantarem a cerimónia e a televisão cobriu o acontecimento com minutos importantes do telejornal, publicidade gratuita. Karim se vestiu a preceito para a inauguração, envaidecido pelo convite e disposto a honrá-lo da melhor maneira possível. Ostentava uma bela túnica azul clara e um barrete da mesma cor, ornamentado com fios de ouro, chamando a atenção dos telespectadores, ainda pouco habituados a ver gente vestida à moda oriental em Luanda.

André Paulo, habitante do Sambizanga, ao ver a televisão com a família e vizinhos, no quintal da sua casa usado para sessões com entradas pagas, logo comentou:

— Vêem o que vos dizia? Com a paz, aparecem logo pessoas diferentes. Estão ver esse aí de azul, deve ser um príncipe das arábias, cheio de petróleo. Muitos outros vão chegar agora e o país vai avançar.

[Pouco nos interessa André Paulo e suas observações sobre o futuro risonho do país. Um ano depois recomençaria a guerra e as previsões dele eram portanto tão falsas como os seus conhecimentos geográficos, pelo que só aparecerá neste bocado que passou. Nem se dêem ao trabalho de fixar o nome, serve apenas para

ilustrar a estranheza provocada naquela altura pela novidade vestimental do paquistanês.]

Bebiana, de vestido comprido, acompanhada pelos quatro filhos trajados a preceito para a cerimónia, brilhava de alegria. Realmente, a presença de tantos ministros e homens importantes na inauguração do minimercado era o reconhecimento do êxito social do marido. Finalmente. Bem que merecia até receber uma medalha pelos altos feitos em prol da nação, sempre ingrata. Fátima Magricela, a eficiente secretária de Caposso, orientava os comes e bebes, vigiando o pessoal encarregado de andar com bandejas de croquetes e empadinhas ou os que asseguravam o bar. José Matias, o fiel homem de mão de Vladimiro, comandava a segurança, necessária apesar de incrivelmente nervosa pela presença de tanta gente ilustre, com guarda-costas a complicarem todos os esquemas. Bebiana, sem notar o suor frio que José Matias sofria, respirava pelo contrário tranquilidade, tudo correria bem, entregue em óptimas mãos, para justo enaltecimento público de tão bom marido.

O pai dela, camarada Joaquim Antunes, o de barriga aquosa, eterno coordenador da célula ferroviária do partido, recebeu convite mas recusou comparecer, o sucesso empresarial do genro era mais um espinho cravado no seu peito, o merda de burguês que lhes enganou a todos com conversas socialistas quando afinal só aspirava ao capitalismo selvagem, além das notícias das suas aventuras extraconjugais constantes. E como o pai não foi, nem a mãe nem as irmãs quiseram aparecer. Era a única coisa que fazia Bebiana sofrer, não dava mesmo para juntar as casas, nem os seus filhos conheciam bem os avós e tias, Vladimiro mostrando nenhum interesse nessa relação e do outro lado retribuía, nada fazendo para atrair os netos, os filhos do burguês burgueses seriam, pois já os mais-velhos

ensinavam que filho de cobra é cobra. Bebiana dizia para si própria, não eram relações normais entre angolanos, para nós a família é tudo e deve estar sempre unida, as outras famílias são assim, por que não a nossa? Mas Joaquim Antunes detestava o genro e era generosamente correspondido, cada um para seu lado e se ignorando mutuamente, mesmo se por um acaso estivessem num mesmo sítio.

Karim tinha antes cumprimentado efusivamente Bebiana e olhado langorosamente para Djamila, a filha mais velha, agora com treze anos. Chegou mesmo a fazer uma brusca meia volta, de forma que a túnica ganhasse volume e chamasse a atenção da menina tímida. A mãe notou o olhar e o gesto a despropósito, não gostou, sabia ser o outro casado e apenas à espera de se instalar mais convenientemente para mandar vir a mulher e filhos. Pensava, alguns desses indianos (para ela era tudo a mesma coisa) tinham várias mulheres, mas a sua filha não ia servir para esses atrasos de vida. Haveria de avisar Caposso para ter atenção no amigo, que já estivera a jantar algumas vezes lá em casa, o teu kamba está a querer montar um harém aqui e com a tua filha Djamila pelo meio. Só não o fizera ainda por temer uma reacção despropositada do marido, muito exagerado com respeito às filhas. Mas a visada tinha baixado os olhos, não pareceu achar graça à pirueta do paquistanês, quem riu abertamente foi Mireille, uma miúda atrevida de onze anos, mas muito avançada para algumas coisas e por isso atenta à beleza da barba comprida de Karim, que combinava muito bem com o tom moreno da pele, os olhos esplendidamente negros e os lábios carnudos bem recortados, um pito, parece um mágico de circo, como segredaria Mireille à irmã mais velha logo a seguir, recebendo um muxoxo desprezivo em troca.

Caposso, de fato e gravata como todos os muatas e muatinhas presentes, empresários incluídos, abriu champanhe para brindar, uma garrafa para cada ministro presente. E todos regaram generosamente o chão do minimercado, hábito aprendido muitos anos atrás com Mobutu, Presidente do Zaire ou Congo, o nome mudando conforme os líderes, que numa recepção oficial tentou ensinar os dirigentes angolanos a respeitarem os espíritos dos antepassados, deitando algumas gotas de champanhe para o chão. Se na época os responsáveis angolanos riram desse costume ridículo, alguns mesmo considerando isso simplesmente bárbaro e feiticista, mais tarde aprenderam a vantagem política de agradar aos tradicionalismos e incorporaram-no nas inaugurações. Hoje despejaram parte abundante das garrafas pelos cantos, não apenas umas lágrimas, e depois beberam o que sobrou, brindando ao sucesso do comércio, uma pálida amostra do que está para vir se forem concretizados todos os planos do governo e o nosso partido ganhar as eleições do próximo ano, como disse no discurso inaugural o gordíssimo ministro do comércio, empanturrado de croquetes e rissóis de camarão e pastéis de nata ou caviar em torradinhas, que ele ia engolindo à medida que passavam os pratos à frente dele, tanto fazia ser marisco, peixe, carne ou doce, não tinha ordem de preferência, era preciso era enfartar que os tempos da guerra estavam para trás e com eles o espectro da fome, o que de facto no seu caso não era verdade, a barriga proeminente negaria qualquer afirmação nesse sentido, ainda mais não se tratando de barriga de água como a do pai de Bebianá, era mesmo barriga de muita gordura e muito uísque.

A mulher do empresário notou o desvelo com que o marido tratava o paquistanês, fazendo questão de o apresentar como pessoa muito íntegra e digna a todos os ministros e responsáveis presentes, o que para Karim era

precioso, como parece óbvio para quem vive de negócios. Aproveitava logo para falar de alguma dificuldade encontrada, ou de um plano para o futuro, ou mesmo alguma influência exercida subtilmente, gravando ao mesmo tempo na memória nomes e postos, tiques e aparentes fraquezas. Atacou por exemplo o ministro do comércio pelo seu ponto mais fraco, convidando-o para um caril que ele mesmo prepararia, não esse caril que vocês conhecem aqui, mas o próprio, feito por um especialista que era ele, tanto bastaria o amigo Caposso permitir que o jantar fosse feito em sua casa pois ele, Karim, ainda procurava moradia à altura da dignidade dos seus excelentíssimos convidados. Convite logo aceite, o ministro adorava caril, como adoraria morcegos ou aranhas ou capim, este com a condição de ser servido com sal. Com o caril apareceria a ideia de determinado armazém da zona da Boavista ou do bairro Palanca ser posto à disposição de Karim, precisando desesperadamente de depositar a mercadoria importada em cada vez maior número. *[Avançando no tempo, com as devidas desculpas aos leitores mas para economia literária, nesse futuro jantar se iria concretizar a ideia de Karim e Caposso se associarem para abrirem uma grande loja de electrodomésticos na zona nobre da cidade e construir um enorme armazém suplementar na parte norte, capaz de albergar simultaneamente cem contentores de mercadorias, empreendimentos modestos mas em que o ministro do comércio teria a sua quota, compensando o extraordinário empenho na agilização das autorizações e levantamento das dificuldades burocráticas.]*

Como vemos, estavam todos contentes e animados no interior do minimercado acabado de inaugurar, embora tivesse faltado um bispo para benzer o empreendimento, timidez de VC em convidar um prelado desse alto quilate. Assim foi apenas o padre da igreja mais próxima que

lançou os fumos da praxe e proferiu algumas frases bichanadas apelando aos espíritos benfazejos, o que, convenhamos, seria mais apropriado ser feito por uma mais-velha conhecedora dos segredos da terra ou mesmo por um kimbanda especializado em conclamar as forças deste triste mundo e do outro. Para Caposso tanto fazia, não acreditava nessas coisas, mas sabia que Bebiana, de formação católica, ficaria satisfeita com a presença do padre, por isso optou por ele.

Se estavam satisfeitos lá dentro, também estavam cá fora, reunidos numa pequena multidão defronte do edifício a assistir às cerimónias e celebrações mas também contabilizando os produtos novos e apetitosos. Também aí no meio estava Nacib, que neste momento ainda não conhece Mireille nem nela reparou, misturada no meio de gente mais alta que a tapava dos olhares de fora. Nacib estava então acompanhado do seu amigo Kasseke, vindo há tempos de Benguela, os dois nesta ocasião com catorze anos. Kasseke segurava na mão um saco com pilhas eléctricas, e mostrava uma ventoinha portátil, faço bom preço. Mas agora estavam os dois mais interessados em ver a montra, onde uma grande gama de vinhos e comidas era apresentada. Os meninos nem sequer suspeitavam, como é evidente, mas os vinhos tinham sido fornecidos a Caposso, desconhecido dos dois, pelo paquistânês Karim, muçulmano mas sem fundamentalismos quando se tratava de vender qualquer produto, embora ele não consumisse bebida alcoólica, como mandava a sua religião. Também não comia carne de porco, proibida pelo Islão, e no entanto tinha abastecido o minimercado com chouriços e outras charcutarias. Os meninos olhavam só as comidas, particularmente o benguelense, pois podia encontrar algo que interessasse revender. Cedo desistiu.

— Vamos embora, meu. Só estão a comer aí dentro, a minha fome aumenta.

— Lata de feijoada não é bom para zungar, pois não? — perguntou Nacib.

— Melhor ficar só com electricidade — disse Kasseke.
— Não sei como é esses preços, mas as senhoras é que vendem mais comidas e compram directamente nos armazéns, fica mais barato.

— É. Se compras aqui para vender na rua, fica mais caro, as pessoas preferem vir comprar na loja também.

— Estás a perceber do negócio, meu. Ainda vais ser meu sócio, quando acabares de estudar.

— Hum, prefiro ser mecânico.

Nacib estava ainda no ensino de base, o seu sonho era entrar no instituto para estudar mecânica. Kasseke tinha abandonado a escola em Benguela, a vida estava difícil lá depois de o pai ter morrido atropelado, tentou a sorte em Luanda. Não gostava muito de falar do passado mas a Nacib contou, um dia, a sua triste estória, ou parte dela. Foi quando se conheceram, na Marien Ngouabi, perto do Catambor. O pai tinha mandado Nacib comprar pilhas para o rádio, compradas na rua ficavam mais baratas que nas lojas, mas olha bem, vê mesmo se são novas. Ele abordou Kasseke, quanto são as pilhas? Viu eram novas, ou pareciam, nessas coisas nunca se sabia, mesmo se estavam no invólucro de plástico, os revendedores eram hábeis em refazer as embalagens violadas. Foi mais pela cara do vendedor que pelo aspecto das pilhas. Da sua idade, sorridente, parecia calmo, sério. Comprou o produto e ficou pela conversa. Soube então da proveniência do outro, dormindo e vendendo artigos de electricidade ali mesmo na Avenida Marien Ngouabi.

— Mas dormes aqui?

— Do outro lado. Estás a ver aquela grelha de ferro? Se levantas a grelha, tem um buraco, dizem é para a água da chuva escorrer até ao Rio Seco e depois para o mar.

Do buraco sai um tubo bué grosso vai passar em baixo daquele prédio. Durmo aí.

Nacib se condoeu. Sabia, tinha muitos meninos, até meninas, fugidos da guerra ou da miséria, vivendo nas ruas, dormindo onde calhava, geralmente nos passeios perto de prédios grandes, nalguns casos protegidos pelas colunas. Às vezes via uns saírem da rua, ali na Marien Ngouabi, de buracos, julgava de esgotos.

— Não. O meu buraco não é de esgoto, quer dizer... Cheira mal, tem ratos e baratas, mas não é de esgoto de casas, é para a água da chuva. Está seco quase sempre. Só quando chove é que tem problema. Preciso dormir fora, na chuva mesmo, é melhor, lá dentro fica cheio de água, uma pessoa tem de lutar para não ir com a corrente pelo tubo, não sei onde ele vai parar...

— No mar, já disseste.

— É isso, uma pessoa pode parar no mar. Quando chove, durmo mesmo encostado num prédio, como os outros.

— Mas como arranjaste o buraco? Dormes lá sozinho?

— Não. Tem um outro meu companheiro. Está daquele lado agora a vender cadernos, o Manuel. Mas vender cadernos não é bom, se chove, os cadernos ficam estragados, muito prejuízo. Já disse muitas vezes ao Manuel para arranjar outro negócio, mas ele gosta de vender cadernos nos miúdos das escolas.

— Os outros não ficam com o teu buraco?

— Agora não. No princípio foi preciso lutar, havia um que dizia o buraco era dele, tinha chegado antes. Lhe despachei. Ficou de olho inchado, foi embora a se queixar. Depois apareceu outro, queria ficar lá. Tive de lutar, lhe chacinei. Ainda mais um, lhe massacrei. O Manuel só olhava, ele não queria lutar. Agora já ninguém quer o nosso buraco, todos sabem tem dono e eu luto bem, aprendi bué de bassulas na praia de Benguela, conheces?

— Nunca saí de Luanda.

— Praia Morena, a praia de Benguela. Tem outras, mas essa é mesmo na cidade, se luta de bassulas e fingir de dar pontapés na cabeça. Quando é a sério se dá mesmo. Mas eu não gosto de lutar. Foi preciso defender o buraco, é só. E defender o Manuel que não sabe lutar.

— O Manuel também é de Benguela?

— Nada. Daqui mesmo de Luanda.

— Então?

— A família não quer mais dele — disse Kasseke. — A família dele veio do norte, lá é que têm essas coisas. Disseram ele é feiticeiro.

— Eh!

— Haka! Um miúdo desses, então é feiticeiro? Que estava a provocar doenças do pai, do irmão, de um tio. Ficavam doentes, depois diziam era o Manuel, feiticeiro, a chamar as doenças. Quando a mãe morreu, disseram logo foi o Manuel que puxou a doença, aí ele fugiu, com medo do castigo. Podiam até lhe matar, tu sabes? Agora mora comigo e como é mais pequeno, eu é que lhe defendo.

Foi assim a primeira conversa. Depois, quando a casa precisava de algum produto eléctrico, Nacib primeiro procurava saber se Kasseke podia vender. Raramente tinha o produto desejado, andava sempre pelas pilhas e um ou outro aparelho eléctrico, rádio, gravador de cassetes ou ventoinha. Mas, mesmo não comprando nada, ficava um momento a conversar com Kasseke. Também quando voltava da escola muitas vezes o encontrava na rua. Se criou assim uma amizade entre os dois. Um dia Nacib convidou o amigo a ir a casa dele, se queres podes tomar banho lá, temos água e uma casa de banho.

Dona Celestina das Dores a princípio não gostou nada da ideia do filho. Se abrissem a casa a todas as crianças que dormiam na Marien Ngouabi, só para falar de uma

rua de Luanda, estavam mal, tinham de inaugurar balneário público, ideia absolutamente fora do conhecimento da senhora, mas prática comum em outros países. Consentiu a primeira vez, resmungando contra as generosidades desmedidas do filho, afinal se deixou prender pela simpatia e pelos olhos meigos de Kasseke. Todas as semanas o rapaz vinha tomar banho a casa e lavar a roupa no tanque existente no quintal. Claro, para Kasseke, aquela casa pobre de um musseque pobre era um palácio, todos dormiam até em colchões de esponja embora fina sobre catres feitos pelo próprio Bernardo Domingos, uns verdadeiros nababos. Celestina mais tarde alargou a permissão a Manuel, tudo por causa das boas maneiras de Kasseke. E às vezes até lhes dava alguma coisa para comerem pois sabia, a venda de produtos nas ruas não servia para mais que uns bocados de pão com chouriço ou barrados de goiabada, comprados nas zungueiras.

A estória de Manuel também foi comentada em casa do carpinteiro. Primeiro o pai não acreditou, estás a inventar só para termos pena do teu amigo, Nacib. Mas a mãe acreditou logo, tinha visto coisas parecidas na sua terra de origem.

— Lá no Moxico tem muitos feiticeiros também. Mas não são nada crianças, são velhos. Têm inveja dos outros, então fazem feitiço. Para ficarem com as coisas dos outros que lhes causam inveja.

— Hum, já vens com essas manias de atrasados — reclamou o pai. — Feitiço não existe. Coitadas das pessoas, na tua terra às vezes até as matam porque dizem são feiticeiras. Mentira, não são nada.

— Só os velhos — insistiu Celestina.

— Velhos ou crianças, é a mesma coisa, não são nada feiticeiros. Aqui em Luanda nunca ouvi falar essas coisas. São mambos dos matumbos do mato.

— Aqui tem, sim, pai, Kasseke é que me contou — repisou Nacib, aborrecido porque duvidavam da sua palavra. — Podem perguntar no Kasseke. É melhor não perguntar no Manuel, ele chora logo quando lembra da mãe. Perguntem no Kasseke, ele vai contar o que me disse a mim. No norte e no Congo usam muito isso, são costumes de lá.

— Só nos trouxeram azar, esses do Congo, lá isso é verdade — disse Bernardo Domingos. — Logo caiu em si e corrigiu: — Bem, nem todos, como em toda a parte lá há muito boa gente. Mas culpar crianças de feitiço? Nunca vi.

Mesmo com a insistência de Nacib o pai não estava totalmente convencido. Podia ser uma mentira hábil para amaciar corações, facilitar alguma ajuda, coitado do miúdo, acusado de feiticeiro e escorraçado pela própria família, com a guerra esta gente perdeu o juízo e, pior, perdeu o coração.

— Tu nem imaginas, Nacib, o que as pessoas inventam, as coisas mais incríveis, só para ficarem com o dinheiro dos outros. Portanto também pode ser a família do Manuel estar a explorar o miúdo, contando essas coisas para ele criar pena na gente e depois aproveitarem.

— Mas como, pai? Ele fugiu de casa, dorme no buraco da sarjeta... não é assim que se chama aquela grade onde entra a água da chuva? Lhe expulsaram mesmo...

— Expulsaram-no mesmo — corrigiu o pai. — Andas na escola para falar assim?

— É fala da rua, pai — disse Zeca, o mais pequeno.

— Mas aqui não estamos na rua, estamos em casa. E se não falam bem português em casa, nunca mais vão aprender bem na escola. E ficam matumbos como esses que acreditam no feitiço.

Graças à amizade de Nacib, Kasseke já não cheirava tão mal como antes. Nos tempos de antes da amizade, se lavava quando calhava, às vezes quando um cano de

água rebentava na rua e o líquido se espalhava pelo asfalto. Os miúdos aproveitavam para banhos colectivos, com toda a gente a ver o espectáculo. Mas ele se lavava sem nunca tirar os calções. Outros, mais pequenos ou mais atrevidos, se despiam mesmo e lavavam assim, com as senhoras passando e xingando, ordinários, todos nus no meio da estrada, vou chamar masé a polícia. Ninguém chamava. Também não adiantava, os polícias eram mal pagos e não iam se cansar a correr atrás de miúdos só porque estavam a se lavar todos nus na via pública. Os polícias só corriam atrás dos miúdos para lhes ficarem com o dinheiro apurado nas vendas ou para recuperarem as mercadorias que eles negociavam, os polícias de facto não achavam ter salários que justificassem actividades atléticas. Kasseke nunca tirava os calções e portanto não tinha medo de alguma iniciativa dos polícias para lhe apanharem por desrespeito público. Tinha medo, sim, quando os via a cobiçar algum aparelho que ele mostrava aos possíveis compradores que passavam nos carros. Já tinha sido penteado duas vezes por polícias, de uma vez perdeu uma ventoinha portátil, a pilhas, e de outra vez foi um rádio. Com os polícias não adiantava tentar a arte da bassula, eles vinham aos pares e tinham pistolas com que ameaçavam logo os miúdos. Aliás, quando os caíngas apareciam na banda logo um miúdo gritava pente, pente. Era a debandada, cada um para seu lado, para não serem penteados das coisas que serviam de seu sustento. Depois como podiam comprar outras para revender? Perder o capital era dramático, situação só possível de resolver roubando alguma coisa, o que não só era difícil como perigoso.

— Não sou bandido, não sei roubar — explicava Kasseke ao amigo. — Um dia pensei mesmo. Quando me pentearam da primeira vez. Não tinha mais nada, dinheiro nenhum, como fazer? Pensei, tenho de roubar.

Entrei numa loja, tinha um rádio pequeno, bonito, com muitas bandas, dava boa massa. Ninguém estava a olhar, parecia. Mas não fui capaz. Saí mesmo sem levar.

— E como fizeste?

— Falei com o homem do Roque Santeiro onde costumo comprar os produtos. Eles lá no mercado do Roque têm uns muadiês fixes, confiam. Aquele é de Benguela também, confiou. Me entregou uma caixa de pilhas, paguei pouco a pouco, mas paguei tudo. Ainda no outro dia, o dinheiro não chegava para este gravador de cassetes que estou vender. Ele adiantou uma parte, quando tiver o resto do dinheiro lhe pago. É a minha sorte conhecer esse muadiê.

— Vocês de Benguela são muito unidos, já ouvi falar — adiantou Nacib.

— Que nada! Haka! Tem uns bem bandidos, também. Outros nem querem saber se uma pessoa diz, sou mesmo teu patrício, sou da tua terra, respondem logo, então porquê não vais para lá?

Quando andavam a passear pela cidade e lhes dava vontade de urinar, Nacib fazia como todos os rapazes. Escondia um pouco na sombra de uma árvore, mijava sem complexos. Kasseke não. Se escondia todo, parecia tinha medo de mostrar a kinhunga. Uma vez, duas vezes, passava. Mas agora todas as vezes? Um dia o seu irmão Zeca veio muito excitado lhe contar que estava Kasseke a tomar banho em casa deles quando entrou sem saber na casa de banho, a porta apenas encostada e viu Kasseke todo nu com o sabão no corpo.

— Não tem pila, mano, vi mesmo. Ele tentou se esconder com a mão, mas vi mesmo, não tem gaita.

Nacib achou era uma grande mentira, Zeca às vezes exagerava. Mas ficou atento porque também estranhava esse comportamento tão reservado de Kasseke. Os miúdos às vezes até faziam competição de ver quem mijava mais longe e o benguelense nunca entrava nessas

brincadeiras, dizia já não sou garoto para fazer essas porcarias, deviam ter mais juízo. E um dia aconteceu o mesmo que com o Zeca. Kasseke tinha chegado a casa quando ele não estava e obteve o consentimento de Dona Celestina para tomar banho. Por isso, ao chegar a casa, Nacib foi directo na casa de banho para mijar. E apanhou o outro lá. No sítio tinha só um toco minúsculo, Zeca não mentira. Desta vez o amigo nem reagiu. Era já a segunda vez que tinha sido apanhado, talvez por isso ficou paralisado, mostrando o corpo, tremendo de vergonha. Nacib saiu da casa de banho, não disse nada. Fingiu não tinha visto nada, mas também não dava para mentir, o outro sabia que ele reparou, tinham ficado parados um bom momento, um atrapalhado e o outro espantado.

Foi afinal Kasseke que venceu a vergonha e tomou a iniciativa de contar. Logo que saiu do banho.

— Viste, não é? Não tenho o sexo normal.

— Que é que aconteceu?

— O meu pai, o bêbedo.

— Coitado, já morreu e falas assim dele? Que é que o teu pai fez então?

— Me levou para a circuncisão no mato, no sítio onde ele nasceu, Dombe, uma terra perto de Benguela. Quando eu tinha oito anos um dia ele me levou, disse tinha de fazer circuncisão à maneira tradicional como ele e todos os da sua família. A minha mãe não queria, dizia era coisa antiga, não vale a pena. Ou então para fazer no hospital, era mais seguro. Meu pai era muito teimoso e tinha a mania de seguir tudo o que o pai dele tinha dito e o pai do pai, assim, até aos mortos que não tinha conhecido. Disse, não, tem de ser lá, na minha terra, para ser homem. Fomos. Quem fazia a circuncisão era um mais-velho, não sei se era kimbanda ou não, devia ser. Disse fazia, sim, não cobrava nada, conhecia toda a família desde os tempos. O meu pai tinha levado um

garrafão de vinho para as ofertas e se embebedou com o outro, falando coisas das famílias e do que tinha passado há muito tempo. Quando estavam bem ganzados, mal que podiam andar, se lembraram eu tinha ido lá não era para ficar a ver eles a beber, mas para a circuncisão. Aí o outro foi buscar uma faca, disse põe aí a kinhunga em cima dessa tábua, não custa nada, eu não queria tirar as calças, o meu pai se chateou, me bateu uma chapada, tira as calças, porra, estamos a perder tempo e o outro só ria e bebia, ria e bebia, até que eu tirei as calças e pus a kinhunga bem murcha, cheia de medo, parece estava a adivinhar. Aí ele pegou na ponta e esticou, assim é que se faz aqui no Dombe Grande, terra de muitos espíritos poderosos e zás, cortou. Só que em vez de cortar a pele da ponta, como se deve fazer, cortou mesmo pelo meio. Olha o sangue a escorrer. Me levaram logo logo no posto de saúde, não morri por isso, o sangue corria, corria, parecia não ia parar mais. Um enfermeiro conseguiu de estancar o sangue, em Benguela depois me internaram e fizeram tratamento, fiquei duas semanas no hospital com infecções e febre, sempre doente. Quando me curei, só ficou esse coto.

— Possas, o enfermeiro podia ter feito sem problemas...

— Podia. Mesmo em Benguela se podia. Mas o bêbedo do meu pai não queria, eu tinha de ser cortado como ele foi, lá no kimbo, assim é a tradição.

— O teu pai morreu atropelado, me contaste.

— Foi. Estava a cair de bêbedo, atravessou a rua quando vinha um camião carregado de sal. Morreu mesmo.

— Bebida não dá.

— Por isso eu não bebo — disse Kasseke. — Também não tenho dinheiro para comprar. Quando me dá tristeza, cheiro masé gasolina, não faz mal.

— E se fica como?

— Assim, porreiro. Tonto, a ver coisas, vontade de rir, se esquece essa vida triste. E gasolina é de borla. Vais com um pano numa bomba, quando o bombeiro acaba de abastecer o carro, tu só pões o pano na ponta da mangueira, pronto, fica um pouco molhado, já dá para cheirar e curtir numa boa.

— Nunca cheirei — disse Nacib.

— Quando quiseres, vais experimentar. Vou contigo. Se fica porreiro. E não faz mal.

— Mas não é droga? Os meus pais estão sempre a nos falar, cuidado com as drogas, uma pessoa se habitua, depois nunca mais pode largar, se morre cedo.

— Então gasolina é droga? Haka, já viste pôr droga no carro para ele andar?

E Kasseke deu grandes gargalhadas por causa da cara baralhada de Nacib. O qual imediatamente voltou a lembrar a tragédia do amigo, como ia fazer quando quisesse ter mulher? Ele já andava a sentir coisas ao ver as raparigas passar mostrando as maminhas sob os vestidos, ou na praia quando as mulheres exibiam os biquinis. Kasseke também sentia o mesmo desejo? Deixa para um dia, não vou perguntar nada agora, também já é demais. Mudou a conversa e falaram de outras coisas, da escola e de futebol, até que a mãe veio oferecer uma sandula de omoleta a Kasseke e este comeu, faminto. Ontem não vendeu nada, nem uma pilhazinha das mais baratas, por isso dormiu com a fome dele.

Novembro de 1995

Fome? Só fome de dinheiro. Quanto mais dinheiro, mais fome. Por isso Caposso não ouviu os conselhos do amigo Karim, seu sócio para alguns negócios, se meteu também no novo maná para alguns empresários, o secreto comércio de armas. Só com uma diferença. Enquanto a maior parte, constituída por algumas altas figuras, políticas ou militares, ganhava comissões com armas que o país comprava fora, pelo menos era voz pública, VC tentou ser original e se meteu no negócio de vender armas para o exterior. Bolas, quem é que diz que Angola só importa mercadorias e quando é para exportar apenas tem petróleo? Pois bem, também podemos vender armas aos países vizinhos, os Congos em especial, que muito estão a precisar delas, sobretudo o grande, o que tem muita fronteira connosco e pede mais armamento, se justificava ele com o orgulho nacional.

Arranjou amizade com um congolês, Désiré de seu nome, natural do antigo Katanga, região mineira a oriente da Lunda. O presidente do país dele também se tinha chamado em tempos Désiré, herança dos colonizadores belgas, mas depois fez a bantuização do Congo, que chamou de Autenticidade, e adoptou um nome africano enorme, como todos sabemos, obrigando os cidadãos a fazer o mesmo. Désiré não aceitou essa obrigação de abandonar nome europeu, tanto mais que na altura já estava em Angola refugiado, fazendo parte do exército de katangueses que apoiou os colonos portugueses na luta contra os movimentos de independência e apoiou depois, por puro interesse de sobrevivência, o movimento vitorioso contra os outros,

com isso conseguindo permanecer no país independente. O exército dos katangueses se manteve a partir de então muitos anos em alguns quartéis mais ou menos escondidos, sendo utilizado contra o regime de Mobutu quando isso convinha ao governo angolano. Os katangueses envelheciam e se sentiam justamente reféns dos angolanos, usados e depois esquecidos. Alguns tinham morrido, outros arranjaram mulheres e tiveram filhos angolanos, mas podiam ser chamados a qualquer momento para acções militares. E continuavam com estatuto de refugiados. Désiré se cansou dessa situação sempre ambígua.

Foi o que contou a Caposso, quando o conheceu. Não podia viver de ilusórios subsídios governamentais e da sua patente de capitão mais que reformado. Recusava trabalhar na agricultura, como outros katangueses tinham feito em terrenos cedidos pelo governo, ele nunca fora camponês. Tinha de refazer a vida e descobrira como.

— Na parte oriental do Congo há muito descontentamento. Qualquer dia fazem mais uma rebelião. Alguns dos meus antigos companheiros já foram para lá, os mais desesperados. Levaram os filhos e sobrinhos, para combater outra vez. O problema é que o governo angolano já não dá mais armas, tenta travar a rebelião, parece não quer makas com o Mobutu.

— E então qual é o negócio que está a propor? — perguntou Caposso.

— Vender armas para eles. Não precisam de ser novas, mas se forem, ainda melhor. Para o Katanga e também para o Kivu e para os eLivross no Ruanda e no Uganda, todos esses aceitam comprar armas.

— Não sei como se podem conseguir armas, não deve ser difícil. Mas pagam com quê?

— Diamantes. Da Lunda, do Kasai, do Katanga, do Kivu. Muitos têm diamantes. Os movimentos de oposição ao

Mobutu estão a organizar o garimpo para apanhar mais e comprarem as armas.

Vladimiro Caposso, apesar da sua fome de dinheiro, não aderiu logo à ideia. Primeiro, era preciso montar um esquema para conseguir as armas. Claro que havia muitas no país e sempre se encontrava gente para as vender, nem era difícil desviar lotes inteiros de novinhas acabadas de chegar. No entanto implicava um capital inicial, com riscos de o perder em alguma fase da operação. Além disso, era totalmente ilegal. E ser pago em diamantes também não lhe agradava, outro risco e outra ilegalidade. Seria depois preciso levá-los para fora do país e vendê-los a bom preço na Holanda ou Bélgica. Implicava uma rede enorme, e ele tinha aprendido que quanto menos gente andasse nessas coisas melhor. Foi pedir a opinião de Karim, conhecedor do mundo exterior e de suas negociatas, hábil manobrador de redes e cumplicidades.

Karim nessa altura andava muito triste com um azar, não acontecido a ele mas era como se fosse. A família veio do Paquistão, mulher e quatro filhos. Vivia numa boa vivenda em conceituado bairro da capital, entrava em muitos negócios, alguns dos quais com VC, mas outros independentes. Se dizia, tinha feito recente sociedade com um alto muata, daqueles cujo nome apenas se segreda, mas também podia ser mujimbo, Caposso preferiu nunca perguntar ao amigo, há segredos que não se deve partilhar. Mas falávamos do seu azar. Se apaixonou por uma vizinha angolana, morando numa vivenda muito maior que a sua. Ela era casada com um antigo alto dirigente, em missão diplomática no exterior. Tinha sido apeado do poder, nunca se soubera exactamente por que motivo, mandado para embaixador como compensação. Vivia numa espécie de exílio dourado durante uns tempos, os necessários para ir acalmando a fúria da sua destituição, por ele certamente

considerada injusta. Entretanto, estando fora, perdia a influência exercida no interior e deixava de ser um eventual perigo para a estabilidade do regime. Medidas sábias que contentavam toda a gente. Neste caso não contentou a mulher, que detestou o novo país onde devia morar, não falava nenhuma língua estrangeira e por conseguinte não era capaz de se mover facilmente naquela sociedade completamente diferente da sua e ainda por cima feita de gente sisuda e sem piada, uns homens feios de morrer e umas mulheres horríveis, como ela queixava constantemente ao vizinho Karim, imagine a minha infelicidade, e ainda por cima o *staff* do meu marido é uma cambada de invejosos, não podem ver uma mulher nova e bonita como eu, começam logo a arranjar mujimbos e intrigas. Karim, de grande e mole coração, se comovia com tanta tristeza e passou a saltar o muro para consolar a pobre senhora, sozinha em casa enquanto o marido ia varrendo uísques nas recepções diplomáticas lá no longínquo país asiático onde estava desterrado. A mulher de Karim, educada nos rígidos preceitos da religião muçulmana, aceitava dividir o marido com outras mulheres, mas desde que fosse uma situação legal, de matrimónio. Não aceitava misturas com mulheres casadas, pois adultério era um crime horripilante e só merecedor de pena de morte. Podes ter até quatro esposas, disse o Profeta, berrava para ele. Mas verdadeiras esposas, não amantes. E fazia cenas terríveis por causa da vizinha.

— Quem diz que as mulheres muçulmanas são umas desgraçadas sofredoras e passivas, é porque nunca teve uma delas em casa — se queixava por sua vez Karim a Vladimiro.

As cenas passaram a ser frequentes, metendo já os filhos crescidos no meio, tomando partido por um ou outro, e prejudicando a concentração necessária para os negócios, os quais detestam instabilidades emocionais,

gritos e confusões, sapiência recebida por Karim dos antepassados de casta, comerciantes desde que se constituíram as castas. Farto de tanto desentendimento, o paquistanês resolveu despachar a família de novo para o país de nascimento, ao menos recuperava o sossego em casa. Resolvida essa questão maior, podia se dedicar calmamente a comprar e vender, o que significa sopesar carinhosamente a mercadoria, estudá-la com atenção e ternura durante dias, fazendo e refazendo cálculos, nunca se precipitando, pois só mesmo esses rapazes vendedores de rua despacham as coisas sem ponderação, indiferentes à beleza de uma mobília ou ao lustro de um par de sapatos. O idílio com a vizinha do lado ia pelo melhor. Ela tinha uma curiosidade quase infantil pelas lições de Kamasutra e queria que ele lhe ensinasse tudo. Embora se tratassem de dois Estados separados, o fundo cultural da Índia e do Paquistão era o mesmo, isso a senhora sabia, por isso exigia posições cada vez mais sofisticadas. Ora, Karim tinha apenas os conhecimentos vulgares sobre o sexo e a religião muçulmana, por sua vez, limitava as efusões que poderiam dar grande prazer à mulher. Daí o haver alguma frustração por parte da vizinha, habituada a gritos lancinantes de cio e prazer. De uma vez que foi visitar o marido, pois tinha de o fazer de quando em quando para evitar que ele desbaratasse o património por mais de uma casa, passou por Paris e aí obteve um livro com as cem posições mais conhecidas para o acto sexual. O livro estava em francês mas tinha o desenho das posições e isso é que contava. Durante algum tempo obrigava Karim a experimentar todas, algumas permitidas só mesmo a ginastas com vasto treino. E depois muxoxava e queixava, desiludida, mas me disseram que os indianos todos conhecem o Kamasutra de trás para a frente e de frente para trás. Queixava só, nem chegava a ficar zangada, gostava muito dele, um

homem maduro, calmo, bem educado, lhe lavava os pés quando iam para a cama, era capaz de beijar todo o corpo dela, coisa que os angolanos não sabiam ou não aceitavam fazer.

Karim, arrebatado um dia pela paixão, propôs, vamos casar. Tens de te divorciar do teu marido, eu não preciso. Se casarmos, a minha família também pode voltar, porque então já a minha mulher não tem razão para me estar sempre a recriminar sobre os nossos amores. Mas ela não queria pensar sequer nisso.

— Os meus três filhos estão a viver lá com o meu homem, é melhor para a educação deles. Se me separo, nunca mais os vejo. E fico sem nada. Tudo está em nome dele, as casas, os terrenos, o dinheiro nos bancos do estrangeiro, nem sei o nome dos bancos. Se for eu a acabar com o casamento, não tenho direito a nada.

Era um impasse. Assim estamos bem, só de vez em quando tenho de ir lá controlar as coisas, dizia ela para acalmar a tristeza de Karim, mas era isso mesmo que ele queria evitar, as constantes viagens dela ao estrangeiro e o cheiro de outro homem que trazia no corpo, apesar de todos os banhos com sais. Vemos portanto que Karim, educado em cultura tão diferente das nossas, era no fundo tão ciumento como nós, o que prova portanto a asserção de que o género humano no essencial não varia muito.

De repente, veio a notícia, fatídica se costuma dizer habitualmente, mas até nem o foi neste caso, comemorada com grandes beijos e abraços de alívio. A mulher de repente estava livre, o marido tinha morrido em plena cena de sexo num prostíbulo, incapaz de aguentar a dose cavalgar de álcool e pó de chifre de rinoceronte tomados para satisfazer as duas kitatas de luxo com quem se deitara. Karim tinha o caminho aberto para casar com a senhora. Adoptaria mais três filhos, mas fora preparado para isso desde a infância, as

famílias numerosas e até múltiplas não lhe faziam medo. Em compensação, podia meter a mão na fortuna acumulada pelo finado durante os tempos em que tinha opinião decisiva sobre os negócios do país e cobrava comissões de paxá. Não parecia mau negócio. Com a vantagem adicional de a primeira esposa aceitar com normalidade a situação, então legalizada pelo matrimónio, e voltaria para Luanda. Duas casas contíguas com duas esposas encantadoras e diferentes constituíam um sonho, que mais poderia Karim desejar? Sobretudo se adornadas com a fortuna do falecido, que Karim numa noite de insónia tentava quantificar com base nos mujimbos e nas informações esparsas da viúva. Montaria um grande negócio, nada das coisas pequenas até então, ia entrar no seu projecto tão querido de armar uma frota de petroleiros. Para já, conseguiria do ministro da energia uma espécie de monopólio para o transporte do petróleo extraído de Angola, mesmo aceitando pagar uma comissão de vinte por cento. E para rentabilizar ao máximo os petroleiros, estenderia as actividades com o petróleo do Congo e do Gabão e, quem sabe, da enorme Nigéria. Seria o senhor do transporte da África ocidental, do Senegal até ao Cabo, um imperador. E sorria na noite escura, enquanto na casa ao lado a viúva, de luto carregado e olhos vermelhos de tanto choro, recebia as pessoas vindas dar as condolências.

O problema veio depois. Os irmãos, irmãs, sobrinhos e tios do falecido encheram a casa da viúva com o fito de chorarem o morto, fizeram vir o corpo para receber honras de Estado e ser enterrado com a dignidade imposta pelo seu passado político. Terminadas as cerimónias, uma estafa para a senhora que tinha de fingir arrastar o sofrimento pela casa e aturar os gritos e bebedeiras pelas noites dentro durante uma semana, os parentes do falecido disseram daqui não saímos mais, tu é que tens de sair com os teus filhos. Ela pôs as mãos

nas ancas, kaluanda pura. Estão a brincar comigo ou quê, eu é que vos ponho na rua, estiveram durante uma semana a comer e a beber tudo o que de bom tinha nas arcas frigoríficas e ainda querem mais? Ela não estava a compreender os mambos, insistiram, eles não queriam mais comida e bebida, já tinham chorado o morto, eles queriam tudo, a casa, as outras casas, as propriedades, os carros, o dinheiro no banco, as contas bancárias no exterior, as conhecidas e as ocultas, tudo enfim, ela não tinha direito a nada porque era a culpada da infelicidade do parente falecido, se não fossem as fugas constantes dela para Luanda ele não estaria tão deprimido que tinha de ir a sítios estranhos se desfazer dos líquidos acumulados nos tomates. E as mulheres começaram a gritar com ela feiticeira, feiticeira, enfeitiçaste o nosso parente, no que foram apoiadas pelos homens, é isso mesmo, uma feiticeira alheia, vai, filha de Satanás, pega nos teus filhos e desaparece.

Estava Karim nesta situação, com a viúva e os filhos refugiados num quarto da casa, já expulsos da sua, em constantes conversas com um advogado, quando apareceu Caposso a pedir conselhos sobre o tráfico das armas e a desejada participação do paquistanês no negócio. No entanto, o oriental não tinha disposição para tratar de outro assunto senão o da senhora refugiada no quarto dos fundos com os filhos e esperando terminar a visita de Caposso para ocupar a sala.

— Como é possível isto acontecer? — perguntou Karim.
— Então não há lei? Ela chamou a polícia, a polícia encolheu os ombros, não fez nada. Agora a casa está ali ocupada pelos vândalos, vão dar cabo daquilo tudo. Eu sou estrangeiro, não posso fazer nada.

— O falecido era do norte — disse Caposso. — Dizem em Luanda, foi de lá que veio esse costume. O marido morre, a família dele fica com tudo, a viúva sem nada. Aqui não era assim. Já aconteceu outras vezes, sempre

com gente do norte. Ela é de Luanda, não é? Não sabia destas coisas, não tomou precauções?

— Mas os tribunais?

— Sim, há os tribunais. Ela pode mover uma acção. Só que, quando o tribunal decidir, lento como é, já os bens se evaporaram, distribuídos e consumidos pela família. Vai ver, é rápido. Consegue recuperar esta casa, pois é onde vivia e para isso a lei a defende. O resto vai desaparecer. Pode receber durante uns tempos uma pensão do Estado por ser viúva de um muata importante e pronto. A menos que ela tenha acesso às contas bancárias do marido.

— Diz que não.

— Nem sabe os números ou em que bancos ele tinha?

— Só ele tratava desses assuntos.

— Então não vale a pena contar. Ou os familiares recuperam, se por acaso algum conhece as contas. Ou os bancos ficam a lucrar, o que é o mais normal. Os estrangeiros, claro. Aqui, ele não tinha dinheiro no banco, nenhum de nós tem, você sabe.

— Uma grande desgraça. Para ela e para mim também. Pensava casar com ela.

— E agora já não casa?

— Bem, eu gosto muito da vizinha. É muito gentil, muito bonita. Mas tem três filhos. É uma grande despesa, se ela não trazer um dote para a família. Acha que essa casa é um bom dote?

— As casas começam a valer bom dinheiro, sobretudo uma assim tão grande e neste bairro — disse Caposso.

— Tenho de fazer bem as contas — disse Karim, duvidoso. — Um casamento é uma coisa séria, tem de ser bem pensada. Tenho quatro filhos, não posso distribuir o meu dinheiro por outras pessoas e prejudicá-los no seu futuro, entende, não é?

Caposso concordou. O seu casamento não tinha sido muito pensado, antes imposto. Pelo menos de certa

forma. Não se tinha dado mal no fundo, Bebiana não era má mulher e as coisas correram bem, havia experiências piores. Conhecia muita gente que não pensou a sério no assunto e se deu mal, sobretudo com as pressas e o medo de viver sozinho. Karim tinha azar, se dizia o falecido era dono de uma fortuna colossal, sobretudo no exterior. E ele, VC, até poderia ter lucrado com isso pois certamente o paquistanês iria empenhar a fortuna em negócios que poderia partilhar com os amigos. Mais uma razão para Karim, acicatado pela dor, aceitar se meter no tráfico de armamento.

Mas o paquistanês nem quis ouvir falar. E aconselhou-o vivamente a não participar de empreendimentos tão perigosos.

— Tive um amigo libanês que andou nessas coisas. Arranjava armas para um movimento do Médio Oriente. Apareceu um dia com a cabeça cortada. Levaram a cabeça num prato e ofereceram à mulher. Alguém traiu alguém, é sempre assim nos negócios de armas.

Caposso sentiu um arrepio. Parecia a estória da cabeça do rei do Kongo que os portugueses cortaram na batalha de Ambuíla e depois emparedaram na igreja da Nazaré, em Luanda, onde ainda hoje deve estar. Se contava sempre esta estória para mostrar como aqueles tempos eram duros e os homens rudes. Mas também não desistia tão rapidamente da ideia de vender armas aos adversários de Mobutu.

— Esse não soube fazer bem as coisas. Ou se meteu com a gente errada. Aqui em África as pessoas não são tão bárbaras.

— Essa é boa. Vocês estão em guerra há tantos anos, têm feito tantas carnificinas e os outros é que são bárbaros?

— Pense bem, amigo Karim, pode dar muito dinheiro. Encontrar as armas é relativamente fácil, muita gente as tem em casa, de tantas guerras que já passaram. E

desviar umas novas também não é complicado, basta arranjar a pessoa certa no exército. Conheço muita gente. O problema é fora. Como recolher os pagamentos em diamantes e depois o que fazer com eles.

— É preciso ir vender em Antuérpia, todos o fazem.

— Conheço isso, mas não fica o assunto resolvido. Sozinho não sei se entro nessa coisa. Contava consigo.

— Com armas não negocio, desculpe — insistiu Karim.

— As pessoas que precisam de armas são uns brutos que só sabem resolver os problemas pela força. Os comerciantes são seres pacíficos e eu sou comerciante, há séculos que a minha família só faz comércio. Mas de armas não.

Caposso acabou por se ligar a um general no activo, o qual em vez de fazer uma guerra ou preparar a seguinte, como era neste momento o caso, andava mais preocupado em ganhar dinheiro. E a rede montada acabou por desviar umas tantas armas e munições para o antigo Katanga e para o Kivu. Contas feitas, afinal os lucros não foram tão grandes, pois os rebeldes congolese não tinham muitos diamantes e o general abocanhara o maior quinhão, quando os foi vender pessoalmente na Bélgica. Karim tem razão, esta gente que lida com armas não é muito séria, reconheceu Caposso, mas também não se podia queixar, tinha ganho alguma coisa com o negócio. E estabelecera uma relação com o general, o qual, apesar de não ser sério suficiente para partilhar equitativamente os lucros, tinha acesso a outras mercadorias e oportunidades. Como os diamantes.

Os olhos de Karim já brilharam de maneira diferente quando ele propôs uma sociedade com o mesmo general para adquirirem uma lavaria mecânica e a porem a funcionar num território que o militar passara a controlar na Lunda. Este entrava no negócio com o terreno e a segurança proporcionada pelos homens que comandava,

eles com o resto, lavaria, salários dos trabalhadores e comercialização dos produtos. Karim já tinha despachado a vizinha viúva e os filhos para a família dela e terminado a relação que se revelava desequilibrada em termos de ganhos e perdas. Entretanto, mandou vir de novo a sua própria família. Pronto para fazer negócios. Era muito duro nas discussões e conseguiu arrancar concessões importantes ao general. E era o próprio paquistanês que depois vendia os diamantes, vigiado de perto pelo militar. O negócio correu e corre bem, só perturbado tempos depois com a maldita guerra que voltou a estoirar. Mas os empresários angolanos já estavam habituados a tais perturbações, ia havendo guerra que parava por momentos para eles próprios inovarem nas negociações. Depois a guerra retomava e a actividade também era adaptada a ela. Para o caso dos diamantes, dadas as contingências da guerra, o empreendimento era bastante rentável e os três sócios retiravam dele alguma satisfação.

Foi nessa altura que Vladimiro teve a ideia de arranjar uma verdadeira fazenda, não aquele terreno que tinha arranjado às portas de Luanda e que não servia para nada no momento. Toda a gente deve ter um chão, um pedaço de terra, dizia para a família e amigos. Podemos fazer todos os negócios, mas sem esquecer ter um território, uma casa de campo, mesmo se for uma gruta na montanha, para descansar da agitação da cidade. Dizia, pode ser a minha antiga vivência em cidades pequenas, com a agricultura às portas, um desejo que veio das raízes da minha família, mas sinto uma vontade enorme de passar tempos, nem que seja um fim-de-semana, numa fazenda, numa roça, uma coisa dessas, logo que tenha árvores e seja verde. Calulo tinha fazendas e algumas bem cuidadas, particularmente as dos alemães chegados na década de quarenta. Ele às vezes ia com o pai enfermeiro aplicar injeções aos

trabalhadores dos fazendeiros alemães. Ficava a passear pelas propriedades enquanto Caposso pai fazia os tratamentos. Talvez tenha ido buscar a ideia a essas recordações de infância no Cuanza-Sul. Mas curiosamente, ou talvez não fosse tão curioso assim, não procurou terra no Cuanza-Sul, foi antes à Huíla, bem para sul. No governo provincial demarcaram em seu nome um vasto território que ele nem conhecia, só viu no mapa.

— Tem até um rio no meio — dizia o funcionário, zeloso em causar boa impressão.

— E morros. Vê aqui as cotas? Um belo terreno. E não está minado, porque nunca houve guerra na região. Zona que não interessa a ninguém.

— E não há pessoas? Não tem aldeias?

— Não, terras quase virgens.

O governador tinha insistido com o funcionário do cadastro, escolha com empenho um bom terreno para o meu amigo Caposso, o funcionário se desdobrava em simpatias e serventias. Ele e o governador contavam com generosas retribuições, já se estava a ver. Mas VC apenas registou o terreno, nem o foi conhecer, e esqueceu as retribuições devidas, afinal ia investir o seu dinheiro na região, era um gesto patriótico e não devia reconhecimento a ninguém. O que o funcionário não disse, podia até nem saber, o que era mesmo o mais certo, a ignorância da realidade sendo o atributo número um do perfeito burocrata, só muito mais tarde Caposso descobriu: o terreno estava de facto vazio mas era sítio de passagem para as manadas que tradicionalmente faziam a transumância. Vladimiro ficou a saber disso quando começou a arranjar a fazenda, pondo primeiro o arame farpado e as placas intimando as pessoas a não se arriscarem a violar propriedade privada. Como nas placas era preciso intitular a propriedade, para fazer um carinho ao amigo e sócio Karim, nascido em Kharan, Paquistão, tão boa pessoa, deu esse nome à fazenda, mas

simplificando o nome, o H no meio não servia mesmo para nada. Karim ficou sensibilizado pela prova de amizade e na primeira oportunidade visitou a fazenda Karan, mas isso já foi no século seguinte, pois a casa demorou muito tempo a ser construída.

Ivan gostava muito de ir à fazenda e cada vez era mais frequente lá passar uns dias. Mesmo antes de começarem a construir a casa principal. A primeira coisa a fazer foi a vedação para demarcar definitivamente a propriedade, depois uma casa pequena para os guardas e uma tenda para o pessoal que deveria construir a residência. Ivan ia de avião até ao Lubango, depois arranjava uma boleia num carro para descer a serra e, de boleia em boleia, chegava à propriedade. Dormia na casa dos guardas, num colchão de esponja, como os deles, que lhe estava reservado.

[Este capítulo, que devia se passar apenas em Novembro de 1995, não obedece à lógica dos outros e vai percorrendo o tempo até ao ano 2000. Tudo por uma questão de economia. E ainda dizem que os escritores são uns seres esbanjadores! Esta nota justifica-se: será pena se o leitor preguiçoso se perder nos eflúvios do tempo.]

Ivan tinha acabado por não ir para Londres. Caposso não era homem para gastar dinheiro à toa, já vimos. Como não conseguiu imediatamente uma bolsa para o filho, falou com o sócio general e este garantiu, sempre que ele for chamado para a tropa fala comigo, eu resolvo. E de facto o general cumpriu. Já foi chamado duas vezes e teve adiamento, bastou o general telefonar a um kamba do serviço de recrutamento e depois Caposso fazer o resto, isto é, pagar a gasosa respectiva. Assim, resolvido esse problema essencial e cumprida a promessa feita a Bebianá, nenhum dos nossos filhos irá fazer a guerra, que a façam os filhos dos outros, Caposso foi assistindo com agrado ao interesse do rapaz pela

fazenda. Deixava-o ir quantas vezes quisesse e até estava a pensar pôr um jipe na propriedade para Ivan usar. Mais algum tempo de juízo e mereceria isso, mesmo antes de a casa ficar pronta.

Por esta razão, Ivan foi o primeiro a se aperceber do conflito com os criadores de gado. Uma vez apareceram na fazenda dois velhos com aspecto de criadores zangados, numa altura em que ele lá estava, queriam falar com o patrão. À falta do patrão, o filho fez as vezes e recebeu-os. Protestaram que o arame farpado lhes cortava os caminhos tradicionais para irem com o gado para outras zonas do planalto onde havia capim mais tenro naquela época do ano. Ivan explicou que não podia permitir que o gado atravessasse a propriedade, aquilo agora tinha dono, deviam dar mesmo a volta. Os homens se tornaram mais ameaçadores, que iam queixar nas autoridades, até no Lubango se fosse preciso. Que fossem, ele não se preocupava, a propriedade estava legalizada e eles tinham todo o direito de a defender com a cerca de arame. Que fossem falar com o administrador, até com o governador...

Dias depois apareceu um padre numa carrinha velha. O próprio padre vinha a conduzir a carrinha. Usava uma batina preta muito usada, já com laivos acinzentados, e um sotaque estrangeiro. Era branco, provavelmente italiano, mas Ivan não quis perguntar a proveniência, seria entrar em muitos detalhes e intimidades. Para dizer a verdade, era a primeira vez que falava com um padre, apenas uma vez tinha conversado, se era correcto chamar a isso uma conversa, com um pastor protestante que o xingara por estar a cair de bêbedo numa loja de Luanda em que entrou. O padre disse a mesma coisa que os criadores, estas eram terras de passagem, há séculos e séculos que os pastores levavam o gado por ali e parecia uma grande arbitrariedade que agora lhes fechassem os caminhos com uma fazenda. Ivan

respondeu o mesmo que aos criadores. Ao padre sempre foi acrescentando, eu de facto não sou o dono, sou o filho, e estou aqui a passar uns dias. Quando chegar a Luanda vou informar o meu pai sobre este assunto, ele nem sabe, nunca me falou nisso. Num gesto de cortesia raro nele, convidou o padre a se sentar numa sombra de árvore, onde tinham feito uma mesa com banco de madeira, e beber uma cerveja. O religioso recusou, mas aceitaria um copo de água. Ivan fez questão em logo dizer na primeira oportunidade que não era baptizado nem tinha qualquer religião, para não permitir muitas confianças e ainda menos conversas de moral, o que levou o padre a torcer a boca de lábios finos e a apressar a partida.

Só que a pressa não adiantou de muito. A velha carrinha não pegava. Ivan voltou a se aproximar dele, talvez seja melhor empurrar.

— Sim, de empurrão ela pega — disse o padre, um pouco encabulado.

O rapaz chamou dois trabalhadores, ele próprio ajudou, empurraram a carrinha e ela pegou. Ficou a ver o veículo levantar pó vermelho que se ia depositando nas árvores mutiati. Depois incentivou os trabalhadores, essa casa tem de ficar pronta antes do fim do ano, o meu pai vem dar uma festa aqui. Nem sabia se era verdade. Mas tinha a sua lógica. Se a casa ficasse pronta, o pai aproveitava os feriados de fim de ano, viria com a família e traria certamente convidados. Estava nos hábitos do velho se gabar da sua fortuna junto dos amigos. E efectivamente a inauguração de uma casa de fazenda não é a mesma coisa que a inauguração de uma vulgar casa na cidade, tem de haver grande festa, é um passo importante na vida de uma pessoa, como um novo nascimento, pensamento de Ivan, o kaluanda imbumbável.

Um dos guardas, Gonga, o mais velho de todos os habitantes da fazenda, tinha semeado alguns pés de

liamba num sítio muito afastado da casa e portanto da área usada pelos outros trabalhadores. Ia lá quase todos os dias buscar algumas folhas que punha escondidamente a secar. Fumava à noite, isolado dos outros. Ivan depressa descobriu o segredo de Gonga, pois o cheiro da liamba a ser consumida vai muito longe com o vento e é inconfundível. Uma noite, sentou sorrateiramente ao lado de Gonga que, apanhado em falso, tentou esconder o cigarro.

— Não, Mais-velho, não esconde, me deixa também fumar.

— O menino gosta?

— Gosto, sim. Em Luanda fumo bué. Mas aqui não sabia onde encontrar.

Gonga, tranquilizado, passou o cigarro ao outro. Fizeram imediata amizade. Os outros trabalhadores não eram viciados, deixavam isso para os mais-velhos, como era de tradição nas sociedades rurais. Por isso Ivan e Gonga se juntavam todas as noites para umas boas passas, conversando naquela língua da liamba que só quem está metido nela entende. Conversas feitas de um riso aqui, um gesto dali, um apontar para uma árvore, ou um revirar de olhos, tanto bastava. Conversas profundas, filosóficas, diria Ivan. De dia conversavam sobre os assuntos práticos. E Gonga, muito fleumático, ia ensinando a Ivan diferentes coisas do mato. Antigo militar, tinha sido desmobilizado em 1992, quando houve a desmontagem do exército governamental antes das eleições. Acabou por ser recrutado para uma agência de segurança sedeadada em Luanda e no Lubango, propriedade de um general, a qual foi contratada por Caposso para proteger a fazenda. Mas Gonga era filho de camponeses, conhecera o país inteiro e as cidades, portanto sabia muitas coisas para além das relacionadas com o seu trabalho de segurança e de guerra. Com aquela solidariedade própria dos liambeiros, tinha infinita

paciência para explicar a Ivan o que ele desconhecia, isto é, tudo. Lhe falou das árvores e seus nomes, uma ou outra propriedade curativa, lhe apontou as diferentes espécies de pássaros e seus cantares, lhe explicou as diferenças entre os bois, como construir uma armadilha para coelhos, como plantar couves ou limoeiros, como conquistar uma rapariga do campo sem ofender a família e a linhagem. Este assunto interessou particularmente Ivan, mas as aldeias ficavam longe e Gongga aconselhou-o a esperar, com a guerra nunca se sabia se os aldeões eram de um lado ou do outro da trincheira e até podiam lhe armar uma emboscada, conluiados com o inimigo. Em princípio aquela zona não estava minada, por a guerra nunca ter realmente chegado ali, mas nunca se pode ter a certeza, as minas são a arma mais traiçoeira que existe, ficam anos e anos escondidas com uns dedos de terra por cima, em hibernação. De repente, basta um peso maior que o das folhas a cair, rebentam com seu fulgor de mutilação. Esta era outra razão para que nunca se afastasse dos caminhos habituais, marcados por outros pés humanos. Numa palavra, se queria fêmea, esperasse pelo regresso a Luanda.

Devia ser esse o único problema sério que Ivan enfrentava na fazenda. De resto, estava ali mais feliz que na capital. Se pudesse levar para a fazenda duas ou três amigas de Luanda, seria a festa completa. Pensou, seria possível quando a casa estivesse pronta. Os pais viriam apenas em raros fins-de-semana. O resto do tempo era para ele. Mais uma razão para tentar acelerar o trabalho da construção. Insistia com o mestre de obras, um mulato residente no Lubango, sempre que tinha oportunidade de o apanhar a jeito. E a oportunidade só vinha quando conseguia uma boleia para a cidade, distante de mais de cem quilómetros, o que não era frequente. Os guardas tinham um sistema de comunicação com a empresa de segurança via rádio e

era por aí também que ele conseguia normalmente as boleias, com a ajuda de Gongá. Mas nem sempre havia carro disponível e a viagem acabava por ficar cara à empresa. Cobrem ao meu pai nas despesas de segurança, eu explico para ele, não se importa. O responsável da empresa dizia que sim, OK, faziam os possíveis para agradar ao senhor Caposso e sua prole, mas havia muitas vezes dificuldades, ou porque os carros estavam todos mobilizados para o serviço, ou dois estava avariados ou, muito simplesmente, não havia combustível em toda a província, o que também era frequente.

Foi o que explicou um dia a Caposso, se o pai queria que a casa e o resto dos trabalhos ficassem prontos, era preciso um carro na fazenda. Ele tinha tirado a carta de condução, depois da morte de Simão Kapiangala. Não logo a seguir. Foi preciso mostrar ao pai que estava mais comedido para ele autorizar. Desta vez, Vladimiro compreendeu que o filho tinha razão, era necessário e urgente um carro na fazenda, já tinha aliás pensado nisso. E lhe passou para as mãos um jipe usado numa das empresas mas ainda em bom estado. O jipe teve de ir num avião militar para o Lubango, sem pagamento de frete, pois claro, para quê então os amigos que VC tinha na força aérea? Com os anos de guerra, as estradas estavam inutilizáveis, não só por causa dos perigos de ataques e as minas, mas também porque o asfalto tinha sido comido pelas lagartas dos tanques e falta de cuidados, parecendo um conjunto de dunas e buracos. As pontes, por sua vez, tinham sido derrubadas. Do Lubango para sul andava-se por estrada com relativa segurança, mas a cidade estava cortada de Benguela e do norte.

Com o jipe na fazenda, a vida de Ivan mudou. Podia percorrer a região, acompanhado de Gongá, aprendendo novas coisas. Passava mais tempo na Huíla que em Luanda e os trabalhos avançaram, pois ele tinha agora

meios para não largar o mestre de obras, obrigando-o a dar mais importância àquele contrato que aos outros. Caposso finalmente estava a se reconciliar com o filho, o Ivan parece descobriu o seu caminho, quem sabe o rapaz se emenda mesmo e ainda vai virar um bom empresário. A eterna obsessão de Vladimiro, ter um filho para lhe seguir as pisadas, desiludido com a vontade de Mireille estudar arte, talvez encontrasse um fim inesperado mas feliz, na pessoa daquele que ele chamara sempre O Imbumbável. Esses tropeços na ordem das coisas é que davam gosto à vida, enganavam a rotina. Se a actual impressão dele se confirmasse, se de facto Ivan resolvesse se regenerar e entrar no mundo da actividade económica, se tornar o seu braço direito e continuador, era caso para dizer que tinha valido a pena sofrer com ele todas as agruras da juventude para gozar a felicidade da idade adulta. Ao menos um pouco dos seus vaticínios teria sido cumprido. Tinha dito a Bebiania, antes mesmo de ela parir pela primeira vez, quando resolveram casar: «Precisamos pensar no futuro. Devemos ter um filho que seja médico, é sempre preciso alguém que tome conta da saúde da família. Precisamos de um jurista, que nos defenda dos golpes da vida. E o resto, quantos mais melhor, devem ser economistas e gestores, para ganharem dinheiro para a família. Teremos pois seis filhos. Eu usarei a minha influência para todos se safarem na vida.» A mulher percebeu que a ela estava reservado o destino de parir filhos e aguentar com as consequências. De facto ela conseguiu reduzir para quatro as pretensões de Caposso. Djamila foi para medicina e aí o vaticínio do pai acertou, teriam alguém que os curasse. Os outros no entanto pareciam estar destinados a frustrarem-no, sobretudo Mireille. Por isso andava radiante com Ivan, embora de forma comedida, até mais ver. Os portugueses dizem que antes da festa não se lançam foguetes, confidenciava para si e para

Bebiana o mais consolado pai. E antes de eu fazer a festa, primeiro ele tem de acabar a casa.

Abril de 2001

A qual casa estava finalmente pronta. Ivan tinha recebido na semana anterior a visita do pai e andou a lhe mostrar todos os resultados de anos de trabalho. Falar da casa era só uma maneira de dizer. Claro que a casa era importante, uma enorme mansão de estilo colonial americano, isto é de dois pisos, com um pórtico e colunas de entrada, varandas a toda a volta, inteiramente branca, como aquelas construções existentes na Virgínia e que aprendemos a conhecer em filmes. O projecto, aliás, tinha sido inspirado numa revista especializada em arquitectura americana. Com a diferença dos sapalalos da vetusta Benguela, de aspecto não menos nobre, era uma construção sobretudo em pedra e um pouco de tijolo, e não de madeira. Tinha oito quartos de dormir, todos grandes e com casa de banho associada, duas enormes salas e mais um salão para bilhar e outros jogos. Caposso percorreu a casa com ares de proprietário, apontando um ou outro pormenor sem falar, só o dedo indicador mexendo, por isso Ivan não sabia se o mostrar um detalhe significava satisfação ou exactamente o contrário, descoberta de algum erro no acabamento. Depois percebeu, era uma fugaz nota de orgulho. Para além da mansão, havia também uma casa de apoio, de um só piso, onde podiam morar de dez a vinte serviçais, dormindo em quartos com beliches duplos, um njango para cinquenta pessoas dispostas em mesas, um armazém, um heliporto, uma piscina, dois campos de ténis e uma pista para corridas, de cavalos,

cães, cágados, o que fosse. A água vinha do rio Culala, aspirada por motores até um grande tanque elevado, descendo depois por gravidade para as torneiras e sistema de rega. Como o rio não estava poluído, não sendo usado dali até à nascença por nenhuma população, bastava um ligeiro filtro na saída do tanque para se obter uma água natural de alta qualidade.

— Aqui vamos fazer agricultura — mostrava Ivan. — Pelo menos legumes para consumo da casa. Temos água e terreno para produzir tudo. Para alimentar uma cidade de duzentos mil habitantes, pelo menos, me disse um agrónomo do Lubango.

E apontava, do alto da elevação onde tinha mandado fazer um miradouro com pérgola, a parte oriental da propriedade. Tinha comprado bois dos povos da vizinhança e esperava a chegada de reprodutores vindos da África do Sul. Os currais estavam tão longe da casa que nem se viam dali, mas alguns bois andavam pastando na área norte, ao longo do Culala onde o capim era tenrinho.

— Quando chegarem os reprodutores, vamos começar a cruzar com as vacas da região. Elas estão habituadas ao clima e vão dar origem a uma nova raça, com mais carne que as daqui e com a sua resistência às doenças habituais. Pensei chamarmos Karan a essa raça. Nova raça, novo nome. Não acha bem, pai?

— É possível criar uma raça nova?

— É assim que elas se criam. Com misturas, até se fixarem as características.

— Haka! Onde aprendeste essas coisas? Isso não é de veterinário?

— Li na Internet, em Luanda.

Vladimiro chegou depois ao rio, o Culala. Iam no jipe conduzido por Ivan. O riacho corria entre penedos grandes, cinzentos uns, outros completamente negros.

Os rochedos cinzentos faiscavam por vezes ao sol, certamente contendo boa percentagem de mica. Pararam à beira do riacho, num sítio onde as águas caíam de três metros de altura, formando uma pequena cascata, ensombrada por árvores altas.

— Este é o sítio mais bonito de toda a região. Costumo tomar banho aqui.

— É lindo — concordou o pai. — Mas não dava para aproveitar esta água? Fazer um lago? Ela perde-se toda lá para o sul, é uma pena, um desperdício.

— Só com uma represa. Está a acabar a época das chuvas e ele ainda leva muita água. Depois vai tendo menos e em Agosto está quase seco, só corre um fiozinho. Com uma represa, podemos aproveitar as águas dos meses de chuva e fazer um lago, um reservatório. Mas se fazemos a represa aqui, acabamos com a cascata, o que também é pena dar cabo desta maravilha.

— Deixa essas coisas de artes e belezas naturais para a Mireille, ela é que é a especialista — disse Caposso. — Temos de ser práticos masé e aproveitar tudo. Vou mandar aqui um engenheiro. Ele faz os cálculos. Tu depois tomas conta das obras.

Era a última jóia do império Caposso, uma empresa de construção. Se adivinhava, a paz estava próxima. O país devastado exigia muitas obras em estradas, pontes, edificações de todo o género. Se podia dizer, havia tudo para reconstruir. Por isso criou a sua empresa, no momento ocupada ainda em obras de pequeno porte na área de Luanda, mas com intenção de se expandir não só pelo território como também para diferentes actividades. Tinha contratado três engenheiros, um deles poderia vir passar um fim-de-semana à fazenda e preparar o projecto de represa que Ivan executaria com a mão-de-obra local.

— Sempre daremos trabalho a alguma gente daqui, só podem ficar agradecidos — disse Caposso.

Ivan não pensou a sério no assunto então, apenas concordou, satisfeito por ter mais uma oportunidade de brilhar aos olhos do pai. Não era qualquer um que se encarregaria de fiscalizar a feitura de uma represa, embora pequena. Apenas mais tarde ia se lembrar, vamos ter uma séria com a população se a água ficar toda na propriedade, afinal acabamos com um rio que é usado por muita gente. Eles já andam chateados por causa da vedação, não vão aceitar tranquilamente mais esse golpe. Mas só pensou nisso quando o engenheiro já tinha vindo, feito os cálculos, a decisão tomada. Tarde demais para chamar a atenção do pai, agora é aguentar os cachorros, pensou o rapaz, algo apreensivo.

Ivan também mostrou a Caposso o sítio onde se edificaria a pista de aterragem de aviões de médio porte, ideia paterna também. Realmente, a escolhida era a zona mais plana existente na propriedade e relativamente longe da casa principal, para não incomodar os moradores.

— Tens razão, aqui é o sítio melhor — disse Caposso. — Quando o engenheiro vier, traz também alguém para orientar a feitura da pista.

— Um topógrafo, para pôr a pista direitinha.

— Sim, o engenheiro sabe o que deve trazer. E o material vem aos bocados. Fazemos o lago e a pista ao mesmo tempo. Podes encarregar-te de tudo?

— Não contratamos o mestre-de-obras do Lubango que fez as casas? — perguntou Ivan.

— Se achas que é preciso. Julguei, podias tu mesmo...

— Uma pista é uma coisa de muita responsabilidade. Tem de ficar bem direitinha. Não sei se eu...

— E achas que o mestre-de-obras sabe? Aquele mulato alguma vez fez uma pista, achas? O engenheiro explica tudo e depois tu só mandas os homens fazer. Pouparamos dinheiro.

— Se o pai acha que sou capaz...

— Acho, claro.

Ivan ficou calado, mas inchado de orgulho e reconhecimento filial. Tinha finalmente convencido o velho, ele não era um imbumbável. Já tinha inaugurado o seu quarto na mansão, com a visita da Bela, uma amiga de Luanda. Ela chorou pelo caminho, arrependida de ter aceitado vir quando se apercebeu que iam para longe do Lubango, tinha medo da estrada, dos rebeldes, das minas, do mato. Mas depois adorou a fazenda e queria voltar mais vezes. Se tinha autorização do pai para convidar sempre os seus amigos, sobretudo amigas, que lhe traziam o sexo e a coca suficiente para se divertirem por uns dias, não precisava de mais nada, era a felicidade completa. Aliás, para quê pedir autorização? Na ausência de Vladimiro, ele era o dono, convidava quem quisesse. Conhecia o pai, se falasse nisso, ele era capaz de recusar só por adivinhar independência demais. Convocava os amigos sem ele saber, e se um dia tivesse conhecimento, então nessa altura veria como lidar com a questão.

O pai almoçou com ele, dormiu na sombra da varanda numa rede comprada de propósito em Salvador da Bahia, depois partiu no helicóptero que o trouxera, fugindo dos incómodos buracos da estrada. Tinha comprado o helicóptero no ano anterior para as suas viagens de negócios pelo litoral, não queria viagens nem actividades no interior, demasiado perigoso. Antes de partir para Luanda, estabeleceram os detalhes para a semana seguinte, a da inauguração da fazenda e casa principal, com alguns convidados, escolhidos pela sua importância, vindos da capital. No dia seguinte começariam a ser despachadas de Luanda as mercadorias mais necessárias, pois ainda faltava algum equipamento para os quartos e cozinhas. O pessoal de cozinha e para servir à mesa também vinham de Luanda durante a semana, na região não havia gente treinada. Teria de ser um

verdadeiro festim, com a marca Caposso, pois claro, repetia Vladimiro, dando palmadinhas no ombro do filho.

— Limpa tudo, quero tudo num brinco. E rega as estradas na véspera por causa do pó.

— Regar as estradas? Com que meios? Só se chover, ainda é época de chuva.

— Pelo menos a parte mais perto da casa tem de ficar sem pó. Põe essa gente toda a trabalhar, a regar e a compactar a terra. Quero que os convidados se sintam bem.

VC afinal exagerou nos convites, como aliás já era de prever, mas não tanto assim. Para desespero de Ivan, vieram em três helicópteros, o seu próprio e dois emprestados às forças armadas. Quatro ministros, um juiz do Supremo, o Governador da Huíla, alguns empresários, famílias, guarda-costas, um total de quarenta pessoas que foi difícil albergar a contento de todos. Entre os convidados, como não podia deixar de ser, vinha também Karim, o homem que baptizava o nome da fazenda com o da sua terra natal. Que trouxe orgulhosamente as duas mulheres, a paquistanesa e a angolana. Com efeito, Karim tinha casado com uma angolana jovem, não a viúva que perdeu ingloriamente a fortuna do marido. A jovem não tinha um grande dote, mas era nova e sem filhos, pouca despesa afinal. Em face da lei angolana, era a sua única mulher. O que lhe permitiu alcançar a nacionalidade angolana, usufruindo assim de benefícios consideráveis nos seus negócios. Foi depois com ela casar ao Paquistão segundo os ritos do país, para que a primeira mulher não se sentisse ofendida. As duas se davam bem e ele tinha toda a vaidade de as apresentar a ambas e sempre juntas. Vieram no mesmo helicóptero do ministro da Justiça, o qual fingia ignorar a situação de bigamia, interdita na lei da terra, embora na prática muitos seguissem o costume ancestral.

Os ministros, governador, juiz e família Karim ficaram alojados com a família de Caposso na casa principal. Dada a falta de espaço, o próprio Karim aceitou uma entorse nos costumes e o risco da ironia geral e dormiu com as duas mulheres numa mesma cama. Os convidados jovens ficaram em tendas de campanha erguidas na parte de trás da mansão, para usarem as casas de banho. E convidados mais idosos, entre os quais alguns dos empresários, se alojaram na casa de apoio. Aí ficou também o senhor Olímpio d'Alva Ferreira, vindo para dar algum lustre intelectual ao fim-de-semana. Os serviçais e guarda-costas se encafuaram todos no armazém, resmungando contra os muatas egoístas que os acurralavam como bois. Houve lauto almoço no sábado, com todos os quitutes da terra, passeio à tarde, jogos e dança pela noite fora. O domingo começou para os mais afoitos por uma caçada na propriedade, em que alguns coelhos e rolas foram mortos, mas nenhum bicho de maior porte, partidas de ténis, piscina para os mais preguiçosos, culminando no almoço de despedida. Muitas conversas foram trocadas entre ministros e empresários, todos adivinhando os negócios que se perfilavam com a eminência do fim da guerra, embora alguns fossem mais cépticos que outros, a vitória militar sobre os rebeldes já fora prometida dezenas de vezes, fazer a guerra para acabar com a guerra, por que haveria de ser verdade agora? Tudo indicava que sim, no entanto. Por isso, as expectativas eram maiores e alguns esboços de futuras sociedades se traçavam com maior nitidez.

Na noite de sábado, o ministro da Justiça tinha perguntado a VC porquê escolheu um terreno tão isolado. Pela viagem de helicóptero dava para perceber a enorme área deserta à volta da propriedade, a ausência de estradas e de aldeias, parecia de facto o fim do mundo.

— Ideia do governador. Eu tinha vontade de ter uma fazenda por aqui, ele indicou o sítio. Há poucas e

pequenas fazendas na região. Havia muita área livre. Isto um dia vale uma fortuna e como estava tão isolada foi praticamente de graça, apenas paguei os gastos burocráticos, selos fiscais, essa coisa, o senhor ministro conhece melhor que eu.

— Como investimento, não é mau — concordou o ministro, com um sorriso cúmplice e algo cobiçoso.

— Há ainda muito terreno livre. Se estiver interessado, é só falar com o governador e regista um bom bocado. Se um dia não quiser, vende. É só lucro. Olhe que vale a pena o incómodo. E para nos facilitar a vida está aí o governador. Uma ordem dele e o funcionário do cadastro faz o resto. Para mim seria um prazer ter Sua Excelência como vizinho.

Karim ouvia a conversa, sentado num sofá, fazendo gentilmente carícias na mão da mulher angolana, grávida de seis meses. A outra esposa tentava compreender as conversas das senhoras sentadas a uma mesa de jogo, ainda com algumas dificuldades no português. As senhoras não jogavam, falavam das últimas cenas passadas na capital ou no que tinham visto na televisão, sobretudo na brasileira.

— Também acho vou aproveitar algum terreno — disse o paquistanês. — Afinal não custa nada, basta fazer vedação. E um dia vale bué, porque população cresce, economia cresce, tudo cresce, terra falta. Como na minha pátria.

— De facto, aproveitar é agora que a terra é demais e está livre — reforçou Caposso.

— Mas as populações tradicionais? — perguntou o ministro.

O governador tinha se chegado com seu eterno copo de uísque na mão. Era conhecido no Lubango como «copo roto», pois o seu nunca conservava o líquido por muito tempo. Foi ele próprio que respondeu solicitamente ao ministro.

— Há por aí uns grupos. Pouco numerosos. Nós temos o cuidado de não registar terras onde há aldeias. Aqui neste alto não há nada.

— Há umas aldeias para sul — disse Caposso.

— O que é preciso é fazer conviver com harmonia as populações das aldeias e os fazendeiros — disse o governador. — Todos aprendem uns com os outros. E, sobretudo, as populações aproveitam, pois alguns arranjam trabalho nas fazendas.

— Não há nenhuma escola por aqui? — perguntou o ministro das Finanças, também se chegando. — Nem posto médico?

— Não há população que justifique, senhor ministro — disse o governador, na defensiva.

— Mesmo assim — insistiu o das Finanças. — Acho que o amigo Caposso devia providenciar isso. No fundo, era uma forma de trazer desenvolvimento à área. E essas instituições serviam aos seus trabalhadores e aos filhos. Pense no assunto.

— De facto uma escola pelo menos — disse Olímpio d'Alva Ferreira, já muito tocado por sucessivos copos de uísque. — Deve ser um teu projecto estético-educativo prioritário, amigo Caposso. Estes indígenas foram votados ao obscurantismo durante cinco séculos de colonização, merecem uma compensação por se manterem puros e recusarem misturas étnico-raciais que só enfraquecem o ego angolano, como as que vemos noutros sítios em que os pais bazaram na altura da independência mas deixaram os bastardos amulatados que só nos trazem azar, para falar claramente. Por isso a escola tem prioridade...

— Não devemos insistir com o dono da casa — cortou o governador, incomodado com o discurso de Olímpio d'Alva, a quem o álcool trazia imediatamente à boca o que estava envergonhadamente escondido em muita gente.

— Se o ministro das Finanças prometer cobrir uma boa parte dos custos... — disse Caposso, malandro.

Todos riram. A regra do novo regime era essa, conhecida de todos os adultos presentes, ninguém gastava dinheiro inutilmente com a colectividade. O dinheiro só servia para produzir mais dinheiro ou para esbanjar em acções de prestígio. Yuri, o único menor do grupo, na altura quase a fazer dezoito anos, não captou porquê os kotas riam. Perguntou para Ivan, mais conhecedor do mundo dos adultos e que também se tinha aproximado do grupo, o qual lhe respondeu rudemente com outra pergunta, achas que o pai vai gastar um kwanza só para satisfazer a população daqui, meu burro? Yuri ficou a pensar, mas a despesa para receber estes convidados e a comida gasta com eles era capaz de chegar para construir uma escola. Pensou só, nem ousou retorquir ao irmão mais velho. A descendência estava reduzida aos dois na comemoração, pois as duas irmãs estudavam no estrangeiro, Djamila sempre em Londres, Mireille em Paris. E Yuri em breve ia para os Estados Unidos estudar cinema, para indignação do pai. VC não podia fazer nada, ele se candidatou sozinho a uma bolsa de uma fundação americana e foi aceite. O pai ia fazer mais como?

— Penso que devia aproveitar este terreno todo e fazer citrinos, ó amigo Caposso — dizia o governador, tentando desviar a conversa, por causa da presença incómoda de Olímpio d'Alva. — É o melhor clima que temos para os citrinos, dá tudo aqui. Estive no Brasil e vi lá as plantações no Estado de S. Paulo, uma riqueza fabulosa. É o mesmo clima. Citrinos e soja. O mundo anda sedento disso.

— Acho que ainda é cedo. Por enquanto estou a avançar com os negócios em Luanda, não tenho tempo para me ocupar de agricultura. Mas se o Ivan quiser meter-se nisso... Tem mostrado capacidade e gosto.

O filho ficou extasiado. O pai, perante algumas das figuras mais importantes do país, demonstrava confiança nele. E pouco fizera, tinha consciência disso. Passava a vida na propriedade, olhando mais ou menos pelos trabalhos, caçando, passeando, fumando liamba e conversando com Gongga, visitando os diferentes kimbos da região, estudando de longe as moças, sem ousar avançar. Afinal era isso ser patrão. Estar presente, com a sua presença fazer os outros trabalhar. E receber elogios pela obra de terceiros. Gostava de ser patrão. O seu mérito era ter descoberto que longe do pai podia ser senhor, viver a sua vida tranquila e ainda por cima alcançar algum reconhecimento. Ocasionalmente conseguia ser modesto. Sobretudo quando estava muito apanhado pela liamba chegava a ser sincero consigo próprio e até reconhecia remorsos de erros passados.

Quando realmente estava muito agarrado, falava a Gongga de Simão Kapiangala, nunca como sua vítima involuntária, nunca para contar dos seus remorsos, mas como alguém que conhecera e só tinha um braço. Logo Gongga desfiava as suas estórias, reais ou inventadas, sobre minas. Contava que uma vez pisou uma, chamada a bailarina, que saltava e só quando estava completamente no ar explodia. Um dia, ao ouvir o *krak* de alguma coisa metálica que pisou, teve o sangue frio de manter o pé em cima da mina, dominando a ânsia de fugir, travando-a assim. Gritou, avisando os companheiros para se afastarem e depois mergulhou para trás de uma rocha. A bailarina suicida saltou do seu buraco à procura da vítima, rebentou, mas só se matou a si própria. Ivan ria muito desta estória, pedia a Gongga para a repetir, depois desatavam os dois às gargalhadas. Quando já tinham puxado umas boas passas, bastava Ivan dizer a bailarina *pum-pum* que desatavam os dois a rir. Se não era verdadeira, era de qualquer modo uma boa estória, Ivan achava. Agora, ao ouvir o pai falar dele,

quase se sentia tão herói quanto Gongá na estória da mina. E esquecia completamente o pobre Simão Kapiangala, feito bola sangrenta em baixo das rodas do seu carro.

Mas logo foi distraído dos seus pensamentos pela voz grossa e vaidosa de Vladimiro Caposso, que dizia para todos ouvirem, até as senhoras que estavam no salão de jogos, contíguo à sala onde os senhores bebiam conhaques e uísques:

— Amanhã há churrasco. Prefiro chamar assim à brasileira e não como os sul-africanos que chamam barbecue. Vamos fazer um churrasco com um vitelo tenrinho que vi na semana passada. Ivan, lembraste daquele que me mostraste com uma estrela na testa?

— Esse não, pai — pediu Ivan.

— Esse mesmo. Deve ser o único de carne tenra que está aí. O resto, este gado gentio, é tudo de carnes duras, por isso preferimos importar do Botswana ou da Argentina.

— Esse não, pai. É uma vitela, não um macho. E é para cruzar com os reprodutores que vão chegar.

— Vitela ou vitelo, é tudo igual. É esse mesmo que vamos comer amanhã. E não vai sobrar nada. Quero ver o bicho inteiro a rodar no espeto, uma beleza. E não me venhas agora estragar o meu prazer, afinal o bicho é meu, fui eu que o paguei. Ou foste tu? Quem é o dono disto afinal? Ora porra, pá!

Ivan baixou os olhos, envergonhado. Voltou o ódio antigo sentido pelo pai, o qual nunca havia de mudar. Deu meia volta, saiu da sala, sofrendo todos os olhos sobre ele. Mas não podia ficar ali mais tempo, ia chorar ou berrar, de ódio e raiva, perder o domínio das palavras e despachar uma série de nomes fortes que lhe passavam pela boca e chocavam contra o muro dos lábios apertados de desespero. Não podia responder como Caposso merecia. Não à frente de tantos

convidados ilustres. O seu pai era um desprezível animal, desde pequeno o sabia. Arrogante da merda, sempre pronto a mostrar que era o proprietário e senhor não só das coisas que conseguia mas também da mulher e dos filhos. Na semana passada, ao mostrar a fazenda a Vladimiro, tinha apontado para a nena, já nasceu aqui, dei-lhe o nome de Estrela por causa da mancha na testa, vai ser a primeira a ter filhos cruzados, a primeira a produzir a raça Karan. Os outros bois nem nome tinham, não o mereciam, Estrela sim. Tinha assistido ao seu crescimento, lhe oferecia mesmo bocados de açúcar e ela muitas vezes andava atrás dele pelo mato como um cachorro. Pois ia ser mesmo ela que o brutamontes mandava matar, só para mostrar quem era o muata. Mija-grosso prepotente, puta que pariu!

Deixou os convidados, que se fodessem todos, recusou continuar a servir de cicerone e organizador de todo aquele desperdício de bebida e comida, foi ter com Gongga, muito nervoso nas suas funções de responsável pela segurança de tão altas individualidades, rondando sem cessar à volta da casa com a kalash na mão, vamos masé para o nosso sítio, deixa lá a guarda, vamos tirar umas passas, ninguém merece o nosso sacrifício, são todos uns merdas. Na véspera os dois tinham combinado, amanhã temos de estar atentos a que tudo corra bem, vamos resistir e não puxamos nem uma passa, devemos ter todos os sentidos em forma. Mas agora queria era mesmo se encher de liamba, esquecer o pai horrível que lhe tinha calhado em sina, azar de vida. Gongga também achou que a noite estava muito calma, afinal havia outros guardas, alguns até bem preparados e muito melhor pagos, eles os dois já tinham trabalhado muito, bem que podiam relaxar um bocado. Foram para o tronco caído onde se sentavam habitualmente, Gongga enrolou o primeiro cigarro e começaram a conversar os seus silêncios cúmplices.

Entretanto, na sala, aquecidos pela farta bebida, os ministros da Justiça e da Agricultura se engalinharam numa discussão que começou em futebol, adeptos que eram de clubes rivais, para os ânimos enrubescerem, passaram para políticas governamentais a propósito da necessidade ou não de uma futura reforma agrária, o das Finanças queria se intrometer mas cada um deles só via e ouvia o outro, tomando cada vez mais como denúncia ou insulto tudo o que era proferido pelo rival, daí às acusações de favorecimento a grupos diferentes foi um passo dado com toda a ligeireza. O da Agricultura, curto de argumentos porque o adversário era advogado de fino discurso, arremessou-lhe com uma observação que guardava há tempos, você fala mas não controla as igrejas que nascem como cogumelos, seitas, conspirações, de charlatães, de muçulmanos, tudo vai aparecendo sem lei nem roque, e você a ver e sem nada fazer, o que irritou evidentemente o outro, paladino de expulsar todos os não cristãos e mesmo entre esses era preciso escolher os verdadeiros, só não se atirou com pontapés ao da Agricultura porque enfim, ainda havia alguma contenção, mas respondeu com você devia era tornar rentáveis os terrenos à borda do Kuanza, chegavam para alimentar o país, ao que o Governador da Huíla aproveitou, a Huíla, senhor ministro, a Huíla é que pode ser o celeiro do país, mas os dois contendores nem o ouviram, cada um puxando pelos escaninhos do cérebro e tentando arrumar o outro com uma sentença irrefutável, enquanto VC finalmente se assustava, queria que tudo corresse bem e em paz, não que houvesse altercações ao mais alto nível, nunca tinham sido boas para os negócios, mas não sabia o que fazer e por isso resolveu chamar em altos gritos por Ivan, esquecido que o tinha humilhado e procurando nele afinal o último socorro, como se o filho tivesse uma varinha mágica para safar a enrascada, a qual azedava gradualmente, agora

com Karim tentando defender o Islão como uma religião séria, era ofensivo chamar seita aos seguidores do Profeta, mas o da Justiça afastou-o com o braço, não se meta nisto, como quem diz és de fora e estamos a suportar-te mas em maka de família não se meta não, o que ofendeu Karim, atirou-o para a sua condição de meteco e ainda por cima portador de uma religião de que todos desconfiavam, não por culpa dele nem da própria religião mas por alguns de cabeça quente que só sabiam resolver os problemas pela violência, como estes dois ministros antigos militares que puxavam dos galões para não puxar os inexistentes gatilhos, mas que em breve podiam mesmo resolver o assunto a murros e cabeçadas, estava escrito nos olhos furiosos de cada um deles, a menos que aparecesse o anjo salvador, que poderia ter sido Ivan se não estivesse ocupado com uma muito mais agradável tarefa, ainda tentou Olímpio d'Alva ser, talvez porque era o único sem poder nem dinheiro nenhum ali naquela sala, mas conseguiu com o seu conhecido ânimo xenófobo ao chamar a atenção dos dois para a incómoda presença de estranhos, conseguiu e apenas mereceu uma muda reprovação, Karim fazia parte da casa e chamar-lhe estranho aparecia apenas como racismo incrustado no mais íntimo, mas afinal foi a esposa de sua excelência o juiz do Supremo, não precisando usar o martelo de madeira que o marido brandia no tribunal para impor ordem mas brandindo um requebrado do corpo e uma voz firme para dizer, os homens agora estão a tentar imitar rapazes?, vamos fazer apostas em quem é mais forte, levando as outras mulheres a bater palmas e os maridos a ficarem a se olhar abumados, estavam a fazer figura ridícula e só agora se apercebiam. Os ânimos arrefeceram instantaneamente, a juíza por afinidade e osmose olhou a plateia que perante ela se curvava, mostrou os belos peitos espetados e perguntou, quem dança comigo? O da

Justiça antecipou-se, afinal era do mesmo ramo do marido, e tentou esquecer nos passos pela sala a estupidez daquele atrasado mental que tinham posto na Agricultura para esfomearem o país, enquanto este pensava que o da Justiça dançava pior que ganso cansado em terra.

— O grande problema que temos de facto é a indústria — disse um dos empresários, trazendo a conversas para assuntos mais amenos.

Como não se encontrava no grupo nenhum ministro ligado ao ramo, todos concordaram que a indústria estava mal, o desemprego ultrapassava metade da população activa, era preciso fazer urgentemente qualquer coisa e só de vez em quando o das Finanças ripostava molemente, não é verdade que os impostos sejam pesados, de qualquer modo até poderiam ser vinte vezes mais pesados que dava no mesmo, ninguém os paga, acusação provocando algum gelo na sala, de tão verdadeira, muitos dos que ali estavam declaravam todos os anos prejuízos na actividade ou lucros zero, quase pedindo para o Estado os compensar pagando-lhes o sacrifício de manterem empresas falidas só para não agravarem o desemprego do país. Os verdadeiros lucros, esses, iam repousar sob o manto protector de bancos estrangeiros nos paraísos fiscais. O das Finanças também não podia ser muito claro, lhe bastava alguns suspiros e uma frase ou outra apenas para defender a honra do convento, pois também estava associado a alguns desses relapsos nas mesmas firmas bazantes de impostos, que o salário de ministro era ridiculamente baixo e tinha de ser complementado em negócios, aproveitando a inexistência de um lei rigorosa sobre incompatibilidades, situação até permitindo um ministro da Educação ser proprietário de universidade ou colégio por exemplo ou o ministro das Finanças ser dono de

banco ou, se quisesse, o próprio ministro da Saúde possuir uma agência funerária.

Talvez para arejar um pouco, o ministro das Finanças foi convidar a esposa para um pé de dança, o que levou o juiz a convidar a mulher do da Agricultura e um empresário a pedir autorização a Karim para levar a paquistanesa. A mulher angolana, de barriga já grande, olhava com tristeza os pares a evoluírem no salão, mas o marido achava não era digno uma senhora grávida dançar, lhe respondera baixo quando ela insistiu, diferenças culturais talvez, pois ela não via mal nenhum nisso, os médicos até aconselhavam passeios às prenhas. Instado a dançar por uma das senhoras, Caposso se desculpou com os afazeres, tenho de fiscalizar a preparação das coisas para amanhã. Se a mulher de Karim não tinha complexos por causa da barriga grávida, ele de facto tinha. Achava por exemplo ridículo o juiz estar a encostar o volumoso ventre no mais suave da ministra da Agricultura, por isso não ia cair no mesmo erro. Tinha passado o tempo dos bailes, preferia ficar a beber e a observar os pares, entrando em alguma má-língua que um parceiro oferecesse. E tirando as medidas às jovens, se as havia. A propósito de jovens, reparou na ausência de Ivan. Devia fazer as honras da casa, acompanhar as filhas do ministro do Comércio, uma delas em idade de casar e portadora de um bom dote certamente, o pai se fartara de encher a mula com comissões, segundo se dizia e ele, Caposso, podia comprovar. Já tinha falado ao filho na moça, aí está alguém que tu devias frequentar. Muito séria, boa filha, não muito inteligente é certo, não quer estudar, mas tu também não quiseste, não é? Ivan estava mesmo ausente, apenas Yuri se encontrava na sala com as meninas e mais um rapaz.

Ivan fumava tranquilo na companhia de Gongga, mais calmo pelo efeito da liamba, mas continuando furioso

com o que tinha passado. Contou ao companheiro a intenção do pai, já viste, vai mandar matar a Estrela. Com tanto bezerro que há aí, pancou nela só para me chatear.

— Como lhe disse que era a minha vitela de estimação, até anda atrás de mim, pronto, tem de morrer... Sempre foi assim. Qualquer coisa que eu queria fazer, ele não deixava. Só tinha que fazer o que ele queria. Um ditador, um...

— Deixa só, calma, meu — disse vagarosamente Gongga, saboreando o fumo. — Vamos resolver essa maka numa boa.

— Como então?

Ivan desconsueira de esconder a ansiedade. Mas sabia poder confiar na capacidade de improvisação do amigo. Se ele dizia que dava para resolver o mambo, então podia. E Gongga tirou mais uma passa, lentamente, como se deve, reteve o fumo um bom tempo nos pulmões, depois deixou-o ir saindo devagarinho.

— Ele vai mandar matar, ele não vai matar, não é?

— Foi o que disse. Não, não é ele que mata, claro.

— Então... Quem mata? Ou é o João ou sou eu. Deve ser o João, porque ele é que trata do gado. Mas, amanhã, o João pode não aparecer, pode estar muito longe, lá para os currais. E o teu pai vai perguntar a ti, meu, mas quem é que mata a Estrela. Não é?

— Sim, ele não conhece as coisas da fazenda. Vai me perguntar.

— E tu dizes que quem sabe fazer isso sou eu. Pronto.

— E então?

— De manhã cedo vou com o João buscar um bezerro para ficar perto. E o João vai amarrar a Estrela lá nos currais, para ela não aparecer aqui. O teu pai só vai ver um corpo de vitela no espeto, sem pele, sem cabeça, sem estrela, sem sexo. Não é assim que se faz churrasco?

Fumaram mais umas passas, felizes, cúmplices. Mas Ivan de repente teve um sobressalto de medo, terrores vindos da infância.

— Não dá, meu. Um dia ele vai ver a Estrela viva e fica puto da vida. Nunca o viste quando ele se sente enganado. É capaz de... sei lá, até de matar, acho.

— Se ele vir, tu dizes é sim a Estrela, só que não é a mesma. A outra foi comida no churrasco. Esta eu encontrei aí e comprei, me lembrava a outra e lhe dei o nome de Estrela na mesma. E agora? Boi tem bilhete de identidade? Ele vai acreditar.

Gonga tinha aprendido muito nas guerras em que o génio inventivo significava sobrevivência. Ivan lhe deu uma palmada no ombro, és mesmo um kamba daqueles. Acabaram o cigarro, ainda ficaram a ver as estrelas em silêncio, até o frio os empurrar para a cama. Tinham de dormir cedo para acordar antes de todos, amanhã havia muito trabalho ainda. No caminho para a zona onde ficavam as casas, Ivan perguntou:

— Viste a filha do ministro do Comércio? A mais velha?

— Aquela bonita que tem calças amarelas?

— Essa mesma. O meu pai anda a fazer planos que eu case com ela. Tem bué de bala. Não ela, o kota dela, claro.

— Ser ministro deve ser bom — disse Gonga. — Alguns não gostam, não sei porquê. A moça é bonita. Que vais fazer?

— Se eu antes tinha alguma dúvida, agora é que não tenho mesmo. Caso quando quiser e com quem quiser. E com essa é mesmo nunca. Só para chatear o velho. Ditador, um dia ainda o vou lixar. Para pagar tantas maldades. Querer matar a Estrela...

Gonga lhe segurou no braço com força. Aproximavam-se da casa grande e apanhavam com toda a luz na cara, o que os incomodava, eram preferentemente seres da noite e da escuridão, sobretudo depois da liamba.

— Olha, os velhos, mesmo os mais sacanas, não devem ser tratados com espírito de vingança assim. Faz as coisas com calma. Como o que vamos fazer amanhã. Deixa ele pensar que é o maior, tem todo o poder. Tu fazes o que queres, sem ele se aperceber, e o contrário do que ele quer. Gozar calados sabe melhor.

Julho de 2004

Calados e a gozar, se podia dizer dos espectadores assistindo ao concerto no cine-teatro Nacional. A sala estava cheia, pois o concerto prometia coisa diferente do habitual. Se tratava de um conhecido guitarrista espanhol apresentando música barroca da sua terra e do século 18, com as famosas jácaras, tarantelas e zarambeques. Nem uma mosca se ouvia na sala, todos os assistentes atentos à arte do talentoso artista. Ia já o concerto a um quarto quando um telemóvel tocou, logo causando burburinho na plateia, chut, chut, chut. Insensível à reprovação pública, o detentor do telemóvel atendeu e a sua voz de mija-grosso se ouviu, já disse que compro, compro tudo. Os protestos aumentaram e as cabeças se viraram para trás ou para os lados, procurando o autor de tal atentado à boa arte. O músico, desconcentrado pela interrupção, parou de tocar e ficou hirto, esperando o retomar do silêncio. Mas a voz na sala se ouviu de novo num sonoro porra, pá, já disse, que caralho, é preciso repetir? A indignação dos assistentes aumentou, duas pessoas chegaram a se levantar nervosamente. Como todos os olhares começaram a coincidir no mesmo ponto do meio da sala, nós também pudemos descobrir o homem que falava ao móvel. E era o nosso conhecido Vladimiro Caposso, acompanhado pela mulher e por um amigo, Marco. Bebiana escondia a cara atrás do leque. Algumas senhoras se abanavam com os artefactos vindos da China numa importação grande, porque de repente voltaram à moda esses

apetrechos de outras eras, considerados finíssimos para serem levados a recepções diplomáticas, espectáculos e mesmo para a praia. No caso presente até se justificava, pois apesar de ser cacimbo, a sala era quente e as esparsas ventoinhas não chegavam para arrefecer o ambiente. Vendo o músico parado, à espera que VC calasse os berros ao telefone, alguns espectadores mais afoitos começaram a bradar, vai lá para fora, desliga isso, analfabeto, vai embora, silêncio, matumbo, fecha a boca, e outros mimos que mais irritaram o empresário. Este se levantou, desligou acintosamente o telefone, gritou vão todos se foder e saiu da sala, arrastando a envergonhada Bebiana. O amigo Marco seguiu, pedindo desculpa, tentando se fazer de pequenino. E o guarda-costas veio atrás, com olhares ameaçadores para os que assobiavam e reclamavam, pondo claramente a mão na cintura, onde se destacava o volume da pistola.

No exterior, Vladimiro lançou a sua fúria contra o motorista que não tinha o carro à frente da saída. Nem se via o carro nem o motorista, onde se terá metido o cabrão?

— Calma, calma — pedia Bebiana, envergonhada pela presença de Marco, pessoa acabada de chegar de Portugal e que ela nem de vista conhecia.

Caposso tinha apresentado Marco como um amigo que vivera em Lisboa desde a independência de Angola e agora voltava à terra para ver se endireitava a vida, já que na Europa não se dera muito bem. Agora havia paz, justificara, oportunidades novas, talvez valha a pena estabelecer-me aqui. Caposso tinha-o encontrado e convidado a jantar, era um cliente habitual da loja de sô Amílcar no Marçal. Como o outro vinha dos países do norte, Vladimiro quis mostrar algum interesse pelas coisas da cultura, impressionavam sempre os visitantes, eles lá na Europa estão habituados a assistir a essas

maçadas de exposições e festivais. Convidou-o pois para o concerto, vai ver que gosta, é um artista muito conhecido. O guitarrista de facto era renomado, embora Marco não tivesse o mínimo conhecimento dele, o que aliás acontecia também com Caposso, ao corrente apenas por causa da publicidade.

O guarda-costas tinha, como lhe competia, ficado na fila de trás de Caposso e agora estava postado de novo atrás, olhando circularmente para a rua, ainda movimentada.

— Mas onde estará o sacana do motorista? — perguntou Vladimiro ao guarda-costas. — Devia esperar aqui à porta.

— O concerto só acaba às onze — disse Bebiana. — Ele vai aparecer a essa hora, vais ver.

— E ficamos aqui a secar esse tempo todo?

— Ele não tem telemóvel — ousou dizer o guarda-costas. — Se tivesse, mandávamos chamar.

— E onde já viste motorista com telemóvel? Tinha de ser meu o telemóvel, claro. Para depois telefonar a todas as namoradas e dizer são chamadas de serviço. Já vos conheço. Motorista meu, se quiser telemóvel, que o compre. E paga os saldos, não são à conta da casa.

VC estava enfurecido, mas pouco adiantava. Resolveram esperar o fim do concerto, não dentro da sala, evidentemente, o gajo afinal não vale nada, toca baixinho que quase nem se ouve, justificou Vladimiro, é nisto que andamos a gastar o dinheiro do Estado e o nosso. Foram para a esplanada contígua à sala de espectáculos, onde serviam bebidas e alguns acepipes, para passar o tempo. Marco tinha estado calado. Não podia acusar Caposso de nada, agora que o tinha descoberto contava com ele para refazer a vida desencaminhada em Portugal. Alimentava a esperança de o convencer a entrar numa sociedade, ideias não lhe faltavam. Claro, não ia dizer serem as mesmas ideias que

tinham falhado na Europa. Como vinha descapitalizado, para não dizer na miséria, seria o sócio-gerente da firma e receberia um salário e uma pequena participação nos lucros, Caposso entrando com o kumbú e tendo a quase totalidade dos lucros. Fórmula para entusiasmar qualquer ingénuo. Mas o silêncio podia parecer reprovador naquele momento e por isso acrescentou, concordando:

— De facto o músico pode ser famoso, acredito, mas não me agradou lá muito.

Bebiana estava a gostar, era música diferente dos kuduros que se ouviam agora por toda a parte em Luanda, mas nem ousava dizer. Os homens beberam uísque e ela uma limonada. O guarda-costas ficou de pé, a alguns passos de distância, cumprindo a sua árdua missão de proteger VC. E esperaram, falando mal do músico, do público que não entendia a vida, um empresário não pode desligar o telemóvel num espectáculo, isso é claro, e se alguém lhe telefona com um assunto urgente e de gravidade? Os outros estão no Oriente ou na América, sempre acordados e a trabalhar, podem precisar de uma informação importante ou de uma decisão rápida, como era o caso. E ia ficar com o telemóvel desligado só para agradar à vadiagem? Como são uma cambada de intelectuais desocupados género Olimpo d'Alva Ferreira, podem se permitir o luxo de desligar os aparelhos, também nada de importante vai suceder com eles, só armam em finos porque não têm onde cair mortos, sentença de Vladimiro Caposso. E de vez em quando desviava as fúrias para o motorista, o gajo é capaz de ter aproveitado para fazer o processo e como Marco estava fora há muito tempo, explicou que o processo era usar um carro alheio para cobrar serviço de táxi, o que podia muito bem ter acontecido e se não tivesse uma boa desculpa o motorista já estava despedido, tendo então Bebiana intercedido, era motorista antigo da casa, muito respeitador, com certeza

foi comer qualquer coisa, não podia adivinhar que sairiam mais cedo do concerto. Finalmente, à hora marcada, o espectáculo terminou e eles encontraram o motorista mesmo à saída. Evidentemente, levou bué de insultos e ameaças no trajecto para o hotel onde Marco estava hospedado, tentou explicar ainda não tinha jantado, aproveitou a folga para procurar um sítio barato onde vendiam sopas, foi isso que calculei, apoiou Bebiana, mas o marido estava fora de si e continuou a insultar e a ameaçar, até deixarem o Marco no hotel.

— Mas afinal este Marco o que faz? — perguntou Bebiana, tentando desviar a conversa.

— Não faço ideia, não consegui explicar o que andou por lá a fazer. Deve ser mais um que se lembrou da terra agora. Quando havia guerra e passávamos mal, ninguém queria pôr o pé aqui e muito menos arriscar o seu dinheiro.

— Houve alguns.

— Sim, houve alguns, temos de ser justos. Mas poucos. Agora vêm todos a correr, estrangeiros e alguns nacionais, todos a tentarem debicar nas nossas carcaças.

— E ele tem dinheiro?

— Não deve ter. Senão vinha com outra conversa. Não viste que ele só falava em negócios que quer montar se encontrar um sócio avançado? Avançado, não quer dizer nas ideias, quer dizer no dinheiro. Se tivesse kumbú, não precisava de sócio, investia directamente, já que diz ter tantas ideias.

Chegaram pois a casa num melhor estado de espírito. Os filósofos da antiguidade já diziam que não há relaxe maior que falar mal dos amigos, mesmo se só são conhecidos.

Mas o estado de espírito voltou a piorar dois dias depois, quando um jornal estampava uma fotografia de VC com o sulfuroso título «Ricaço matumbo interrompe concerto». Seguia-se a notícia do que tinha realmente

acontecido, terminando com o comentário: «É conhecida a pouca cultura do emergente milionário Vladimiro Caposso, a um momento dado querendo aparecer como um mecenas das artes. Pretensão de pouca duração, pois o cantor que patrocinou não cumpriu as suas exigências, preferindo seguir os impulsos do seu real e reconhecido talento. O dinheiro não faz as pessoas ganharem boa educação automaticamente e foi isso mesmo que o conhecido empresário demonstrou. Quem vai para concertos tem de levar também boas maneiras. Ou então fica caladinho no seu canto, a observar quem sabe se comportar em sítios públicos, para aprender com eles. Para isso é preciso modéstia, virtude que a nossa burguesia emergente e fanfarrona desconhece em absoluto.»

Caposso espumou de raiva. Chamou o seu director das relações públicas, que também era o director comercial, e exigiu, telefone para esse pasquim da merda e diga que acabou a publicidade. Não pagaremos nem mais um anúncio nessa folha de couve e se estamos a dever alguma coisa, podem dizer adeus ao dinheiro. De facto sabia, estavam a dever a publicidade de vários empreendimentos e já há alguns meses, ele próprio impedira o pagamento, como o fazia por sistema com todas as remunerações, incluindo salários dos empregados. As ordens foram imediatamente dadas ao departamento financeiro, não pagamos nada até que eles se retratem. E informe o director dessa porcaria que não vê nem um kwanza desta empresa, nunca mais.

Ao fim da tarde recebia um telefonema do director do jornal pedindo humildemente uma audiência. Depois de explicado pela secretária qual o motivo da chamada, aceitou relutantemente falar com o jornalista. Depois se decidiu, o melhor é mesmo ser eu a explicar:

— Não lhe dou audiência nenhuma, seu filho da puta. E se voltar a falar de mim no seu pasquim, vai ver o que

Ihe acontece.

— Eu só queria esclarecer o que se passou e as medidas que tomei, senhor Caposso, só isso — lamuriava o outro ao telefone.

— E então que medidas tomou, posso saber?

— Vou demitir o jornalista que escreveu o artigo. E estou disposto a publicar um pedido de desculpas pelo lapso, pois houve certamente engano de identidade, se tratava de outra pessoa. Isso é o que escrevo no próximo número, prometo.

— Está melhor. Está melhor. Mas pelo sim pelo não, até ver, a minha empresa não paga a dívida. E não contrata mais nenhuma publicidade no seu jornal. E olhe que tínhamos muitas coisas em vista...

O director voltou a se desfazer em mil desculpas, pode ver o próximo número, já não vem lá o nome do jornalista, juro mesmo sangue de Cristo que o vou despedir e com justa causa, os tribunais depois que decidam, mas não podemos perder um cliente tão ilustre e respeitado como o senhor, fazemos qualquer coisa. Sem dúvida, a música entoada pelo director do jornal sabia muito melhor que a música espanhola ouvida dois dias antes. VC deixava o outro acumular os superlativos e elogios, pensando, filho da puta, ajoelha-te mais, ainda mais, cabrão, para aprenderes a não te meteres com certas pessoas. Um muito agradável sentimento de vitória aquecia o seu peito, ele era o tal perante quem os plumitivos tinham de se vergar, mesmo se escreviam melhor e fingiam apreciar concertos chatos de músicos que não tinham onde cair mortos.

O director cumpriu o prometido, demitiu o jornalista e publicou um pedido de desculpas, pois quem interrompera o concerto não se tratava de Vladimiro Caposso, um empresário conhecido pelo seu refinamento, provado no matrimónio contraído no ano anterior e «que o nosso jornal teve a honra de noticiar

com reportagem completa». O jornal não dizia o nome do pouco refinado espectador que tinha paralisado o guitarrista e brandido os mais fortes palavrões da língua portuguesa. Mas o público não se deixou enganar pelo desmentido forçado, porque o mujimbo já tinha corrido antes explicando pelas ruas o desnorte de VC. A classe jornalística em particular se indignou com o comportamento rastejante e lambe-botas do director. E o sindicato dos jornalistas fez um comunicado defendendo o colega despedido e criticando o indigno director por se ter vendido da forma mais vergonhosa pela promessa de alguma publicidade. O jornalista despedido mereceu destaque nos outros jornais, com direito a entrevista em que ele reafirmava corajosamente tudo como se passara e nós, sem esperar pela controversa notícia, tivemos ocasião de conhecer em directo. O dito jornalista aproveitou propalar aos quatro ventos que quando a imprensa se dobrava perante o poder económico terminava a liberdade de expressão. Mas toda esta discussão deixou de interessar Caposso, satisfeito com as desculpas de verme produzidas no jornal. Mandou afixar o pedido de escusas em todas as instalações da sua empresa, com uma nota colada em baixo dizendo que enquanto ele fosse vivo, a Caposso Trade Company (CTC) nunca mais pagava nenhuma publicidade no referido jornal. Nem as dívidas antigas da empresa. «Só mesmo o kilapi bem aplicado ensina esses escrevinhadores de meia-tigela», concluía a nota escrita pelo próprio punho do empresário. E com este apaixonado elogio do kilapi como filosofia de gestão, prática que ele usava contra os seus credores mas nunca aceitava por parte dos seus devedores, encerrou a contento o mambo.

Quem não apreciou muito o assunto foi o amigo Karim. Já andava um pouco ressentido com Caposso, por este também com ele aplicar a filosofia do kilapi. Tinham sido sócios em vários empreendimentos e ainda o eram na

construtora e na mina de diamantes. Mas a CTC devia muito dinheiro a Karim e nunca honrava os compromissos. Por isso, apesar de Karim manter relações de amizade com Vladimiro e as suas esposas também, alguma frieza existia recentemente entre os dois, quando vinham negócios à baila. Omar O Cinzento tinha chegado dos Estados Unidos e entrado também no negócio da construtora, trazendo capital fresco. Queriam fazer dela uma grande empresa, pronta a reabilitar metade das pontes do país e construir condomínios de luxo e outros de média renda, nada de casas populares, outros as fizessem.

— Mas ele não está a ajudar — queixava Karim a Omar.

[Para o leitor preguiçoso, desatento ou desmemoriado, lembro que este Omar era aquele antigo namorado de Susan, de olhos e cabelo cinzentos, tendo ganho dinheiro nos Estados Unidos com trabalho de lobista a favor do governo angolano. E Susan Dean é a amiga que levou o nosso conhecido Nacib a passear pela Califórnia. E não só...]

Os dois discutiam a dificuldade real ou aparente encontrada por Caposso em conseguir os contratos com o governo, em plena paz. Era essa a sua principal atribuição na nova e ambiciosa sociedade construtora, influenciar governantes a concederem as obras de reabilitação de pontes e estradas à empresa deles, evitando os sempre problemáticos e complicados concursos públicos. Caposso não estava bem visto na praça, achava Karim, e escândalos como os do Cine-Teatro Nacional não ajudavam nada. Já tinha havido alusões a coisas mais graves, suspeitas (suspeitas só?) de corrupção, e isso sim, era muito pior. Uma linha mal cosida pode ficar com a ponta de fora, algum investigador vai puxando a linha, puxando pacientemente, e de repente começam segredos a saltar, a saltar, tudo muito perigoso. Parecia haver já buracos

difíceis de tapar, por isso os governantes agora evitavam favorecer Caposso.

— Já teve mais poder, isso é certo — continuou Karim. — Quando eu cheguei cá ele mandava. Como aqui dizem, mijava grosso. E há uns anos atrás ainda convidava os ministros para coisas sem importância e eles não faltavam, desmarcando mesmo reuniões decisivas só para estarem presentes nas suas festanças.

— Que coisas sem importância? — perguntava Omar O Cinzento, sempre atento, tentando aprender detalhes.

— Ora, um aniversário ou uma inauguração de algum escritório sem grande interesse... Ia toda a gente. Ainda o ano passado, no casamento dele, estava toda Luanda, enfim, toda não, estava a Luanda que interessa, o resto é povo.

— O facto é que não nos arranjou contrato nem para uma ponte. Só aquela ridícula proposta de uma escola em Malanje. Eu não vim para aqui para fazer uma escola. Fossem cem escolas e já podíamos falar. Mas para isso é preciso concurso público.

— Ao menos um caminho-de-ferro de trinta quilómetros... Mas nada, ele não consegue convencer ninguém. Outro problema também é que se meteu num suposto grande negócio o ano passado e até hoje não pagou as comissões aos dois muatas que lhe concederam o negócio. Ele talvez não tenha ganho muito com o caso, pelo menos é o que diz e acredito, só sabe gastar em luxos e como gestor é um zero. Portanto, como não ganhou muito não quer pagar as comissões. Os outros é que ficaram danados da vida e foram fazendo correr pelos colegas que negócios com o Caposso não são tão rentáveis como podem parecer. Essa é a questão. Aqui, se você promete uma comissão, tem de cumprir, é sagrado. Não lhe dão uma próxima oportunidade.

— Uma cambada de ingratos — disse Omar O Cinzento.
— Fiz tanto por eles lá nos Estados Unidos, até conseguimos mudar a opinião da administração... Agora fingem que não me conhecem, mesmo os que iam lá ter comigo a contar que Angola era um país especial, tudo de gente séria, boa para os negócios. Vim, apresentei-me a uns tantos, cumprimentaram friamente, parecia que nunca me tinham conhecido. E acabei por me meter mesmo com o Caposso, que tinha visto umas vezes.

— Negócios são negócios — disse Karim. — Por isso nunca quis misturar políticas nisso. O seu negócio lá era político, eles agora já não precisam, pronto, acabou a relação. Mas pagaram-lhe sempre.

— Sim, pagaram.

O oriental suspirou. Estavam a dever-lhe muito dinheiro e a família no Paquistão reclamava, as remessas de dólares não seguiam como nos primeiros tempos.

— Tenho de ir à Nigéria por uns dias — disse Omar. — Lá também me estão a atrasar as coisas. Mas volto para a semana. E quero resultados. Vai ver, vou encostar o nosso sócio à parede.

Karim esperava que sim, ele não tinha coragem. Cometera um erro primário em negócios e tinha obrigação de o ter evitado. Se envolveu demasiado com Caposso, amizades e compadrios entre famílias, o que o impedia de ser duro quanto devia. Se os familiares dele no Paquistão soubessem iam criticá-lo severamente. Por isso evitava falar com a esposa asiática sobre os negócios com Vladimiro, ela podia contar depois para a família do oriente. À frente da mulher estava sempre tudo muito bem, a sociedade com Caposso era uma maravilha, a empresa de construção ia crescer de maneira fenomenal, ultrapassando as portuguesas, acusadas de apanharem sempre os melhores bocados dos contratos. Tinha sido este o argumento usado por Caposso para o convencer a avançar para a construtora

e também usado para recentemente aliciar Omar, a criação de uma empresa que batesse as portuguesas, estabelecidas na terra há muito tempo, tendo arriscado nos tempos duros para estabelecerem um bom nome e agora se locupletarem com as grandes fatias dos trabalhos públicos. Ele fora espantosamente ingénuo. Depois de saber que dificilmente VC lhe pagava as dívidas de outros negócios, como pudera associar-se a ele numa construtora, ainda por cima da forma como foi? Ele deu o capital inicial, Caposso o prestígio e os contactos e apenas meia dúzia de bens, como um pequeno armazém e um carro usado, restos da construtora inicial só de Caposso e que tinha ido à falência. E agora veio Omar e Vladimiro convenceu-o a triplicar o capital social com um investimento importante, adquirindo quase metade das quotas. No fundo, Omar era o sócio com mais quotas, embora sem maioria. A seguir vinha Caposso. E no fim, Karim, o que avançara com o capital inicial. Burro, burro, nem pareço de uma casta de comerciantes de séculos e séculos, se amaldiçoava ele. Portanto, as esperanças agora residiam em Omar, frio como os lobos de olhos cinzentos à espreita da presa. Se Omar dobrasse Caposso na construtora, ele também poderia apertá-lo para lhe pagar as dívidas antigas. Sozinho não teria coragem.

Quando pensava nessas coisas, Karim acabava por ir buscar ao fundo da memória alguns ressentimentos contra o amigo antigo. Lembrava o caso Djamila. Há muito tempo, no princípio das relações, ele olhou com interesse para a filha mais velha dos Caposso. Quando crescesse mais um ano poderia casar e Karim se posicionou na fila de espera, embora a miúda nem levantasse os olhos do chão na sua presença. Timidez, pureza, óptimo, óptimo, atitude tão casta ainda mais o atraía. Mas um dia o amigo segurou o braço dele, Djamila é muito nova e tem de estudar durante muito tempo.

Além disso, nunca aceitarei que ela case com homem que já tem outra mulher, aqui há polígamos, sim, mas são uns atrasados lá do mato e eu nunca vou aceitar isso para uma filha minha, por isso é melhor esquecer a Djamila e podemos continuar a fazer negócios e sermos amigos. Assim mesmo, sem aceitar explicações nem argumentos. De facto, o amigo Caposso não era pessoa polida, tinha de engolir e pronto. Mas essa desfeita por vezes voltava à memória, sobretudo quando fazia contas de devedores e credores e via os números do que tinha emprestado a Vladimiro sempre a crescerem com os juros.

A Djamila desejada por Karim já tinha regressado a Luanda, com o seu curso de Medicina. Sempre tímida, não tinha noivo. E o paquistanês achou-a ainda mais apetecível. Claro que tinha abandonado todas as pretensões e mais tarde se foi metendo com outras, até arranjar a segunda esposa. Mas Djamila era qualquer coisa doce reservada no seu coração polígamo. O que ele não podia suspeitar, nem de facto ninguém a não ser a própria, é que o interesse dele mais de doze anos atrás tinha tocado fundo na moça. Talvez estimulada pelas brincadeiras de Mireille, o certo é que ela sempre que podia estudava atentamente, embora de forma disfarçada, os lábios escuros e bem desenhados de Karim e o seu ar aristocrático. E sonhava acordada com o paquistanês, com idade de ser seu pai se não avô. Tinha arranjado emprego numa clínica, mas insistia com VC para este montar um posto médico na CTC para os inúmeros trabalhadores que tinha. Ela podia dirigir esse posto médico. Mas o pai não gostou nada da ideia, esses tempos acabaram em que as empresas tinham postos médicos, agora se os trabalhadores estão doentes vão ao hospital, não tenho nada com isso, esquece essas ideias socialistas que andaram a meter-te na cabeça, não tenho obrigação nenhuma, embora de vez em quando

apareçam aí uns tipos do sindicato a chatear com ideias parecidas. E mando eu uma filha para a Inglaterra, um país a sério, direitinho, limpo, organizado, para vir com ideias comunistas na cabeça. Djamila ficava intimidada, não sabia que tinha ideias comunistas nem de facto sabia bem o que isso era, mas havia muitas empresas com menos trabalhadores que a CTC onde funcionavam postos médicos, era apenas uma preocupação social, os trabalhadores ganhavam tão mal e ainda por cima tinham de perder dias de trabalho no hospital em bichas imensas para depois serem maltratados e nem sequer medicamentados... Até lhe parecia que o pai ganharia com o posto médico, pois diminuiria muito o absentismo e as licenças por doença. Mas ficou calada, nunca tinha ousado discutir com Caposso, só Mireille conseguia impor a sua vontade ao pai, embora com sorrisinhos e brincadeiras de malandrice.

Por isso Mireille foi para Paris, andou por lá estes anos a estudar arte em museus e faculdades, mudando frequentemente porque não era bem aquilo que queria, desfrutando a cidade, e sem obter certificado nenhum. Também não estava preocupada com certificados ou diplomas, o que queria era entender as razões escondidas que levavam os homens a trabalhar o belo, a imaginar vidas destruídas totalmente dedicadas a criar coisas que ninguém apreciava ou de facto percebia, enquanto alguns menos talentosos mas mais afortunados chegavam ao topo, com vernissages a reunir mil pessoas e todos os quadros vendidos antes mesmo de começar a exposição ou recebendo encomendas fabulosas para conceberem um monumento numa praça qualquer da Europa. Tinha aprendido muitas coisas mas se sentia uma ignorante, porque ainda não tinha chegado ao âmago da arte. Mudava de curso ou de escola, procurava professores individuais nos ateliers de artistas, lia, via, analisava... Assim ia passando tempos felizes mas

preocupados, cruzando as épocas desde a clássica à pós-moderna em todas as artes, conhecendo as técnicas e estudando os autores mas sem tentar pintar um quadro ou pegar num cinzel, era apenas uma estudiosa, isso dizia aos amigos, estudiosa de quê, e essa era a verdadeira questão, não bastava dizer estudiosa de arte, isso todos eram, ela queria algo mais, mas até agora não descobrira o alvo. Descobriria um dia? Entretanto tinha arranjado amantes nesses meios artísticos e também nos universitários, convinha ir misturando os géneros como o pintor mistura cores na paleta, sem também encontrar a alma gémea.

E Nacib? Esse estava totalmente esquecido enquanto ela andava por Paris. Com efeito, não se pode dizer em pura verdade que Mireille o tivesse alguma vez amado. Namorou com ele, primeiro um namoro estranho feito de olhares envergonhados por parte dele, provocadores da sua parte que depois evoluiu para umas conversas no muro e mais tarde para algumas apalpadelas, até irem para a cama quando ela tinha dezassete anos. Mas nunca tinha levado a relação muito a sério. Logo que chegou a Paris foi coleccionando nacionalidades, desde brasileiros a senegaleses e até mesmo um estudante das Ilhas Fiji que deitava a enorme língua para fora da boca quando se excitava e fazia ugh-ugh-ugh numa dança obscena e guerreira ao mesmo tempo. Quando vinha a Luanda encontrava Nacib e recordava velhos tempos, mas cada vez com menos entusiasmo. Se ele lhe perguntava se tinha conhecido outros homens ela dizia não, era absolutamente casta em Paris, o que comovia o ingénuo Nacib, pensando nela como o único ser do planeta. Mireille percebia que o sentimento de posse movia os homens, portanto ao mentir tão descaradamente para Nacib amarrava-o mais a ela. E no entanto não lhe interessava tê-lo amarrado a si, por

vezes até ficava farta de o sentir rondando os seus passos.

Ela também tinha vindo para as férias em Luanda, esperando que o pai depois levasse a família para alguma parte do mundo. Uma decepção a esperava, pois Vladimiro disse logo, este ano não saímos, a situação está um pouco complicada, estamos a gastar dinheiro demais. Nunca tinha visto qualquer preocupação de poupança em Caposso, por isso foi confirmar com Djamila, o pai está assim tão mal de finanças? A outra achava que sim, tinha ouvido algumas queixas. Mireille gastava em Paris todo o dinheiro que o empresário lhe mandava, nunca tinha pensado sequer em deixar uns depósitos num banco, recebia e gastava em convites aos amigos para jantar em lugares caros, andava sempre de táxi e habitava um apartamento por trás dos Campos Elíseos com duas suites e uma sala enorme. Nunca fizera contas nem o pai as exigira. O que ela pedia ele mandava. Então agora de repente Caposso tinha dificuldades? Ficou espantada, apenas isso. E aborrecida por não poderem ir passear por um oceano qualquer num cruzeiro.

Estava neste estado de espírito um pouco baralhado quando Nacib veio se confessar. Com muitos rodeios e hesitações, acabou por contar que a tinha traído na Califórnia com Susan o ano passado, nunca fora sua intenção nem a traição nem esconder o facto, mas acontecera e estava ali a pedir desculpas e a se redimir humildemente. Mireille a princípio ficou espantada, o que é que ele estava a dizer? Deu uma gargalhada perante o ridículo da situação mas depois se conteve. Lembrou a atitude de Nacib como perfeitamente normal nele, conhecido pela rectidão de carácter, um verdadeiro parvo.

— Até me fazes rir de nervoso. Não é verdade. Não posso acreditar. Diz lá outra vez, o que fizeste?

Nacib ficou ainda mais atrapalhado. Achava Mireille uma mulher avançada, capaz de entender as coisas da vida e ainda por cima com grande vivência de Paris. Se fosse ela a dizer-lhe coisa semelhante, ele ficava estarecido mas compreenderia, estavam todo o ano longe um do outro, podiam acontecer coisas dessas. Mas ela nem o deixou repetir, mudando subitamente de tom.

— Andaste a dormir com as americanas enquanto eu em Paris... — Mireille agora sufocava, por um lado com vontade de continuar a rir, pelo outro lado sentindo a obrigação de parecer indignada, a mulher mais desprezada e humilhada do mundo. — Como pudeste fazer isso? Não pensaste em mim?

— Sim, sim, não faço outra coisa senão pensar em ti. Estou muito arrependido. Não tinha intenção, mas aconteceu.

— Não tinhas intenção, não tinhas intenção. Vocês são todos iguais, os homens são todos os mesmos, eu devia saber. Nunca mais te quero ver na minha frente. Desaparece, desaparece.

Entrou para casa, simulando um ataque de choro, mas fazendo esforço para conter o riso. Nacib ficou no passeio, hesitante, sem saber se ia atrás, entrando finalmente em casa dela para se explicar, ou se ia embora. Ficou parado, se culpando por não lhe ter contado logo que aconteceu aquilo, teria sido melhor, ou pelo menos no primeiro momento em que se reviram. Tinha sentido medo, deixou passar alguns dias a ganhar coragem, até hoje se decidir. Agora era difícil de acreditar na sua sinceridade, compreendia. Por um lado. Porque por outro também lhe parecia desespero exagerado por parte dela, devia haver algum amuo de menina mimada que logo passaria. Olhou a torre Eiffel no jardim, a pedir pintura e com algumas fissuras na madeira, não pôde evitar achá-la horrível. Se afastou da casa do Alvalade, foi penosamente para o Catambor.

Mireille se trancou no quarto para acalmar as emoções e pensar calmamente. Então o senhor Nacib tinha andado metido com uma americana e tinha a coragem de lhe contar! Ridículo! Ela estava-se nas tintas. Ia aproveitar a oportunidade para se libertar definitivamente. Em Luanda havia uns rapazes bem mais interessantes, gostando da noite. E ela ficava com Nacib na trela, sonhando com a liberdade de Paris. Sim, era a ocasião ideal. Ainda por cima ele apanhava com a culpa do rompimento. Já que o pai não queria passar férias no estrangeiro, nem mesmo nas Ilhas Seicheles, pois que país do continente africano estava excluído por Caposso à partida, para ver porcarias e subdesenvolvimentos não saio daqui, então ia mesmo curtir Luanda a sério. E era nesta mesma noite que ia sair para a farra. Começou a ligar para as amigas e amigos, combinando encontros em discotecas. Pena o Ivan não estar, sempre metido na fazenda da Huíla, ele era o perfeito motorista. Mas arranjaria outro com toda a facilidade, bastava um aviso.

Agosto de 2004

O primeiro aviso foi de Ivan. Um telefonema, pai, preciso que me mande o dinheiro para os salários, os trabalhadores não recebem há quatro meses e começam a agitar-se muito. E pior, há uma questão qualquer com o povo daqui, fui avisado que arranjaram advogado e meteram uma acção no tribunal. Ivan não sabia explicar muito bem a questão do tribunal, mas se tratava do provincial no Lubango, um processo por cortarem os caminhos de passagem aos pastores tradicionais. Tinha recebido uma intimação em nome do pai, então que faço, vou lá ao tribunal? E os salários? Caposso lhe disse, vou mandar o dinheiro para pagares um mês, convence-os a esperar pelo resto, já ficam mais calmos.

— Estamos assim tão mal, pai?

— Umas coisas que não correram bem. Não te preocupes, é só do momento. Por isso aguenta as coisas. E vai ao Lubango saber isso do tribunal, depois diz. Se for preciso mando aí o meu advogado resolver.

— Tem mais, pai.

— Porra, pá, chega de más notícias.

— Tenho que lhe dizer... A empresa de segurança diz que retira os guardas da fazenda se o pai não pagar o ano passado inteiro. Estamos a lhes dever mais que um ano de serviços. O Gongu, que é meu amigo e funcionário deles, contou, o chefe disse que iam largar todos no fim do mês, tinham trabalhos para gente que paga em dia. Largavam o serviço mesmo no fim do mês, se até lá não pagássemos. E o chato é que estava muita gente a ouvir, lá do Lubango...

— Que se lixem esses gajos...

— E ficamos sem guardas na fazenda?

— Há mais empresas de segurança no Lubango. Contacta outra e depois diz-me alguma coisa.

— Mas, pai, se as outras sabem porquê esta saiu... Então não era mais fácil pagar as dívidas a esta? Já estamos habituados com a gente dela. O Gonga sobretudo...

— Quem sabe dessas merdas sou eu, porra. Faz o que te digo.

Pela frieza da reacção de Ivan, Ihe desligando o telefone na cara, Caposso percebeu, o filho tinha ficado ofendido. Sukuama, então caía tudo em cima da cabeça de um gajo e ainda tinha de se preocupar com a maneira como o filho aceitava as coisas? Obedecia e acabou, para isso era filho. Vejam lá, se não era melhor pagar as dívidas... Até já o próprio Ivan tinha coragem de Ihe chamar indirectamente de caloteiro. Mas de facto havia que tomar medidas urgentes, era forçado a reconhecer. Precisava de arranjar um dinheiro qualquer para pagar os salários do pessoal, um mês não era nada de pesado, por acaso até tinha a quantia no bolso do casaco. Mandou a Fátima Magricela fazer uma transferência para a conta do Lubango, por favor com prioridade. Ela besuntou a voz toda para afirmar, com certeza, chefe, é para já.

E depois Vladimiro pensou na vida. Tinha de vender alguma coisa, talvez o terreno que possuía na zona de Luanda e que nunca visitava. Só o Yuri gostava de ir lá, o resto da família desprezava a pequena extensão de terreno seco, com uma casa minúscula e meia dúzia de mamoeiros. Resquícios dos tempos antigos, quando atirava em todas as direcções e se metia em negócios de rentabilidade incerta porque demasiado modestos. O governo quase ofereceu esses terrenos a certas pessoas bem colocadas na hierarquia, a ideia era criar pequenas quintas à volta de Luanda para se abastecer a cidade de fruta e legumes, a famosa «cintura verde», naqueles

tempos em que tudo faltava. Ainda plantou uns mamoeiros, fez erguer uma casa de adobe e dois quartos, a ideia era ir aumentando. Mas depois viu, o terreno era demasiado seco e longe de qualquer ponto de água, demasiado estreito e demasiado longe da cidade. Sem interesse. Quase o esqueceu. Podia vender, sim, embora não contasse ganhar muito com aquilo, apesar da grande procura de terra na região de Luanda para a construção de condomínios. A venda do terreno daria embora para diminuir uns sufocos. E o Yuri que se lixasse, nem precisava de ficar ao corrente. Não andava pelos Estados Unidos a estudar cinema? Sabia lá se estudava mesmo ou se corria só atrás das gajas. O facto é que a fundação americana lhe mantinha a bolsa há mais de quatro anos e o rapaz nunca tinha pedido qualquer complemento ao pai, havendo por conseguinte muitas probabilidades de ele estar a cumprir rigorosamente o contrato, pois os gajos não brincam com o dinheiro deles, cortavam logo a bolsa. Pode ser. Mas foi quase sem pedir autorização, pai, tenho uma bolsa, concorri e ganhei, vou estudar cinema em Los Angeles, assim, sem mais, nem pedi opinião nem muito menos autorização, então não era para um gajo ficar chateado? No mundo de hoje, os miúdos decidem sem perguntar a opinião dos pais? Claro, a Bebiana fez uma festa, os irmãos também apoiaram entusiasticamente, que podia fazer ele, isolado no meio da família? Deixou-o ir, ao menos não fazia despesa com os estudos do filho. Mas também não sentia dever de o informar sobre a venda da quinta. Quando aparecesse por Luanda e quisesse ir lá dormir umas noites, ficaria a saber, já está vendida, rapaz, procura outro sítio para ires ler e ser mordido pelos mosquitos. Porque era isso que ele fazia, ia para a quinta e ficava todo o dia a ler. Naquele calor... Outro imprestável. Enfim, agora o Ivan estava melhor, tinha preparado bem a fazenda e os bois até podiam render

algun dinheiro com a tal raça que ele dizia ter criado, a Karan. Começavam a vender alguma carne e fruta. Mas o problema da fruta é que ficava demasiado longe dos mercados, principalmente de Luanda, onde tudo se vende e tudo se compra. Por isso a maior parte da fruta ia apodrecendo no chão da fazenda. Ivan tinha a ideia de montar uma fábrica para sumos e compotas, aproveitando a fruta. O problema era o capital inicial. VC apresentou o projecto a todos os bancos e nenhum aceitou emprestar dinheiro. Exigiam um estudo de viabilidade, que ele tinha de pagar, claro. E ainda tinham o descaramento de dizer que os bancos estavam aí para ajudar o desenvolvimento do país, se não financiavam com empréstimo um empreendimento absolutamente seguro... Cambada de chupistas! O próprio ministro das Finanças, o qual até tinha estado na inauguração da fazenda, seu amigo de muitos anos, companheiro de mulheres e copos, ele próprio disse com um ar condoído, não posso fazer nada, ficaria mal se pressionasse algum banco para te fazerem um empréstimo, os tempos são outros, bem sabes, todos reclamam transparência nos negócios e bom governo, é a nova moda. Mas havia bancos que tinham capitais do Estado, alguns em maioria até, dependendo portanto de uma ordem do ministro das Finanças. O cabrão não se moveu, tinha muita pena mas era política do governo agora não interferir no circuito bancário, ir separando as águas. Mentira do filho da puta, Caposso suspeitava de constantes interferências do ministro a favor de outros empresários, uns falidos e incapazes que nem contas sabiam fazer, mas provavelmente lhe davam maiores percentagens nos negócios.

O azar, como uma praga que algum invejoso feiticeiro lhe tivesse atirado, de facto começou no ano anterior. Notou na volta das férias, em que tinha feito um cruzeiro no Pacífico com a família durante um mês a bordo de

luxuoso pacote, começando no Japão e terminando na Austrália, com paragens no Havai, Tahiti, Fiji e Nova Zelândia. Não a família toda, pois os rapazes recusaram, Ivan se justificando com a necessidade da sua presença na fazenda e Yuri por causa de um teste qualquer em Los Angeles. Foram férias, mas para o casal Caposso era também uma viagem de lua-de-mel. Tinha chegado o momento de trazer a Igreja para seu lado e por isso celebrou o casamento católico com Bebiana, para beata felicidade desta. É preciso também dizer que o pai dela finalmente se reconciliou com o genro, agora que já não tinha de esconder a sua fé no quarto. Joaquim Antunes, reformado dos caminhos-de-ferro e tendo há tempos abandonado a militância partidária, cada vez mais ligado a missas e confissões, achou que desta vez o genro Caposso se tinha reconvertido definitivamente a uma boa causa. Nem todos os amigos porém foram dessa opinião, em particular o Clemente, que se imaginava patrício de Caposso, pois era de Catete. Esta região foi muito influenciada pelos metodistas e Clemente tinha voltado à sua religião de infância, renegada durante os tempos de militância ateia. Foi falar com VC, então você agora abandona as origens e vai casar pela igreja dos papistas? Vladimiro não sabia como responder, nunca tinha sido forte em teologias, mas lhe parecia um pouco antiquada essa linguagem de papistas. Preferiu ser franco, olhe, a Bebiana é de família católica e acha que são os casamentos mais bonitos, vêm na televisão cerimónias imponentes, aliás estão a ser adoptados pelas pessoas mais importantes do país, quer para si quer para os filhos. Além disso, os protestantes perderam a influência que tinham nos primeiros tempos, agora quem está lá em cima são mesmo os católicos. Que queria que fizesse? Conformo-me aos tempos. Oportunista porco, silvou Clemente mas Caposso apenas encolheu os

ombros, os *resorts* no Mussulo valiam muito mais que as críticas de alguns frustrados.

O casamento teve mais de mil convidados e um jantar que fez estrondo em Luanda, pois todos os muatas e muatinhas não tinham faltado. Houve também enorme promoção na comunicação social dos países de língua comum pelo concurso de algumas dezenas de figuras do *jet set* português e até brasileiro, aceitando participar com viagens e hospedagem pagas pelo noivo, pois claro. Até porque essas indispensáveis e eternas figuras, que vivem do facto de serem convidadas e aparecerem nas televisões, não gastam dinheiro para assistir a casamentos, nem prendas aos noivos frequentemente dão que isso é despesa, basta oferecerem a cara, muitas vezes carcomida pelo tempo mas regularmente recauchutada por operações plásticas e implantação de cabelo para disfarçar inestéticas carecas.

Bebiana, apesar dos seus quarenta e quatro anos bem quadrados por espessas capas de gordura, foi de vestido branco comprido, um véu levado por doze crianças e uma tiara de diamantes na cabeça que desafiava a luz dos holofotes televisivos cobrindo a cerimónia. Tinha permanecido quase dois meses no Brasil sofrendo lipoaspirações, spas para emagrecimento, operações plásticas, enfim, o habitual pacote para gentes da alta, mas de pouco valeram essas diligências e despesas na hora de entrar no vestido. O estilista contratado na Europa era um inveterado optimista e, provavelmente embriagado pelos ares e perfumes tropicais que provocam euforia a quem não está habituado, apertou um pouco a cintura à última hora para fazer a noiva mais elegante. Erro crasso. Foi necessário desfazer e refazer o vestido, já o noivo estava à espera na igreja e um calor de morrer a desfazer as maquilhagens apesar das ventoinhas que agitavam os penteados, mas nos casamentos da nata da sociedade a demora faz parte do

cerimonial, só gente pobre casa mesmo à hora marcada, pois nesse caso o padre tem pouca paciência para esperar.

Embora atrapalhassem um pouco a etiqueta, postados de fato preto entre as moças levando o longo véu, dois seguranças vigiavam a tiara, de mais de três milhões de dólares, segundo informação do noivo gabarolas aos amigos, acrescentando «a Bebiana usa aquilo no casamento e nunca mais na vida, a jóia vai logo dormir no cofre que é valiosa demais para andar por aí, a menos que seja para uma passeata no iate de algum príncipe das arábias, esses têm segurança permanente e andam cobertos de rubis». Caposso, de fraque encomendado directamente de Paris, o qual estava tão bem feito que até conseguia disfarçar parcialmente a volumosa barriga, não evitava no entanto as grossas bagas de suor que lhe caíam da testa, da cara, do pescoço, de todos os lados. Só pedia para acabar rapidamente aquele tormento. Também Ivan, vindo a contragosto da Huíla e Yuri, ainda mais chateado, resmungavam contra a ideia paterna que os obrigava a usar fatos quentes só para seguirem a moda do casamento católico. Era tempo do cacimbo, mas dentro da igreja, atulhada de gente, estava assim mesmo um calor de morrer. Djamila, num fato mais simples, não se queixava de nada, só tinha olhos para o reluzente Karim, cada vez mais rico e elegante. Mireille escandalizou o pai, aparecendo com um vestido comprado em Paris que parecia mesmo vestido de noiva, mas muito curtinho e cabeça encimada por uma tiara mais pequena que a da mãe e sem os grossos diamantes do Cafunfo. Todos os filhos tinham pois comparecido, o que, a não suceder, cairia muito mal. Almerindo, amigo burocrata do cadastro habitacional e conhecido má-língua, comentou em voz surda para os parceiros do lado, só falta mesmo um netinho para lhes levar as alianças. À falta de neto, porque as filhas estavam

despropositadamente a atrasar matrimónios, tiveram de pedir emprestado um sobrinho da noiva, o que foi pena, pois um neto a levar a bandeja das alianças trazia outro picante à cerimónia. A partir do casamento, VC passou a usar o fio de ouro grosso com a grande cruz que tinha guardado durante muitos anos na gaveta do escritório e foi conversar com os bispos mais importantes para ver se fazia algum negócio sobre a Ilha dos Padres. Ideias retidas apenas no ar. Só depois partiu para o cruzeiro de lua-de-mel.

Foram férias óptimas, agora com o casamento santificado e o novo amuleto ao pescoço. Ao chegar porém, as más notícias começaram a surgir, um banco tinha recusado um empréstimo para amortizar a dívida ao Karim, este aparecia de testa mais franzida e mais reservado que o habitual, outro empresário ameaçou de meter um caso no tribunal porque se sentia burlado por Vladimiro num negócio, dois ministros telefonaram imediatamente exigindo o que lhes tinha prometido de luvas para lhe ser adjudicado um trabalho importante que acabara por se revelar um fracasso, enfim, uma série de azares seguidos e tudo isso apenas num mês de ausência. Agora as coisas estavam bem piores. Karim finalmente tinha posto as garras de fora, cansado de esperar, ou ele pagava o que lhe devia ou ia obter para si todas as quotas da construtora ainda nas mãos de Caposso, já metera mesmo um advogado no barulho. E o sacana do ianque cinzento que lhe aparecera com dinheiro fácil nas mãos e fala de amigos exigia o reembolso imediato de uma parte do que investira na construtora, pois ele desconseguira de arranjar as prometidas encomendas para as estradas e pontes que iam ser reconstruídas em breve e afinal todas passaram para outras empresas, nenhuma para a deles. Omar ameaçava agora ficar com noventa por cento da CTC, deixando dez por cento para ele e isto é porque, enfim,

se considerava uma pessoa generosa e não gostava de deixar ninguém na miséria. O cabrão do americano não se contentava com a construtora como Karim, queria a firma toda. E argumentava que com dez por cento de uma CTC a funcionar com gestão de empresa do Primeiro Mundo, Caposso ganhava muito mais dinheiro do que com a totalidade das acções de uma firma a funcionar à moda da idade da pedra, que era o estado actual da CTC. O americano era outro filho da puta e um ordinário ainda por cima, fazia todos os possíveis por humilhar e ofender, não tinha evidentemente a finura de Karim que, embora nitidamente chateado, ao menos não deixava de cumprimentar e mesmo visitar a família e de falar polidamente com ele, embora exigindo firmemente a totalidade das quotas, que achava de seu direito. Gente de outra civilização, milenar, achava VC, influenciado por alguns complexos aprendidos dos europeus.

O azar de Vladimiro Caposso começou, talvez por coincidência, com o seu casamento pela igreja. Será que a cruz trazida ao pescoço afinal lhe dava infortúnio? Em vez de talismã, feitiço maligno? Bebiana se benzeu muitas vezes, horrorizada, como podes pensar numa heresia dessas? E Bebiana lhe prescreveu imediatamente alguns chás especiais comprados no mercado de S. Paulo a umas velhas que sabiam lidar com os espíritos dos antepassados e afastar as artes do demónio. As mistelas, rezas e fumigações recomendadas pelas velhas e por um kimbanda afamado do bairro Palanca não devem ter dado resultado, algo falhara, pois o americano continuava a ameaçar Caposso com a conquista das acções da CTC.

— A CTC é minha e ninguém tem o direito de sequer sonhar com ela.

Disse isso a Teresa, sua última novidade, uma menina de dezasseis anos de idade que começara a frequentar dois meses atrás. A menina sorria às queixas dele, ainda

estudava no ensino de base e não tinha a menor ideia do que eram negócios, achava eram conversas chatas de adultos. Estava apenas interessada em ganhar uns bons presentes, ir a restaurantes e levar algum dinheiro para casa, que o pai era militar reformado e sem um braço, enquanto a mãe trabalhava como lavadeira para dois casais franceses que retilavam sempre que ela pedia aumento do ordenado. Vladimiro conheceu Teresa na rua.

Na Ilha, às oito da noite, parado a olhar para o mar dentro do carro, mas sem ver nada, pensava se havia ou não de retirar algum dinheiro de um paraíso fiscal onde tinha depositada a fortuna ganha nos anos noventa, para pagar dívidas e avançar com alguns empreendimentos em Angola. Mastigava há tempos essa dúvida. Aquele dinheiro estava seguro lá fora e dava para todos viverem tranquilamente durante a existência inteira, a dele e a dos filhos. É verdade que tinha gasto uma parte nos excessos sumptuosos que cometia fora de Angola, sobretudo as fortunas que tinha perdido em noites de loucura nos casinos ou nos cabarés mais afamados ou até o despautério aparatoso do casamento. Mas, mesmo com esses gastos espalhafatosos, ainda tinha contas muito pesadas nos bancos. Valia a pena arriscar, mandar vir algum dele, para limpar o nome e deixar de ter gente a chateá-lo? Se tivesse algum dinheiro a sério, digamos um milhão de dólares, dividido por dois bancos de Luanda, todas as portas voltariam a se abrir para ele, bastava fazer constar, estava seguro. Sobretudo as dos outros bancos, sedentos de iguais depósitos. Mas não era um risco? Se vinha uma revolução, um terramoto, um sacaninha ladrão como muitos que conhecia? Não ficava pobre, um milhão era uma pequena parte do que realmente possuía lá fora, mas doía perder esse kumbú pelas lamechices patrióticas de investir no país. Estava nestas dúvidas olhando sem ver o mar na noite escura,

quando lhe bateram no vidro lateral do carro. Era uma miúda, bonitinha por sinal.

— Estás sozinho tão triste... — disse ela quando Caposso baixou o vidro.

— Estou a pensar na minha vida. E tu?

— Estou a ganhar a vida. Queres que te faça um broche?

— Xê, miúda! Então falas logo assim?

— E vai ser mais como?

Caposso lhe apalpou as mamas com a mão esquerda. Durinhas, pequenas.

— Dá a volta e entra no carro.

— Faço tudo o que quiseres. Vinte dólares. Noite inteira é trinta.

Ele meteu a mão no cofre do tablier, tirou preservativos que tinha sempre para prevenção.

— Broche com isso? — perguntou a menina.

— Broche e tudo o mais. Sempre com isto.

Foi assim que conheceu Teresa. Engraçou com a mocinha, esperta e ingénua ao mesmo tempo. Ainda tinha o sexo bem apertado apesar de exhibir muita experiência, passou a frequentá-la. Iam amiúde para um motel da Ilha, depois ele deixava-a à entrada do bairro, o Sambizanga. Com um carro daqueles de topo de gama não ousava penetrar nos bairros populares, tinha medo de ser assaltado. Em vez de falar sobre coisas correntes que ela pudesse compreender e até participar da conversa, explicava os negócios, as armadilhas dos concorrentes e inimigos, os projectos e as dúvidas. Só não falava do dinheiro que tinha fora do país, isso era segredo, mesmo para Teresa. Embora muita gente soubesse ou pelo menos suspeitasse. Mas não era ele que ia fornecer provas, ora porra, pá.

Por exemplo, o Nunes Cara de Rato sabia de muita coisa, ele é que lhe tratara dessas transferências naqueles tempos antigos. O Nunes agora era dono de

banco, associado a outros tubarões. Até engordou um pouco e perdeu parcialmente a cara de rato. Tinha escapado para território espanhol na guerra de 92 e ficou por lá algum tempo. Voltou quatro anos depois, mais gordo e com pose de empresário de sucesso. Montou um banco ainda pequeno e agora era das pessoas que mais bradava contra a corrupção. O filho da puta foi um dos que lhe recusou dinheiro, sabe, Caposso, agora há relatórios e contas e devemos pagar impostos ao Estado, tudo legal. Já não dá para arriscar negócios com certas pessoas nossas conhecidas que ainda não perderam os vícios antigos do facilitismo e da improvisação, se borram para a contabilidade, gastam dinheiro à toa e não constroem nada de válido para o país, nem honram os compromissos assumidos, está a entender, agora é capitalismo a sério, temos de defender os nossos bens, ser legalistas. Muita conversa para lhe dizer no fundo, você não é de confiança, não leva nem um kwanza do meu banco. Cabrão, enriqueceu com o meu dinheiro, ficava com vinte por cento do que transferia ilegalmente para o exterior, e agora fala assim. Mas não adiantava atirar com isso à cara, toda a gente sabia do passado do Nunes, o que não o impedia de ser convidado para as festas mais finas da capital e comer nas melhores mesas. E era passado igual ao dele, portanto para quê atirar a primeira pedra? Saiu, frustrado e humilhado do gabinete do cara de rato, ainda te hei-de apanhar numa rua escura, desfaço-te, mas a ameaça nem lhe saiu dos lábios, anémica à partida.

— E se vendesse o meu avião? Ficava só com o helicóptero.

Teresa arredondou os olhos, tens avião? Daqueles que andam mesmo lá em cima? Como ele concordou silenciosamente, acenando com a cabeça, a miúda juntou as mãos como em oração, és mais importante que eu pensava, parecia dizer. Ou então agradecia aos céus

por lhe ter caído um homem tão rico que até avião tinha. Mas não foi uma ideia dele, VC. Tinha sido sugestão de Karim.

O paquistanês lhe propôs, na véspera, em visita habitual a casa dos Caposso. Ficaram a beber juntos, olhando para um jogo de futebol inglês que passava na televisão, enquanto as senhoras noutro canto da sala combinavam uma actividade qualquer que metia também Mireille e Djamila.

— Podíamos resolver a nossa pendência de outra maneira — disse Karim. — Tenho aí uma pessoa que me propôs uma coisa interessante. Mas para isso preciso de um avião como o seu. Você entrega-me o avião e ficam zeradas as nossas contas.

— Para que precisa de um avião? Não me diga que vai montar companhia aérea para a Lunda agora que já se pode andar por terra... Isso era negócio antigo, do tempo da guerra, hoje essas companhias estão todas a ir à falência.

— Assunto meu, Vladimiro. Mas não é para transportes da Lunda, não. Que acha da minha proposta? Entrega-me o avião e pronto, deixa de ter dívidas para comigo, até mantém a sua quota na construtora. Porque sou seu amigo e leal...

Não quis decidir no momento. Agora contava para Teresa, não para lhe pedir conselho, que sabia das coisas uma putinha de dezasseis anos? Mas isso ajudava-o a pensar. Entregava o avião, mantinha a sociedade dos diamantes com Karim, e a construtora com ele e o sacana do ianque. Mais cedo ou mais tarde ia conseguir umas obras encomendadas, havia tantos ministros que tinham comido da mão dele, nem todos podiam ser uns filhos da puta de uns ingratos. Bastavam duas pontes e uma estrada entre duas cidades médias que punham logologo as finanças todas em dia, porque mais de metade era lucro puro, duplicavam os custos das obras e

acabou-se, ninguém controlava... não era bem assim, agora andavam a ameaçar controlar com o Tribunal de Contas e até alguns mais exagerados ou menos espertos ou menos apoiados começavam a responder em tribunais por desvios de património do Estado. De qualquer modo, podia não ser metade lucro mas ainda seria muito dinheiro, o suficiente para contentar os dois sócios e deixarem de o chatear. E os técnicos garantiam, a empresa de diamantes tinha todas as possibilidades de dar muito dinheiro, era só chegarem a um certo sítio que eles sabiam. Talvez fosse uma boa ideia despachar o avião, condenado a fazer despesas no aeroporto sem préstimo quase nenhum, só o usava actualmente para umas viagens particulares a S. Tomé ou à fazenda Karan. Agora que tinha de se impor contenção de despesas, o avião não lhe servia para nada, só para ter de pagar salários à tripulação dormindo à sombra da bananeira e estadias no aeroporto. Dava o avião e guardava o helicóptero, muito mais útil.

— Me levas a passear de avião? Nunca andei.

Acariciou as reluzentes coxas da menina com a mão direita, enquanto continuava a conduzir com a esquerda.

— No avião não, vou entregá-lo. Talvez, enfim, não decidi. Mas prometo, te levo no helicóptero, ainda é melhor.

Ela bateu palmas. Já se imaginava contar para as amigas, jovens prostitutas na Ilha ou na Marginal, o meu homem rico me levou a passear num licóptero, e depois ele disse no piloto fica só olhar na frente, não olha para trás, e fodemos ali mesmo, em cima de Luanda, com o mar e as casas em baixo e ele a me foder e eu a ver tudo lá de cima, lindo, lindo, parecia era filme.

Enquanto isso não acontecia no ar, ele aproveitou a escuridão do fundo da Ilha para aliviar os ovos, pensando que uma limusina era mais cómoda para estas aventuras. Fora parvo, recusou há tempos ficar com uma

de segunda mão, propriedade de um ricoço caído em falência súbita e querendo urgentemente se livrar da carroça. Hesitara por causa do trânsito. Já era tão difícil andar nas ruas de Luanda, ainda mais de limusina! Foi parvo, porque todos o deixavam passar, até abriam alas, só para poderem admirar o carro, seria melhor que ter sirene como os ministros. Agora, no entanto, já não era o momento. Se aparecesse de limusina, os credores iam pensar estava a gozar com eles, passariam para os tribunais e isso era coisa que ele devia ao máximo evitar. O que lhe fez lembrar a conversa do Ivan, havia um matumbo qualquer que tinha intentado um processo por causa da fazenda Karan em defesa dos direitos dos criadores tradicionais. Estava com a miúda trabalhando diligentemente por cima dele, quando lembrou, devia mandar o José Matias, seu homem de mão, à Huíla, saber dos casos. Ia o advogado, claro, mas também o José Matias. Um sem saber do outro, evidentemente. Para certos assuntos, Ivan era miúdo demais. E não devia meter o filho em mambos desses, reservados a adultos com muita experiência da vida.

Com efeito, um jovem juiz do Lubango tinha decidido levar a sério o processo intentado pelo advogado Sebastião Lopes em nome dos criadores de gado da região, defendidos na prática pela ONG DECTRA e seu presidente, Bernardino Chipengula. É necessário dizer, para que justiça seja feita, o juiz foi particularmente sensível a uma conversa tida com o bispo do Lubango, o qual lhe explicou as condições difíceis de vida dos criadores desde que o caminho secular lhes foi vedado e o rio desviado. O caso tinha chegado aos atentos ouvidos do governador e ele chamou o juiz para que se explicasse, como era possível que na área dele se intentasse um processo contra uma pessoa tão respeitável e patriota como o senhor Vladimiro Caposso? Devia haver algum erro. O juiz explicou, não havia erro

nenhum, a queixa era de facto fundamentada e a polícia já tinha investigado o caso, concordando inteiramente com os queixosos, aquela era a situação real. Sabendo que o próprio bispo também tinha dado os seus alvitre, mais preocupado ficou o governador e telefonou para o ministro que coordenava os assuntos provinciais. Por prudência, antes de falar a Caposso. E o ministro disse, beatífico, não me admira haver processos desses contra ele, aparentemente esse senhor perdeu posições e prestígio, têm aparecido algumas pessoas a se queixarem de grossas falcatuas. E o ministro aconselhou paternalmente o governador, não se meta no caso, ignore, deixe a justiça agir como puder. O governador ficou num dilema. Por amizade e até alguma gratidão por ter beneficiado das larguezas de VC devia pelo menos avisá-lo do que passava. Mas o ministro, informado de todas as intrigas de Luanda, fora claro nos seus conselhos, deixe andar. Quem era ele para desobedecer a um conselho tão peremptório? Ficou mudo, até o tribunal convocar o Ivan, à falta de outro dono da fazenda, para uma primeira intimação.

O próprio Ivan explicou ao advogado mandado pelo pai, a questão pode ser resolvida razoavelmente com um caminho pelo meio da propriedade para o gado passar, um intervalo de uns cinquenta metros na vedação satisfaz. Mais complicado é o rio, era preciso desfazer a represa e adeus lago para velejar e água para o campo de golfe que fora inaugurado e nunca mais ninguém jogara, jogo demasiado complicado e chato, opinião de Caposso. O advogado de VC falou com o juiz, obteve cópia das queixas, um prazo conveniente para se preparar, analisou a situação, voltou para Luanda. José Matias tinha outra missão e ficou na fazenda, com um carro à disposição, indo e vindo para o Lubango ou para os kimbo, conversando com os trabalhadores sem deixar Ivan se meter, ordens do seu pai, menino Ivan, eu

tenho uma missão mas você não deve saber qual é. José Matias já tinha alguma idade, rondava talvez os quarenta e cinco, mas continuava magro, muito ágil e activo, saltava para o carro como um menino e não parecia cansado quando chegava noite alta à fazenda para dormir. Ivan bem tentava tirar-lhe informações, ele só sorria, um túmulo. Era claro, andava a descobrir quem estava realmente por trás das queixas. O que não foi difícil. Rapidamente chegou a Bernardino Chipengula. Os guardas da propriedade também lhe informaram que Chipengula bastantes vezes passava junto da cerca da fazenda a caminho dos kimbos do sul. E ele foi também lá e perguntou bem e teve respostas, sim, Chipengula era grande amigo e nos ajuda muito, tem dado bons conselhos e assim vamos conseguir acabar com esse arame farpado que não deixa os nossos bois passarem. Aproveitou também saber os sítios frequentados pelo activista da DECTRA, estudou-os minuciosamente a todos, de maneira que no regresso a Luanda levava um relatório pormenorizado que completava o do advogado e abria outras perspectivas.

VC tinha ficado furioso quando soube o nome do maldito jurista que tinha movido o processo, o seu antigo amigo Sebastião Lopes, o qual o tinha levado para a política mas se recusara a ajudá-lo a se inscrever no MPLA por Vladimiro ser dono de loja. Pelos vistos a cadeia não o corrigiu, continua com ideias extremistas, o sacana do Sebastião. Concordou no entanto com o advogado em resolver o caso amigavelmente, talvez se pudesse chegar a um acordo para deixar os bois passar. E era só. O advogado devia ir negociar com Sebastião, concessões de ambos os lados, VC aceitava fazer uma passagem para o gado, ficar com a fazenda cortada ao meio, mas não se mexia no rio, concessão do outro lado. O advogado reuniu com o colega mas veio cabisbaixo. A ideia do corredor era aceite, aliás partira mesmo de

Sebastião ou de Bernardino Chipengula, o que vai dar no mesmo. Mas tinha de se repor o rio a correr para lá da propriedade de Vladimiro, ninguém tinha o direito de matar à sede populações vivendo há séculos daquele rio. Ou se acabava com a represa ou o caso ia mesmo a tribunal. O advogado aproveitou avançar:

— Se vamos a tribunal temos fortes possibilidades de perder. Há que contar com o novo ambiente político, as forças que se movem do outro lado, aberta ou escondidamente...

Caposso virou fera, não admitia derrotas, tinha de mover as suas influências, quem pensavam que ele era? O advogado insistiu timidamente, talvez valha a pena negociar mais um bocado, chegar a um acordo.

— Acordo, sim. Mas nos termos que eu disse. Corredor por um lado, o rio pelo outro. Como é que querem ganhar dos dois lados? Eles não fazem concessões, só eu? Esse Sebastião Lopes é conhecido, um radical, continua o mesmo de sempre, aposto que é da oposição política, só pode. E o governo vai apoiar-me. Se querem guerra, vão ter.

— No Lubango ouvi dizer, foi o próprio juiz que me disse, a igreja está com eles...

— Que se lixe a igreja, são uma cambada de hipócritas! Todos uns chupistas, sempre a verem quem paga mais.

Vladimiro ainda não tinha perdoado o baile que a igreja andava a dar-lhe. Casara como querem os Mandamentos, transportava ao pescoço uma cruz pesada de ouro e brilhantes, uma incomodidade constante, e afinal não aceitavam entrar em negócios a propósito da Ilha dos Padres, pelo menos andavam a engonhar, a ganhar tempo. E agora a mesma igreja vinha apoiar uns matumbos tradicionalistas e portanto feiticistas contra ele, um católico casado pela igreja?

Depois se lembrou do silêncio do governador. Como era possível que o seu amigo não lhe tivesse dito nada? O

governador não podia deixar de saber do assunto. E calara, não avisou do que se tramava. Grande traidor, mais um. Ligou para ele, o qual de facto não negou já ter o caso chegado ao seu conhecimento, mas pensava estar tudo ainda muito verde, podendo facilmente se chegar a um acordo equitativo, não havia que se irritar, mas Caposso estava mesmo irritado e ameaçou que ia afogar o Lubango inteiro numa onda de confusão tremenda e ia ficar afinal a saber quem eram os verdadeiros amigos, os que o tinham aconselhado e encorajado a criar a fazenda, até escolhido o sítio, para agora começarem a fugir dos mambos, só porque um advogadozinho tinha resolvido mover um processo filho da puta. O governador sabia mais coisas mas evitou deitar pólvora na fogueira, antes tentou aquietar, o assunto acaba por ser esclarecido a contento de todos, vais ver, é preciso ter calma.

Mas foi mesmo José Matias, chegado com o seu relatório, que explicou as coisas todas e a seriedade das mesmas. Falou de Bernardino, da sua ONG, das reuniões constantes com os criadores, da ida de Sebastião Lopes à Huíla, do apoio da igreja, da posição ambígua do governador, das idas e vindas das pessoas da DECTRA, que de facto se resumia a uma família mas muito activa, da facilidade de resolver o assunto enfraquecendo o foco principal de instabilidade.

— Como assim? — perguntou Caposso.

— O problema é mesmo esse Chipengula. Se ele for pastar para outras paragens, acabou, os criadores metem o rabo entre as pernas e o advogado retira a queixa.

— Achas?

José Matias, homem parco em palavras, preferindo a acção directa, apenas encolheu os ombros.

Era evidentemente uma sugestão interessante para VC. Mas não encorajou o seu homem de mão a

desenvolver a ideia, ele é que tinha de pensar e muito sobre o assunto. Já havia demasiada gente ao corrente e, ainda por cima, um processo a correr no tribunal. O súbito desaparecimento de alguém metido, mesmo indirectamente, no caso podia ser muito prejudicial. Despachou José Matias para outros afazeres, ficou a pensar. E depois chamou o advogado, o qual confirmou a sua ideia. Em nenhuma linha da queixa ou do processo se fazia menção à DECTRA nem a Bernardino Chipengula. Apareceria como testemunha se o caso avançasse até julgamento, era certo, até porque defender os criadores tradicionais era a sua razão de ser. E não só essa ONG. Apareceriam como testemunhas pessoas ligadas à igreja, a Amnistia Internacional, a GreenPeace e todos aqueles bálticos dos direitos humanos.

— Porra, pá — disse Caposso. — Tudo isso? Estamos lixados. Os juízes e os governos borram-se de medo com esses tipos...

— Conheço muito bem o Dr. Sebastião Lopes. Tenho a certeza, ele vai meter todas essas organizações ao barulho...

— Vai ser um tremendo fogo-de-artifício — concordou Caposso.

— Por isso acho, desculpe insistir mas é meu dever... é melhor mesmo chegar a um acordo. Aceite repor o rio como estava.

— E o meu lago?

— Arranja outra coisa para se divertir. Estive a ver a propriedade. Sou um modesto advogado, não percebo nada dessas coisas. Mas fiquei impressionado com o que o seu filho me mostrou, aquilo é uma riqueza imensa. Pode abastecer Luanda inteira só com aquelas terras. Se não toda Luanda, pelo menos uma parte. Se me permite o abuso... O lago não é importante, o que vale ali são as terras e o que podem produzir. É um conselho de amigo.

O advogado devia estar quase em pânico por ter manifestado a sua opinião de uma forma tão clara e temerária. Conhecia VC e as suas súbitas iras quando era contrariado. Mas desta vez o empresário parece que ouviu mesmo a voz da razão. Sentado à secretária, diante de três telefones, um verde, um preto e um branco, daqueles antigos que enfeitavam os gabinetes dos chefes e que ele tinha feito questão de recuperar de algumas repartições públicas só para enfeite, abanou a cabeça.

— Parece mesmo que é uma guerra perdida. Sacana do Sebastião Lopes. Está bem, pode preparar o acordo. De qualquer modo, velejar no lago era perigoso, nunca aprendi a nadar. E o golfe é jogo para velhos e maricas que não conseguem meter o que interessa em verdadeiros buracos.

Agosto de 2004

Está outra vez no buraco, pensou Nga Celestina das Dores. De facto o filho mais velho cresceu sempre com aquela tristeza misteriosa que lhe consumia, foi para a Faculdade, melhorou, o sorriso frequentemente nos lábios, brincando com os irmãos e os pais, era outro. Depois de algum tempo, de novo a tristeza. Até terminar o curso. Só em raros períodos das férias se animava. Nunca aceitou falar do assunto, nem com Zeca, o irmão mais novo. O amigo Kasseke sabia do enigma, era certamente o único com quem o filho se abria. Nga Celestina acabou por conhecer o segredo que Kasseke também escondia, lhe contou Zeca, o boca grande da família. Aquele terrível segredo para um homem, ser decepado do membro mais importante. Teve ainda mais pena do rapaz, agora já um homem feito, mas sempre carregando a sua cruz.

Celestina das Dores não ousava perguntar a Kasseke qual o drama que perseguia o filho. Sabia, se tratava de mulher, só podia. Uma mulher que ele conheceu quando era muito novo e lhe deu e tirou a alegria de viver. Bem, também não era bem assim, ele sempre gostou dos estudos e do trabalho na oficina, já inventava coisas de que todos os amigos se orgulhavam. Nacib era de facto conhecido como o génio do Catambor, o homem das invenções, algumas que pareciam mesmo dar certo. Alegria tinha. Mas ao mesmo tempo aquela melancolia constante, só por períodos compensada com lampejos de súbito júbilo, os olhos brilhando. Ela não entendia. Um dia lhe perguntou mesmo, mas essa mulher de que tu gostas, que passa com ela? Não há mulher nenhuma,

mãe, que estória é essa? Ela não insistiu, mas não ficou convencida. Kasseke sabia e não traía o amigo. Sabia, de certeza sabia, a intuição de Celestina afirmava e confirmava, as conversas que os dois tinham não eram só sobre os dramas de Kasseke. Um segredo contado a um puxa o segredo do outro. Ela podia ajudar, mas assim como fazer? Podia mesmo ajudar? Esses meninos da cidade, com estudos, podiam ser ajudados por uma matumba do mato como ela? Podia ajudar, sim, pelo menos com carinho se não com conselhos.

E a mãe estava com toda a razão. Kasseke era a única pessoa conhecedora da paixão louca e desesperada de Nacib por Mireille, até a viu algumas vezes, Nacib mostrou. Bonita, fina, rica demais. Kasseke tinha crescido e deixado de ser menino de rua. Amadureceu, conseguiu um emprego fixo, abandonou as erráticas vendas pelas ruas. E foi autorizado a aproveitar o muro da casa de Bernardo Domingos para parede principal do seu cubico coberto de chapas, usufruindo o único espaço que por milagre se conservava livre na zona, cerca de quatro metros quadrados. Para ele chegava. E sem kinhunga, dificilmente podia aspirar a arranjar mulher. O outro miúdo que com ele cresceu nas sarjetas da Marien Ngouabi, Manuel, há muito tinha morrido de forma estranha. Lhe rebentaram borbulhas por todo o corpo, se transformaram em chagas. Kasseke levou-o ao hospital mais próximo, mas este estava todo cheio, mesmo os corredores com doentes deitados, não havia sítio onde pudesse ser internado, receitaram apenas medicamentos e mandaram-no embora para a sarjeta. Kasseke comprou os medicamentos com os poucos kwanzas que acumulou mas de pouco adiantou, Manuel morreu dias depois. Até hoje Kasseke não crê em causas naturais para a morte de Manuel. Acusado de feitiçaria pela própria família, Manuel deve ter sido vítima dela. Lhe despacharam mesmo, dizia para Nacib. Borbulhas aparecerem assim,

virarem ferida num instante, todo o corpo? Nunca vi isso. Nem o médico que lhe consultou, ele estava mesmo admirado, os medicamentos que receitou foram só para esconder a ignorância do doutor, morte muito estranha.

De maneira que vivia sozinho naquele quartinho onde a chuva não entrava, porque mesmo sô Bernardo Domingos ajudou a colocar as chapas direitinhas, era carpinteiro mas também sabia de casas de musseque, tinha visto muita coisa na vida. Nacib e Zeca ajudaram a colocar os adobes das paredes num fim-de-semana, o cubico ficou pronto num instante. Vivia protegido pelos amigos, comia muitas vezes com eles. O emprego não era grande coisa, carregador no armazém de um libanês a quem antes ele comprava alguns produtos que vendia pelas ruas, mas tinha poucos gastos e o magro salário chegava para a comida e a roupa. Tinha hesitado na oferta de Bernardo Domingos, o carpinteiro se comprometia a fazer um cangulo de madeira, para ele se tornar roboteiro. O mais difícil podia ser arranjar a roda, mas certamente o Matias na sua oficina resolvia o assunto, havia sempre por lá rodas velhas e de todos os tamanhos. Era uma proposta tentadora, mas entretanto apareceu o emprego no armazém, ele preferiu. E não dava trabalho aos amigos, além de ser mais estável que o serviço de roboteiro, sempre dependente da clientela precisando transportar produtos ou compras pesadas e sem dinheiro para alugar uma carrinha. Tornado vizinho, passou a ser o melhor amigo de Nacib e seu confidente, foi ele que soube da americana Susan e sobretudo, das confusões sentimentais com Mireille. Não podia ser um bom conselheiro, condenado que estava a não conhecer mulher, mas o que Nacib lhe contava o enchia de dúvidas. Pôssas, essa Mireille faz o meu amigo parecer cão que leva paulada e ainda vem lamber a mão de quem lhe bateu. Um Nacib tão corajoso, tão decidido, conseguindo alcançar todos os sonhos, não tem coragem

de ver a realidade de frente, pensamentos de menino da rua, treinado a analisar rapidamente situações e caracteres.

O amigo lhe tinha contado logologo a cena do rompimento, aparentemente definitivo, quando Mireille foi informada sobre o relacionamento tido com Susan na Califórnia.

— Aí tem coisa, Nacib. Não sei o que é, mas não parece normal.

A Nacib também não parecia. Por isso no dia seguinte voltou a ir a casa dela, já lhe devia ter passado a birra. O guarda informou, saiu cedo e não voltou. Recusou usar o telefone, aquele assunto tinha de ser tratado olhos nos olhos. Foi dar uma volta durante duas horas, regressou ao portão dela. Ainda era o mesmo guarda, só abanou negativamente a cabeça. Nacib voltou no dia seguinte a uma hora mais tardia, mas ela estava a dormir. Tocou à campainha, cheio de coragem, falou com a empregada, tenho ordens da menina, não posso lhe acordar. Três horas depois Mireille ainda dormia. Dez horas depois veio a resposta, Mireille se recusava a falar com ele. A empregada, farta de os ver juntos no muro durante tantos anos, se condoeu do rapaz, ela está mesmo zangada, é melhor deixar passar uns dias. Mas não adiantou. Na semana seguinte a resposta era a mesma, com toda a sua dureza, ele que me deixe definitivamente em paz.

Nacib deixou. Nunca mais passou naquela rua. Entretanto acabaram as férias e teve de regressar para a sonda. O seu trabalho provisório, sempre à espera que a futura refinaria do Lobito desse o primeiro sinal de vida, era numa plataforma em alto-mar. Vinte e oito dias no mar e vinte e oito dias de férias em terra. Com excepção dos loucos de mar, que também passavam os vinte e oito dias de férias num barco de recreio. Não era uma má vida, com a reserva de não ser exactamente aquele

trabalho que lhe interessava. Havia máquinas e motores com que se ocu par, sem dúvida, mas ele sonhava com a refinaria, a qual fazia parte de todos os projectos da empresa e do governo mas estava muito longe de ser sequer começada. Não precisava de estar pronta, no entanto. Antes de ela começar a funcionar, bem antes, Nacib teria de ir para o Lobito, ajudando na montagem. Mas esses tempos pareciam muito longínquos, pois de facto primeiro tinha de haver a construção.

No mar, a solidão por causa de Mireille era pior que em Luanda. Na sonda, só com homens, muitos deles rudes por causa do trabalho duro que tinham longe da família e da sensação sufocante de estarem numa ilha artificial prestes a explodir a qualquer momento e sem vista para qualquer pedaço de terra, conseguia de encontrar distração para o sofrimento. Havia colegas, jogos, brincadeiras, televisão, Internet, tudo o que a companhia concebera para tornar menos monótona a existência em pleno mar alto. E havia o trabalho interessante, a possibilidade de ir aprendendo mais coisas e, sobretudo, o papel branco onde desenhava livremente os seus projectos de aviões ou máquinas estranhas movidas a vento. No entanto, os interstícios do tempo estavam sempre preenchidos pela imagem dorida de Mireille. Não mais como antes, a figura delicada que se insinuava para lhe sorrir e dar confiança, mas a imagem que lhe apertava o coração e indicava os fogos da traição. E se perguntava, traição realmente de quem? Minha certamente, não fujo a ela. Mas só minha? A dúvida a corroê-lo, a aproximá-lo da dura verdade, apesar da resistência por ele próprio oposta. Dúvida fugaz, logo varrida pela tirania da ingenuidade ou, se preferirem, do amor. Ele tinha de facto traído e só ele tinha traído, Mireille era incapaz de o enganar, de lhe mentir, na mais pequena e desimportante coisa que fosse, conhecia-a de

menina, pura como as trancinhas que usava quando a viu pela primeira vez.

Escreveu uma carta falando de isso tudo. À noite, deitou a carta ao mar. Mas não dentro de uma garrafa. Deitou apenas o papel, ela nunca leria a carta, nem ninguém, pois os peixes ainda não foram alfabetizados. Podia tentar o contacto por telefone ou e-mail, na plataforma tudo era possível. Mas ela tinha exigido que a deixasse definitivamente em paz. E não era ele que ia lhe fazer a guerra. Só havia uma solução, ele sabia. Qualquer pessoa lho diria, a mãe, o Kasseke, o Zeca, ou até o padrinho cabo-verdiano se soubesse do caso. Esquece, parte para outra. Sim, essa era a solução óbvia. E depois? Adiantava mesmo alguma coisa saber disso? Alguma vez algum enamorado ouviu essa voz dita da razão? E tinha até dúvidas que o melhor aliado para tais casos de dor de corno, o tempo, fizesse seriamente o seu trabalho. Claro, é o que vem nos livros e todos os conselheiros sentimentais o proclamam, o tempo é o melhor remédio para olvidar. Sempre? Que significa o tempo em face de todo um passado, mesmo que curto, pensando na mulher amada? Qual é o peso do tempo em comparação com o do amor não correspondido?

[Por estas elucubrações de um triste jovem postado numa sonda de petróleo a mais de cem milhas da costa, olhando o mar onde só um ou outro peixe voador se avista, nos apercebemos que não é nenhum maluco nem pessoa em estado de choque. Já antes ficou claro, Nacib é alguém extremamente lúcido. O que não o impede de ser enganado, e reforçaria eu sem medo do lugar comum, miseravelmente enganado. Reforçaria mas não o faço, pois o autor deve ser neutro nos conflitos que as suas personagens criam.]

O engenheiro regressou ao seu quarto da plataforma, de onde tinha retirado a fotografia de Mireille. Não a deitou ao mar, antes escreveu no verso da fotografia:

«Estou no buraco cavado por um obus. Apesar do calor, bato os dentes. Medo? Mireille passou pelo ar, como roçar de anjo sem asas, luminosa na sua ausência. Ou era só o vento roçando em folhas de acácia? Quanto mais tempo vou aguentar a água deste poço em que me encontro, vivendo de sonhos etéreos?»

Releu duas vezes o que escrevera, guardou depois a fotografia na mala. E pensou tristemente, estirado na cama a olhar para o tecto falso, nunca haveria de fazer essa coisa ridícula de pedir a mão da filha ao magnate Vladimiro Caposso.

O qual VC, nesse momento preciso, se preparava para avançar para o gabinete de Sebastião Lopes, como se atacasse uma fortaleza inimiga. Chegado ao endereço, constatou o que desconfiara antes, se tratava de um prédio sujo no Marçal, perto da residência dos pais de Bebianá. O gabinete ficava num segundo andar. Elevador não tinha, claro, era daqueles prédios cuja caixa de elevador servira para depósito do lixo dos ocupantes e, com o progresso, retiraram o lixo de lá, mas a caixa passou a servir de residência a algum deslocado de guerra. As escadas e os corredores estavam escuros de sujidade e barulhentos pelas dezenas de crianças que subiam e desciam, correndo e berrando. Porra, pá, o Sebastião não é um advogado de sucesso, para ter gabinete num sítio destes. Folgo muito com isso.

Havia uma placa numa porta, «Sebastião Lopes, advogado». Em baixo, alguém acrescentara à mão «de causas populares». Quem sabe tinha sido o próprio Sebastião. Se não foi ele, pelo menos não apagou o dito, portanto gostou do acréscimo. Não precisou de bater à porta, esta se abriu para a saída de um rapaz com mau aspecto, parecia ter escapado da cadeia. Pela porta aberta viu mais três pessoas na sala de entrada. Não havia secretária, apenas algumas cadeiras desocupadas. As três pessoas, dois homens e uma mulher,

conversavam de pé. Caposso entrou e o silêncio se estabeleceu instantaneamente. Os três olhavam surpresos para o recém-chegado, parecendo vir de outra galáxia. Reconheceram-me, serei assim tão famoso? Gostava disso, não ficava nada encabulado. Avançou para o quarto, olhando à volta. Vá lá, as paredes estavam pintadas e o chão limpo. Agradável contraste com a sujeira do prédio. As cadeiras eram do mais barato que havia, uma armação de ferro e fitas de plástico para preencher os espaços. Usou a sua voz de comando:

— Venho falar com o Dr. Sebastião Lopes. Podem dizer-me como se faz?

A mulher moveu a cabeça para a porta do lado, fechada. Nenhum dos homens se dignou dar qualquer indicação, olhavam para ele apenas. De repente, Vladimiro se sentiu deslocado. Provavelmente pelo fato e gravata, pouco próprio para aqueles ambientes. Ficaram os quatro se fitando, até a mulher tomar a iniciativa.

— Ele já vai aparecer, estamos à espera. O melhor é sentar.

— Muito obrigado.

De facto, seria melhor esperar sentado do que de pé. Temeu que as fitas de plástico não aguentassem o seu peso, mas esticaram um pouco e se amoldaram à bunda generosa. Não era tão incómodo como tinha suposto à primeira. De facto, quando era jovem, usara dessas cadeiras, toda a gente pobre ali no Marçal usava. Ele é que deixara de frequentar os meios dos primeiros tempos de Luanda e agora só se esparramava em poltronas e sofás de couro.

Ao fim de algum tempo, a porta do quarto ao lado abriu-se. Apareceu Sebastião com um papel que entregou às pessoas de pé, pronto, com isto fica tudo resolvido, podem confiar. As pessoas agradeceram profusamente, a mulher lhe segurando na mão como para a beijar e o advogado puxando delicadamente. VC

tinha intuição para algumas cenas, se tratava de algum trabalho vital para aquela gente feito por Sebastião Lopes, provavelmente sem cobrar, e por isso estavam tão agradecidos. Sentiu alguma inveja, há muitos anos ninguém lhe olhava daquela maneira, grata e humedecida, com respeito também. Logo atalhou, sim, Sebastião até podia ser popular e respeitado ali naquele bairro onde cresceu, mas nunca seria rico.

As pessoas saíram e então o advogado viu-o, ainda sentado. Não evitou um movimento de surpresa, mas nada disse. Caposso levantou-se, caminhou para ele com a mão estendida:

— Quanto tempo, Sebastião! Como estás de saúde?

O outro, depois de uma ligeira hesitação, apertou a mão que se oferecia, mas sem um sorriso e ainda confuso. Tinha de responder, fê-lo secamente:

— Bem, obrigado. E o senhor?

Caposso fez um sorriso ainda mais largo. Levantou a mão como a travar qualquer movimento desconhecido ou a pedir paz.

— Senhor? Agora tratas-me por senhor?

— E não é? Desculpe, julguei...

Passada a surpresa inicial, voltava o Sebastião combativo e mordaz de todos os tempos. Caposso reconheceu o estilo, o sacana não mudava.

— Vim para conversar contigo sobre aquele assunto.

— Estou a tratar com o seu advogado.

— Sei. Mas quis aproveitar isso para reatar o nosso relacionamento. Porra, pá, conhecemo-nos há tanto tempo...

— Muito tempo, de facto.

Sebastião continuava agarrado à porta do seu escritório e não convidava Caposso para entrar. Esquecimento, aturdimento ou apenas agressividade? Vladimiro optou pela última hipótese, queria mostrar ressentimento, mas, francamente, não tinha razão

alguma, nunca lhe fizera mal e até neste caso dissera ao advogado para condescender o mais que podia. Também já era ingratidão demais. Mas não se ia chatear, ia tentar a concórdia.

— Não me deixas entrar? Conversar de pé não dá muito jeito.

Sebastião Lopes pareceu cair em si. Afastou-se bruscamente da porta, estendeu um braço em convite, disse:

— Desculpe, foi distracção. Pode entrar.

O gabinete também estava pintado mas não era decididamente o de um advogado de sucesso, mínimo que fosse. Apenas uma secretária de madeira barata, uma mesinha para o computador e duas cadeiras do mesmo material da secretária, com assento estofado. Uma estante atulhada de papéis ocupava toda a dimensão de uma das paredes. A outra das paredes estava encostada uma grande caixa de madeira pesada com um cadeado, que o olhar experiente de Caposso avaliou como uma espécie de cofre para documentos confidenciais. Aposto que nem um verdadeiro cofre tem escondido numa parede, também não deve precisar, que valores vai guardar? Não havia quadros nem outras formas de decoração, apenas os diplomas do curso e da Ordem de Advogados. Sobre a secretária, a figura de madeira do pensador, único objecto de adorno da sala. Caposso entrou e sentou numa das cadeiras, Sebastião na outra.

— As coisas com o meu advogado estão a correr bem, espero. Eu disse para ele ceder às exigências dos criadores de gado. Mas não vim para entrar nesses detalhes.

— Por acaso devo informá-lo que as coisas com o seu advogado não estão a correr bem. Eu julgava que sim, mas enganei-me. Ele teima em não aceitar o pagamento da indemnização.

— Indemnização?

— Sim — disse Sebastião. — Não apareceu na reivindicação inicial, é certo, foi acrescentada depois. Aquela população tem de ser indemnizada pelos prejuízos que teve durante estes anos todos. Muitos bois se perderam por fazerem percursos maiores. E com o desvio do rio, deixaram de poder cultivar as nakas e portanto tiveram de mudar para terrenos improdutivos, com pouca água e mais longe das aldeias. Estão a viver com muito mais dificuldades do que antes de o senhor aparecer naquela região. Isso tem de ser compensado, é evidente.

— Ora, ouvi dizer que era apenas um corredor para os bois passarem e voltar a deixar correr o rio...

— E os anos de sofrimento não contam? O aumento da miséria não conta? Aumento não, pois não era uma população miserável antes de o senhor chegar. Agora, sim, é miserável.

Caposso respirava fundo, como tinha aprendido com um tipo oriental apresentado pelo Karim para o iniciar em técnicas de relaxamento do corpo e do cérebro, próprias para executivos sujeitos a muito stresse, não só evitando enfartes como asneiras provocadas pela irritação descontrolada. Respira, Caposso, respira fundo e lentamente, concentra-te só na respiração, repetiu para si próprio. Por isso a voz saiu quase normal, apenas uns tons acima.

— E de quanto é essa indemnização, posso saber?

— Fizemos por baixo, não contámos as mortes de velhos aceleradas pelos acontecimentos nem de algumas crianças por má nutrição, cuja contabilidade nos repugnava fazer. Cem mil dólares.

— Vão se foder!

— Repito, contámos por baixo. Se formos a tribunal, será muito mais o que exigiremos. Sabe por acaso quantas crianças morreram? E jovens que abandonaram

as terras porque a situação era insustentável? Esse êxodo também enfraqueceu e empobreceu a população, mas era um pouco subjectivo e difícil de avaliar, preferimos deixar de lado. Mas pode ter a certeza, em tribunal tudo isso vai aparecer, com muitas testemunhas e técnicos a apoiar as alegações.

Caposso deixou de respirar fundo, agora arfava de raiva. Como é que aquele canalha lhe queria ir ao bolso daquela maneira? Se havia coisa que ele não tolerava é que o roubassem, nem que fosse uma pena de galinha. E Sebastião ameaçava lhe roubar um galinheiro inteiro, o grande filho da puta. Arfou e moveu a cabeça, mas não falou, tentando respirar lenta e profundamente.

— Se formos a tribunal, vamos exigir que a propriedade seja dividida ao meio — acrescentou o advogado. — A parte ocidental, onde tem as casas, ficam consigo. Mas a outra metade volta a ser livre para o gado passar. Como vê, só perde em ir a tribunal.

— Porra, pá, isso é roubo.

— E o que fez àquela população? É pior que roubo. Não gostaria de usar grandes palavras, mas é mais próximo de genocídio que de outra coisa.

— Vai te foder! Genocídio! Não me metes medo com essas acusações de político barato.

— Não pretendo meter medo a ninguém. Quem tem medo de si são aqueles criadores que vão desaparecendo por sua culpa. Eles, sim, vivem no medo.

— Porra, pá, porque não me tratas por tu?

— Já o tratei. Em outros tempos. Há muito tempo.

— O que mudou então?

Caposso tinha conseguido controlar a raiva, o oriental afinal era mesmo bom, os exercícios se revelavam milagrosos, evitou a apoplexia anunciada, voltou a respirar fundo, já sem arfar. E mudando a conversa para os tempos em que foram amigos, talvez conseguisse vergar a vontade do outro, tirar a absurda raiva dele,

porra, pá, nunca lhe tinha feito mal nenhum, Sebastião é que desapareceu depois de recusar levá-lo ao MPLA para se inscrever. Não era possível que o outro tivesse esquecido isso. Não tinha culpa nenhuma por o antigo amigo ser preso ou outro qualquer azar que tenha sofrido entretanto.

— Mudou realmente tudo, se quer saber. O senhor, de jovem ingénuo e esperto, embora nada generoso nem desinteressado, passou a ser um sobeta intratável, arrogante, montado num tesouro que muito dificilmente poderá provar ser de proveniência honesta. Eu continuo com as minhas ideias, junto do povo de que os dois saímos. É tão simples de entender...

— Continuas então o mesmo comunista.

— Nunca fui, não sabia muito bem o que isso era no fundo. Julgava ser e julgava saber. Aliás, proclamava isso aos quatro ventos. Só mais tarde descobri, aquele comunismo que eu seguia, aquelas ideias generosas de todos iguais e ninguém acima do outro, não existia em parte nenhuma do mundo, era tudo uma tremenda mentira. No entanto, as generosas ideias de solidariedade para com os outros, não pretender explorar ninguém, lutar para que todos os angolanos tenham oportunidades semelhantes na vida independentemente do que foram os pais, essas ideias ainda são as minhas. Se isso é comunismo, tudo bem, assumo. Mas pode ter a certeza, não é aquele que alguns pretenderam impor aos seus povos pela força. Por isso não me ofende tratando-me de comunista.

VC ouviu em silêncio o discurso do outro. Tinha sido fastidioso, mas ele suportou. Conhecia bem Sebastião Lopes, não mudara muito, sempre ansioso por dar uma lição de política. O novo aspecto no discurso, afinal, era a confissão de solidão do advogado, hoje sem ponto de referência no mundo porque os regimes que se reclamavam do tal comunismo tinham finalmente

mostrado uma face suja. [*Se esperavam ler de mim que «tinham finalmente mostrado as mãos sujas», desenganem-se, não caio nessa inverosimilhança, Caposso nunca leu Sartre, até pode pensar que é alguma marca de água mineral.*] O empresário aproveitou logo o aparente momento de fraqueza do outro para atacar:

— Não tenho esse dinheiro, não posso pagar indemnização nenhuma.

— Não tem dinheiro? Só pode estar a brincar. Toda a gente sabe que tem dinheiro e muito, lá fora.

— Fofocas, mentiras dos meus inimigos. Os negócios estão a correr mal, estou cheio de dívidas, essa é a verdade.

— Se não tivesse muito dinheiro lá fora, não gastava como o faz em despesas faraónicas e de mau gosto. Inútil esconder, toda a gente sabe, aliás há constantes referências nos jornais. Só não se sabe em que sítios e em que bancos está a célebre fortuna. O senhor não consegue esconder que tem muito dinheiro, trai-se nos mais pequenos gestos. Julga que não sabemos o que gastou no seu casamento, só para dar um exemplo? Até os talheres e os cristais para o jantar vieram de França.

— Vês que não sabes tudo? Os cristais vieram de Murano. Nem imaginas onde isso fica.

— Por acaso não sei mesmo.

— Falas das coisas sem saber, desde que sirva para me acusar, me rebaixar. Pois fica sabendo que Murano é uma ilhota perto de Veneza, célebre pelo trabalho de vidro que lá fazem. Fui lá a passeio e encantei-me com aquelas belezas. Foi de Murano, Itália, que veio o serviço de cristal, não de Paris.

— Não muda nada ao fundo das coisas. Foi caríssimo e aí não conseguiu pregar um kilapi, pagou mesmo. O que prova o que digo, tem muito dinheiro lá fora. Pois qualquer juiz pode saber que o pagamento não foi feito a

partir de Angola. Sabe, aqui o sigilo bancário é um bocado teórico, não é assim?

Outra ameaça velada, a de vasculharem as suas contas. Aquele advogado estava realmente a passar das medidas e ele não tinha meio de o amedrontar ou comover. Caposso se sentia estranhamente enfraquecido. Sempre fora assim em relação a Sebastião, uma espécie de superioridade intelectual ou moral que sentia no outro e o intimidava. Desde o momento em que o conheceu e começou a receber involuntárias aulas políticas. E que se lixasse o facto de Lopes lhe ter arranjado aquele emprego na loja de sô Amílcar, onde começou a sua ascensão na vida. Se pudesse lhe dava um tiro e acabou, lhe pagava essa dívida de gratidão com a morte. Mas os tempos tinham mudado, já não era assim tão fácil, nem ele tinha qualquer imunidade. Soluções radicais dessas tinham de ser maduramente pensadas.

— Não sei se estás ao corrente dos negócios aqui, provavelmente não. Defendes causas populares, perdes as outras... Estamos em enorme crise. Só aparentemente as coisas estão a correr bem. O facto é que estou descapitalizado...

— É verdade que os negócios que tem no país não têm dado grandes lucros, estou informado. Porque são mal geridos, porque o senhor continua um fubeiro de musseque. Desculpe, não estou a pretender ofender, apenas digo a verdade.

VC nunca permitiria tal afronta a outra pessoa. Fubeiro? Ser tratado da mesma maneira como eram os colonos que vendiam farinha e peixe seco no musseque, como era injustamente tratado sô Amílcar, por exemplo? Ele era um empresário, um capitalista, tinha muito orgulho nisso. Mas engoliu a raiva, respirou fundo, não tinha ido ali para procurar confrontos. Ouviu Sebastião continuar, agora com um sorriso:

— E esses parcos lucros que obtém das suas empresas nunca lhe permitiriam o estilo de vida que leva. Pela boca morre o peixe, o senhor mesmo é que disse estar descapitalizado. Mais uma vez se prova que tem muito dinheiro lá fora, escondido, mas com o rabo de fora.

— Isso dizes tu. Prova!

— Alguém um dia vai puxar aquele rabinho e tudo se vai saber. Pode ser um facto banal, uma disputa acerca de direitos de criadores tradicionais sobre os seus caminhos de séculos, uma coisa assim, uma maka sem grande importância, mas algum malandro puxa o rabinho...

— Estás a ameaçar-me, mas não vou dar importância a isso. Só queria saber quem te está a pagar os honorários. Ou estás a fazer de borla?

— Tem razão, estou a fazer de borla. Não acredita? Compreendo. Como você não faz nada de borla, apesar de ser católico... ou também não é? Aquele casamento na igreja não foi a valer?

— Deixa lá o meu casamento.

— Gostaria de o deixar. Você, apesar de católico, é incapaz de fazer qualquer coisa pelos outros. Eu, que não acredito em nenhum deus, estou nesta causa sem receber nada, apenas para ajudar quem sofre. Se existir Deus, como a sua religião diz, quem está mais perto dele, você ou eu?

— Não me interessa discutir religião.

— É só para lhe mostrar que muita coisa mudou, mas não em mim. Não foi assim no começo desta conversa, não foi isso que me perguntou? Porquê nos separámos? Ficámos mesmo separados e de forma irreversível. Mas eu não mudei a minha maneira de ser nem as minhas ideias.

Caposso falou então com a voz mais calma e suave que pôde conseguir. Era a sua arma secreta.

— Então, se ninguém te paga, como é que foste parar ao Lubango, arranjar uma causa tão longe de Luanda? Apenas para me perseguir? Parece mesmo perseguição...

Sebastião Lopes riu com gosto. Era uma ideia tão absurda andar a perseguir o patético Vladimiro Caposso pelos recantos mais escondidos do país, logo ele, um advogado sem meios para gastar em problemas pessoais, se os houvesse, que deu mesmo umas sonoras gargalhadas. Quando parou, sorriu para o outro, limpando as lágrimas dos olhos.

— Por que é que haveria de o perseguir? Fez-me alguma coisa que mereça um espírito de vingança? Alguma coisa que eu não saiba? Tem alguma dor na consciência?

— Claro que não. Por isso não entendo tanta raiva contra mim, palavra de honra.

— Mas eu não tenho nenhuma raiva contra si. Como se não tivesse mais do que fazer... Francamente! Olhe, se quer saber, quando me falaram neste caso nem me indicaram o seu nome. Foi mais tarde que soube quem era o proprietário da fazenda Karan.

— Acho espantoso. Criadores de gado, analfabetos e perdidos lá nos fundo da Huíla, vão contratar um advogado em Luanda. Por coincidência, tu. Não achas estranho?

— Não tem nada de estranho. Não foram eles que me contactaram.

— A DECTRA contratou-te, é isso. Estranhamente, o nome da DECTRA não consta do processo.

— Nem tinha que constar. Os queixosos são os criadores de gado, organizados em cooperativa perfeitamente legalizada.

— Cooperativa organizada pela DECTRA, claro...

— Talvez, não interessa. O trabalho das ONG's é esse, não? Pelo menos de algumas, das sérias. Mas que lhe

importa se foi a DECTRA ou não? Que problema é que tem com a DECTRA?

— Porque são eles que andam a agitar os pastores contra mim, ora porra.

— Deixe disso. Os pastores não estariam agitados se o senhor não lhes tapasse os caminhos com o seu arame farpado. Quem os agitou foi o senhor. Não culpe agora os outros pelos seus erros.

— Portanto não sabias que era eu. Não foi contra mim...

— Se isso o acalma e consola, vou repetir. Nem sabia que o senhor era o proprietário da fazenda Karan. Soube já na Huíla. Não tenho nada de pessoal contra si, apenas não aprovo os seus métodos. Posso, não posso? Ou até isso acha que me deve proibir?

Caposso não respondeu. Levantou da cadeira, sem cumprimentar o outro, saiu do gabinete. Na sala do lado estavam quatro pessoas à espera. Um tinha todo o ar de roboteiro do Roque Santeiro ou outro mercado. Os outros três também tinham aspecto modesto. O gajo deve receber dinheiro do estrangeiro para defender esta escumalha, ou subsídio dessas ONG's imperialistas, senão já tinha morrido de fome, pensamento de VC ao abandonar furiosamente o apartamento.

Outubro de 1986

Apartamento não queria, nem morto, isso de ter vizinhos por baixo ou por cima era coisa de europeu e pobre. A casa do Marçal, apesar dos acrescentos e algumas melhorias feitas, já não lhe servia. Até tinha terreno para a aumentar, também podia pôr pisos em cima, embelezar. Mas não corrigiria o pecado original da casa, estar situada no pobre Marçal, bairro prefigurando o musseque onde se acumulavam os excluídos da cidade. Tinha de se mudar para uma vivenda do Alvalade, bairro fino, o último bairro rico a ser criado pelos colonos e agora a residência da maior parte da gente importante da terra. Como podia, ao pretender fazer um negócio de relevo, dar o endereço do Marçal, alguém o levaria a sério? Tinha de ter nos cartões-de-visita, rua tal, bairro Alvalade. Só isso já fazia subir o seu estatuto social.

O problema de Vladimiro Caposso é que o Alvalade estava todo tomado. Nos primeiros tempos a seguir à Independência, ainda era possível encontrar uma vivenda desocupada e muitos aproveitaram de residências de alto luxo. Ele tinha recebido a loja de presente, já era enorme em relação ao que possuía antes. Nem lhe passou pela cabeça tentar ocupar posições no requisitado Alvalade. Mas agora era diferente, tinha dinheiro, gozava de conhecimentos, devia procurar. Não havia ainda firmas dedicando-se ao negócio das casas pois estas ou possuíam donos que não tinham saído do país ou foram confiscadas pelo Estado por os legítimos proprietários se terem ausentado sem justificação por um período superior ao estipulado na lei.

Estas residências confiscadas eram alugadas aos cidadãos, os quais pagavam rendas baixas à Secretaria de Estado de Habitação, como mandava a boa política socialista. Ninguém portanto queria abandonar uma pechincha dessas, usavam aliás todos de muito cuidado em não as perder. Já tinha falado em tempos com um kamba, o Beto, chefe de sector na Secretaria de Estado da Habitação, colega da Jota, mas sem resultado. Se eu souber de alguma casa vaga previno-te, mas juras mesmo?, juro por tudo o que queiras. Não te arrependerás, prometeu Caposso, recompenso com o que for preciso. O tempo foi passando e nada. Sempre que encontrava o Beto, chateava, vê lá se me encontras casa no Alvalade, há gente que não paga as rendas ou faz muita barulheira e zaragata com os vizinhos, ou baza para o estrangeiro, porra, pá, todos os dias há gajos a bazar e tu não me descobres uma vaga? Sabia não era verdade, Beto não podia fazer milagres. Mas este não se incomodava, sorria, calma, muita calma, camarada, um dia vai acontecer mesmo um milagre, preciso é tempo.

VC dava tratos à imaginação para arranjar a casa. E muitas vezes passava pelas ruas tranquilas do invejado bairro, olhando para as vivendas, procurando algum vestígio de abandono ou de desleixo. Bastaria ter um simples pretexto para fazer valer as influências ou o dinheiro. Mas não lhe davam o pretexto. E Beto dizia, nesse bairro todos pagam as rendas, sabem, as casas são muito valorizadas, todos os poderosos querem morar lá. Basta um tipo ser nomeado ministro, que vem logo a correr aqui exigindo uma vivenda no Alvalade. De maneira que é difícil. Se morresse alguém, talvez a família aceitasse uma boa maquia para se mudar e deixar vaga a casa. Essa era a esperança de Caposso, estar na hora certa no momento em que um dos moradores importantes morresse. Mas quem disse que muata morre facilmente? Se alimentam bem, têm

logologo viagem para tratamento pago pelo Estado se por acaso ficam doentes, não morrem assim tão facilmente como os que moram à frente, no Catambor, por exemplo.

Desde muito antes do fatídico Congresso de 1985, que acabou por ditar o fim da sua promissora carreira política, o cerco de VC ao Alvalade prosseguia. Até ser recompensado por uma descoberta que muito o animou, pondo o cérebro a trabalhar à velocidade da luz. Numa dessas vistorias habituais ao bairro, viu o pacato Francisco Amorim a sair de uma das casas. Se informou depois, ele de facto morava lá, numa grande vivenda, exagerada demais para ele e a sua importância. E Caposso decidiu, este gajo é o meu alvo.

Francisco Amorim pertencia a uma família branca do sul, sendo orgulhosamente descendente dos fundadores da cidade do Lubango, dizia ele aos colegas e amigos. Nunca tinha sido nada de relevante na vida e só nos interessa para a estória por causa da vivenda que habitava desde os longínquos anos de 1975, data em que chegou a Luanda. Amorim vivia no seu Lubango natal quando o exército sul-africano entrou em Angola, para tentar chegar à capital antes da proclamação da Independência e ser assim um factor decisivo na transferência de poder. Atrás dos sul-africanos marchavam os seus aliados angolanos. Francisco Amorim largou tudo no Lubango e recuou para Benguela, não tanto por medo dos sul-africanos, provavelmente não lhe fariam nada, branco como eles, mas por terror dos que vinham atrás e se encarregavam de proceder à limpeza do terreno sem quaisquer escrúpulos. De Benguela depois teve de recuar para Luanda, precedendo a rota feita pelo exército dos carcamanos. Chegado à capital, ficou alojado na casa de um primo, a nossa conhecida vivenda do Alvalade. Aconteceu que o dito primo se preparava afanosamente para bazar de Angola,

desconfiadíssimo em relação à independência, como tantos outros afinal. E Francisco Amorim, que tinha a esperança de voltar ao Lubango mal a vaga política refluísse, ficou na casa do primo, tomando conta dela. Para fazer alguma coisa e porque essa era a sua actividade no Lubango, foi procurar emprego no Banco Nacional, onde foi imediatamente admitido, dada a falta gritante de quadros provocada pela fuga em massa de quase todos os portugueses e muitos angolanos. E foi ficando por Luanda à espera de melhores tempos para retornar à sua terra de origem. A família que tinha decidido permanecer no Lubango em breve fugiu para a África do Sul e de lá para o Brasil uns, outros para a Austrália. Ele foi o único elemento que se manteve na terra, num modesto emprego do Banco Nacional. A casa do primo foi confiscada ao fim de uns anos pois ele nada fez para a passar para seu nome, o que na época até seria relativamente fácil, afinal era o parente mais próximo. Preferiu pagar renda ao Estado, exemplo de bom cidadão na opinião de uma minoria lunática, sintoma de burrice no pensar da grande maioria realista.

Quando Vladimiro Caposso entrou intempestivamente na sua vida, estava ele a conjecturar em segredo casar com uma colega do banco, constituir uma família kaluanda e esquecer para sempre o Lubango natal. Foi antes de receber a primeira carta anónima metida por baixo do portão do jardim e que dizia, entre outras coisas: «É hora de pagares pelos crimes da tua raça, seu branco de merda.» Uma semana depois, nova carta: «Se não abandonas o país, que deve ser só para nós, os genuínos negros angolanos, estás morto, pula mal cheirente.» Todas as semanas recebia uma e já tremia só ao ver um envelope por baixo do portão. Francisco Amorim tinha por hábito beber umas cervejas na velha Biker, depois do trabalho. Ali encontrava conhecidos do banco, do único jornal diário e outros que trabalhavam

na baixa da cidade. Muitas vezes conseguia boleia e tinha de fazer o trajecto até casa a pé, alguns quilómetros bem puxados e a subir. O banco ou o governo tinha facilitado a compra de carros pessoais para alguns trabalhadores considerados essenciais, mas ele não era quadro muito qualificado e nunca reivindicava nada, por isso não tivera direito ao valioso ruca. Andava portanto a pé. E as cervejas ajudavam a coragem, antes de se meter ao longo trajecto. De manhã era mais fácil ir pela Marien Ngouabi abaixo até à Maianga e daqui até à Marginal, pois era sempre a descer e estava mais fresco. Lhe custava era o regresso, por isso deixava passar o tempo na conversa, saía da Biker já à noite, aproveitando a brisa nocturna. Um desses dias, perto da sua casa, de um carro alguém gritou: «Sacana de branco kamanguista!». No dia seguinte, a mesma coisa. Ficou ainda mais perturbado. Tinha decorrido tempo antes o megaprocesso dos acusados de fazerem tráfico clandestino de diamantes, onde estavam implicadas dezenas de pessoas, entre as quais algumas brancas. O julgamento foi muito concorrido e debatidas todas as peripécias no banco e no seu grupo da Biker. De maneira que kamanguista era palavra infamante, já que a sua prática era proibida e representava uma actividade contra-revolucionária e antipatriótica.

Francisco Amorim finalmente se queixou a um amigo também branco, andam a insultar-me de pula kamanguista e a mandarem cartas anónimas com ameaças racistas, mas o amigo não ligou, sabes como é, de vez em quando há uma onda contra nós, nos acusam de todos os males do mundo, deve haver problemas políticos escondidos e o racismo surge como válvula de escape, vai passar. Mas não passou. Apareceu escrito no muro de fora da casa «Pula kamanguista», que ele próprio tentou apagar pintando por cima com tinta

branca, mas as palavras infamantes podiam ser lidas na mesma. As cartas anónimas eram quase diárias, cada vez mais raivosas e ameaçadoras, responsabilizando-o de ter desfalcado o banco, de andar a fazer tráfico de diamantes, de ter trazido os portugueses para colonizar o país em 1482, e outras piadas no género.

Até que um dia dois agentes da Segurança do Estado lhe bateram à porta e fizeram minuciosa revista à residência, pois tinham recebido uma denúncia segundo a qual Amorim não só tinha recebido diamantes da zona do Cafunfo, como escondia notas falsas de libras esterlinas em casa para as distribuir por uma rede de tráfico. Nada tendo encontrado, levaram-no para interrogatórios mas soltaram-no dois dias depois, com muitas ameaças, não encontrámos nada e desta vez escapou por falta de provas, mas cuidado, estamos com atenção em si a todos os segundos do dia, não vai escapar. Francisco Amorim pensava e repensava, certamente é um lamentável engano, a vida dele era mais limpa que papel de desenho. Só que algo se partiu na sua alma. Ele a quem nunca tinha sequer afluído a ideia de ficar com uma nota de dinheiro alheio, trabalhando no banco emissor do país, ser acusado de tantos crimes e suspeito de tanta vilania, obrigado a dormir numa cela infecta na companhia de ladrões e assassinos os quais olhavam para ele como a próxima vítima, não, já era demais, pediu férias que nunca tinha gozado no exterior do país, apanhou o primeiro avião partindo para o Rio de Janeiro e foi se apresentar a um tio aí estabelecido, contando a estória e lhe pedindo, por favor arranje-me um quarto e um emprego, para Angola não volto. E escreveu à sua pretensa noiva, a colega do banco, explicando a situação e finalmente lhe declarando que até tinha ideias sobre casamento com ela, o qual agora, dadas as circunstâncias, só poderia ser realizado se ela aceitasse viver no Brasil. A inocente noiva, que

nunca suspeitara qualquer intenção do tímido Francisco Amorim, ficou tão aparvalhada que preferiu queimar a carta, pois a sua descoberta podia trazer complicações com a diligente Segurança do Estado. Não lhe respondeu nem falou disso a ninguém.

O vigilante VC teve conhecimento da partida brusca, através de José Matias, com responsabilidade de espiar todos os passos do bancário. O rapaz tinha começado a trabalhar para Caposso há tempos atrás, por influência do pai, Firmino Matias, que conhecia Vladimiro do Ministério da Educação e lhe explicou a situação do filho, em riscos de ser apanhado para a tropa e precisando de um apoio. O empresário reconheceu em José Matias a esperteza própria de quem tinha nascido e crescido nos musseques de Luanda a lutar pela vida diária e aceitou usá-lo para certos serviços mais delicados. Um deles tinha sido de ir enfiar as cartas anónimas debaixo do portão de Amorim, de gritar para ele os nomes feios inventados para branco, como pula, cangundo, braga, etc. Tão eficaz se tornou José Matias que Caposso escrevia sempre a algum amigo militar para o dispensar da tropa por mais um ano, tendo-o assim na mão. E também tinha apresentado José Matias a um agente da Segurança de Estado, seu antigo companheiro da Jota, tens aqui um jovem que te pode dar um jeito de vez em quando como informador. Foi portanto José Matias que denunciou à Segurança as actividades contra-revolucionárias e lesivas aos interesses pátrios do branco Francisco Amorim.

Depois da fundada informação do seu homem de confiança, foi falar a Beto, o kamba da Secretaria de Estado, com esperança de resolver o assunto imediatamente.

— Tenho a certeza que há uma casa vaga no Alvalade
— e indicou a morada.

Beto foi a um gabinete contíguo consultar os papéis. Voltou pouco depois, abanando a cabeça.

— Calma, tem paciência. O utente pode estar ausente, mas as rendas estão em dia, não podemos alugar a outro, pois se ele aparecer no prazo legal a confusão é grande. Arrisco o meu emprego.

E mais disse Beto para convencer o desconfiado amigo, e tu não estás nada interessado em que eu perca esta posição privilegiada para te ajudar, não é?

— Tenho a certeza que ele não volta — insistiu Caposso.

— Pode ser, mas só três meses depois de não serem pagas as rendas é que podemos pôr lá outra pessoa. Calma, meu, fico atento. Não deixo ninguém se antecipar a ti.

— Acredito que defendas os meus interesses, Beto. Mas não fico tranquilo, há muitos gajos a cobiçar casas no bairro. Pode aparecer algum muata poderoso...

Todos os dias Vladimiro passava pela residência do Alvalade, constatando que continuava desocupada. Diligência inútil, pois ela estava vigiada permanentemente por José Matias, mas Caposso dizia para si próprio, aprendi na escola que quem quer vai, quem não quer manda. E muitas vezes por dever dos seus negócios ia ao Banco Nacional e via a secretária de Amorim vazia. Um dia até perguntou a um conhecido seu, mas o branco que trabalhava naquela secretária onde é que anda? A resposta foi que não se sabia dele, tinha pedido férias subitamente e nunca mais disse nada, dois meses já tinham passado. Devia ter paciência mas Caposso realmente não a tinha, queria mudar já as imbambas para a casa nova, qualquer que fosse a renda.

Até que em Outubro recebeu um telefonema do kamba Beto, podes passar aqui no serviço? Foi para ser informado, de facto o utente da vivenda em questão se encontrava há mais de três meses fora do país e sem

pagar as rendas, pelo que podiam fazer um novo contrato de aluguer. Havia centenas de pedidos, alguns deles provenientes de pessoas importantes e até bem mais antigos que a vontade manifestada por Caposso, mas Beto não esquecia os amigos e reservara a residência contra todas as pressões, até mesmo dos seus chefes directos. VC assinou o contrato, convidou Beto para a inauguração da nova residência e lhe passou para as mãos uma prenda importante por tantos préstimos, um relógio em ouro comprado na última passagem pela Suíça e que estava reservado para pagar um benefício de realce. A prenda era realmente boa, o amigo ficou radiante com ela. Também Caposso, porque um kamba assim devia ser acarinhado, nunca se sabia quando poderia voltar a precisar dos seus favores.

Bebiana a princípio teve relutância em mudar de casa. Preferia continuar no Marçal, perto da casa dos pais, onde podia sempre se acolher em caso de maka com o marido. Caposso era irascível e por vezes lhe batia. Ela ameaçava no choro ir para casa da mãe. Ele respondia, tens a porta aberta, mas os filhos ficam comigo. E ela cedia. Tinha vergonha de contar aos pais que por vezes levava uma surra. Os velhos também não poderiam fazer grande coisa, se quisessem preservar o casamento da filha, coisa sagrada. De facto havia a Organização da Mulher Angolana, a qual tinha um gabinete para defender as mulheres maltratadas pela família e nesse tempo intervinha muitas vezes com êxito, ameaçando o prevaricador com processos terríveis. Se por acaso os pais metessem a OMA no barulho, Caposso deixava de lhe bater, é claro, mas abandonava Bebiana, pura e simplesmente, assim pensava ela. Por isso calava. Mulher com quatro filhos, todos com menos de dez anos de idade, obrigada a ir viver para casa dos pais, ficava enalhada na vida, difícil encontrar novo marido. Ela temia a solidão mais que tudo e também aquilo que os

vizinhos iam dizer, no meio das frases condoídas com a sua pouca sorte. Ficava imaginando as kuribotices, não só dos vizinhos e amigos, mas das próprias irmãs, sempre te prevenimos, ele não presta, quiseste tapar os ouvidos aos nossos avisos, agora aguenta as porradas. Apanhava e calava. Também se deve dizer que a violência não era constante, acontecia apenas de vez em quando, o que para Bebiana já era uma atenuante à atitude do marido. E tinha de reconhecer, em casa não faltava nada. Podia não ser o melhor marido do mundo, longe disso, mas era um bom pai, preocupado com o futuro dos filhos, resignação de Bebiana.

Mas a passagem para o Alvalade tinha outra desvantagem, além de ficar mais longe da mãe. Ia conviver com gente de outros extractos sociais, gente fina, achava ela, mulheres de ministros, de tipos cheios de kumbú, de diplomatas estrangeiros. Nem tinha maneiras nem roupa para isso. Já se via confinada à grande casa, com vergonha de sair à rua só para não cruzar com vizinhos que imediatamente perceberiam de onde ela vinha e mostrariam o desprezo com um torcer de nariz. O que aconteceu de facto nos primeiros dias, inibida. Só saía quando Caposso a levava de carro a algum sítio. A pé não andava, nem para ir a compras. No caso de serem poucas coisas, mandava uma das filhas. Se precisava de compras grandes, o marido enviava um carro do serviço com motorista para a levar à loja onde os quadros da Secretaria de Estado dos Desportos tinham direito a adquirir o contingente racionado. *[Não esqueçamos, era a época dos cartões de racionamento. Cada chefe de família tinha um cartão que lhe dava acesso a uma loja determinada, onde comprava a cesta básica para um mês, com especial relevo para as numerosas grades de cerveja. Estas eram importantes, decisivas mesmo, para a primeira acumulação de capital, pois algumas famílias prescindiam de beber tudo e as*

grades sobrantes eram revendidas à porta da loja a preços vinte vezes superiores ao de compra. O lucro permitia ou acumulação de dinheiro, logo trocado em dólares nas kinguilas para serem guardados sem depreciação, ou compra de bens suplementares, ou compra de bilhetes de avião para irem adquirir produtos baratos na Europa e revender em seguida em Luanda a preços elevadíssimos, sempre lucrando.]

Passado o tempo da mudança e da adaptação à nova residência, Bebiana começou a aperceber as vizinhas, através da varanda da frente ou das janelas laterais. E se foi acalmando. Afinal, quando saíam, de facto aparentavam imponente aspecto, particularmente o carro em que andavam. Mas no recato do jardim, pensando estar ao abrigo de olhares curiosos, vestiam desleixadamente e tratavam os empregados ou filhos de cabrão e puta para cima. Coisa que Bebiana não fazia, educada rigidamente pelos pais. Afinal as vizinhas vinham também de meios não confessáveis, os maridos é que tinham sido nomeados para cargos de responsabilidade por algum mérito político ou familiar. E as estrangeiras não se viam na rua, só nos carros. No fim do mês da mudança, já estava mais tranquila, até porque descobriu, no Alvalade não havia convívio entre vizinhas como no Marçal, cada um tratava da sua vida fechada entre quatro paredes, ignorando quem morava perto. Para ela era uma experiência nova, sempre achara isso coisa apenas de brancos. No caso presente, o que lhe parecia aberração até dava jeito, não queria mesmo conviver com essa gente tão armada em fina mas que soltava todos os demónios logo que o verniz caía. Nessa altura nunca haveria de imaginar que acabaria vestindo mais caro que elas e fazendo um casamento religioso que iria aparecer na televisão e em todas as revistas de futilidades, muitos anos depois. No entanto, manteria a mesma timidez de quem acha não merecer ter caído no

mundo em que se encontra. Tudo por ter interessado Vladimiro Caposso na sua apagada pessoa.

O qual Caposso, muito bem instalado na casa do Alvalade, logo pensou em rentabilizar a do Marçal. Vender não, porque era complicado e os preços não eram muito tentadores. A zona não era das melhores, à entrada dos bairros populares da cidade. Mas tinha espaço e um dia poderia construir um prédio. Quando valesse a pena. Praticamente não havia construção nem perspectivas de que o sector retomasse, pois o único investidor importante era o Estado. Que fazer daquela casa sem utilidade? Um estabelecimento comercial? Com algumas obras, podia voltar ao objectivo de origem, mas com outras ambições. Começavam a aparecer produtos e alguns supermercados tinham vingado, embora dependentes da boa vontade governamental, ou de algum burocrata, pois tudo se decidia na oportunidade de receber as mercadorias que o governo importava. Falava-se, mais cedo ou mais tarde era necessário liberalizar o comércio externo, deixar os particulares importarem também. Mas das boas ideias até aos factos ia todo um mundo de hesitações, de promessas em comícios que não eram cumpridas e mais ninguém lembrava ou tinha depois coragem de cobrar. Se falava, de facto. Mas ele não podia ficar à espera do que falavam e das promessas de comício, tinha experiência da vacuidade desses discursos. Resolveu alugar a residência a alguma empresa estrangeira que precisasse de albergar os seus técnicos que vinham ao país por períodos determinados. Não pagavam mal e ao menos faziam a manutenção da casa. Mas afinal conseguiu de arrendar a casa ao preço que sonhara, nenhuma empresa queria os seus técnicos vindos a peso de ouro do estrangeiro a morarem nas fímbrias da miséria.

Tentou se consolar, a casa arrendada a uma empresa seria uma fonte de renda suplementar, mas nada

comparável aos lucros provenientes da frota de mini-autocarros. Esses sim, continuavam a ser um grande negócio. Domou contudo a tentação de comprar outros, dez chegavam. Os que tinha já eram mambo muito difícil de gerir. Os motoristas constantemente procuravam esquemas para o enganar e arrecadarem mais dinheiro, ele tinha de vigiar as coisas no dia-a-dia e com muita cautela. Mesmo assim sentia por vezes que lhe tinham passado a perna, difícil de evitar. Não, dez carros até eram demais para quem tinha de gastar imenso tempo na Secretaria de Estado dos Desportos para justificar o salário e os cartões de abastecimento.

Cada vez tinha mais vontade de se demitir e ficar apenas a gerir o negócio dos carros. Ou a entrar noutros. Faustino, o seu sócio antigo na Secretaria de Estado, tinha desistido do lugar de chefe dos serviços especiais, porque o responsável de repente foi demitido e o novo perguntou logo que estória era aquela de haver um chefe para serviços inexistentes no organigrama. Explicaram ao inexperiente secretário de Estado a utilidade de Faustino mas ele não foi nada em conversas, havia os organismos burocráticos destinados a essas tarefas, nada de dualidades inúteis, tinha de haver moralidade e contenção de despesas. Faustino se antecipou, pediu a demissão. Tinha posto de lado algum dinheiro, Caposso sabia, e com ele arrumou alguns negócios. Por que não se associar mesmo a Faustino? O outro possuía apuradíssimo faro, estava certamente em grandes jogadas, embora discretas. Chegou a procurar Faustino para o sondar, no meio de uma sessão de cerveja. Mas este percebeu facilmente o motivo da conversa e desviou para canto. Chegou mesmo a se queixar, aquele sacana daquele secretário de Estado me atirou para a desgraça, vivo de uma pensão miserável depois de tantos anos dados ao governo. Caposso bem tentou puxar-lhe pela língua mas o outro nunca saiu das lamúrias, estava mais

pobre que monangamba do tempo colonial. Era evidente, não desejava sociedades nem associações, devia ter descoberto algum filão que pretendia chupar sozinho.

Se queria avançar em negócios, VC tinha de o fazer a solo. E de repente voltou a pensar na casa do Marçal, ela não podia ficar sem render. Com algumas obras, dava para um bom armazém, pois terreno não faltava. No meio da cidade. As lojas se queixavam sempre da dificuldade em obter as mercadorias por causa do monopólio estatal sobre as importações. E para a produção nacional, também havia empresas do Estado que faziam a distribuição. Se ele entrasse nessa jogada? Utilizando os conhecimentos, podia obter produtos das empresas estatais, depois levava os produtos às lojas à margem do circuito oficial. Não havia um intermediário que facilitasse as aquisições das lojas, das grandes e das pequenas, ficando estas amarradas à burocracia governamental. Talvez encontrasse mercado para esse tipo de negócio. Era uma maneira de rentabilizar a casa agora abandonada e os contactos tecidos no aparelho de Estado, quer pelo facto de ter pertencido à Jota quer pelo de ter estado tanto tempo em organismos estatais. Foi perguntar a donos de loja, a pretexto de estar a fazer um inquérito oficioso, se estavam dispostos a pagar um pouco mais caro pelos produtos mas com garantia de os obter a horas e não ficarem dias e dias nas bichas das diferentes repartições para os adquirir. Alguns disseram ser uma boa ideia, outros hesitavam. A hesitação se devia ao facto de os preços serem tabelados pelo Estado e haver fiscalização. Se comprassem os produtos a preço mais alto, não podiam repassar facilmente a diferença para os clientes. A taxa de lucro seria menor. Caposso tentou convencer alguns desses hesitantes em arriscarem mesmo assim.

— Repare. A taxa de lucro é menor, mas as vendas podem aumentar, porque terá mais produtos. Olhe para

as prateleiras da sua loja, tantas estão vazias. Dessa forma terá sempre a loja cheia de mercadoria. Então não vale a pena?

Alguns assentiam. Aos mais renitentes ele deixava cair no meio da conversa:

— No fundo, no fundo, todos os fiscais se calam com alguns presentes, está a entender?

Claro que entendiam. E era um argumento de peso. O inquérito acabou por se revelar muito positivo, podia partir para montante porque o mercado estava adquirido. A montante a coisa podia ser mais complicada, porque os responsáveis das empresas estatais eram sempre um ponto de interrogação, alguns queriam passar por funcionários exemplares. Tentou primeiro uma empresa dedicada à distribuição de frescos, neste caso não importados mas da produção nacional. Tinha lá o Alberto, amigo de longa data dos tempos da Jota. Alberto já tinha saído da Jota e passado para o partido, mas sem nenhum cargo de responsabilidade. Era um dos que o tinham ajudado a melhorar a casa do Marçal para o casamento e por isso escolhido para padrinho.

— Porra, pá, padrinho é para ajudar o afilhado. Não me vais dizer que não, Alberto. É só um empurrão para começar. Autorizas que eu compre os produtos e pronto.

— Mas isso é completamente ilegal, Vladimiro. Não tens loja nem alvará. Como posso vender-te as mercadorias? Um dos meus funcionários vai logo bufar no partido ou na polícia, sei lá.

— Se for preciso, arranjo alvará, não é tão complicado assim. Se me prometeres que depois ajudas...

— A tua ideia é revender as mercadorias aos lojistas, não é? Pode ser um bom negócio, de facto. Se tiveres um alvará, como de uma loja, não tenho dificuldade em te vender quantidades grandes, as que houver. Mas preciso de me resguardar, tens de entender. E por isso precisas de ser um comprador legal.

— Conto contigo então. Vou arranjar um alvará, faço de conta que reabro a loja do Marçal, a casa está lá e os produtos irão para lá. Só que não é loja, de facto é um armazém de revenda.

— Tenho que te dizer uma coisa. É arriscado. Se apanhares um fiscal mais teimoso...

— Deixa comigo. Eu aprendi a tratar com as pessoas nestes anos todos no aparelho de Estado.

— Se eu fosse um sacana, exigia uma comissão — disse o Alberto, piscando o olho matreiro. — Se vais ganhar dinheiro à custa da minha cabeça...

— Podes contar com ela, padrinho. Depois discutimos pormenores.

Foi depois falar com mais um kamba, quadro superior de outra grande empresa, esta de importação. O funcionário coçou a cabeça, hesitou muito, Caposso teve de avançar logologo com a possibilidade de uma comissão, só isso o convenceu. Mas aceitava, era o que interessava. E afinal a meia dúzia de responsáveis desses escalões importantes que contactou todos aceitavam. A troco de uma percentagem, evidentemente, a gasosa era uma instituição usada mesmo para amigos. A montante as coisas podiam se resolver, portanto. Só faltava preparar as condições. Tratou do alvará, muito facilitado pelo facto de também ter um amigo importante no ministério do Comércio. E mandou fazer as obras na casa do Marçal, usando todo o espaço que tinha para um grande armazém. A fachada era de loja, servia exactamente para esconder a actividade principal, a de entreposto comercial ilegal.

Não se demitiu do emprego, enquanto as obras avançavam, porque o seu posto da Secretaria de Estado podia ajudar no caso de surgir algum inconveniente. E aproveitava todo o dia para andar de um lado para o outro, restabelecendo contactos antigos ou criando novas relações. A gente da sua idade constituía a nova

geração de responsáveis das empresas estatais. Os da geração anterior, a que tinha lutado pela independência, continuavam nos mais altos postos, sendo os dirigentes políticos e económicos. Os da sua, muitos treinados na Jota, tinham feito cursos médios de gestores ou contabilistas e entrado nessas empresas estatais e nos bancos. Eram esses que lhe interessavam, tinham as mesmas referências, os mesmos sonhos e, sobretudo, as mesmas ambições, subirem rapidamente na vida, mesmo se fosse preciso trepar por cima de muitas costas.

Temos portanto no ano seguinte o empresário Vladimiro Caposso, exonerado a seu pedido da Secretaria de Estado dos Desportos, com todo o tempo para os seus negócios. Comprou dois camiões a comerciantes que desconsuam de fazê-los sair da cidade por causa da insegurança das estradas e tinham perdido a esperança de transportar coisas para o mato e dele para a cidade. VC adquiria às empresas estatais as mercadorias que ia entregar às lojas da cidade do asfalto, do musseque e de Viana e Cacuaco, se fazendo cobrar também do respectivo frete, pois claro. Enquanto os amigos pudessem ajudar, mandando vender-lhe as mercadorias destinadas ao comércio a retalho, ele estava feito, descobrira o seu próprio filão. E sem ter de pagar impostos, excepto o alvará. Mas já era homem maduro, sabia as coisas não duravam sempre e um dia o filão podia ficar exausto, mas nessa altura tinha tanto capital que facilmente arranjaría outra fonte de lucro. Por causa dos percalços da vida, mantinha uma verba em dólares muito bem escondida numa parede do entreposto do Marçal, para no caso de algum fiscal mais ranhoso começar a rondar a zona, farejando ilegalidade. Essa verba também servia para abrir algumas portas mais resistentes, a nível superior. Aprendeu, cada indivíduo tinha um preço, excepto os santos e os heróis, cada vez

mais raros. Para ficar mais rico, tinha de pagar sempre o mínimo aceitável. Se a gasosa era demasiada, as pessoas se habituavam a exigir demais e os lucros caíam. A arte estava em pagar apenas e sempre o mínimo, nunca inflacionando a gasosa. Claro que outros usavam as mesmas armas e não com tanto rigor. Por isso a verba escondida na parede tinha de ser cada vez maior, para fazer face a todas as concorrências. Mas os lucros eram mesmo assim elevados, tinha muita gente em cumplicidade e essa gente pelo seu lado não parava de subir em graus de responsabilidade e poder. Alberto, por exemplo, chegaria a ministro dois anos depois. Com um padrinho desses, Caposso estava garantido, os negócios eram cada vez maiores e mais seguros. O que permitia ter acesso a outros funcionários influentes, ultrapassar a sorrir os corredores mais bem resguardados, entrar sem bater nas portas dos gabinetes ministeriais. Mais possibilidades de conhecer as coisas por dentro, discutir a situação política, influenciar a tomada de decisões, se apoderar de informações ultraconfidenciais, estar no sítio certo no momento certo com a melhor proposta. Assim engorda um tubarão...

Dezembro de 2004

O problema de Caposso é que havia tubarões mais gordos ou mais fortes.

Karim e o cinzento Omar tinham conseguido ficar com a maior parte da CTC para pagamentos das dívidas e dos investimentos desperdiçados por incapacidade de Caposso, como o americano tinha proposto, noventa por cento para eles, dez por cento para o angolano. O avião também caiu nas mãos de Karim O Guloso. Os advogados e contabilistas, metidos ao barulho por ambos os lados, acertaram as contas e chegaram a um acordo que Vladimiro muito relutantemente aceitou. O advogado dele insistiu, é um bom acordo, eles conseguem facilmente empréstimos bancários, vão pôr a empresa a render muitos dividendos, até Caposso ceder. E os dois estrangeiros em seguida desfizeram a sociedade da construtora com Vladimiro para a refazerem com um homem da sombra mas do mais restrito círculo do poder. Logo iriam aparecer contratos importantes nas obras públicas com enormes lucros, dos quais Caposso ficava afastado. Ao fim e ao cabo, lhe restavam os dez por cento da CTC e a quinta da Huíla. E mais uma ou outra casa ou terreno sem verdadeira importância. As fábricas que ele tinha comprado a crédito e a preço de fuba nos anos noventa, com a privatização selvagem das empresas estatais ditas falidas, faziam parte da CTC, assim como a cervejeira que tinha prometido recuperar mas continuava em escombros. Estas fábricas tinham sido avaliadas como em perda e de pouco valor, em comparação com o capital que teria de ser investido para as pôr verdadeiramente rentáveis, sobretudo as de

confeções, que não resistiam à concorrência da roupa de segunda mão importada às toneladas por algumas ONG's que vendiam a roupa muito barato para financiarem as suas obras de caridade e os salários dos seus dirigentes. Karim e Omar, dupla que rapidamente se impunha no panorama nacional, diziam que em breve as fábricas passariam a produzir como nem no tempo colonial e a cervejeira iria para a frente, graças ao seu mérito de gestores. Na divisão das quotas, o americano ficou com cinquenta por cento e Karim com quarenta. Este seria o gestor permanente, pois Omar tinha outras preferências, não queria abandonar a sumptuosa mansão do Texas para viver em Luanda, onde um mosquito traçoeiro poderia romper todas as barreiras de protecção e lhe enfiar com um paludismo fatal, outros já tinham ido assim. Viria muito frequentemente, no entanto, para apoiar Karim e controlar os ganhos. Decidiram também manter o nome da empresa, indubitavelmente angolano, Caposso Trade Company.

Vladimiro conservou o seu escritório na sede da CTC, mas teve de entregar o secretariado pessoal ao gabinete de Karim. Para Omar construiriam um gabinete especial, no fundo do quintal, o americano preferia o silêncio gelado das vastidões de onde viera e que lhe tinham acinzentado os olhos e o cabelo. O gabinete de VC era o mesmo, mas não era. A sala onde se sentava à secretária sem ter nada para fazer, pois todos os assuntos passavam para os dois sócios, estava igual ao que fora sempre, embora muitos dossiers tivessem dali saído. Mas a porta de acesso ao secretariado tinha sido bloqueada, ele devia passar pelo corredor se quisesse lá entrar, para sepulcral tristeza de Fátima Magricela, agora separada dele por aquela porta trancada. Aliás, a senhora entrou em preocupante crise de anorexia, que outros mais políticos preferem chamar de greve da fome. Parecia impossível, mas quem é magro sempre pode emagrecer

mais afinal. Era o que constataavam os colegas, pois a Fátima ia se tornando cada vez mais transparente e começou a ouvir-se o chocalhar dos ossos no corpo quando se sentava à secretária. E já não tinha o ar arrogante de ser a única bem tratada pelo patrão no escritório, até mesmo Caposso já nem nela reparava. VC passava pelo corredor como um cazumbi todos os dias, abria a porta do escritório e se sentava, sem um jornal sequer na mão. Ali ficava sentado a estremunhar pensamentos até resolver fazer o caminho inverso e voltar para casa. Do outro lado da porta, Fátima Magricela ouvia o chefe sentar ou levantar, suspirava, emagrecia ainda mais. Alguém de temperamento cruel chegou a escrever um papel na porta do secretariado, propondo o angariamento de fundos para custear o funeral da colega, mais próximo do que pensavam. Alguém menos cruel arrancou o papel mas Fátima já tinha lido e só comentara, é verdade, quem escreveu isso tem razão, o meu funeral está mesmo próximo, mas não se preocupem, tenho um fundo reservado para as despesas, dispenso a vossa hipócrita quotização. Arrogante como quando tinha os parcos favores patronais, ou julgava tê-los, rosnaram alguns colegas.

Os sócios até os carros lhe limitaram. Consideraram como dele o jipe que normalmente usava e um turismo para a casa. Os outros veículos eram considerados da empresa e ele teve de os entregar. O quintal da casa do Alvalade parecia agora vazio, sem os rucas de que se serviam para os seus afazeres e não fazeres. Djamila pouco se importou, ia comprar o seu próprio com o salário ganho numa clínica onde exercia a medicina. Ao entregar o que até aí lhe estava destinado, fez questão de o devolver a Karim, pessoalmente. O paquistanês não percebeu o gesto, mas para ela tinha grande significado. Mireille também pouco se importou, não faz mal, pai, de qualquer modo vou voltar para Paris. O que para Caposso

era dolorosa novidade, a sua menina querida se afastava de novo. Foi de facto Mireille que o despertou pela primeira vez da modorra desalentada em que caíra.

— Julgava que já tinhas feito todos os estudos — queixou ele.

— Os meus estudos nunca acabam, pai. Enquanto aquele depósito que fizeste em meu nome no banco suíço existir...

— Se não gastares à toa, dá para muito tempo. E há outros. Mas eu pensava que ias ficar aqui a trabalhar.

— Trabalhar? E em quê? No ministério da Cultura, se calhar... Não brinque, pai. Não têm dinheiro para o salário que mereço. E depois, ia fazer o quê lá? Sabem alguma coisa de arte? Basta ver o estado dos museus, ao abandono.

— Podias ajudar a melhorar os museus...

— Eu? Sou uma consumidora de museus, estudei para isso. Não estudei para melhorar museus.

Caposso não soube responder, ficou só abumado, tinha de reconhecer a sua ignorância. Realmente, de arte não entendia nada. Nem que estudos andara a filha a fazer em Paris. Curso de consumidor de museus? Existia isso? Sei lá, inventam tudo. E sobretudo aqueles franceses, donos de prodigiosa imaginação! Preferiu olhar para a torre Eiffel de madeira que atravancava o jardim da frente, cheia de luzinhas de todas as cores como uma árvore de Natal. Era a época e por isso as luzinhas estavam acesas mesmo de dia, mesmo algumas estivessem apagadas. Com orgulho considerou, ninguém tem nesta cidade de Luanda mais bonita árvore de Natal em casa, digam o que disserem. Devia lançar um concurso, «qual o quintal mais nataliciamente ornamentado?» Ganharia certamente. Sempre dava para melhorar o amor próprio, fortemente abalado por esses tempos de frustração.

Porque não tinha sido só o desastre de perder o controlo da CTC. Era o prestígio abalado, com o caso tornado público. O mais ofensivo tinha sido um artigo do jornal ao qual tinha cortado a publicidade no ano anterior. O jornalista, conhecido por ser mais rancoroso que cobra chifruda, aproveitou logo titular «Boçal Caposso perdeu os anéis» e como subtítulo «Nem monstruosa cruz de ouro ao pescoço o salvou». Quando falou aos amigos ministros que precisava de ajuda para voltar a relançar negócios, todos viraram as costas com desculpas de última hora. Um chegou mesmo a dizer, olha, vou ser sincero, não precisas de pedir nada a ninguém, basta trazeres para o país uma parte do dinheiro que tens lá fora, com isso montas os negócios que quiseres. Era verdade, lá fora tinha muito dinheiro. Mas preferiu responder:

— Vocês todos são masé uns ingratos. Não podem negar de onde vieram, do povo. E este povo é ingrato e invejoso. Não vou trazer nada esse dinheiro, está lá muito bem guardado no exterior. Ora porra, pá, trago e depois? Vem um estrangeiro ao qual vocês se associam e rouba-me a empresa e as propriedades outra vez. Uma ova! O dinheiro fica mesmo lá, nunca há-de dormir aqui.

— Eu só te disse o que os outros pensam. Mas não tens o direito de dizer que me associo a um estrangeiro qualquer...

— Não a um qualquer, tens razão. Só aos mais ladrões.

Um amigo a menos. Estava se marimbando, amigos arranjam-se quando se tem dinheiro ou poder, são atraídos como moscas pela merda, o que é preciso é criar uma grande empresa. Tinha ainda muito capital no país, o destinado a perder ou reproduzir nos negócios, a começar por um helicóptero. A questão era descobrir que tipo de empresa criar. Ou cassumbular, que sempre foi mais fácil.

A primeira coisa que o espicou e o levou a sair da letargia foi Mireille, como vimos. A segunda foi o antigo amigo ministro que lhe disse para trazer o dinheiro guardado no estrangeiro. Esta esprevidela traçoira acordou-o de vez. Deixou de ir ao escritório. Se era para ver os outros trabalhar, então aproveitava melhor o tempo na rua ou em casa. E aproveitou a família reunida para anunciar, vamos passar o Natal na fazenda. Djamilia foi a única pessoa que opôs alguma resistência, tinha trabalho na clínica. Ficas lá menos tempo, vens antes de nós, disse o pai, intransigente, para isso é que temos um helicóptero. Mireille adiantou, aproveito também boleia para voltar, a fazenda tem pouca agitação, só dá para estar dois dias no máximo.

Quem não apreciou muito a surpresa foi Ivan, tirado do calmo remanso pela chegada da família. A mãe e as irmãs não o incomodavam, antes pelo contrário, o problema se chamava Vladimiro. Agora as relações entre os dois eram melhores, mas ele sabia, ao fim de dois dias o pai estaria cheio de ideias e todas contrárias às dele. Ivan considerava a fazenda como sua, ele a fizera nascer, ele a geria à sua maneira. Não gostava de interferências no seu poder. Com o pai em Luanda não havia problemas, bem Caposso podia ditar as ordens que quisesse, ele tinha sempre maneira de as aplicar ou não. Mas com ele lá, tinha pelo menos que fingir acatar as sugestões, como lhe ensinara Gongga, e em alguns casos mesmo obedecer integralmente. E outro aspecto a considerar tinha a ver com a sua própria liberdade pessoal. Não podia mandar vir de vez em quando umas meninas do Lubango ou de Luanda para fazer umas farras, quando lhe apetecia. E devia vigiar constantemente o pessoal para que as notícias das suas orgias não chegassem aos ouvidos da família. Eram dias de tensão permanente e com muito pouca oportunidade de fumar com tranquilidade o seu charro, olhando o

mato, sozinho agora que o amigo Gonga deixara de ser vigilante da fazenda.

A empresa que prestava a segurança não aceitou o kilapi prolongado imposto por VC e retirou mesmo o pessoal. Gonga ficou num dilema. Podia permanecer na fazenda, com o posto de responsável pela vigilância, como lhe propunha Ivan. Mas com salários incertos, como todos os trabalhadores de Caposso. Ele conhecia a luta de Ivan nos primeiros tempos para pagar os salários ao pessoal, sempre à espera que o pai mandasse o dinheiro. Depois a própria fazenda passou a dar algum dinheiro, pouco é certo, e o primeiro ia para os pagamentos, acabando as maiores aflições. Com Ivan ele ficaria, tinha a certeza que o patrãozinho haveria de resolver esse tipo de problemas. Mas até quando Ivan ficava lá? Tudo dependia do pai e este já várias vezes tinha dito ter planos para o filho. Planos que não eram na fazenda Karan. Por isso Gonga se despediu com pena, tinham de facto cimentado uma grande amizade naqueles silêncios puxando umas passas e olhando a paisagem, não precisavam de trocar palavras para reforçar a relação. E Ivan teve de inventar meia dúzia de guardas, que Gonga preparou minimamente antes de partir. O rapaz não mais se sentia em segurança como antes, aprendeu a dormir com uma arma no quarto.

As relações com a população tinham relativamente melhorado desde o momento em que o pai aceitou algumas condições impostas pelo advogado Sebastião Lopes. Refizeram a cerca, deixando um corredor de cem metros de largura para os bois passarem na sua peregrinação. De facto a fazenda diminuía porque agora só tinha vida na parte ocidental, onde estavam as casas, o gado e as principais plantações. A outra parte era apenas um terreno enorme cercado de arame farpado, mas sem nada de importante no seu interior a não ser algumas centenas de árvores de fruta ainda em

crescimento. Ivan tinha planos para essa parte oriental, mas só depois de consolidar a fazenda verdadeiramente dita. Também refizeram o leito do rio Culala ao destruírem a represa que retinha as águas, mas a queda de água já não era a mesma, desfeada pelos blocos de cimento que sobraram da represa. A operação tinha sido combinada com os criadores tradicionais, tendo participado nela o activista Bernardino Chipengula, da DECTRA, para testemunhar. Mesmo assim, quando a represa foi aberta, uma grande parte da água retida no lago correu por ali abaixo e galgou o antigo leito do riacho que de facto por umas horas foi um verdadeiro rio, como o Caculuar em tempo das maiores cheias. Não houve mortos, a população estava avisada, mas muitas lavras desapareceram com a força da corrente, assim como algumas cabeças de gado e durante tempos as chanas das margens ficaram inundadas. Foi prejuízo que os mais velhos quisessem imputar a Ivan, exigindo indemnização. Perante a aflição do jovem, que afinal tinha feito o melhor que podia, Chipengula acalmou os mais velhos, vamos deixar mesmo assim, já temos o corredor para o gado passar, já temos de novo o Culala, o resto vamos esquecer. Mas aquela indemnização pelos prejuízos de seca desses anos todos não vamos esquecer, não, o doutor está a tratar disso no Lubango. De facto, como Caposso tinha recusado qualquer tipo de indemnização pelos danos provocados aos criadores pela interrupção da passagem habitual e pelo enxugamento do leito do riacho, o processo corria no tribunal. VC não estava minimamente preocupado, a justiça era lentíssima, ainda por cima num caso onde seria muito difícil avaliar os prejuízos. E haveria possibilidade de recurso e contra-recurso, como lhe tinha explicado o seu próprio advogado. Não te preocupes, Ivan, vai só aguentando as coisas, vamos pagar é no dia de são nunca à tarde. Agora Ivan de vez em quando arriscava

aparecer nos kimbos do sul, trocava umas frases com os criadores, por vezes levando um garrafão de vinho que bebiam em conjunto. Eles recebiam-no com cortesia, dentro da habitual hospitalidade africana tão cantada. Mas era tudo. E ele sabia, Gonga tinha razão, nunca poderia se meter com uma mulher do kimbo, ia arranjar muita sarna para se coçar. Eram vizinhos que passaram a se cumprimentar, mas não amigos. Amigos não ficam com problemas a serem resolvidos por tribunais. Apenas em caso de grande crise colectiva se uniriam.

E ele tinha medo das ideias do pai. Caposso poderia, nos dias que ia passar na fazenda, ter qualquer iniciativa que envenenaria de novo as relações. Ivan sabia, ele não tinha gostado nada de ceder às reivindicações alegadas pelo seu antigo kamba Sebastião Lopes, tinha muito ressentimento mesmo. E criticou Ivan por ter sido tão lesto em cumprir a sua parte do acordo, sobretudo no que diz respeito ao corredor de arame farpado. Nunca os trabalhadores da fazenda tinham sido tão eficazes em montar as estacas para sustentarem as duas fileiras de arame, e se tratava afinal de muitos quilómetros de extensão. Os trabalhadores pertenciam a kimbos da vizinhança, eles próprios filhos de pastores, e compreendiam a urgência da tarefa. O próprio Ivan, embriagado pelo entusiasmo dos seus assalariados, gritava que nem um desesperado incitando-os ao trabalho. Foi esse êxtase do filho que Vladimiro não apreciou, quando foi informado por José Matias, enviado para a Huíla para ajudar no que fosse necessário. Aliás, as ordens recebidas por José Matias eram aparentemente muito ambíguas, pois ele chegou lá com propósitos que assustaram Ivan. O caxico do pai não ia para o ajudar a tomar iniciativas, era muito mais ignorante das coisas do mato que Ivan. Ia apenas para neutralizar Bernardino Chipengula. Foi talvez intuição, mas Ivan percebeu que o vindo de Luanda não fazia mais nada senão andar atrás

do activista. Claro que havia falatórios na família sobre algumas actividades de Zé Matias e os filhos nunca entenderam muito bem de que se ocupava ele na empresa. Por isso, num relâmpago como aqueles que são tão frequentes nas terras do planalto, estoirando em céu azul e aparentemente calmo, a desconfiança explodiu na cabeça de Ivan, José Matias preparava uma emboscada ao activista. E passou ele próprio a vigiar o outro, porque impedir por fala de nada valia se eram ordens do pai. No dia em que iam abrir a represa, o nervosismo de Ivan se transmitia a toda a gente. Então não era entusiasmo por uma obra cumprida, como fora por altura da abertura do corredor para o gado. E obrigou José Matias a estar sempre com ele, não o deixando nem ir mijar no mato. A tarefa foi realizada, Chipengula saiu a salvo da fazenda, ninguém soube de nada, mas ele leu nos olhos do pistoleiro a decepção por não ter cumprido uma ordem dada pelo patrão. Por isso lhe disse e insistiu durante o dia seguinte, estou muito satisfeito porque tudo correu bem, sem crise, só aquela do rio ter transbordado. Tudo correu bem. É isso que vai dizer no meu pai. E foi acompanhar José Matias ao Lubango, para comprovar que ele apanhava mesmo o avião para Luanda.

[Claro, ficamos apenas pelas suposições. Pode ter sido alucinação de um jovem, com a imaginação à solta provocada pelo isolamento no mato, o que faz ver miragens nos gestos ou nas caras das pessoas. Como já foi dito atrás, este não é um livro policial e por isso é-nos indiferente saber se de facto houve alguma ordem de Caposso a José Matias ou não. De qualquer modo, se houve intenção e se nesse momento ela não se concretizou, nada nos garante que se fique por aqui. Os homens vingativos guardam muito tempo a raiva e quando menos se espera dão o bote. Por isso talvez não fosse desajustado recomendar prudência a Bernardino Chipengula, porque José Matias ou outro José Matias

qualquer pode receber ordens de Caposso ou de outro Caposso qualquer. Mas isso não demoverá o activista de cumprir o que ele acha ser o seu dever. Como ele próprio diria, a vida sem um pouco de risco é como carne sem sal.]

A primeira ideia de Vladimiro Caposso não assustou Ivan, apenas o surpreendeu. Foi logo que a família chegou à fazenda. Apontando para o letreiro da porta de entrada, VC deu a ordem:

— Ivan, manda deitar abaixo aquele letreiro. Vamos pôr outro com um nome melhor.

Vinham todos no jipe pilotado por Ivan. Outro jipe seguia atrás, só com as malas, sacos de roupa e provisões trazidas de Luanda. O rapaz ficou surpreendido pela ordem mas até a apreciou, pois mudava um pouco o tom da última parte da viagem, dominado pelos suspiros e queixas de Mireille contra a estrada e seus buracos, contra o pó, o calor ou o frio, tudo, enfim.

— Aquele cabrão daquele indiano não merece que o nome da terra dele fique aqui escrito. Fazenda Karan uma merda.

— Indiano não, pai, paquistanês — protestou Djamila.

— É tudo a mesma merda, são todos uns filhos da puta.

— Miro, vê como falas à frente das tuas filhas — protestou Bebiana.

— Ora, elas sabem muito mais do que isso.

Djamila ficou chocada. Não pela linguagem utilizada pelo pai, todos já a conheciam. Mas pelo grosseiro ataque feito a Karim, sempre tão gentil e tão bonito. Adivinhou a razão das desavenças que ultimamente tinham surgido e ela não era ingénua para ignorar ou menosprezar os conflitos de interesses. Mas palavras tão duras chocaram-na. Escondeu a comoção provocada pelas ásperas palavras do pai, como sempre escondera o secreto fascínio pelo oriental.

— Esses chupistas vêm para aqui apenas para nos roubar — continuou Caposso. — E as autoridades deixam que eles entrem aqui como na própria terra, são todos coniventes.

— Ele é angolano, pai — disse Ivan, só para alimentar conversa.

— Angolano uma merda! Chamas aquilo de angolano? Casou por conveniência com uma patrícia só para obter a nacionalidade. Para nos roubar melhor. Já dizia o nosso primeiro Presidente, Agostinho Neto, esses estrangeiros são como abutres a quererem debicar o corpo sagrado de África. E os responsáveis vêm e deixam... O Olímpio d'Alva é que tem razão. Devíamos fechar todas as fronteiras, não deixar entrar ninguém de fora. Os estrangeiros sempre vieram para nos lixar, para lixar o negro. Sempre, sempre...

— Fomos ao casamento — contrariou Ivan, divertindo-se mas com cautela. — E o pai até disse umas palavras muito simpáticas, lembro-me bem. Sobre os casamentos mistos...

— Estava enganado, estava cego. Mas, porra, pá, de que lado estás tu afinal?

— Eu? De lado nenhum... quer dizer, estou do lado do pai, claro...

Tinham chegado à casa grande. Mireille foi logo a correr para tomar um banho, devo estar horrível com esta poeira toda no corpo. Enquanto ajudava a família a acomodar-se, Ivan perguntou a Caposso:

— E que nome vamos pôr à fazenda?

— Qualquer coisa, pode ser Calulo.

— Calulo?

— Então não é o nome do rio daqui?

— Não, pai, esse é Culala. De facto é parecido.

— Culala, é isso, pode ser Culala. Fazenda Culala.

Ivan ficou a olhar para o pai, intrigado. A mãe perguntou qualquer coisa e ele indicou maquinalmente,

mas sem de facto prestar atenção. O pai disse mesmo Calulo? Que coisa! Como Caposso olhava também para ele, incomodado por alguma impenetrável razão, o rapaz disse:

— É engraçado. O pai disse Calulo. O Chipengula disse-me que o pai nasceu em Calulo e não em Catete.

— Que estória é essa, quem é o Chipengula?

— O Bernardino Chipengula é o tipo da ONG que levantou a maka das vedações. Amigo do advogado Sebastião Lopes. Este Lopes lhe contou que era muito amigo do pai, o conheceu no Cuanza-Sul, ainda muito jovens. E nessa altura o pai dizia ter nascido em Calulo. Até falava em fazendas de alemães que havia lá...

— Ora, esse Sebastião Lopes sempre foi um sacana de um aldrabão. Por isso se tornou advogado.

E Caposso saiu da sala, furioso. Ivan ficou olhando para as costas dele, encolheu os ombros. Foi ver como estavam os preparativos para o jantar. Se falava de Karan, terra onde nasceu o Karim. E mudava-se o nome para Calulo, não é mesmo outra terra onde alguém nasceu? Curioso. Pode ser o Sebastião Lopes seja um aldrabão, pode ser, nem o conheço.

À noite, Vladimiro arrastou a família para a varanda de cima, onde o ar fresco do planalto trazia sons do mato, árvores cantando, animais rastejando ou se amando, capim a roçar. Os dois homens bebiam uísque.

— Sentindo esta paz, acho mesmo o melhor é deixar andar — disse Caposso. — Que se lixem empresas, negócios, intrigas... Penso fazer muitas estadias aqui na fazenda. E não me meto mais em negócios. A minha quota na CTC pode dar muito bem para vivermos regaladamente, eles vão gerir aquilo como deve ser. Tenho é de estar atento para não me enganarem nas contas, só isso.

— Acho que a noite aqui no mato te dá bons conselhos — disse Bebiana, cansada do mau humor criado no

marido pelos fracassos dos últimos tempos.

— É uma espécie de reforma — disse Caposso. — Também a mereço.

— Ficam os estrangeiros a mandar na empresa e o pai só serve para dar o nome e a cara? — perguntou Ivan, agastado com a perspectiva de grandes permanências do pai na fazenda e usando o mesmo tipo de argumento xenófobo que com ele ia aprendendo.

— Talvez seja esse o nosso destino.

Há pessoas assim, ao mesmo tempo estão dispostas a esquecer agravos e a afiar vinganças. Se Caposso dizia aceitar benevolmente uma reforma dos negócios, ao mesmo tempo rosnava contra Karim e no que considerava uma traição feita pelo paquistanês. E tinha a arma para o ferir definitivamente. Karim casou com uma angolana em segundas núpcias, sem ser viúvo nem divorciado da paquistanesa. Segundo a lei angolana, isso era bigamia e dava cadeia. Na altura, o próprio Caposso ajudou Karim a fechar os olhos da lei, por suborno de funcionários e influências exercidas nas mais altas esferas. O importante era ele ter a nacionalidade angolana, o que facilitava muitos negócios. E quando a obteve, os que lhe concederam não podiam deixar de saber que aquilo tudo era ilegal. Certamente havia algum papel ou declaração, no acto da chegada dele ou da família paquistanesa, atestando que Karim tinha uma mulher da sua terra e nunca apresentou papel nenhum de divórcio. Agora não podia fazer grande coisa, não convinha, afinal Karim ainda era seu sócio. Mas um dia poderia vingar-se. Bastava levantar o problema, de forma camuflada é claro, e os novos donos do país iam meter o paquistanês na kionga, retirar-lhe a nacionalidade obtida de forma fraudulenta e expulsá-lo da terra, fosse para a puta que o pariu. Os novos donos do país têm necessidade absoluta de meter alguma ordem no circo, de parecer defender a legalidade, para poderem

continuar a comer do melhor que os pais acumularam ilicitamente. Essa é a lei da vida. E muito haveria Vladimiro de rir. No momento certo...

Bebiana e as filhas bebiam chá verde, moda trazida por Mireille de Paris, dizia ser costume mais fino que o tradicional chá de caxinde. Djamila aproveitou o momento para insistir na sua preocupação constante.

— Ivan, agora que o pai virá aqui mais vezes, devias arranjar maneira de montar um posto médico. Com um enfermeiro. Além dos trabalhadores, o enfermeiro podia cuidar da população da zona. Eu de vez em quando podia vir orientá-lo...

— Isso — interrompeu Caposso, sibilino. — E já agora, Ivan, constrói uma escola para as coitadas das criancinhas...

— O padre por acaso já falou nisso — disse Ivan. — Ele de vez em quando aparece para uma conversa.

— Os padres têm sempre razão — disse Vladimiro. — E depois constrói também uma igreja para o padre vir rezar missa para os trabalhadores, para eles esquecerem os feitiços. E já agora um complexo desportivo para os filhos dos trabalhadores ganharem força. Porra, pá, estão a brincar comigo? Julgam que isto é uma instituição de caridade? É uma fazenda, não um convento. Aqui nada é oferecido de borla, ora porra, pá. Aliás, esses sugadores de dinheiro só sabem pedir esmolas para a igreja, nunca constroem nada com o dinheiro deles. E toda a gente sabe que o Vaticano nada por cima de ouro...

— Miro... — protestou Bebiana.

— Fica, calada, Bebiana, é isso aí. Se apanho cá esse padre ele vai ouvir das boas. E é capaz mesmo de aparecer, é Natal. A ver se mama um almocito e uma garrafa de uísque, cambada de chupistas. Pois vou lhe dizer que ele agitou os criadores contra mim. E para o arrumar de vez que o Vaticano é a nova Babilónia, se passam lá bacanaís de horrorizar o próprio demónio...

— Miro... — gritou Bebiana, aterrorizada pela heresia.

Só então Ivan reparou, o pai não usava mais a enorme cruz de ouro ao pescoço. Ligou os fios à sua grande desilusão em relação à igreja católica, que não tinha concordado com a ideia de criar com ele um complexo turístico importante na Ilha dos Padres, projecto que certamente lhe manteria a CTC nas mãos.

— De qualquer modo é pena o pai não aceitar um posto médico aqui — voltou à carga Djamila. — Foi a mesma coisa com a minha ideia de criar um lá na empresa, o pai não compreendeu que era uma valorização. Mas agora como o Karim é o director, vou falar com ele, pode aceitar.

— Porra, pá, já me estragaste a noite, que raio! — berrou Caposso, se levantando de um salto e abandonando a varanda.

Mireille parecia distraída, mexendo constantemente a colher na chícara, olhando a noite, mas afinal se virou para a irmã:

— Vês? Aborreceste o pai. Não se lhe pode falar no belo Karim, cujos olhos profundos varam o coração de meninas românticas.

— De qué que estão a falar? — perguntou a mãe.

Ninguém lhe respondeu. Djamila não achou graça nenhuma ao reparo, nem ao piscar de olho da irmã, zombeteira. Saiu por sua vez da varanda, foi para a sala ver televisão. E Mireille olhou mais uma vez a noite, lembrou Nacib, que não tinha a beleza perturbante de Karim mas também não era nada de desprezar. Lembrou apenas, sem saudade, era coisa que devia ter terminado há muito, pouco tinham efectivamente de comum. Por onde andaria Nacib? Certamente carpindo as mágoas por ter vivido um fugaz romance na Califórnia e por causa disso a ter definitivamente perdido. Pobre Nacib, sempre tão ingénuo e platónico! Quantos pontapés tinha de levar para abrir os olhos e ter força de enfrentar o mundo?

No que se enganava Mireille, pois Nacib estava preparado para enfrentar o mundo, só que de outra maneira. Nunca tinha estado preparado para a enfrentar, isso sim, como acabara por compreender. E era isso mesmo que dizia nesse momento a Kasseke, a Mireille gozava de tremenda superioridade perante mim. Desde o princípio. Eu passava na rua dela, no passeio oposto, sem ousar mirá-la de frente e ela a gozar. A perceber os meus sentimentos e a minha timidez e a gozar. No muro apoiada, a assistir ao espectáculo que eu dava passando-lhe à frente da porta. Se mudei de passeio, foi porque ela mandou. E se um dia parei e com ela falei, foi porque me chamou. A iniciativa era sempre dela, brincava comigo como uma criança com o seu carrinho. E eu babado, sofrendo e feliz ao mesmo tempo, anos a fio, dependendo de um sorriso dela, de um capricho, de um esgar. Na cara dela eu encontrava o meu deleite ou a minha dor, conforme os dias e o humor dela. Anos a fio, Kasseke. Demorou tanto tempo a descobrir que ela não tinha o mínimo interesse por mim... Às vezes ainda acredito que ela me vai chamar de novo, dizer vem falar comigo, retomamos tudo. Às vezes... Cada vez mais raramente.

— Ainda bem. Ela andou só a gozar contigo.

— Às vezes ainda me custa a acreditar. Mas não é desse assunto que te quero falar agora. Sabes o que é isto?

E lhe mostrava um papel. Kasseke sabia, era um cheque. Nunca tinha assinado nenhum, pois nunca tivera conta num banco, o dinheiro que ganhava voava nas necessidades da vida. Mas sabia para que servia o papel, claro. Estavam sentados na rua à frente da casa de Nacib, em dois banquinhos, como faziam as mães para conversar e gozar o fresco da noite.

— Sei, um cheque.

— É para ti, minha prenda de Natal.

Kasseke não compreendeu à primeira e por isso não pegou no papel que o amigo lhe estendia.

— Não entendo.

— Dá para ires ao Rio de Janeiro. Estive a informar-me de tudo. Lá vão te fazer uma operação, parece é fácil e a clínica é do melhor que há. Põem uma prótese na tua kinhunga, isto é um acrescento, fica do tamanho que tu quiseses. Nenhuma mulher saberá que é uma prótese, funciona muito bem. Me garantiram que isso existia quando estive nos Estados Unidos, depois recebi a confirmação do Brasil. Este dinheiro dá para a viagem e todas as despesas. E a marcação na clínica já está feita, a operação é daqui a duas semanas.

Kasseke deu uma espiada para o lado, viu a quantia escrita no cheque e recusou com a mão.

— É muito dinheiro, não posso aceitar.

— Ora, eu agora ganho bem. É a minha prenda e tens de aceitar, não se recusa uma prenda de Natal.

— Os teus pais sabem?

— Não. Ninguém tem de saber nada. É só entre nós os dois. Sukuama, não queres ter uma mulher a sério? Ou também queres que te explique como se faz com uma mulher?

— Sei mais ou menos. Mas se a operação der resultado, debes mesmo me ensinar. Não tenho vergonha de ti.

Sorriram, lágrimas nos olhos de Kasseke, o coração de Nacib batendo acelerado. A noite estava limpa e havia muitas estrelas no céu. Ali, naquele alto do Catambor, se podia ver as estrelas apesar do clarão da cidade. De um lado havia o Prenda, do outro a avenida Marien Ngouabi. Ficaram a sentir a noite na cidade fervilhante, carros frenéticos por todos os lados rumando para as casas com as últimas compras. Era noite de Natal, terceira noite de Natal em paz. Não havia sons de tiros nem balas tracejantes riscando o céu, não havia conversas sobre guerra.

Nunca mais?

Luanda, Janeiro de 2005

GLOSSÁRIO

Abuamada – Espantada, atordoadada pelo pasmo.

Alembamento – Pagamento feito aos pais da noiva (em língua Kimbundu).

Bassula – Rasteira, derrubar outro usando sobretudo as pernas.

Bazar – Fugir.

Boelo – Ridículo, fora de moda, ultrapassado.

Bombo – Mandioca.

Bué – Muito.

Braga – Homem branco (pejorativo).

Bumbar – Trabalhar.

Cabiri – Rafeiro.

Caíngas – Polícias de turno.

Calulú – Prato típico da costa, com peixe seco, fresco, quiabos, folhas de batata doce ou outras ramas e cozinhado com óleo de palma. Acompanha o funje ou pirão.

Cangulo – Carro de mão para transportar mercadorias.

Cangundo – Homem branco (pejorativo).

Cassumbular – Tirar violentamente o que outrem leva nas mãos (Kimbundu).

Catanhó – Homem cabo-verdiano (pejorativo).

Caxexe – Às escondidas, disfarçadamente.

Caxico – Lacaio (termo depreciativo).

Caxinde – Folhas de que se faz uma infusão muito aromática.

Cazumbi – Espírito, fantasma (em várias culturas).

Chana – Planície típica do Leste de Angola, de capim pouco alto.

Cochito – Um pouco, um pedacito.

Cotótó – Pessoa avarenta.

Cubar – Dormir.

Cubico – Quarto de dormir. Pode generalizar-se para casa.

Dilagrama – Explosivo, como uma granada, que se adapta a uma arma de fogo para atingir grande distância.

Esquindivar – Evitar, esquivar.

Funji (funje) – Massa de fuba de mandioca ou milho cozida (Kimbundu). Pirão na região umbundo.

Ganza/Ganzados – Estado em que se fica quando se usa drogas.

Garina – Moça ou mulher.

Gasosa – Dinheiro dado para corromper uma autoridade; hoje pode significar apenas gorjeta.

Gombelador – Violador, tradicionalmente. Hoje significa homem exageradamente assediador.

Grogue – Aguardente feita por cabo-verdianos.

Haka – Exclamação de admiração (cultura Umbundu).

Imbambas – Haveres pessoais.

Imbumbável – Pessoa que se recusa terminantemente a trabalhar.

Kaluanda – Habitante de Luanda. Vulgarmente, usa-se o termo kalú.

Kamanguista – Traficante ilícito de diamantes.

Kamba – Amigo (Kimbundu).

Kazukuta - Uma dança, originalmente. Ganhou o sentido de confusão, bandalheira.

Kijila - Interdito, proibição de usar ou comer alguma coisa por razões religiosas.

Kilapi - Dívida, calote.

Kimbanda - Curandeiro, adivinho (Kimbundu e outras culturas).

Kimbo - Aldeia.

Kinguila - Mulher que troca divisas na rua.

Kinhunga - Pénis.

Kionga - Cadeia, prisão.

Kisaka - Esparregado de folhas de mandioca cozidas em óleo de palma.

Kitata - Prostituta.

Komba (sentimento de) - Velório na casa do morto, em que se come, bebe e dança.

Kota - Pessoa mais velha.

Kuduro - Dança popular de origem recente nos bairros pobres de Luanda.

Kumbú - Dinheiro.

Kuribota/Kuributice - Mexericos (calão urbano).

Maka - Conflito, discussão (Kimbundu).

Malaika - Ordinária, grosseira.

Mambos - Assuntos, casos, problemas.

Manautos - Amantes (que ajudam a manutenção!).

Matumbo - Pessoa do mato, considerada pelos citadinos como ignorante.

Micates - Doces fritos, espécie de sonho.

Mona - Filho. Usa-se carinhosamente para rapaz.

Monangamba - Termo depreciativo para trabalhadores forçados no tempo colonial.

Muadiê - Senhor.

Muata - Chefe tradicional, hoje usa-se para qualquer responsável.

Mujimbo – Notícia (em Tchokue); ultimamente ganhou a conotação de boato.

Musseque – Originalmente a areia vermelha; mais tarde, os bairros periféricos (e pobres) de Luanda.

Mutiati – Espécie de árvore muito comum no sul de Angola (cultura Nyaneka).

Nakas – Hortas à beira de um rio (cultura Umbundu).

Njango – Construção circular, aberta, onde se realizam reuniões (Umbundu e outras).

Pato – Pessoa que entra numa festa sem ser convidada.

Pirão – O mesmo que funji (ou funje).

Pito – Pessoa bonita, desejável.

Pula – Pessoa branca (pejorativo).

Quitutes – Doces (origem brasileira).

Roboteiro – Pessoa que faz transporte de cargas, ou com cangulo ou às costas.

Ruca – Carro.

Salo – Trabalho.

Sobeta – Chefe tradicional, adjunto de um soba.

Sukuama – Exclamação de admiração ou raiva.

Tissagem – Acréscimos de cabelo, muitas vezes de cores diferentes do próprio.

Tremunos – Jogos de futebol, na rua ou em terrenos vagos.

Xambeta – Coxo.

Ximbeco – Habitação mal feita, de materiais precários.

Zongola/Zongolice – Bisbilhoteiro / Bisbilhotice.

Zungar – Vender comida ou bebida nas ruas.

Zungueira – Mulher que faz zunga.